UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SIMONY CRISTINA TEIXEIRA DOS ANJOS

**Diálogos entre educação e antropologia na ABA e na Anped:
espaços educativos e territórios identitários**

São Paulo
2018

SIMONY CRISTINA TEIXEIRA DOS ANJOS

**Diálogos entre educação e antropologia na ABA e na Anped:
espaços educativos e territórios identitários**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Educação.

Área de Concentração: Cultura, Organização e Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Cintya Regina Ribeiro

São Paulo
2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

37.045 A599d	Anjos, Simony Cristina Teixeira dos Diálogos entre Antropologia e Educação na ABA e na Anped: espaços educativos e territórios identitários/ Simony Cristina Teixeira dos Anjos; orientação Cintya Regina Ribeiro. São Paulo: s.n., 2018. 202 p. ils.; grafs.; tabs.; anexos
-----------------	--

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Cultura, Organização e Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Poder-Saber 2. Verdade 3. Antropologia 4. Educação I. Ribeiro, Cintya Regina, orient.

Elaborado por Nicolly Leite – CRB-8/8204

Nome: ANJOS, Simony Cristina Teixeira dos

Título: Diálogos entre Antropologia e Educação ABA e na Anped: espaços educativos e territórios identitários

Dissertação apresentada à Faculdade Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra. Cintya Regina Ribeiro

Instituição: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Prof. Dr. Amurabi Pereira de Oliveira

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Julgamento: _____

Profa. Dra. Sandra de Fátima Pereira Tosta

Instituição: UNA- PPG- Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local

Julgamento: _____

Ao Bê e à Nina, luzes dos meus olhos.

Agradecimentos

À *Ruah divina*, sempre presente, me dirigindo, inspirando e consolando.

Aos meus pais, Dirceu e Ester, sem os quais eu não daria um único passo na vida.

Ao meu companheiro Rodrigo, sem o qual não enfrentaria a vida.

Às minhas irmãs, Natália e Giulia, que são a melhor parte de mim.

Ao meu cunhado Lucas, sempre presente quando preciso.

À Dona Judith, Seu Renê, Thiago e Giseli, pela presença.

À Cintya Ribeiro, pela orientação generosa e por abrir tantas portas, as quais eu jamais abriria sozinha.

Ao grupo de pesquisa, meu primeiro leitor e crítico, e aos demais colegas da Faculdade de Educação da USP presentes nos desafios diários de estudar em uma Universidade Pública, em época de ataques perversos à construção do saber.

À Marieta que, na finalização desta pesquisa, disponibilizou-se a me ajudar com o seu talento.

À Morena, amiga, crítica e ombro.

E a todas as pessoas que cruzaram o meu caminho nesses quatros anos, me inspirando e fortalecendo.

*“Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”
(Michel Foucault, 2010, p.44).*

RESUMO

ANJOS, Simony Cristina Teixeira. *Diálogos entre Antropologia e Educação na ABA e na Anped: espaços educativos e territórios identitários*. 2018. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Esta pesquisa, intitulada *Diálogos entre Antropologia e Educação na ABA e na Anped: espaços educativos e territórios identitários*, é fruto do nosso interesse pelas relações, conexões, intersecções e disputas entre dois campos do conhecimento: a antropologia e a educação. Assim sendo, tem como objetivo traçar os caminhos dos debates entre a antropologia e a educação presentes nos trabalhos apresentados nos encontros da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), no período compreendido entre 1995 e 2015. Com base no tripé foucaultiano do saber, poder e verdade, o estudo apresenta os temas e maiores discussões dos *papers* selecionados nos anais de tais eventos, buscando identificar discursos e disputas discursivas. Em outras palavras, de que forma os objetos de pesquisa caros à antropologia e à educação têm se cruzado, medido forças e circulado na seara da atual problemática educacional. Para realizar tal tarefa, dentro do recorte apresentado, foram mobilizadas todas as mesas que versaram sobre educação nos registros dos anais da ABA e na Anped, todas as mesas que trouxeram temas caros à antropologia –como educação indígena, educação rural/agrária, diversidade sexual e de gênero, questões étnicas–, além de mesas que mobilizassem as ciências sociais, explicitamente. A partir desse levantamento, foram traçados três eixos de análise, a saber: 1) Quais espaços educacionais (formais ou não) suscitam problemas para a educação e para a antropologia; 2) A construção da alteridade nos *papers* apresentados; e 3) Como as pesquisas com perspectivas culturais indicam uma nova proposta de educação formal. Assim, nos propusemos a mapear por quais caminhos esses entrecruzamentos se dão em nosso arquivo. E acreditamos ser nossa contribuição aos estudos educacionais em relação à cultura e à antropologia, a identificação do enunciado recorrente em nosso acervo: a intersecção constante entre a escola e a diferença.

Palavras-chave: poder-saber; verdade; antropologia e educação; aba; Anped;

ABSTRACT

ANJOS, Simony Cristina Teixeira. Diálogos entre Antropologia e Educação na ABA e na Anped: espaços educativos e territórios identitários, nos congressos da ABA e da Anped. 2018. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This dissertation, entitled *Dialogues between Anthropology and Education at ABA and Anped: educational spaces and identitarian territories*, is the fruit of our interests on relations, connections, intersections and disputes between two fields of knowledge: Anthropology and Education. Thus, this research aims to trace paths of anthropology with education debates in the papers presented at the meetings of the Brazilian Association of Anthropology (ABA) and the National Association of Postgraduate and Research in Education (Anped), from 1995 to 2015. Based on the Foucaultian tripod: knowledge, power and truth, this dissertation shows the themes and major discussions of the papers selected from the annals records, seeking to identify discourses and discursive disputes. In other words, how the research objects that are important to anthropology and education have been intersected, measured, and circulated in the current educational scenario. In order to carry out this task, all the presenting tables which dealt with education in the records of ABA and Anped's annals were mobilized, all the tables that brought significant subjects to anthropology (such as indigenous education, rural / agrarian education, sexual and gender diversity, ethnic issues, among others), as well as tables that explicitly mobilized social sciences. Through this research, three analysis axes were drawn: 1. Which educational spaces (formal or otherwise) raise problems for education and for anthropology; 2. The construction of alterity in the papers presented and 3. How research with cultural perspectives indicates a new proposal of formal education. Thus, we set out to map by which paths these crisscrosses occur in our archive. And we believe that it is our contribution to educational studies in relation to culture, and to anthropology, the identification of the most repeated statement in our collection: the constant intersection between school and difference.

Keywords: power-knowledge; truth; anthropology and education; aba; Anped;

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantidade de Artigos Seleccionados por Eixo de cada Reunião Científica.....	39
Tabela 2: <i>Papers</i> analisados no eixo espaços educacionais que suscitam problemas para a educação e para a antropologia.....	41
Tabela 3: Relação escola e espaços não escolares.....	50
Tabela 4: <i>Papers</i> analisados no eixo “construção da alteridade”.....	56
Tabela 5: Enunciados <i>identidade e alteridade</i>	64
Tabela 6: <i>Papers</i> analisados no eixo proposta de educação formal.....	69
Tabela 7: <i>Papers</i> de Balanço do GT Educação Popular - Anped.....	71
Tabela 8: Quatro eixos de repetição dos enunciados.....	84
Tabela 9: Anos das Reuniões Brasileiras de Antropologia consultadas e respectivas mesa..	104
Tabela 10: Anos das Reuniões Científicas da Anped consultadas e suas respectivas mesas.....	105
Tabela 11: Dados completos dos <i>papers</i> analisados no espaços educacionais que suscitam problemas para a educação e para a antropologia.....	106
Tabela 12: Dados completos dos <i>papers</i> analisados no eixo construção da alteridade.....	108
Tabela 13: Dados completos dos <i>papers</i> de balanço do GT 06.....	111
Tabela 14: <i>Papers</i> analisados no eixo proposta de educação formal.....	112
Tabela 15: Total dos <i>papers</i> da ABA seleccionados na primeira etapa da pesquisa.....	115
Tabela 16: Total dos <i>papers</i> seleccionados da Anped na primeira etapa da pesquisa.....	142

LISTA DE ABREVIATURAS

- ABA**– Associação Brasileira de Antropologia
- Anped**– Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação
- CC**– Comunicação Coordenada
- EBC**– Empresa Brasil de Comunicação
- EC**– Estudos Culturais
- FP**– Fórum de Pesquisa
- GE**– Grupo de Estudo
- GT**– Grupo de Trabalho
- LDB**–Lei Brasileira de Diretrizes e Bases
- LGBT** – Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais
- MEB**–Movimento de Educação de Base
- MR**– Mesa Redonda
- PCN**– Parâmetros Curriculares Nacionais
- RBA**– Reunião Brasileira de Antropologia
- SE**– Simpósios Especiais

SUMÁRIO

Apresentação.....	13
1. Capítulo 1: A construção do <i>corpus</i> arquivístico: o acervo e seus relevos.....	18
1.1 As associações que compõem o arquivo.....	19
1.2 Justificativa do recorte.....	20
1.3 As dificuldades do trabalho com arquivo.....	22
1.4 O endereçamento da pergunta ao arquivo.....	28
1.5 Reuniões Científicas Nacionais.....	35
1.5.1 Figura 1.1 - Trabalhos selecionados dos Anais da ABA, por região brasileira.....	36
1.5.2 Figura 1.2 - Trabalhos selecionados dos Anais da Anped, por região.....	36
1.6 Trabalho analítico no acervo arquivístico: os três eixos analíticos.....	37
1.7 A importância da organização do acervo para então construir um Arquivo.....	39
2. Capítulo 2: Quais espaços educacionais – formais ou não – suscitam problemas para a educação e para a antropologia?.....	41
3. Capítulo 3: A construção da alteridade nos <i>papers</i> selecionados: quando o campo é o próprio homem.....	56
4. Capítulo 4: Perspectivas culturais e uma nova proposta para a Educação Formal.....	69
5. Considerações Finais.....	88
6. Referências bibliográficas.....	95
7. Apêndices.....	102
8. Anexos.....	202

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação, intitulada *Diálogos entre Antropologia e Educação na ABA e na Anped: espaços educativos e territórios identitários*, é fruto do nosso interesse pela relação entre a antropologia e a educação. Interesse despertado pelas possibilidades de pesquisa em educação pelo viés da cultura e do trabalho de campo em espaços educacionais. Esse campo investigativo não é recente. Há pelo menos três décadas, antropólogos e pesquisadores em educação têm travado um diálogo intenso sobre as interfaces entre a educação e a antropologia.

Dentre as possibilidades de entrecruzamento, a etnografia sempre esteve no meio do debate e da disputa. O modo de produzir conhecimento e ciência pela feitura de relatos de campo, análise de dados e, por fim, a criação de caminhos entre a cultura e a educação, foi mote para muita produção acadêmico-científica, sobretudo nos anos 1960. A etnografia é muito cara aos antropólogos, uma vez que, no início da consolidação desse campo científico, as grandes monografias foram o esteio e o disparador de uma forma diferente de olhar para a cultura: sistematizá-la e estudá-la de forma a produzir conhecimento sobre a alteridade. Trabalhos etnográficos como *Os argonautas do Pacífico Ocidental* (Bronisław Malinowski, 1922), *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande* e *Os Nuer* (Evans-Pritchard, 1937;1940), que, no início do século XX, esforçaram-se para sistematizar diferentes modos de comportamento, de hábitos e de maneiras de explicar o mundo no qual se vive, foram fundamentais para a criação da ciência antropologia.

Embora a antropologia britânica tenha sumária importância para a elaboração de um modo sistematizado de estudar o outro, é Claude Lévi-Strauss que lança uma importante reflexão sobre o método fundamental da antropologia: a etnografia. Em *Antropologia Estrutural*, Lévi-Strauss tece um longo tratado sobre as etapas do pensamento antropológico, travando um diálogo com a história e indicando o objetivo de sistematizar o pensamento nativo. Lévi-Strauss estabeleceu, como grande fio condutor de suas pesquisas, os sistemas de parentesco – em outras palavras, como as populações autorizavam ou interditavam relacionamentos entre homens e mulheres.

Nesses termos, vemos que o método para realizar o trabalho de observação do outro é central na antropologia –passando por Marcel Mauss, Franz Boas, Clifford Geertz, Bruno Latour, dentre outros. E, de certo modo, essa problemática se refez nas discussões entre pesquisadores da educação e antropólogos: o método etnográfico *versus* a etnografia, na seara

da educação. O que a princípio parece ser uma redundância, não o é. Trata-se de duas formas diferentes de abordar a etnografia: como um método ou como um produto da pesquisa em campo. Em *Antropologia e Educação: origens de um diálogo*¹ (1997), Neusa Gusmão, ao citar Alba Zaluar, diz:

A questão agora é que a "etnografia deixou de ser privilégio de antropólogos desde que estes mudaram seu campo para as cidades", diz Zaluar (1995, p. 85). Ao mesmo tempo, a necessidade de aplicar seus métodos, seus conceitos e paradigmas às ditas sociedades complexas instaura o desafio e a aventura que é "conhecer outros mundos simbólicos" no interior de nosso próprio mundo (GUSMÃO, 1997).

E nessa migração do fazer etnográfico para as cidades, a etnografia ganhou outras formas e delineados, inclusive na educação. Muitos pesquisadores do meio urbano começaram a instituir a etnografia como um método de recolher dados, que posteriormente seriam analisados em suas pesquisas, a partir de perguntas taxativas e pouco exploratórias – o que configurava um esvaziamento do campo para o antropólogo. Para os antropólogos, a etnografia é a própria pesquisa, e é efeito da escuta qualificada do pesquisador em campo.

Tânia Maria F. Braga Garcia, em sua tese de doutoramento intitulada *Origens e questões da Etnografia Educacional no Brasil: um balanço de teses e dissertações (1981-1998)*, de 2001, analisa 13 trabalhos, entre dissertações e teses, e conclui que a etnografia foi assumida como alternativa metodológica para produzir conhecimentos no campo educacional, particularmente em estudos que se debruçaram sobre a escola e a sala de aula. Tal forma de abordagem tem sido utilizada a partir da década de 1970, com diferentes perspectivas. Em outras palavras, houve um movimento no campo educacional em 1970/1980, cujo objetivo era beber de outras fontes para produzir pesquisas a respeito do cotidiano em sala de aula.

Nesse ponto, instaurou-se a grande polêmica entre os pesquisadores: a educação seria prática e a antropologia ciência? Ou, ainda: a educação estaria rebaixando um produto científico para a condição de mero método de coleta de dados? Esse diálogo, iniciado na década de 1980, ainda reverbera nas produções de ambas as áreas. No artigo *Sobre o lugar da educação na antropologia brasileira*, Amurabi Oliveira diz que:

Compreendo que essa discussão é de fundamental relevância tanto para o campo da Antropologia quanto da Educação, tendo em vista a crescente produção acadêmica que tem emergido nessa interface, bem como a emergência de diversas políticas públicas em educação que colocam a questão da cultura no centro do debate, o que demanda uma profunda reflexão antropológica sobre a atual realidade educacional brasileira (OLIVEIRA, 2015).

Em 2005, Carmem Lúcia Guimarães de Mattos profere, como conferência no IV Fórum de Investigação Qualitativa (2011), o texto chamado *Estudos etnográficos da*

¹Este artigo tem importância ímpar nesse debate, de modo que apresentaremos, mais a frente, um artigo no qual uma educadora discute, provocada por Gusmão, a relação entre Antropologia e Educação.

educação: uma revisão de tendências no Brasil, no qual se baseia em Gusmão (1997) para dizer:

Antropologia e educação, segundo Gusmão (1997), parecem constituir um campo de confrontação em que a compartilhamento do saber atribui àquela a condição de ciência e a esta a condição de prática. Dentro desta divergência primordial, os profissionais de ambos os lados se acusam e se defendem com base em pré-noções, práticas reducionistas e muita falta de conhecimento. Se há muitas coisas que nos separam - antropólogos e educadores -, há muitas outras que nos unem. O que nos une é anterior ao que nos separa e nele se inscreve o diálogo do passado, tanto quanto a possibilidade do diálogo do futuro (MATTOS, 2005).

Assim, as produções mais recentes nos mostram que se trata de um debate bastante vivo e produtor. Os modos de proceder em campo e de produzir pesquisas na fronteira entre a antropologia e a educação são temas muito debatidos pelas áreas. Tendo em vista a atualidade desse debate, tanto para antropólogos quanto para os pesquisadores da educação, a elaboração das perguntas da presente pesquisa se assentava na tensão estabelecida pelo uso da etnografia. Contudo, as fontes e o arquivo que mobilizamos nos mostraram que a sua potência se encontrava em outro lugar, para além da tensão do método.

Dentre as possibilidades de fonte para nosso trabalho, escolhemos os Anais da maior reunião científica brasileira de antropologia, promovida pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), e da maior reunião científica de educação, promovida pela Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped). Os eventos organizados por essas associações são relevantes em seus respectivos campos do conhecimento, por congregarem pesquisadores de todo o Brasil, pela regularidade em que mantém suas reuniões, pelo número de trabalhos apresentados em cada edição e, principalmente, por condensarem os principais pesquisadores de cada área.

Nesse acervo, de artigos que versavam amplamente sobre os dois campos do conhecimento mencionados, fizemos um recorte que nos levasse a mapear as produções que relacionassem educação e antropologia, no período de 1995 a 2015, o que totalizou um número de 1190 *papers* pré-selecionados. Após essa organização, analisamos o arquivo e a partir dos artigos que abordavam relação entre a educação e a antropologia estabelecemos três eixos, que neste trabalho se tornaram três categorias analíticas, quais sejam: espaços que são problematizados; sujeitos que são abordados pelos pesquisadores; e intersecção entre educação e cultura pela busca por uma nova proposta educacional.

Por estarem organizados em três eixos analíticos, é importante destacar que as categorias espaço, alteridade e propostas educacionais não serão analisadas de maneira separada, pelo contrário. Os três eixos se interseccionam, a alteridade é estudada no espaço e as propostas educacionais vão em direção à alteridade, assim como as propostas são pensadas

em um espaço, seja a escola convencional, as escolas diferenciadas, os parques ou as universidades.

Portanto, a estruturação desta investigação se dá em quatro capítulos, para que possamos extrair, do arquivo levantado e organizado, ecos do trânsito entre essas áreas do conhecimento. Acompanhados do filósofo Michel Foucault, elaboramos um robusto arquivo de *papers* apresentados nas reuniões científicas já destacadas. Nessa perspectiva, a díade saber-poder e verdade, os chamados *domínios foucaultianos* (VEIGA-NETO, 2004), nos serão fundamentais no trabalho realizado nesse arquivo.

O primeiro capítulo, intitulado *A construção do corpus arquivístico: o acervo e seus relevos*, é a descrição do acervo arquivístico e a demonstração dos recortes e métodos utilizados na organização dos 1190 *papers* inicialmente selecionados. Nesse capítulo, o leitor terá acesso à construção do acervo, às dificuldades do trabalho com esse acervo, às escolhas estratégicas para a manipulação das fontes e aos números encontrados pela pesquisa.

O segundo capítulo, intitulado *Quais espaços educacionais – formais ou não – suscitam problemas para a educação e para a antropologia*, contempla 25 trabalhos que versam sobre o espaço como um problema para a educação. Para além da escola, selecionamos trabalhos que abordam sobre bairros, mundo do trabalho, templos religiosos e espaços diferenciados de educação, dentre outros.

O terceiro capítulo, intitulado *A construção da alteridade nos papers selecionados*, versa sobre os enunciados recorrentes no que diz respeito à categoria aluno. Trata-se de observar como tal categoria sempre vem acompanhada de um fator identitário e como se dá essa interface entre pesquisador e sujeitos estudados. Nesse capítulo, o leitor terá acesso à análise de 23 artigos que, de alguma maneira, têm sua principal pergunta pautada na construção de uma alteridade a ser estudada.

Por fim, o quarto capítulo, intitulado *Perspectivas culturais e uma nova proposta para a Educação Formal*, é composto pela análise de 29 trabalhos, escolhidos a partir da temática cultura – uma categoria que aparece muitas vezes no acervo, e é um ponto nevrálgico no entrecruzamento dos campos do conhecimento. Contudo, há neste capítulo uma peculiaridade, uma vez que o Grupo de Trabalho (GT) Educação Popular, que compõe o acervo com 15 edições, tem como característica a apresentação de trabalhos de balanço da produção do GT ao longo dos anos. Assim, esse capítulo começa com a análise de quatro artigos de balanço apresentados nos anos de 2004, 2007, 2008 e 2010.

Nessa perspectiva, o presente trabalho contribui efetivamente com o levantamento das produções científicas que se debruçam sobre o encontro entre antropologia e educação,

por meio da organização e análise do material, possibilitando, assim, perspectivas de reflexão. Por outro lado, apontamos para os confrontos entre esses campos e as contribuições que um possa trazer ao outro, melhor dizendo, como a antropologia e a educação, juntas, produzem discursos, ratificam ou refutam métodos científicos e produzem novas perspectivas de investigação.

Acreditamos que a abordagem foucaultiana nos permite dispor de forma interdisciplinar os saberes, ou seja, não se trata de estabelecer meras comparações entre os campos do conhecimento apresentados neste trabalho, mas de dispô-los numa teia de forças presentes nos estudos desses objetos.

E, a partir dos eixos identificados no próprio arquivo, mapeamos os enunciados mais repetidos nos *papers* selecionados nos dois conjuntos de anais estudados para, assim, sistematizá-los e dispô-los, de modo a estabelecer quais discursos são pronunciados e quais verdades mais circulam entre os pesquisadores que transitam entre os campos da educação e da antropologia. Portanto, neste trabalho propomos a identificação do discurso que transita entre os dois campos, considerando como um importante marcador a abordagem da categoria *cultura*, muito repetida no acervo aqui mobilizado.

A construção do *corpus* arquivístico: o acervo e seus relevos

As próximas páginas do presente trabalho versarão sobre um amplo arquivo de artigos científicos: são 1190 *papers* selecionados, classificados e organizados. Esse acervo tem sua origem nos anais das reuniões científicas de duas associações de pesquisadores: Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped). A apresentação de um acervo dessa magnitude e robustez pode se dar por várias frentes: números, temas, recortes temporais, dentre outros. Contudo, decidimos começar a apresentação de nossa fonte de pesquisa a partir de uma pergunta: *por que esse arquivo e para qual problema?*

Assim sendo, começaremos o trabalho com uma pequena apresentação do nosso interesse de pesquisa e de seu nascimento. Durante a graduação em Ciências Sociais, passamos pelas três grandes áreas do conhecimento que constituem esse campo do conhecimento: a antropologia, a ciência política e a sociologia. Dentre essas áreas, são possíveis inúmeras intersecções com campos de pesquisa relacionados às ciências humanas, ou não. A relação entre as ciências sociais e a educação, geralmente, é apresentada aos alunos de graduação no momento da licenciatura. Nos idos de 2009, nos foi apresentada a Antropologia da Educação, a partir de um artigo de Neusa Gusmão chamado: *Antropologia e Educação: Origens de um diálogo*, de 1997.

De largada, fomos apresentadas a essa convergência de campos do conhecimento pela tensão presente nos diferentes modos de abordar o campo na perspectiva da educação e da antropologia. O resumo do referido artigo apresenta um desconforto, da parte dos antropólogos, pela forma como essa relação vinha sendo construída pelos pesquisadores da área da educação:

Antropologia e educação constituem hoje, um campo de confrontação em que a compartimentação do saber atribui à antropologia a condição de ciência e a educação, a condição de prática. Dentro dessa divergência primordial, profissionais de ambos os lados se acusam e se defendem com base em pré-noções, práticas reducionistas e muito desconhecimento. Muitas coisas separam antropólogos e educadores, mas muitas outras os une. Neste texto, busca-se ressaltar o que há de comum e de diferente em ambas as áreas com base na existência de um diálogo do passado que possibilite um diálogo futuro. Considera-se assim, a possibilidade de superação dos preconceitos e, neste sentido, apontar para um avanço do conhecimento (GUSMÃO, 1997).

O desconforto gerado pela divergência entre os campos do conhecimento despertou-nos para essa seara de pesquisa: as aproximações e os afastamentos entre a antropologia e a educação, debate que se inicia na década de 1980 com bastante força e mantém-se vivo ainda

hoje. Como se trata de uma pesquisa a partir de um debate travado entre dois campos científicos, escolhemos como fonte principal um espaço que existe justamente para o debate, para a troca de ideias e para a apresentação de novas percepções de pesquisa: os congressos científicos. Nos Grupos de Trabalho realizados nos congressos são apresentadas pesquisas no estado bruto do pensamento, nos quais este está, literalmente, em embate e em busca de consolidação. Tal contexto nos pareceu apropriado para responder à nossa inquietação sobre as relações tensas entre antropologia e educação. Trata-se de um arquivo numeroso, haja vista o número de anos que o compõem. E, majoritariamente, constituído por trabalhos em andamento, formato muito propício para rastrear as formas pelas quais os pesquisadores se direcionam aos seus objetos de investigação.

Os eventos organizados por associações de pesquisadores são relevantes em seus respectivos campos de conhecimento e congregam pesquisadores de todo o Brasil, o que aumenta o espectro de análise, haja vista as diferentes origens dos autores. Assim, estão incluídos em nosso levantamento debates variados e os temas que mais impactaram essas áreas do conhecimento durante as duas décadas analisadas.

Começamos, assim, a tatear o arquivo em busca das tensões entre os dois campos do conhecimento e, a partir desse exercício, estabelecemos alguns eixos analíticos, que serão explorados adiante. Contudo, o que primeiramente era uma preocupação com o debate entre antropologia e educação tornou-se outro interesse: o que o trânsito entre esses dois campos do conhecimento produz? Em outras palavras, ao manusearmos o arquivo construído, chamou-nos a atenção a produção de abordagens do campo da educação que só se tornaram possíveis com a relação muito próxima desses dois campos do conhecimento: uma tensão produtiva entre os diferentes modos de pesquisar. Assim, neste capítulo, apresentaremos as associações pesquisadas, a organização do arquivo e para quais caminhos o trabalho de selecionar, sistematizar e ordenar produções de artigos nos conduziu.

1.1 As associações que compõem o arquivo

A Associação Brasileira de Antropologia foi fundada em 1955, mas a primeira reunião científica aconteceu em 1953. A fundação da ABA é peculiar em relação à fundação de outras associações científicas, uma vez que, em 20 de fevereiro de 1948, houve uma portaria do Ministério de Educação e Saúde para designar uma comissão voltada a organizar o "Primeiro Congresso Brasileiro de Antropologia", ocorrido em 1953, no qual aconteceu a eleição da primeira diretoria. Durante os anos iniciais da ditadura civil-militar (1964-1974), a

ABA continuou com suas atividades, embora grandemente prejudicadas - tanto pelo número reduzido de participantes quanto pela ausência de reuniões próprias. Após o período de intermitência dos eventos, as Reuniões Brasileiras de Antropologia (RBA) passaram a acontecer bienalmente a partir de 1974.

A Anped foi fundada em 1978, no bojo da então recente reforma universitária, de 1968. Segundo Carlos Benedito Martins (2009), a reforma universitária ampliou a capacidade de pesquisa e institucionalizou os cursos de pós-graduação em universidades federais, estaduais e, também, nas universidades confessionais. Diferentemente da ABA, a Anped foi fundada com o intuito de congregar pesquisadores institucionalizados, docentes universitários e alunos de pós-graduação, sendo essa condição pré-requisito para participar de seus congressos e para associar-se.

Atualmente, a Anped congrega pesquisadores, docentes e alunos de pós-graduação que atuam na área de educação, além de se envolver em discussões de políticas públicas educacionais e atuar “de forma decisiva e comprometida nas principais lutas pela universalização e desenvolvimento da educação no Brasil²”. Diferentemente da ABA, a Anped tem reuniões nacionais e regionais. Dessa forma, para manter o mesmo espectro de análise entre os dois congressos, escolhemos apenas as reuniões científicas nacionais. As reuniões científicas nacionais da Anped eram anuais, mas passaram a ser bienais a partir de 2013.

1.2 Justificativa do recorte

Uma vez que apresentamos os anais que compõem nosso acervo arquivístico, é mister apresentarmos ao leitor o motivo que nos levou a fazer o recorte entre os anos de 1995 e 2015. Para a construção do acervo, foi necessário traçar um recorte temporal que nos possibilitasse observar como os dois campos do conhecimento se comportaram, se aproximaram e discursaram sobre a educação. Com o objetivo de traçar a aproximação mais recente entre a antropologia e os estudos educacionais brasileiros – com seus temas e preocupações epistemológicas –, optamos por levar em consideração dois acontecimentos históricos importantes para o Brasil e para a área da educação. O primeiro foi a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil, no ano de 1988; o segundo, a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394, no ano de 1996.

² Disponível em: <http://www.anped.org.br/sobre-anped>

Traçando esses dois acontecimentos históricos como importantíssimos nas reivindicações dos movimentos sociais no cenário político brasileiro, verificamos que a antropologia esteve muito envolvida com a exigência da entrada dos direitos civis das comunidades indígenas na Constituição de 1988³, dentre eles a educação indígena. Sendo a questão da cidadania indígena objeto de pesquisa, militância e pauta para se pensar um currículo escolar indígena, a antropologia abre uma ampla frente de debate com a educação.

Nos anos 1980, a antropologia começou a se debruçar sobre a educação indígena, levantando um estandarte da educação como porta de entrada para a cidadania. Tratava-se, até então, de uma aproximação temática. A educação era apenas um dos temas que faziam parte de todas as questões indígenas postas e tão caras para essa ciência. E, uma década após o interesse antropológico pela educação indígena, no bojo das discussões para a LDB, os movimentos sociais reivindicaram que as discussões sobre diversidade estivessem em pauta na construção dessa lei. Tais discussões contemplavam educação de jovens e adultos, educação campesina, constituição social da população brasileira (africanos, indígenas e europeus), população indígena e peculiaridades das diversas regiões brasileiras. Apostamos que esse debate, promovido entre movimentos sociais, academia e militância por direitos civis das nomeadas minorias no momento da tessitura da LDB, projetou os estudos da diversidade populacional e cultural para o centro da discussão do currículo e do espaço escolar.

Na LDB, temos os artigos 28 e 78 que tratam, respectivamente, das populações campesinas e indígenas⁴. O artigo 28 responde às demandas sociais por direitos, e faz com que a lei abranja a diversidade como um problema da educação – reconhece a diversidade do campo e as suas especificidades, estabelecendo normas para a educação no campo. Fazemos essa referência ao artigo 28 porque a antropologia brasileira, até então, tinha a experiência de se dedicar ao estudo dos povos tradicionais (povos ribeirinhos, arranjos camponeses e organizações sociais não urbanas). Por esse viés, parece-nos que a própria estruturação da LDB convoca o estudo desses “saberes culturais” para o campo da educação.

Tendo em vista a discussão do currículo e do acesso à escola fomentada pela LDB na década de 1990, optamos por trabalhar com o período de 20 anos, entre 1995 e 2015. Com esse recorte temporal, acreditamos ser possível mapear as primeiras pesquisas e discussões afetadas pela promulgação da Constituição de 1988, além de acompanhar como se comportou a discussão dos campos da antropologia e da educação no momento da confecção da Lei de

³Na qual destacamos o artigo 231, que se ocupa de reconhecer aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

⁴ Apêndices A

Diretrizes e Bases. É muito caro para o presente trabalho traçar as aproximações, as tensões e as produções de conteúdos gerados a partir desses embates históricos, a partir dos quais a Constituição e a LDB foram forjadas. Com esse recorte, podemos perseguir o caminho desses diferentes campos do conhecimento, a partir de suas ferramentas e entendimentos, tanto em relação ao acesso à educação, quanto em relação à questão mais específica da diversidade. Assim, o que propomos com o trabalho analítico do arquivo é pontuar que os objetos de estudo que surgiram na relação entre antropologia e educação têm sua singularidade porque tais ciências se relacionaram em um momento específico da história.

Nessa perspectiva analítica, temos que considerar, também, os embates sociais na cena das políticas públicas para a educação, pelo fato de acreditarmos que não se pode interrogar quais embates essas disputas entre a antropologia e a educação travaram, abstraindo o contexto histórico-político. Consideramos, ainda, que esse debate está pujante nos domínios da educação, pois é muito recente a inserção da diversidade de gênero, étnico-racial e da acessibilidade (para a pessoa com deficiência) no campo educacional.

Nos anos 1960, alguns pensadores passam a discutir a relação entre antropologia e educação pelo viés da cultura, mas não necessariamente a produzir pesquisas referentes à educação formal – ampliando a temática educação para as esferas da vida cotidiana. Há uma estabilidade da presença do tema educação nas reuniões da ABA, mas o número de mesas é bem pequeno, sendo que na reunião de 2014, de 83 grupos, apenas dois se voltaram para a educação (Oliveira, 2015). Nos congressos da Anped, constatou-se, desde 1990, a emergência de um grupo de trabalho sobre sociologia da educação, no qual os teóricos e as ferramentas da antropologia são, de certa forma, apresentados.

1.3 As dificuldades do trabalho com o arquivo

Tecer o texto de uma pesquisa é uma parte extremamente importante e delicada do trabalho de pesquisa. Há tanto para falar: as expectativas frustradas ou superadas; as dificuldades da pesquisa; as descobertas e o fazer acadêmico que se materializam a cada etapa do pensamento. Dentre as possibilidades de iniciar este texto, escolhemos justificar nossa escolha pelo modo de organizar as fontes coletadas que originaram a pesquisa: o arquivo foucaultiano. Para Michel Foucault (1984; 1986; 2007; 2010), o arquivo não se constitui no ajuntamento de documentos guardados com algum dispositivo de organização, sejam fichamentos, caixas, armários ou *softwares* de computador. Nessa perspectiva de manuseio

das fontes, o arquivo tem outra dimensão: a de uma grande superfície com inúmeros enunciados⁵ a serem analisados. O arquivo não é uma massa uniforme e estática, senão um conjunto de fontes que devem ser desestabilizadas – a estabilidade não pertence ao arquivo, a riqueza do arquivo está em desestabilizá-lo, para então examiná-lo.

Desse modo, o arquivo é mais do que acervo das fontes coletadas, ele é o movimento que se faz dele, com perguntas e disposição dos enunciados constantemente repetidos em sua coleção de fontes. Portanto, o arquivo tem uma vida própria, haja vista as interações possíveis em seu interior e, em sendo assim, cabe ao pesquisador que se debruça sobre ele atentar para as capturas dos movimentos potentes que ele abriga (KRAUSE, OLEGÁRIO, CORAZZA, 2018).

Segundo Judith Revel, “*fazer a arqueologia dessa massa documentária é buscar compreender as suas regras, suas práticas, suas condições e seu funcionamento*” (REVEL, 2009, p.18). O funcionamento do arquivo é o modo como os discursos operam em sua formação, ou seja, o arquivo peremptoriamente necessita de uma técnica de repetição de enunciados, mesmo que com fórmulas diferentes. A repetição de determinados enunciados mostrará o que circula naquele arquivo e de que maneira. Desse modo, trabalhar com arquivo é mapear os enunciados e o modo como eles se combinam e se repetem.

Para fazer um mapeamento das produções científicas que interseccionam os campos da educação e da antropologia, construímos um acervo arquivístico que demonstrasse as possibilidades de relações entre a antropologia e a educação no campo acadêmico. Nessa perspectiva, chamaremos de arquivo não apenas a coletânea de *papers* levantada e organizada nas tabelas a seguir. Compreenderemos por arquivo os temas que aparecem nos vinte anos que compõe nosso *corpus* documental: os Grupos de Trabalho (GT), os Seminários Temáticos (ST), as Comunicações Coordenadas (CC), os Grupos de Estudos (GE), as Mesas Redondas (MR), os Simpósios Especiais (SE), os Fóruns de Pesquisa (FP)⁶ e suas respectivas nomenclaturas. Assim como, o surgimento de novas mesas, o desaparecimento de mesas e o aparecimento de temas que, até então, não eram presentes nos congressos ou estavam incluídos em outros grupos de trabalho e alcançaram espaços próprios de discussão.

Veremos a seguir, por exemplo, que em 2002 surge um Grupo de Estudo na Anped que versa sobre Educação e relações étnico-raciais que, até então, estava sob o espectro do GT de Movimentos Sociais. Na abordagem que propomos neste trabalho, faz-se necessária a

⁵Enunciados no sentido foucaultiano, no qual um enunciado deve ser lido no contexto em que é dito. Desse modo, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns de uma época. (REVEL, 2009, p.37)

⁶ A partir daqui, as mesas serão identificadas pelas siglas.

leitura abrangente desse arquivo, ou seja, não importam apenas os trabalhos apresentados, mas em que espaços dos congressos esses trabalhos foram apresentados; se há continuidade ou intermitência do tema; a procura pelos espaços de apresentação e as mudanças nos nomes das mesas que compõem o nosso arquivo. Assim, a nossa organização do acervo objetivou disponibilizar os dados de forma que possibilitasse o cruzamento de informações para uma análise profícua.

A seleção e a organização dos artigos foram feitas em duas etapas: a separação dos temas pertinentes ao diálogo entre a antropologia e a educação, e a seleção dos artigos que fariam parte da análise. Na primeira etapa, nos anais da Anped, foram escolhidos artigos pelos Grupos de Trabalho dos quais participavam. Os cinco GTs que compuseram o acervo da Anped foram selecionados pela proximidade temática com a antropologia.

Nos anais da ABA, os artigos disponibilizados no *site* da associação nem sempre estavam organizados por Mesa ou GT. Na maioria das vezes, estavam depositados em pastas únicas, por edição do congresso. Dessa forma, os *papers* foram consultados um a um, e selecionamos aqueles que versavam sobre educação. Houve grande esforço para levantar um arquivo robusto e que possibilitasse muitas perspectivas de trabalho, para, então, fazer a análise.

Em princípio, o arquivo tem algumas lacunas, haja vista a falta de padronização dos registros dos anais dos congressos. Como não há disponibilização integral dos anais impressos das duas reuniões científicas, os registros foram consultados em acervo disponibilizado *online*⁷ – com exceção da ABA, cujos dados referentes às reuniões de 1996 e 1998 foram cedidos pela própria ABA, por correio eletrônico. Após a coleta dos *papers* necessários para a pesquisa, estabelecemos os dados que interessavam para a organização do arquivo, quais sejam: ano do congresso, mesas, autor (e respectiva instituição), palavras-chave e disponibilidade (completo, sob a forma de resumo ou ambos).

No acervo *online* da ABA, estão intermitentemente disponibilizados os anais dos anos de 1955, 1958, 1988, 2000, 2002, 2004, 2006, 2008, 2010, 2012 e 2014. Na reserva técnica da ABA, estão disponibilizados os anais dos seguintes anos: 1976, 1986, 1990, 1994, 1996 e 1998; a ABA não possui os anais dos anos 1953, 1959, 1961, 1963, 1966, 1971, 1974, 1978, 1980, 1982, 1984 e 1992. Não há padronização dos anais, em alguns anos estão disponibilizados apenas resumos, em outros, resumos e trabalhos completos e em outros não há sequer disponibilização de material. Há também trabalhos sem título e sem nome de

⁷ Os Anais das Reuniões da ABA foram consultados no site: <http://www.portal.abant.org.br/index.php/45-anais/70-anais> e das reuniões da Anped no site: <http://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacional>

autor(ES), além de alguns dos *papers* disponibilizados no site da ABA não estarem organizados por mesa⁸.

No acervo *online* da Anped estão disponibilizados todos os trabalhos desde as reuniões científicas dos anos 2000 – e a associação não ofereceu outra maneira de acessar os anais anteriores. Não há padronização da apresentação de trabalhos. A maioria dos *papers* apresenta texto completo, mas não há presença de resumo e palavras-chave em todos.

Como descrito acima, há uma ausência quase que constante das palavras-chave nos textos publicados nos anais, o que dificulta a pesquisa que leve em consideração esse dado. A ausência de padrões nos anais indica a hierarquização da importância dos produtos das pesquisas acadêmicas (artigos parecem ser mais valiosos para os pesquisadores do que registros em anais – no que se refere à produção acadêmica e ao currículo do pesquisador). Contudo, os anais mostram uma etapa importante da construção do pensamento e da abertura de temas para o debate direto com os pares, o que indica a relevância da análise e da organização desse material.

Após a definição do recorte cronológico e do conjunto dos anais a serem consultados, passamos a fazer perguntas para o material disponível para, então, começar a construir o arquivo: como os trabalhos seriam selecionados? Como seriam organizados? Se selecionaríamos qualquer trabalho que versasse sobre educação, no caso dos congressos da ABA. Ou qualquer trabalho que apresentasse uma abordagem antropológica/etnográfica, no caso da Anped. Dessa forma, estabelecemos um ponto de partida: na ABA, em um primeiro momento, coletamos todos os trabalhos e mesas que versavam sobre educação. Os trabalhos da ABA, como já descrito, nem sempre estavam organizados por mesa, e, portanto, todos os trabalhos que versassem sobre educação foram selecionados, independentemente de qual mesa compuseram⁹.

Os *papers* da Anped foram selecionados a partir dos Grupos de Trabalho e Grupos de Estudo do congresso. A seleção desses GTs e GEs baseou-se em dois critérios: envolverem diretamente as ciências sociais como eixo temático ou terem – por eixo temático algum tema clássico para a antropologia. Assim, para classificar os GTs, definimos os seguintes temas como relevantes para a relação entre a antropologia e a educação: educação indígena, educação rural/agrária, diversidade/gênero e relações étnicas. Essa estratégia resultou na escolha de cinco GTs: Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos; Educação Popular; Sociologia da Educação; Educação e Relações Étnico-Raciais; e Gênero,

⁸ Os dados obtidos através do acervo estão disponibilizados no Apêndice I.

⁹ Apêndice I.

Sexualidade e Educação.

A partir do ano 2000, foram selecionados três GTs como potencial material para análise: Movimentos Sociais e Educação, Educação Popular e Sociologia da Educação. Em 2002, surge um Grupo de Estudos sobre Relações Raciais/Étnicas e Educação, que é adicionado ao acervo, e em 2004 surge o GE sobre Gênero e Sexualidade, que também é adicionado ao acervo da Anped.

É importante salientar que cada associação de pesquisa organiza a programação dos congressos conforme o entendimento de seus associados, a tradição e a estratégia de comunicação desenvolvida ao longo dos anos de sua existência. Entendemos, então, não ser possível estabelecer uma relação direta entre o que é um Grupo de Trabalho nos dois congressos diferentes. Com bases no estudo e no manejo de cada um dos anais, a partir da leitura dos editais de composição dos congressos e das nomenclaturas, explicaremos o que cada designação significa no âmbito de cada um dos congressos. Na Anped, por exemplo, o Grupo de Trabalho vem acompanhado de tradição e é mantido por longos anos, inclusive com o mesmo número de identificação. Já na ABA, os GTs são voláteis e expressam o perfil dos participantes da edição do congresso em que propuseram os GTs.

Na Reunião Brasileira de Antropologia, toda programação é alterada conforme as propostas recebidas para a composição dos Grupos de Trabalho e Mesas Redondas. Os GTs são compostos a cada reunião e não têm linearidade em todas as edições das Reuniões Brasileiras de Antropologia. Já os Simpósios Especiais são propostos exclusivamente pela diretoria da ABA, e os Fóruns de Pesquisa tratam de temas que têm certa tradição de pesquisa na antropologia brasileira, sendo organizados por pesquisadores experientes nas respectivas linhas de pesquisa. Como a única Comunicação Coordenada selecionada aconteceu em 1996, ano em relação ao qual não tivemos acesso aos anais, não pudemos estabelecer o parâmetro para a sua formação.

Para a composição do arquivo da ABA¹⁰, foram selecionados dez Grupos de Trabalho com diferentes nomes; uma Comunicação Coordenada denominada Política, Educação e Imaginários; três Mesas Redondas com nomes variados; quatro Fóruns de Pesquisa, dos quais três têm o mesmo nome: Antropologia e Educação (respectivamente nos anos de 2000, 2004 e 2006) e um Simpósio Especial que, embora intitulado Circulação Transnacional, Fronteiras e Identidades: diálogos, contou com a apresentação de três trabalhos que tinham como temática a educação. Assim, no arquivo das RBAs foram coletados

¹⁰ Apêndice I.

trabalhos de 20 mesas¹¹, em 10 congressos, totalizando 237 trabalhos¹².

Portanto, o tema educação é tratado em várias frentes – comunicações encomendadas, fóruns de pesquisas, mesas redondas, simpósios especiais –, e os nomes das mesas variam a cada congresso. Os temas mais frequentes nos *papers* coletados foram: questão indígena, escolas e etnografias em escolas, ensino superior e estudos culturais e educação.

Como anteriormente mencionado, nas Reuniões Científicas da Anped os GTs são fixos e sempre identificados pelos mesmos números. Dessa forma, foram coletados *papers* de cinco GTs, quais sejam: Movimentos Sociais e Educação sempre (GT 3), Educação Popular sempre (GT 6), Sociologia da Educação sempre (GT 14), Educação e Relações Étnico-Raciais sempre (GT 21), e Gênero, Sexualidade e Educação sempre (GT 23). E, do período compreendido no arquivo da Anped (2000-2015), foram selecionadas 69 mesas, totalizando 953 trabalhos coletados.

Segundo a descrição no site da Anped¹³, os Grupos de Trabalho são instâncias de organização dos associados por tema, ou seja, além de congregarem pesquisadores de áreas especializadas do conhecimento em educação, organizam as atividades acadêmicas das reuniões científicas. Os GTs são permanentes e, para abrir um novo GT, o proponente deve abrir um GE – após o funcionamento do GE por mais de um congresso, a assembleia da Anped decide se poderá constituir-se um novo GT. Em 2007, há uma distinção entre o espaço do GTs e dos GEs na organização dos anais. Até então, os GEs eram adicionados ao final da lista dos GTs, uma vez que o GE é o estágio inicial da gestação de um GT.

Embora haja a permanência dos GTs, houve mudanças de nomes no GT 21 e no GT 3. O GT 21 inicia como Grupo de Estudos, em 2002, como Relações Raciais/Étnicas e Educação, em 2003 passa a ser denominado Afro-Brasileiros e Educação. Em 2009, já como GT, chama-se Educação e Relações Étnico-Raciais, mantendo esse nome até 2015. A variação no nome, assim como a fundação recente do GE e logo após a conquista do espaço de GT, mostra a disputa por um espaço no congresso e como ainda é recente a questão. As várias mudanças de nome em pouco tempo demonstram o processo de consolidação desse GT.

Adicionalmente, a mudança de nome também afetou o GT Movimentos Sociais e Educação que, mesmo consolidado, em 2012 passa a se chamar Movimentos Sociais, Sujeito

¹¹ Existem alguns trabalhos que foram coletados de forma avulsa ou suas mesas não foram identificadas (Vide apêndice I).

¹² Apêndice J.

¹³ <http://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho>

e Processos Educativos – o enfoque deixa de ser apenas nos movimentos sociais e os sujeitos ganham destaque no nome do GT. Ainda em relação ao GT 3, o surgimento dos novos GTs em 2002 e em 2004 - Educação e Relações Étnico-Raciais e Gênero, Sexualidade e Educação – indica que o GT Movimentos Sociais e Educação não foi suficiente para a discussão dessas temáticas. Em outras palavras, as temáticas dos GT 21 e do GT 23 não eram apenas uma questão de relação dos movimentos sociais com a área da educação (como educação rural, educação indígena etc.), mas passaram a ser um eixo importante na discussão do currículo e do cotidiano da instituição escolar mais ampla – o que resultou em GTs específicos.

Assim, levando em consideração os cinco GTs selecionados, os trabalhos apresentados são fiéis aos temas das mesas, o que resulta em amplo leque de abrangência no âmbito dos movimentos sociais – movimentos agrários, indígenas, ribeirinhos, urbanos; gênero e sexualidade; relações raciais, racismo e as Leis 10639/03 e Nº 11.645/2008; educação popular, de abordagem majoritariamente freireana – e, no escopo do GT de Sociologia e Educação são tratados temas caros às ciências sociais brasileiras. Embora a maioria dos trabalhos tenha um enfoque sociológico, alguns deles versam sobre políticas públicas, questões afirmativas e questões antropológicas.

1.4 O endereçamento da pergunta ao arquivo

Para tal empreitada, e em companhia do filósofo francês Michel Foucault, tomaremos como esteio de trabalho a tríade saber, poder e verdade. Para Foucault (1999a), tanto o saber quanto o poder e a verdade constituem um jogo de forças, do qual emergemos conflitos políticos, sociais e históricos que, no nosso caso, marcam o início da década 1990 e vão se deslocando no decorrer das décadas seguintes. Assim, acreditamos ser essa ótica a melhor forma de nos endereçarmos ao arquivo aqui constituído.

Acreditamos que o encontro entre antropologia e educação não aconteceu em um ambiente estéril, uma vez que também fatores externos ao ambiente acadêmico devem ser levados em consideração. Além do encontro entre a antropologia e a educação, existem as demandas da LDB por um currículo que dê conta da diversidade nas questões oficiais do ensino. Nos artigos 28 e 78 da LDB, há determinação da presença de “*conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural*”, e a preocupação de “*proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas*

memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências” (BRASIL, 1996). Assim, queremos dar a ver os meios nos quais se constituem as verdades científicas da antropologia e da educação a partir dos métodos de abordagem do sujeito e de suas relações sociais em cada ciência aqui estudada. Tanto a antropologia quanto a educação constroem seus objetos como dados *a priori* e que apenas o descrevem com seus aportes teórico-metodológicos, contudo, o fazer científico dessas ciências constrói, além dos métodos, seus próprios objetos.

Na introdução do livro *Microfísica do Poder* (FOUCAULT, 1984), Roberto Machado indica *omodus operandi* foucaultiano na construção de um problema e como perguntar ao arquivo seu funcionamento:

Partir da especificidade da questão colocada, que para a genealogia que ele tem realizado é a dos mecanismos e técnicas infinitesimais do poder que estão intimamente relacionados com a produção de determinados saberes – sobre o criminoso, a sexualidade, a doença, a loucura, etc. – e analisar como esses micro-poderes, que possuem tecnologia e história específicas, se relacionam com o nível mais geral do poder constituído pelo aparelho de Estado. A análise ascendente que Foucault não só propõe, mas realiza, estuda o poder não como uma denominação global e centralizada que se pluraliza, se difunde e repercute nos outros setores da vida social de modo homogêneo, mas como tendo uma existência própria e formas específicas ao nível mais elementar (MACHADO, 1984, p.XIII).

Assim, a especificidade da nossa pergunta está em duas frentes: 1) como a antropologia e a educação construíram estruturas de verificação e 2) de que forma essas estruturas constituíram verdadeiro acadêmico-científico dos sujeitos que são objetos destas ciências. E, dessa forma, partir dessas perguntas para explorar o arquivo. Para isso, mobilizaremos algumas categorias analíticas propostas por Foucault.

Foucault (1984), em *A Casa dos Loucos*, destaca que o discurso científico cartesiano está habituado a perseguir uma verdade existente e alcançável, mas, na perspectiva foucaultiana, não se pode encontrar a verdade, pois ela é produzida pelas relações de poder-saber acadêmico:

No fundo da prática científica existe um discurso que diz: “nem tudo é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que no entanto está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera da nossa mão a ser desvelada. A nós cabe achar a boa perspectiva, o ângulo correto, os instrumentos necessários, pois de qualquer maneira ela está presente aqui e em todo lugar”. Mas [...] a verdade, como o relâmpago, não nos espera onde temos a paciência de emboscá-la e a habilidade de surpreendê-la, mas que tem instantes propícios, lugares privilegiados, não só para sair da sombra como para realmente se produzir (FOUCAULT, 1984, p.113).

Tomaremos o cuidado ao operar com esse tripé, uma vez que, se o estancarmos como conceito, correremos o risco de perder a “movência” necessária do pensamento para que a superfície do arquivo nos mostre como se deram seus caminhos. Se forçássemos uma

interpretação, poderíamos realizar uma representação do arquivo, o que de fato não se propõe aqui. Para tanto, buscaremos nos aproximar do entendimento do autor Alfredo Veiga-Neto (2004) que, no livro *Foucault e Educação*, estabelece esse tripé como domínios do interesse foucaultiano, trazendo a leveza e a mobilidade necessárias para passearmos pelo arquivo escutando seus arranjos e configurações, a partir dos temas emergentes em cada cena histórica. É importante salientar que a díade poder-saber é fundamental no pensamento de Foucault, pois permite a construção dos problemas de pesquisa e dá a possibilidade de enxergarmos a circulação da verdade a partir do e no contexto histórico.

Para analisar os processos dinâmicos das relações de poder e saber entre os dois campos do conhecimento aqui mobilizados, faz-se necessário inquirir sobre a proveniência e a emergência do debate que se arma entre os campos da antropologia e da educação. Desse modo, não consideraremos que essas ciências descobriram um modo de pesquisar, ou que o modo como se relacionam com seus objetos de pesquisa estava à espera para ser descoberto pelos pesquisadores. A pesquisa realizada tanto pela antropologia, quanto pela educação não se trata de uma descoberta e sim de uma construção. Como diz Veiga-Neto (2004) sobre a pedagogia:

Enquanto construções históricas, saberes e práticas não estavam à espera de serem descobertos pela Pedagogia, mas se engendraram entre si e instituíram um campo que se passou a chamar de Pedagogia. Mas, além disso, pretendo mostrar que essa construção não parte simplesmente de uma suposta capacidade humana de criar racionalmente os saberes, mas sim de uma vontade de poder que se situa na esfera da vida social e que só a partir daí é que se criam e se combinam discursivamente os diferentes saberes (VEIGA-NETO, 2004, p.2).

No excerto acima, mobilizamos os domínios foucaultianos sobre os quais pretendemos discorrer: poder, saber e verdade. Em primeiro lugar, estão intrinsecamente ligados. O nexosaber-poder permite compreender a aceitabilidade de um sistema, ou seja, o poder e o saber operam no campo científico ao possibilitarem a emergência da verdade de cada campo do conhecimento e suas possíveis análises acadêmicas. A relação poder-saber possibilita que verdades sejam construídas tanto pela legitimidade que o poder dá ao discurso do verdadeiro, quanto pelas tecnologias de saber que viabilizam a operação da verdade e por aquele que a acessa. Uma “verdade essencial” de cada campo do conhecimento, compartilhada entre os pesquisadores da educação e os pesquisadores da antropologia, será acessível apenas aos operadores desses saberes. O saber, então, diz respeito somente aos procedimentos e efeitos de conhecimento aceitáveis em um momento histórico e domínios específicos.

Para Michel Foucault, essa disputa de poderes é produtiva, justamente, pelo

enfrentamento desses campos, pois assim produzem-se novos saberes e novas disputas. Verdades que, uma vez estabelecidas, organizam as produções científicas nesses campos e se afetam entre si. O autor foi estudioso contumaz de Friedrich Nietzsche, filósofo alemão que trouxe para o debate do início do século XX a questão da verdade, escrevendo sobre a emergência, construção e invenção desta. Ao citar Nietzsche, em *A verdade e as formas jurídicas* (FOUCAULT, 1999), o pensador francês pontua que a verdade é invenção de um tempo, e está em disputa com outras verdades. Objetivando evidenciar a disputa entre as verdades de um tempo –ou entre os diferentes conhecimentos, que, na perspectiva cartesiana, são a materialização da verdade–, Nietzsche diz que a verdade é uma espada que, ao encontrar outra no embate, produz centelhas, e que essas centelhas não são do mesmo material da espada. São produtos do embate das verdades, mas são de outro material, outra verdade:

Portanto, para Nietzsche, o conhecimento não é da mesma natureza que os instintos, não é como que o refinamento dos próprios instintos. O conhecimento tem por fundamento, por base e por ponto de partida os instintos, mas instintos em confronto entre si, de que ele é apenas o resultado, em sua superfície. O conhecimento é como um clarão, como uma luz que se irradia mas que é produzido por mecanismos ou realidades que são de natureza totalmente diversa. O conhecimento é o efeito dos instintos, é como um lance de sorte, ou como o resultado de um longo compromisso. Ele é ainda, diz, Nietzsche, como "uma centelha entre duas espadas", mas que não é do mesmo ferro que as duas espadas (FOUCAULT, 1999a, p.16).

Recuperamos este excerto, pois este provoca-nos a pensar os embates entre a antropologia e a educação. Uma vez que no embate entre as duas ciências que se pressupõem realizar trabalhos com naturezas diferentes, é produzido um modo outro de abordar o campo da problemática educacional. Em outras palavras, quais centelhas têm surgido entre o bater de espadas da educação e da antropologia e da educação?

Para nós, a riqueza do nosso arquivo reside justamente na possibilidade de mapear o surgimento de uma nova possibilidade de problemas educacionais no enfrentamento da educação com a antropologia. Contudo, se esse enfrentamento produz novas verdades, essa produção de verdade não pode ser dissociada do poder e dos mecanismos de poder, e de como esses mecanismos de poder induzem essas produções de verdades, e porque essas produções de verdades têm, elas próprias, efeito de poder sobre um campo de conhecimento (FOUCAULT, 2012).

Em 1977, Foucault diz: “Entendo por verdade o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros”(FOUCAULT apud MOTTA, 2012, p. 227). Assim, no âmbito acadêmico, as relações de poder diferenciam os campos do conhecimento, suas teorias, suas metodologias e seus instrumentos de pesquisa. Na trama social, existem instrumentos que acumulam o saber:

técnicas de arquivamento, de conservação e de registro de métodos de investigação e de pesquisa, de aparelhos de verificação etc. (REVEL, 2005).

As disputas de poder produzem saberes e, por esse acúmulo de saberes, os campos do conhecimento, com seus arcabouços teóricos, utilizam os instrumentos científicos para apontar aquilo que dizem verdadeiro. Assim, os instrumentos científicos só existem porque há disputas de poder-saber. Em outras palavras, é um emaranhado de disputas que resultam em instrumentos científicos próprios de cada área do conhecimento. Dessa forma, os instrumentos construídos são formas de perseguir uma verdade que se acredita existir, mas ainda não foi descoberta.

Porém, para nós, não se trata do caminho mais certo da verdade, mas do caminho acidental da verdade¹⁴. Nessa perspectiva, cabe-nos interrogar acerca dos jogos de verdade que a educação e a antropologia compõem com suas teorias, metodologias e práticas de pesquisa.

Podemos afirmar que traçamos aqui uma verificação horizontal, que, na superfície, busca pelas conexões e agenciamentos possíveis que levaram aos conflitos e efeitos de um campo sobre o outro. Dando continuidade a esse percurso pelos campos da antropologia e da educação, o discurso será uma ferramenta importante para o presente trabalho. O discurso está diretamente ligado ao poder-saber e à verdade e, ainda que pertença a campos diferentes, obedece a regras de funcionamento comuns. Em a *Ordem do Discurso*, Foucault (2010) argumenta que o discurso é um efeito da articulação entre poder e saber. As práticas acadêmicas, e a articulação entre poder-saber que produzem a verdade acadêmica, surgem da relação que existe entre esses discursos e as condições históricas, econômicas e políticas no momento da formação desses discursos.

Partindo do pressuposto de que os campos do conhecimento são discursos acadêmicos em constante embate, são as relações de saber e de poder que compõem o que chamaremos de disputas discursivas. Em a *Ordem do Discurso*, Foucault (2010) aponta três princípios de exclusão que ordenam o discurso: o primeiro deles é a interdição, o segundo princípio é constituído por separação e rejeição, e o terceiro princípio diz respeito à vontade de verdade.

A pergunta inicial sobre a constituição da aproximação dos campos e as disputas discursivas entre estes nos levam a questionar, também, se haveria interdição do uso das

¹⁴ Acidentalizar a verdade implica descrever os mecanismos de poder e as tecnologias de saber que possibilitaram a emergência da verdade. Trata-se, justamente, de tirar da verdade o predicado de perene e objeto de descoberta, e atribuir a ela a possibilidade do acontecimento, em detrimento do achado.

ferramentas acadêmicas, separação dos usos e resistência ao modo que os outros campos do conhecimento se apropriariam do aporte teórico de cada ciência. Essas questões são balizas para a análise dos discursos que encontraremos nos anais dos congressos.

Tais discursos, por sua vez, pronunciados daquela maneira, daquele campo do conhecimento e com aquele arcabouço teórico, poderiam se mostrar verdadeiros, como metas a serem alcançadas pelos possíveis pesquisadores: tanto no manejo das ferramentas como nas reflexões epistemológicas. Devemos considerar que os embates acadêmico-epistemológicos, além de produzirem disputas entre esses campos, também teriam efeitos mútuos nestes, fazendo surgir novas abordagens metodológicas e epistemológicas, e novas problemáticas de pesquisa.

Em outras palavras, a antropologia e a educação resistem uma à outra porque a primeira acreditaria que a educação carrega consigo uma característica institucional homogeneizadora, justamente por causa do espaço escolar. Já a segunda apontaria para a instrumentalização da antropologia como ferramenta para suas reflexões teóricas. Mesmo que essa resistência permita novas abordagens de pesquisas, elas são beligerantes, ao passo que se negam a ser tanto apenas produtora de práticas escolares, como a ser um método sequestrado por outro campo do saber. Veiga-Neto (2005), ao falar sobre resistência ao poder em *Foucault e Educação*, argumenta que resistência ao poder não é a antítese do poder, não é o outro do poder, mas é o outro em uma relação de poder.

Ainda em *Foucault e Educação*, Veiga-Neto (2005) diz:

Em vez de entender que existem tais blocos antagônicos e se procurar contrapô-los, talvez seja mais interessante e produtivo, em termos tanto teóricos quanto políticos, perguntar pelos processos que estabelecem uma verdade, pois é aí que se dão a arbitrariedade e a violência da exclusão, e não propriamente dentro de um discurso, nas proposições em si (VEIGA-NETO, 2005, p.125).

Nesse momento de nossa argumentação, acreditamos ser necessário pontuar que levantamos a hipótese de resistência entre esses campos a partir de textos acadêmicos veiculados em meados da década de 1990, ao considerar o debate promovido entre antropólogos preocupados com o campo da educação.

No ano de 1995, início da marcação do nosso arquivo, Marli André menciona uma difusão da perspectiva de que só é possível realizar estudos do tipo etnográfico e não etnografias no campo *stricto* da educação. Em 1997, Gusmão defende a necessidade de vencer a instrumentalização da antropologia pela educação, que propicia muitos equívocos. Em 2015, no último ano de registro do nosso arquivo, Oliveira registra, na introdução do *Dossiê de Antropologia e Educação*, a seguinte provocação:

Reconhecemos, ainda, que esse diálogo não ocorre sem o estabelecimento de tensões entre esses campos disciplinares, dado que a apropriação da antropologia pela educação vem se dando frequentemente de forma aligeirada, havendo uma separação entre o método e o substrato teórico que o norteia (OLIVEIRA, 2015).

Ao criar um uso verdadeiro do método antropológico de fazer pesquisa, o discurso dos antropólogos só é possível em dada relação de poder na disputa da legitimidade do método. E essa criação não é alheia ao processo histórico que a forja. A perspectiva de analisar os discursos, entendidos aqui como constituintes de um jogo estratégico e polêmico, é um profícuo e produtivo caminho de pesquisa (FOUCAULT, 1999).

Ainda na companhia de Michel Foucault, argumentamos que analisar um discurso e, portanto, as disputas discursivas, é traçar a constituição histórica de um campo do conhecimento por meio das relações de poder-saber. Ao defendermos que o discurso é produzido nas relações de poder, apostamos que é possível verificar o modo como o saber constitui as verdades acadêmicas, como ele é valorizado, distribuído e repartido. E, além disso, uma vez estabelecido como verdade, esse discurso exerce poder de coerção sobre os outros ou, ainda, um saber que exerce força e disputa com os outros saberes.

Propomos, aqui, problematizar as verdades existentes nos trabalhos apresentados nos congressos acadêmicos sob a perspectiva de que o poder-saber de cada campo do conhecimento cria verdades, e que essas verdades são próprias do jogo. Em oposição à designação tradicional de que a verdade é perene e não há como reduzi-la ao acontecimento histórico, propomos que, a partir do cruzamento dos marcos legais da educação pela Constituição de 1988 (BRASIL, 1988) e pela LDB de 1996 (BRASIL, 1996), o acontecimento histórico também produziu os discursos no campo acadêmico, e, portanto, produziu a verdade dos estudos de diversidade e educação.

Recorremos à companhia de Foucault, justamente por acreditar que a verdade é indissociável da singularidade do acontecimento, ou seja, do verdadeiro desse tempo. Em outras palavras, as relações entre educação e antropologia no momento da redemocratização do país e da luta intensa por direitos civis, fomentou nesses campos a necessidade de dar conta da relação da educação com a cultura e, para tal, produziram-se discursos, saberes e verdades. Assim, perguntamos: que verdades, saberes e poderes funcionam nesse *corpus* documental organizado?

Os choques entre a antropologia e a educação são belicosos e, por isso, reversíveis, de vez que nesse embate produzem-se verdades das técnicas de produção de pesquisas acadêmicas. Essa relação tensa entre os dois campos do conhecimento produz efeito na construção da verdade, no jogo da verdade e, por sua vez, nas práticas concretas de pesquisa.

As relações entre as subjetividades dos sujeitos estudados e a verdade são históricas e, produzidas no processo em que as ciências estudam o sujeito, produzem discursos sobre ele e se constituem como ciência. Assim, a verdade sobre o sujeito não é o que o torna possível, mas o vetor que o coloca em jogo e o transforma em objeto de pesquisa. Dessa forma, quem produz a verdade do discurso verdadeiro sobre o sujeito é a capacidade da ciência de constituí-lo como objeto e de constituir uma relação de conhecimento com seus objetos de pesquisa.

1.5 Reuniões Científicas Nacionais

Nesse ponto, queremos discorrer um pouco mais sobre o espectro nacional dessas associações e uma primeira relação com a circulação da verdade. Há de se observar que são duas associações nacionais e, por tal motivo foram selecionadas. Partimos do princípio segundo o qual a circulação da verdade é o modo como os discursos do verdadeiro se consolidam e, com esse espectro, podemos analisar como diferentes instituições e regiões brasileiras têm discutido a antropologia e sua relação com a educação. Ao fazermos esse recorte, destacamos que, embora sejam associações nacionais, nem todas as regiões estão significativamente representadas nas reuniões científicas, aqui mobilizadas.

Diante dessa informação, pudemos fazer uma primeira localização em nosso acervo, nesse momento, de ordem geográfica: a maioria dos trabalhos aqui selecionados são do sudeste e do sul. Primeiramente, observamos que as universidades mais presentes nos congressos são aquelas que têm mais recursos para enviar seus quadros para apresentar pesquisas em eventos científicos que demandam algum tipo de subsídio. Além do que, as regiões mais presentes são aquelas que têm as universidades com maior circulação no meio científico nacional e internacional.

Devido à falta de padronização que os anais apresentam nas suas bases de dados, nem todo *paper* identifica a origem de seu autor. Sendo assim, no acervo da ABA, apenas 148 *papers*, de um total de 237, apresentavam a instituição de origem do autor.

Destes, 25 provinham da região sul, 23 da região centro-oeste, 19 da região nordeste, 12 da região norte, 65 da região sudeste e 4 de instituições do exterior (Figura 1.1).

Figura 1.1 - Trabalhos selecionados dos Anais da ABA, por região brasileira.

No acervo da Anped, dos 953 papers selecionados na primeira etapa de elaboração do acervo, apenas 273 estavam com a identificação da instituição do autor nos índices¹⁵ dos anais. Dos trabalhos identificados, 65 são da região sul, 19 da região centro-oeste, 32 da região nordeste, 7 da região norte, 147 da região sudeste e 3 de instituições do exterior (Figura 1.2).

Figura 1.2 - Trabalhos selecionados dos Anais da Anped, por região.

¹⁵ Para o levantamento de dados numéricos do acervo, nos baseamos na organização apresentada nos índices dos anais, dos quais extraímos os nomes dos GTS, trabalhos apresentados e instituição dos autores de cada trabalho.

Esse balanço regional da origem dos autores nos traz pistas para um estudo das regiões que mais produzem pesquisa em educação no Brasil. Deparamos, inevitavelmente, com a questão da infraestrutura e sua difusão pelos centros de pesquisa em território brasileiro. É importante, nessa descrição do acervo, considerarmos que ambos os congressos são itinerantes, o que demonstra que essa condensação dos pesquisadores participantes no eixo sul-sudeste não se dá pelo fato de os congressos acontecerem apenas nessa região.

Para nós, é importante esse levantamento por região para, de largada, não afirmarmos que essa é toda a produção sobre o tema no Brasil. Podem existir, em regiões pouco representadas nessas reuniões científicas, produções muito diferentes do que foi levantado em nosso trabalho.

Nessa seara do estudo do discurso e da circulação das verdades científicas, um terreno interessante a se investigar seria a origem da concentração da produção científica que circula nacionalmente, em algumas regiões do país. Pelo material aqui selecionado, não podemos dizer que não há produção científica robusta em outras localidades brasileiras. Contudo, podemos apontar que, nos congressos analisados, não há circulação de produções de ampla diversidade regional. E, embora esse não seja o foco da presente pesquisa, não poderíamos deixar de pontuar tal constatação, até para inspirar investigações que possam surgir a partir de questões adjacentes ao nosso interesse de pesquisa.

1.6 Trabalho Analítico no Acervo Arquivístico: os três eixos analíticos

Na primeira etapa da organização do acervo, trabalhamos em duas frentes, cada uma delas constituída pelo acervo de um dos eventos analisados. Sendo assim, embora a organização seguisse os mesmos critérios de ordenamento – por ano, mesa, títulos, autor/instituição, palavras-chave e disponibilização do resumo e/ou do trabalho completo –, cada evento teve uma tabela uma classificação própria. Contudo, para alcançar o objetivo do trabalho – de formar um arquivo aba-anped, que possibilitasse visualizar a intersecção entre o que é apresentado nos dois congressos –, foi necessário colocar os dois acervos em um único arquivo.

Para realizar essa tarefa, partimos do levantamento temático feito em cada acervo, como apresentado anteriormente. Assim, quando cruzamos os principais temas apresentados pela ABA – questão indígena, escolas e etnografias em escolas, ensino superior e estudos culturais e educação – com as principais temáticas apresentadas pela Anped – movimentos

sociais, gênero e sexualidade, relações raciais, racismo e a Lei 10639/03, educação popular e políticas públicas para a educação, em geral –, agrupamos os trabalhos em três eixos transversais. Dessa forma, não faremos a análise por tema, mas por eixo.

Essa estratégia de abordar o arquivo foi traçada justamente para não abordarmos o arquivo de forma interpretativa, partindo, assim, para um entendimento do que este (o arquivo) mobiliza no campo da educação. O nosso objetivo, então, foi identificar no acervo quais são os problemas educacionais que o arquivo aba-anped sugere, do ponto de vista da circulação discursiva. Sobre quem, ou o quê, esses trabalhos acadêmicos têm discursado e produzido conhecimento. Assim, os três eixos analíticos são: 1) Quais espaços educacionais (formais ou não) suscitam problemas para a educação e para a antropologia; 2) A construção da alteridade nos *papers* apresentados; e 3) Como as pesquisas com perspectivas culturais propõem uma nova proposta de educação formal.

A escolha desses três eixos deu-se em função da presença maciça desses temas nos dois congressos bem como da nossa observação acerca de como esses três eixos se mostravam constantes nos *papers* que compunham os dois conjuntos de anais (ABA e Anped).

Nesta segunda etapa de organização e análise do arquivo, trabalhamos com os três eixos mencionados, que estavam em relevo na composição do acervo. Portanto, esse segundo recorte, dentro do acervo já organizado, teve o objetivo de analisar o arquivo aba-anped, de forma que pudéssemos visualizar a tessitura de um discurso comum na forma de propor problemas para o campo do conhecimento chamado antropologia da educação.

Como não havia padronização na apresentação do acervo dos anais, tivemos que estabelecer uma forma de recorte dos 1190 *papers* que contemplasse o interesse da investigação e, também, pudesse ser aplicada uniformemente em todo o acervo.

De vez que não encontramos padronização na apresentação de resumos, palavras-chave ou trabalhos completos, a solução mais plausível foi selecionar os artigos a serem analisados pelo título, de modo a que as palavras presentes nos títulos remetesse aos eixos transversais que estavam em relevo no arquivo. Foram levadas em consideração palavras que abordssem a alteridade, os espaços estudados e a apresentação de propostas culturais para a educação. Nesta segunda etapa, os GTs não foram critério para separar os *papers*. Portanto, existem anos dos congressos em que determinados GTs não estão representados na segunda etapa da análise.

Para contemplar o recorte longitudinal entre os anos de 1995 e 2015, optamos por escolher três *papers* por ano de cada congresso analisado, de modo que os eixos fossem contemplados no decorrer do recorte temporal delimitado. Totalizando, assim, 50 *papers* da

Anped e 27 *papers* da ABA - tendo em vista que a Anped é anual até 2013 e a ABA, bienal. Assim, dos 237 trabalhos do acervo inicial da ABA, foram escolhidos para a análise 27 trabalhos, sendo 10 para o eixo 1, 8 para o eixo 2, e 9 para o eixo 3. Dos 953 trabalhos do acervo inicial da Anped, foram selecionados 50, sendo 15 para o eixo 1, 15 para o eixo 2, e 20 para o eixo 3. Portanto, têm-se 77 trabalhos, um percentual de 6,5% do acervo original organizado.

Tabela 1: Quantidade de artigos selecionados por eixo de cada reunião científica.

Eixos	Congresso	Quantidade de artigos selecionados
1. Quais espaços educacionais (formais ou não) suscitam problemas para a educação e para a antropologia?	ABA	10
	Anped	15
2. Como se dá a construção da alteridade nos <i>papers</i> apresentados?	ABA	8
	Anped	15
3. Como as pesquisas com perspectivas propõem uma nova proposta de educação formal?	ABA	9
	Anped	20

1.7 A importância da organização do acervo para construir um arquivo

A sistematização e a organização do acervo das fontes coletadas tornou possível a construção de um arquivo que nos possibilitasse mapear as sequências discursivas para a análise. Assim, a pretensão deste trabalho é perpassar por discussões produzidas desde 1995 que, com novos recortes e enfrentamentos, podem ser potencializadas. Essa potência é possibilitada pela sensibilidade do pesquisador ao enfrentar o arquivo, estabelecer recortes e relevos, repetições e adensamentos de enunciados que, de certa forma, dizem do que circula e do que regula tal arquivo.

O recorte é a ação arbitrária do pesquisador que fará as suas fontes falarem. No presente trabalho, optamos por não interpretar o acervo, mas sim mostrar como ele disponibiliza os seus relevos e os seus caminhos por meio dos títulos dos trabalhos. Os títulos dizem muito dos trabalhos: afinal, eles são a primeira apresentação do seu objeto e da sua pesquisa. Assim, mantendo-nos na superfície do arquivo, buscamos salientar os relevos do

acervo.

Para propiciar compreensão mais clara de cada capítulo, optamos por apresentar os dados sob duas formas: tabelas apenas com o nome das mesas e os títulos a serem analisados em cada eixo, no início de cada capítulo; ao final, como apêndices, tabelas com os dados completos de cada artigo, tabelas com as mesas selecionadas de cada um dos anais, com ano e nomes de cada mesa/GT selecionados, e tabelas com todos os artigos selecionados na primeira fase da organização do acervo.

Sendo assim, os apêndices são importantes para evidenciar o modo como recortamos o acervo, para a construção do arquivo aba-anped. Os Apêndices A e B trazem os trechos importantes da LDB (BRASIL, 1996) e da Constituição Federal (BRASIL, 1988), essenciais para o recorte temporal do nosso acervo. O Apêndice C apresenta todas as RBAs consultadas e as mesas selecionadas na primeira etapa da pesquisa. O Apêndice D traz todas as reuniões científicas da Anped consultadas, com os GTs selecionados. Nos Apêndices E, F, G e H estão todas as informações dos *papers* analisados – ano, mesa, título do trabalho, autor/instituição/palavras-chave, apresentação de trabalho completo, apresentação de resumo. Os Apêndices I e J trazem todas as informações dos 1190 artigos selecionados na primeira etapa da pesquisa.

2 Quais espaços educacionais – formais ou não –suscitam problemas para a educação e para a antropologia?

A partir do tripé analítico proposto, começaremos a apresentação de nosso percurso investigativo pelo eixo *espaço*. O espaço é um disparador de muitas problemáticas educacionais apresentadas em nosso acervo: desde a relação espaço escolar/ espaço extraescolar às relações entre os espaços intraescolares. Desse modo, o espaço se apresenta como uma seara investigativa muito evidente na problematização da indisciplina escolar, acesso ao ensino formal e saber popular. Para facilitar a compreensão do percurso analítico realizado, apresentamos em forma de tabela os *papers* que compõem a tessitura deste capítulo. Para então, tecermos a linha que nos conduzirá à problematização do espaço em nosso arquivo.

Indicamos, ainda, que neste capítulo, enfrentamos a questão do espaço em três frentes: os espaços intraescolares, extraescolares e o espaço no qual as pesquisas acontecem. Sendo assim, tomamos o cuidado em abordá-lo em duas categorias: a categoria *espaço* para os espaços pelos quais os sujeitos circulam, seja dentro ou fora da instituição escolar; e a categoria *lôcus* como o espaço no qual as pesquisas acontecem – a composição entre os espaços no quais os sujeitos estudados circulam e o interesse das pesquisas realizadas.

Tabela 2: *Papers* do eixo Espaços Educacionais que suscitam problemas para a educação e para a antropologia

MESA	TÍTULO
ABA	
GT Infância e juventude: novas e velhas questões revisitadas	Educação e Família Operária: o cotidiano das escolas de fábricas com vila operária
Bloco B/ Educação rural, urbana e étnica	Escola Rural do Alto do Valle do Rio Negro – Argentina
Comunicação coordenada - Educação diferenciada	Entre a Escola e a Igreja: memórias de professoras rurais
2ª SESSÃO/ Antropologia e Educação: Pesquisa e Experiências	Quando a Diferença Faz a Diferença: a presença de índios na UEL – Londrina
Mesa não identificada	Religião nas Escolas: comparação entre Brasil e EUA.
GT Desafios Contemporâneos para uma Antropologia da Educação /Educação: ensino, pesquisa e políticas de igualdade	O Fator Direção Influencia a Qualidade da Educação? Um estudo nas escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro
GT Povos indígenas e processos educativos: diálogos e tensões entre os processos próprios de	Educação sem Escolarização: a experiência Aiwa

aprendizagem e a educação estatal	
GT Gênero, configurações familiares, arranjos domésticos e afetivos	Escola como Espaço para Reconhecimento das Diferenças
GT Antropologia e Educação: construindo diálogos na interface	A Educação Vem de Casa: os usos do parentesco em uma escola da periferia de São Paulo
	Escolas de Fronteiras: percebendo diferenças, construindo pontes.
ANPED	
Sociologia da educação	A Pluralidade de Identidades no Bairro Maré – Rio De Janeiro
Sociologia da Educação	Um Estudo sobre o Engendramento da Indisciplina no Cotidiano Escolar
Movimentos Sociais e Educação	Escola Nucleada Rural
Movimentos Sociais e Educação	Educação em Assentamentos: relações (re)criadas no cotidiano do movimento social.
Educação popular	Por que o local? A cidade como campo da educação popular
Movimentos Sociais e Educação	Mulheres em Movimento: lazer e educação no espaço urbano
Movimentos Sociais e Educação	Jovens e Ações Públicas: espaços educativos de formação
Gênero, sexualidade e educação	Banheiros Escolares – promotores de diferenças de gênero
Movimentos sociais e Educação	Tirando Cadeia: processos de (trans)formação de jovens em cumprimento de medida socioeducativa de internação
Educação e Relações Étnico-Raciais	Encontros nas Ruas, nos Museus e nos Mercados: sobre processos identitários e alianças da diáspora
Sociologia da Educação	Os Conselhos de Classe: mecanismos de produção das desigualdades na escola?
Movimentos Sociais e Educação	A Relação Trabalho e Educação na Escola de Assentamento Paulo Freire: um estudo de caso
Educação e Relações Étnico-raciais	Saberes Tradicionais e as Possibilidades de seu Trânsito para os Espaços Escolares
Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos	O que Pode uma Escola? Traços, riscos, sonhos: apostas de um sempre e novo começo.
Gênero, Sexualidade e Educação	Corpos e Subjetividades Trans na Escola e nos Movimentos Sociais: a reinvenção das tentativas de captura por meio das normativas oficiais

Recentemente, em Évora, Portugal, houve um debate intitulado “A educação formal, não formal e informal em Évora, Cidade Educadora”¹⁶, do qual participaram como palestrantes um animador cultural, uma professora universitária e um professor secundário; a mediação ficou por conta de um professor universitário do curso de Pedagogia. A principal linha argumentativa do evento era: como os espaços de uma cidade podem ser educativos e promotores da difusão do conhecimento?

Nessa perspectiva, o evento lançou mão de três possibilidades de ensino: a educação formal, caracterizada pela estrutura institucionalizada – composta por leis, escolas, sistemas

¹⁶ Detalhes do Evento em <http://evoracidadeeducadora.blogspot.com/2012/09/>

de ensino e discussão pedagógica, no âmbito acadêmico—; a educação não formal, caracterizada por espaços extracurriculares especializados na produção de experiências educacionais específicas – como museus, meios de comunicação, cursos livres, feiras e encontros que têm o propósito de ensinar ciência a um público heterogêneo –; e a educação informal, ou seja, a experiência educacional que ocorre de forma espontânea na vida do dia-a-dia por intermédio de conversas, vivência com familiares e com as relações sociais mais abrangentes que o indivíduo possa constituir.

Afinal, o que propunham esses interlocutores do campo educacional português, em um café bistrô, em uma tarde de outono, com a população eborense, senão a pergunta: qual espaço tem por legitimidade o ato de educar? Buscou-se questionar se essas três possíveis esferas da educação humana são mutuamente afetadas. E, de certa forma, quais vetores diferenciam ou aproximam as possíveis formas de educação.

Ao propor uma problematização do paradigma ocidental de educação, o documentário *Schooling the World: the white man's last burden* (Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco - BLACK, 2010)—, tece uma crítica à forma pela qual a educação ocidental tem sido instalada em Ladack, no sudeste asiático. Em 2013, a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) publicou, em seu portal de notícias na *internet*, a reportagem intitulada *Lugar de estudar é na escola?*¹⁷, que versa sobre os impasses jurídicos que famílias que decidem pela educação familiar enfrentam.

O que nos faz trazer essas diferenciações entre as possibilidades de educação como abertura das próximas páginas é a perspectiva de, a partir dessas classificações da experiência educacional, pensarmos como o *locus* no qual as pesquisas acontecem faz com que os problemas sejam tratados como problemas educacionais, ou não. Em outras palavras, até que ponto a escola seria a única possibilidade de investigações sobre a educação.

Pensando nos *locus* de pesquisa e nos modos como os campos do conhecimento se constituem, propomos um pequeno exercício de pensar dois movimentos muito importantes nesses dois campos do conhecimento na década de 1930, no Brasil. O primeiro movimento que trazemos para nossa reflexão do espaço de ensino e aprendizado como disparador de um problema de pesquisa em educação é o movimento higienista do início do século XX, que acontece nos *locus* espaços dedicados à discussão da educação e da saúde. Nesse período, há uma preocupação dos estudiosos em direcionar os rumos da educação pública brasileira para criar corpos saudáveis, mão-de-obra útil e minimamente educada para compor o que seria a

¹⁷ Ver detalhes da reportagem em <http://www.ebc.com.br/educacao/2013/04/lugar-de-estudar-e-na-escola>

modernização da economia brasileira. Para tais pensadores, havia um espaço que seria o melhor veículo para realizar tal tarefa: a escola.

Naquele momento, então, a diversidade, a diferença e a alteridade não estavam em pauta; a agenda da educação brasileira constituía em produzir corpos que apresentassem uma uniformidade de aparência, de asseio e de papéis sociais, segundo Margareth Rago:

Indícios de uma anormalidade social, as práticas populares de vida e lazer dos trabalhadores fabris, dos improdutivos, dos pobres, das mulheres públicas, das crianças que vagueiam abandonadas nas ruas vão se tornando objeto de profunda preocupação de médicos higienistas, de autoridades públicas, de setores da burguesia industrial, de filantropos e reformadores sociais nas décadas iniciais do século XX (RAGO, 1985, p.12).

Enquanto a escola era *locus* do problema educacional da higiene, a missão francesa (1934) que vinha ao Brasil para fundar a Universidade de São Paulo tinha algumas aspirações aparentemente diferentes, e essa missão é o nosso segundo movimento a ser considerado aqui. O jovem Levi-Strauss, apoiado pelo Museu do Homem (França), aventura-se pelo interior brasileiro em busca da alteridade com traços culturais mais intactos e distantes da uniformidade civilizatória ocidental. Em *Tristes Trópicos*, o antropólogo francês (Levi-Strauss, 1996) relata:

Outrora, negávamos dimensão histórica à América pré-colombiana porque a América pós-colombiana dela foi privada. Resta-nos talvez corrigir um segundo erro, que consiste em pensar que a América permaneceu por 20 mil anos isolada do mundo inteiro, a pretexto de que esteve isolada da Europa Ocidental. Tudo sugere, ao contrário, que ao grande silêncio atlântico respondia, em toda a orla do Pacífico, um zumbido de enxame (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 240-2).

Nesse momento, tanto a educação como a antropologia parecem estar muito distantes, muito incongruentes e com pouco diálogo possível, no Brasil. Contudo, vamos tecer as primeiras linhas que unem tais campos para começarmos a dar contornos às questões que nos movem nessa seara. Se deixarmos de lado qualquer profundidade e movimento interpretativo que nosso afã humanista tenda a fazer, e ajeitarmos superficialmente o movimento desses dois campos do conhecimento, trata-se de uma mesma ação: direcionar-se ao outro, seja esse outro um operário fabril ou um indígena que tenha suas raízes culturais o mais intactas possível.

E, como ciências que se constituem da máxima iluminista do “homem no centro”, o movimento é de tornar esse outro o mais homem possível, seja pela afirmação identidade, seja pelo reconhecimento da alteridade. São movimentos que se tensionam entre si, mas não são movimentos opostos. Enquanto o projeto das escolas brasileiras em voga era: como criar mais homens uniformes e civilizados, ou seja, tornar o outro em nós mesmos, havia no interior brasileiro o movimento de se pensar o diferente. Desse modo *oalther*, o outro que estava

nas comunidades indígenas intocadas, era objeto da tentativa antropológica de reconhecer um homem na alteridade. Cada campo do conhecimento atrelava seu problema a um *locus* - enquanto os pesquisadores em educação pensavam a escola, os antropólogos pensavam o interior e seus agrupamentos sociais.

Neste trabalho, consideramos a escolha dos espaços nos quais os sujeitos serão estudados de extrema importância na composição do nosso arquivo: o elemento espaço versa sobre quem se estuda e de que forma se estuda. Dessa forma, acreditamos que o espaço é condição importante nas relações sociais. Em *Em defesa da sociedade*, Foucault (1999b) diz:

Veja-se o problema da cidade ou, mais precisamente, esta disposição espacial pensada, concebida, que é a cidade-modelo, a cidade artificial, a cidade de realidade utópica, tal como não só a sonharam, mas a constituíram efetivamente no século XIX. A cidade operária, tal como existe no século XIX, o que é? Vê-se muito bem como é que ela se articula, de certo modo perpendicular, mecanismos disciplinares de controle sobre o corpo, sobre os corpos, por seu enquadramento, pelo recorte mesmo na cidade, pela localização das famílias (cada uma em uma casa) e dos indivíduos (cada um num cômodo). Recorte, pôr indivíduos em visibilidade, normalizando os comportamentos, espécie de controle policial espontâneo que se exerce assim pela disposição espacial da cidade (FOUCAULT, 1999b, p.299).

Já em *Vigiar e punir*, ao se deter no argumento da disciplina e docilização dos corpos, Foucault (1997) mobiliza uma série de imagens que servirão de subsídio para a sua argumentação sobre as relações de poder estabelecidas dentro das prisões por meio da disciplina dos corpos e dos comportamentos. Dentre as imagens está uma série de plantas de espaços que ensejaram, nesta pesquisa, a possibilidade de pensar os corpos presentes naqueles espaços. Dentre as figuras, Foucault dispõe uma figura intitulada *Interior da Escola de ensino mútuo ativada na Rua Port-Mahon, ao momento do exercício de caligrafia*¹⁸, na qual o autor mobiliza o espaço escolar para pensar a disciplina, rompendo com a aura valorativa da escola que educa e colocando-a como um dispositivo disciplinar, tal qual a prisão.

Identificamos que, nos 25 *papers* analisados, as relações entre a escola e os espaços extraescolares não rompem com a o imperativo da escola educadora ou como espaço privilegiado de ensino. Nos *papers* analisados evidenciou-se a escola como a protagonista dos problemas educacionais e maior referente para as hipóteses investigativas. A escola não seria colocada como mais um espaço no qual se pode pensar educação, mas o espaço privilegiado para se pensar educação. Tal situação não rompe com o paradigma de a escola ser o principal alvo de problematização para os estudos educacionais.

Neste ponto, acreditamos ser necessária fazer uma digressão, para então pensarmos a construção do espaço escolar como o lugar privilegiado do ato de educar. Desde a idade

¹⁸ Anexo I

moderna, quando a mensuração da natureza e o humanismo rompem com a ordem até então espiritualizada que regia o mundo europeu, cria-se um discurso científico em um cenário histórico de crise: a reforma protestante põe em xeque a hegemonia católica. As doenças, a pobreza, a crise do sistema feudal e o nascimento da burguesia constituem uma nova forma de ordenação social. Podemos observar que essas disputas e rupturas afetam a educação das crianças, dando vez a uma ordenação de práticas pedagógicas em espaços pensados para ensiná-las e prepará-las para a vida adulta. Segundo Noguera-Ramirez (2011), olhar para a idade moderna sob a perspectiva da educação é observar a sua constituição a partir de uma sociedade educativa, que pensa no acesso universal à educação com vistas à erradicação dos problemas socioeconômicos, e que forma um sujeito-cognitivo¹⁹ mais educado e humanizado, ao qual o autor denomina *Homo educabilis*.

Se atentarmos para uma pedagogia moderna, não encontraremos apenas pessoas que conduzem crianças em seu crescimento e ensinam regras cotidianas de convivência e religião, aleatória e pacificamente. Segundo Alfredo Veiga-Neto (2004),

[...] a Pedagogia, na forma em que hoje a conhecemos, estruturou-se no mundo europeu a partir do século XVI. Como muitos autores têm demonstrado, foi a partir de então que tais saberes (pedagógicos) foram tomando uma nova forma e dizendo coisas muito diferentes do que, até então ao longo da Idade Média, se diziam sobre o ensinar e o aprender (VEIGA-NETO, 2004, p.66).

O autor argumenta que, no âmbito da pedagogia moderna, a máxima de que a escola é imprescindível para a socialização e o ensino de crianças é característica da sociedade ocidental. Tal condição faz da pedagogia moderna parte importante na criação e na transformação de saberes e poderes que dizem respeito à educação e à socialização do homem nos últimos 400 anos.

E nosso arquivo não se mostrou diferente: com exceção de um único *paper*, todos os outros versaram sobre a escola, de alguma maneira. Ao analisar os *papers* do nosso acervo, constatamos duas frentes de mobilização do espaço escolar: 1) relação da escola com algum espaço extraescolar e 2) relação entre espaços intraescolares. Voltando ao artigo anteriormente mencionado, único que não versa sobre a escola em relação a outro espaço, o mesmo investiga como as diferenças podem ser fator importante no modo como as populações agem em seus espaços de vivência, o que foi um ponto fora da curva em nosso arquivo, justificando nosso destaque. De certo modo, o artigo trata das espacialidades e do modo como as populações são educadas a agirem nesses espaços, conforme a configuração social na qual estão inseridas. Trata-se de um problema educacional que não tem como

¹⁹¹⁹ Chamaremos de sujeito-cognitivo o objeto da Pedagogia e de sujeito-cultural, o objeto da antropologia e proporemos, então, a fusão desses dois objetos na constituição do sujeito-cognitivo-cultural

referente a instituição escolar.

Para dar seguimento à análise dos artigos, apresentamos os enunciados presentes em cada artigo referentes aos sujeitos estudados e ao espaço:

Educação e Família Operária: o cotidiano das escolas de fábricas com vila operária: a lacuna deixada pelo Estado no que concerne ao atendimento dos anseios da *família* operária em relação à educação dos seus filhos é preenchida pelas *escolas de fábrica*, dentro dos parâmetros dos interesses empresariais quanto à produção e à reprodução de sua força de trabalho.

Escola rural do Alto do Valle do Rio Negro – Argentina: a constituição de uma identidade coletiva que entra em tensão com as práticas de historicização no interior da *escola rural*.

Entre a escola e a igreja: memórias de professoras rurais: a presença de marcas religiosas na *educação rural* de Londrina, no período de 1930 a 1960. Supõe-se tratar de permanências histórico-culturais decorrentes do jesuitismo, ressignificado e reinterpretado por mulheres/professoras que concebiam a *escola* como continuidade de *espaços assistenciais ou religiosos*.

Quando a Diferença Faz a Diferença: a presença de índios na UEL - Londrina: a presença de estudantes indígenas das etnias kaingang e guarani na *universidade* impõe desafios constantes: sair das *aldeias*, vivenciar outras relações sociais e escolares.

Religião nas escolas: comparação entre Brasil e EUA: possibilidades de educação confessional, um entrecruzamento entre religião na *escola* e escola na *religião*.

O fator direção influencia a qualidade da educação? Um estudo nas escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro: trata-se de analisar o fator *escola*, neste caso específico, o fator *direção*, e se este pode ser considerado um determinante para a qualidade da educação.

Educação sem escolarização: a experiência Awá: as estratégias de reprodução do *ser Awá* que não foram ainda influenciadas pela *escolarização* e pela alfabetização.

Escola como espaço para reconhecimento das diferenças: *escola* pode ser espaço para a *convivência com e nas diferenças*.

"A educação vem de casa": os usos do parentesco em uma escola da periferia de São Paulo: avaliações a respeito da *moralidade das classes populares*, formuladas a partir da linguagem do parentesco, são constantemente utilizadas por agentes da escola para explicar o fracasso da própria *instituição [escola]* em lidar com os chamados “alunos-problema”.

Escolas de Fronteiras: percebendo diferenças, construindo pontes: As *escolas* localizadas em *zonas de fronteiras internacionais* constituem-se em um campo privilegiado para o estudo

de processos interativos, circulação de pessoas, objetos, símbolos e lugares de pertença de professores e alunos de distintas origens sociais, regionais e nacionais.

A pluralidade de identidades no Bairro Maré – Rio de Janeiro: o que há de comum nas diferenças e o que há de diferente entre os comuns permite-nos ampliar a compreensão do *mundo social* e qualificar, inclusive, *a ação social*.

Um estudo sobre o engendramento da indisciplina no cotidiano escolar: *escola* como espaço formador e não conformador que abrigue as diferenças e, ao mesmo tempo, contenha a regra como um recurso a solidarizar jovens e adultos nas suas *tarefas cotidianas*, nos espaços e tempos escolares.

Escola nucleada rural: nesse sentido, uma educação que trabalhe em uma perspectiva dialética, onde a *escola* passe a entender o sujeito enquanto ser social que, ao refletir sua realidade possa transformar a sua *comunidade*.

Educação em assentamentos: relações (re)criadas no cotidiano do movimento social: a articulação entre movimento social e atores organizados da sociedade civil, na elaboração de *projetos educacionais* nos assentamentos rurais e algumas especificidades das práticas pedagógicas desenvolvidas nas *escolas dos assentamentos*.

Por que o local? A cidade como campo da Educação Popular: o viver, o habitar, os modos de uso, os processos de apropriação do espaço, enfim, as táticas cotidianas dos diferentes sujeitos no chão da *escola* e nos *territórios da cidade*.

“Mulheres em movimento”: lazer e educação no espaço urbano: a participação feminina no cenário das lutas sociais, com suas reivindicações no âmbito dos *bairros*; pela educação de seus filhos nas *creches*, na *educação infantil*, nas *escolas* de ensino fundamental e médio.

Jovens e ações públicas: espaços educativos de formação: examina os jovens e os *processos de formação* tendo como centralidades as relações com os *espaços públicos*.

Banheiros escolares – promotores de diferenças de gênero: práticas escolares que organizam o uso do *banheiro* sugerem a imbricação variável de gênero e sexualidade de acordo com concepções de natureza e cultura, gênero e sexualidade, bem como de práticas pedagógicas legítimas de educadoras escolares e familiares, que não são completamente explícitas no contexto da educação formal.

“Tirando cadeia”: processos de (trans)formação de jovens em cumprimento de medida socioeducativa de internação: observação; consulta às *atividades escolares* das jovens e a documentos da instituição; aplicação de questionários para monitores, equipe técnica, professores e jovens, no contexto de *medida socioeducativa de internação*.

Encontros nas ruas, nos museus e nos mercados: sobre processos identitários e alianças

da diáspora: a ação de *ir além dos muros da escola/da universidade* tem como intenção ampliar as possibilidades de experiência com o conhecimento em seu curso.

Os conselhos de classe: mecanismos de produção das desigualdades na escola?: Em toda *escola* existem os *Conselhos de Classe*, rituais coletivos em que os professores avaliam, julgam e classificam seus alunos.

A relação Trabalho e Educação na escola de assentamento Paulo Freire: um estudo de caso: as relações entre *trabalho* e educação presentes nessa *escola de assentamento* do Estado de Santa Catarina a partir de um estudo de caso, no qual se utilizou da pesquisa bibliográfica e de campo.

Saberes tradicionais e as possibilidades de seu trânsito para os espaços escolares: saberes tradicionais dos *Guarani e Kaiowá*, em Mato Grosso do Sul, e o trânsito desses conhecimentos e saberes para a *educação escolar*.

O que pode uma escola? Traços, riscos, sonhos: apostas de um sempre e novo começo: sentidos atribuídos por alunos em *medida socioeducativa* à *escola*, a partir de sua inserção na instituição de ensino.

Corpos e subjetividades trans* na escola e nos movimentos sociais: a reinvenção das tentativas de captura por meio das normativas oficiais: a reinvenção das normativas que regulam a *presença trans**²⁰ na *escola*.

Destacamos em *itálico* todo enunciado que remetia à intersecção da escola com algum espaço externo a esta. Em nosso arquivo, os problemas educacionais emergentes nos espaços vivenciais da cultura dos sujeitos estudados, se relacionam com as práticas educativas: o aluno periférico que não se adequa à escola; como construir escolas diferenciadas para indígenas e ribeirinhos; dentre outros. Na escolha dos *papers*, objetivamos dar a ver a pluralidade de espaços mobilizados pelos pesquisadores: igreja, ambientes urbanos ou rurais, bairros e instituições prisionais, dentre outros. Um dos aspectos muito explorados pelos artigos inscritos nesse eixo analítico é a educação popular, e a prática de relacionar a instituição escolar com outros espaços nos quais os sujeitos circulam é um método privilegiado por essa abordagem dos estudos educacionais:

A condição de fronteira sempre foi muito própria da Educação Popular, situada ela mesma no limite entre o formal e o informal, o vivido e o sonhado, o já e o ainda-não. O ainda-não é o modo como o futuro se inscreve no presente e o dilata

²⁰ Conforme nota de rodapé apresentada no *paper*, o termo *trans**, com asterisco no final, foi criado pelo movimento social, recentemente. Refere-se a todas as maneiras de se colocar no mundo que não correspondem à forma complementar e compulsória entre corpo e gênero.

(SANTOS, 2003, p.751), Identifica sinais, pistas ou traças as possibilidades futuras em tudo o que existe (SANTOS, 2003, p.753).

A díade educação formal e informal é um par importante nos estudos que mobilizam outras formas de educar, mesmo que em comparação com as práticas escolares. Na tabela a seguir, indicamos os pares comparativos identificados nos *papers* mobilizados:

Tabela 3: Relação escola e espaços não escolares.

ESCOLA	OUTROS ESPAÇOS
<i>escolas de fábrica</i>	<i>família</i>
<i>escola rural</i>	<i>identidade coletiva (comunidade campesina)</i>
<i>educação rural</i>	<i>espaços assistenciais ou religiosos</i>
<i>universidade</i>	<i>aldeias</i>
<i>escola</i>	<i>religião</i>
<i>escolarização</i>	<i>serAwá</i>
<i>escola</i>	<i>Convivênciacomenas diferenças</i>
<i>instituição</i>	<i>moralidade das classes populares</i>
<i>escolas</i>	<i>zonas de fronteiras internacionais</i>
<i>escola</i>	<i>tarefas cotidianas</i>
<i>escola</i>	<i>comunidade</i>
<i>projetos educacionais</i>	<i>escolas dos assentamentos</i>
<i>escola</i>	<i>territórios da cidade</i>
<i>creches, educação infantil, escolas</i>	<i>bairros</i>
<i>processos de formação</i>	<i>espaços públicos</i>
<i>Práticas escolares</i>	<i>banheiro da escola</i>
<i>atividades escolares</i>	<i>medida socioeducativa de internação</i>
<i>Escola</i>	<i>Conselhos de Classe</i>
<i>escola de assentamento</i>	<i>trabalho</i>
<i>educação escolar</i>	<i>Guarani Kaiowá (aldeia)</i>
<i>escola</i>	<i>medida socioeducativa</i>
<i>escola</i>	<i>Presençatrans*</i>

Os problemas pesquisados e as respectivas hipóteses investigativas identificadas em

nosso arquivo no eixo analítico referente ao espaço, trazem, na grande maioria, a comparação entre o espaço escolar e algum espaço não escolar no qual alunos, professores e demais atores escolares também circulam. Geralmente, a comparação se dá entre a escola e lugares frequentados cotidianamente pelos sujeitos – casa, templos religiosos, bairros etc. De toda sorte, há outra possibilidade de arranjos comparativos entre espaços, que é a mobilização de diferentes espaços intraescolares – o espaço da direção, do pátio, da sala de aula. Nos artigos selecionados, três versavam sobre possibilidades comparativas e analíticas que acontecem somente no interior da escola: o estudo dos banheiros escolares, do conselho de classe e da direção escolar. Não há possibilidade de identificar esse tipo de problemática em outro espaço de socialização, senão na escola. Esses estudos investem em uma perspectiva de conhecer o espaço escolar intensamente e, a partir dessa experiência, compreender de que forma se dão as relações sociais e de poder dentro da instituição. Trata-se de investigar: como professores julgam e classificam os alunos; como as diferenças de gênero se dão em espaços que diferenciam o gênero *a priori*; e como uma estrutura organizativa – a direção – desempenha um papel fundamental em todo o modo de funcionamento da escola.

Esses estudos, embora não ignorem que as experiências extraescolares sejam relevantes no espaço escolar, seguem a linha argumentativa de identificar relações e acontecimentos sociais que são possíveis apenas na escola e, por tal motivo, são essenciais para compreender processos educacionais. Em nosso arquivo, identificamos que ao relacionarmos educação e antropologia, os estudos que apenas mobilizam espaços intraescolares são minoritários porém presentes. Nessa perspectiva vimos que os espaços intra e extraescolares são relacionados fortemente pelo marcador cultura, trazida pela vivência cotidiana dos sujeitos estudados.

Nesse momento, retomamos uma constatação que apresentamos no primeiro capítulo, a qual versa sobre a forte presença do inter cruzamento das problemáticas da cultura com as pesquisas realizadas na escola, no campo da antropologia. As preocupações com a cultura por parte de quem pesquisa educação, trazem para a área da educação a importância de relacionar os espaços intra e extraescolares, possibilitando o estudo da escola em perspectiva com a cultura local dos alunos e professores.

Assim, ao relacionarmos a antropologia e a educação como princípio fulcral para a seleção dos papers a serem estudados, vimos que a cultura é um marcador muito importante do arquivo. Ou seja, quando os trabalhos interseccionam educação e cultura, os estudos que se resumem ao espaço da instituição escolar tendem a ter menor dimensão frente aos estudos que relacionam a escola com a vida cotidiana dos sujeitos estudados. Desse modo, mapeamos a

forte influência de pesquisas na área da cultura nas problematizações entre o cotidiano vivido na escola e do cotidiano vivido fora da escola. Desse modo, a concentração dos trabalhos se deu entre a escola e espaços extraescolares, o que para nós indica a importância das questões identitárias nos estudos que relacionam educação e cultura. Uma vez que as identidades estão fortemente relacionadas às espacialidades nas quais os sujeitos circulam – jovem periférico, jovem quilombola, jovem indígena etc.

Portanto, em nosso arquivo, é um relevo importantíssimo o cruzamento entre pesquisas em perspectivas culturais e educação. Evidencia-se a presença de uma categoria de aluno/professor que não se pressupõe universal. Assim, na produção de estudos que interseccionem as questões identitárias e a educação, mostra-se necessário cruzar o espaço da escola com espaços alheios a ela. Tal cruzamento é fundamental para a identificação das chamadas pautas identitárias.

O termo *pauta identitária* tem sido amplamente conhecido nos últimos cinco anos, em função de seu uso por movimentos sociais que reivindicam identidades como ferramentas políticas para a luta por direitos, invertendo o jogo identidade-alteridade. Em nosso arquivo, é possível identificar identidades, educação e direitos desde seu início, em 1995. A inversão causada por essas pautas diz respeito ao próprio sujeito reivindicar identidades que muitas vezes foram atribuídas pelos próprios pesquisadores em seus trabalhos de campo. O binômio *identidade e alteridade*, mobilizado na presente pesquisa, não trata apenas de identificar as diferenças entre nós e eles, mas como os discursos da diferença circulam nos *lôcus* de pesquisa²¹.

Assim sendo, os estudos que relacionam cultura e escola trazem a escola interseccionada com algum outro espaço ou fato *outsider* da escola tradicional, mobilizando algum eixo “não-educacional”. Para tais estudos, é impossível dissociar processo educativo da vida vivida:

Contudo processos educativos ocorrem em meio à vida vivida, como parte das relações humanas que não se restringem ao espaço da escola, como é suposta em sociedades como a nossa. E, nesse sentido, é que se podem pensar as possibilidades de uma antropologia da educação ou as relações entre antropologia e educação (GUSMÃO, 2015, p. 21).

Portanto, pesquisas em perspectivas culturais no campo da educação pretendem espalhar os processos educativos para além das práticas escolares. Nesse ponto, destacamos que dos 25 artigos analisados neste eixo, oito são oriundos do GT Movimentos Sociais

²¹ No capítulo três trataremos detidamente deste binômio, contudo, no eixo espaço a alteridade têm papel imprescindível.

eEducação, da Anped. Apontando, em grande medida, para o fato de esses estudos estarem estreitamente ligados a processos e práticas sociais organizativos que acontecem fora da escola, tornando-os uma problemática para a educação. Desse modo, a maioria dos *papers* analisados contempla corpos que circulam e carregam, em si, marcas dessa circulação. Há um esforço em definir os sujeitos pesquisados não mais a partir da categoria universal de ser humano, mas de aspectos que os diferenciem do homem universal imperativo²².

Os trabalhos de campo versam sobre o imiscuir das realidades cotidianas de indígenas, alunos de periferia, negros, mulheres e LGBTs no cotidiano escolar, e investigam como a intersecção das expectativas das práticas educativas se choca com as performances dos grupos estudados. É necessário pontuar que não apenas os sujeitos escolares são postos em relação com às distintas identidades que possuem – aluno e indígena, por exemplo –, como a própria escola é deslocada do lugar estanque da instituição urbana que tem uma padronização de espaços: pátio, salas, quadras, refeitórios etc. Nesse deslocamento da instituição escolar, é necessário afastá-la do imaginário social atribuído à escola, de modo que são adicionados elementos identificadores que dão a ver outras possibilidades de escolarizar espaços: *escolas de fábrica, escola rural, escola de assentamento e escolas indígenas*.

As universidades também sofrem uma pequena rotação em sua descrição, pois muitos trabalhos do acervo, principalmente após 2006 – período de implementação de variados programas sociais para acesso à universidade –, inserem no cotidiano dessas instituições a presença de alunos cotistas – indígenas, quilombolas, camponeses, cotistas etc.

Não são todos os trabalhos que citam a instituição escolar, contudo, ao mobilizarem práticas escolares no cotidiano, mantém a instituição escolar num horizonte comparativo. Em outras palavras, embora a escola não seja o espaço no qual se desenvolva a problemática de pesquisa, ela mantém uma relação com a problemática em si, ao se pensar alternativas ao modo escolar de educar. Graça Braga e Marcos Duarte (2014), em artigo intitulado *Estudos Culturais, Educação e Processos identitários: juventude, gênero e raça*, argumentam que:

Para Libâneo (2005) “o ato de agir pedagógico, está, portanto em investigar constantemente o conteúdo do ato educativo em sua complexidade de sentidos, entre eles o multifacetado”. O argumento do autor nos convida enquanto profissionais da educação e pesquisadores (as), a pensar no papel da educação frente a esta realidade, assim como, na presença dos sujeitos envolvidos em sua diversidade cultural e étnico/racial (BRAGA; DUARTE, 2014).

Desse modo, *olócus* analisado nos artigos selecionados é mobilizado, justamente, para dar conta da diversidade dentro dos espaços escolares e, para investigar as diferenças

²² Não existem em nosso arquivo trabalhos que versem sobre Kant, por exemplo.

dentro da escola, faz-se necessário investigar os espaços nos quais as diferenças emergem – o quilombo; o bairro periférico; a aldeia indígena. Desse modo, ao fazermos o recorte dos *papers* em nosso acervo, buscamos primeiramente constatar quais espaços eram mais presentes nas pesquisas, o que nos permitiu identificar o espectro dos espaços mais citados em nosso arquivo. Dos 25 artigos, um versa sobre a família, três sobre questões étnicas, dois sobre religião, dois sobre espaços rurais, dois sobre diversidade sexual, cinco sobre a periferia, dois sobre instituições que abrigam menores infratores, um sobre escolas em fronteiras brasileiras, e três sobre espaços intraescolares.

Constatamos que o *lôcus* do problema educacional proposto é a casa do lavrador, o salão da igreja do bairro, ou seja, quaisquer espaços nos quais possam ser investigados os sujeitos em relação ao conhecimento escolar, mesmo que fora da escola. Mesmo que por oposição, a escola é o maior referente de educação do arquivo. As práticas escolares estão em constante embate com as práticas sociais dos sujeitos, seja por aproximação seja por distanciamento. Ao lermos os artigos, constatamos que as pesquisas fazem convergir ambos os espaços, seja para buscar soluções para as divergências entre eles, dispô-los em consonância ou travar um diálogo entre os dois.

Desse modo, em nosso arquivo, essas três dimensões – formal, não formal e informal – estão diretamente ligadas e se retroalimentam. A circulação dos sujeitos entre vários espaços trava uma relação entre o que se aprende dentro da escola e o que se aprende fora dela. Chegamos à conclusão de que na relação entre os estudos culturais, a antropologia e a educação, a escola ainda é o principal referente das pesquisas. Os problemas educacionais emergem principalmente por questões escolares, adjacentes à escola, ou pela ausência desta. A escola se dá como eixo central da educação, ainda, mas a investigação dos problemas educacionais emergentes na escola se dá em relação a espaços externos uma vez que a cultura dos sujeitos escolares é mobilizada como principal categoria analítica em nosso arquivo.

Para nós, essas relações entre os diferentes espaços não são uma forma de delimitar espaços e opô-los. Mostram-nos a circulação entre os espaços e como, em cada um deles, as relações sociais são estabelecidas. Em *Em defesa da sociedade*, Foucault (1999b) diz, ainda, que a diferenciação entre os espaços, e os espaços devidos para cada corpo não enclausuram corpos – indígenas em suas aldeias, quilombolas nos quilombos, camponeses no meio rural etc. –, mas os distribuem e os fazem circular em uma rede de relações sociais.

Muitos trabalhos apontam para a diferença de pertencimento nos lugares de convívio diário – a casa, a rua, a periferia– e a escola, evidenciando que um mesmo sujeito pode travar diferentes relações em diferentes espaços, que só são constatadas a partir da circulação desse

sujeito. Por fim, a escola e o bairro, a rua, a casa não são espaços clivados, eles estão mesclados, confundem-se, ao mesmo tempo em que opõem e rivalizam, compondo uma malha de comunicação acirrada. Desta forma, a relação entre espaços é a primeira porta para os estudos interdisciplinares entre educação e antropologia, pois é nessa intersecção que emerge a necessidade de se debruçar sobre os estudos das diferenças dos espaços e dos sujeitos.

3 A construção da alteridade nos *papers* selecionados: quando o campo é o próprio homem

Após adentrarmos à porta dos *espaços* e atravessarmos a entrada dos estudos interdisciplinares entre educação e antropologia, vimos a emergência dos estudos das diferenças na intersecção dos espaços escolares e extraescolares, pelos quais os sujeitos estudados circulam. Passemos a seguir mais uma linha de nosso emaranhado discursivo, neste ponto - a construção da alteridade. De maneira mais assertiva, trata-se de discutir como os pesquisadores de antropologia e de educação constroem suas hipóteses investigativas ao direcionarem-se ao outro, ao pesquisado.

Como anunciado anteriormente, iniciaremos com a disposição de todos os *papers* que compuseram a fundamentação argumentativa deste eixo analítico:

Tabela 4: *Papers* analisados no eixo “construção da alteridade”

MESA	TÍTULO
ABA	
FP Antropologia e Educação Sessão Temática/ Antropologia e Etnologia da Prática Educativa/ Bloco A - Educação Indígena	A Educação Escolar Indígena no Paraná.
CC Educação Diferenciada	Antes e Depois do Olhar Antropológico Sobre a Etnia Cabocla
FP Antropologia e Educação: Ensino e Pesquisa 1ª Sessão: Ensino de Antropologia em Outros Cursos	“Professor, Sou muito Etnocêntrica!”, ou: Relato Sobre a Dupla Dimensão da Descoberta da Antropologia em Sala-de-Aula (p. 95)
Fórum de pesquisa em antropologia e educação	Saberes dos Povos da Mata Amazônica e a Natureza
GT Desafios Contemporâneos para uma Antropologia da Educação Educação: ensino, pesquisa e políticas de igualdade	Movimentos Identitários, Educação e Povos Indígenas: novos desafios para a antropologia da educação
GT Antropologia e Educação Entre Saberes, Práticas e Aprendizagens	Mais Além das Diferenças: a sociedade civil e a educação para a diversidade cultural
GT não identificado	A Diversidade Cultural em Sousa-PB: analisando interações sociais entre ciganos e não ciganos
GT Antropologia e Educação: construindo diálogos na interface	Literatura Negra Infanto-Juvenil: discursos afro-brasileiros em construção
ANPED	
Movimentos Sociais e Educação	As Representações Culturais de Gênero e Raça na Constituição da Masculinidade e do Corpo dos Homens Negros do Grupo Afro-Católico Maçambique de Osório
Movimentos Sociais e Educação	Quem são os negros? Classificação racial no Brasil: aproximações e divergências

Educação Popular	A Cor e o Gênero dos Perdedores
GE Afro-Brasileiros e Educação	Educação e Desigualdade Racial. Políticas de Ações Afirmativas
Movimentos Sociais e Educação	O Processo de Escolarização entre os Xacriabá: explorando alternativas de análise na antropologia da educação
GE Gênero, Sexualidade e Educação	Sexos, Sexualidades e Gêneros: monstrosidades no currículo da educação sexual
Educação Popular	O Acesso das Classes Populares à Universidade: implicações para a construção de sua identidade cultural
Sociologia da Educação	Jovens Universitários de Origem Popular: alterando percursos
Educação Popular	Exames Nacionais e Subalternização das Classes Populares
Educação Popular	Os Filhos da Zona: expectativas, cotidianos e pensares de profissionais do sexo sobre a educação escolar de seus filhos
Movimentos Sociais e Educação	Juventude: entre a indisciplina e a zoação
Movimentos Sociais e Educação	Intérpretes de Si: narrativas identitárias de jovens em conflito com a lei
Sociologia da Educação	Em busca de alunos "mais calminhos": processos ocultos de seleção de alunos em escolas públicas
Educação e Relações Étnico-Raciais	A Relação Escola-Terreiro na Perspectiva de Famílias Candomblecistas
Educação e Relações Étnico-Raciais	O Novo PNE e a Educação para as Relações Étnico-Raciais: urgências para o currículo de formação inicial docente

No início do curso de Ciências Sociais, em pelo menos dois semestres estudam-se as principais ferramentas da antropologia. Nas discussões que irão introduzir o futuro cientista social ao fazer antropológico, estão presentes três categorias fundamentais: *identidade*, *alteridade* e *etnocentrismo*. Desse modo, o estudante de antropologia terá como primeiro exercício formativo pensar sua relação e implicação ao pesquisar outros seres humanos. Em uma leitura da experiência do João Ubaldo Ribeiro, Nancy Rita Vieira Fontes (2000) diz:

Os conceitos de identidade e alteridade apresentam uma estreita ligação; entre eles existe uma relação de reciprocidade. Do mesmo modo que a noção da alteridade se constitui só a partir de um marcado “eu”, a mera presença do outro diferente de mim dá que pensar sobre as condições desta minha identidade (FONTES, 2000, p. 2).

Trata-se, portanto, de categorias que se retroalimentam: uma não existe sem a outra.

No âmbito do *etnocentrismo* discute-se intensamente como, no nascimento da antropologia, o evolucionismo – século XIX – influenciou a maneira pela qual os antropólogos olhavam para as populações ditas primitivas com superioridade. Nessa perspectiva evolucionista da antropologia, o homem europeu é colocado no centro e os outros grupos sociais são pensados a partir daquele modelo de humanidade. Para Norma Telles (1987), o etnocentrismo

Compõe-se de uma valorização positiva do próprio grupo, e uma referência aos grupos exteriores marcada pela aplicação de normas do seu próprio grupo, ignorando, portanto, a possibilidade de o outro ser diferente (TELLES, 1987, p. 75-6).

Esse modelo de pensar a alteridade – o outro – em situação de inferioridade em relação a si – identidade – é refutado e deslegitimado pelo fazer antropológico contemporâneo. Contudo, não se considerar superior ao outro não anula as tensões entre o pesquisador e o sujeito estudado. Em *A Aventura Antropológica*, livro organizado por Ruth Cardoso, Alba Zaluar (2006), no artigo intitulado *Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas*, abre sua reflexão acerca do trabalho do antropólogo, dizendo:

Recentemente tivemos concretizado entre nós um projeto da antropologia – o de transformar os antropólogos em nativos deles mesmos – como a busca da matriz disciplinar, ou seja, de articulação sistemática de um conjunto de paradigmas coexistentes e eficazes ao mesmo tempo (ZALUAR, 2006, p.107).

[...] No entanto, o pesquisador não some do mesmo jeito. Ele não deixa de ter seu próprio projeto intelectual, sua própria linguagem e sua própria forma de se comunicar com seus pares, tudo isso manifestado sem disfarces na obra final de sua autoria (ZALUAR, 2006, p.112).

A longa reflexão de Zaluar (2006) versa sobre as subjetividades postas no momento do trabalho de campo – como os antropólogos refletem sobre seus gestos de pesquisa e como suas subjetividades são implicadas no fazer antropológico, no contato com o outro. Zaluar (2006) apresenta nessas linhas uma preocupação que circula em nosso arquivo. Muitos pesquisadores demarcam os locais dos quais falam – professora em busca da resposta ao fracasso escolar²³, morador periférico em busca de identificar elementos educacionais nas periferias, dentre outros – imiscuindo, desse modo, o pesquisador com o objeto pesquisado.

Contudo, para nós, a relação entre o “eu” e o “outro”, identificada em nosso arquivo, supera as relações individuais *pesquisador* e *pesquisado*. Propomos ao leitor uma compreensão da construção da alteridade a partir da circulação dos discursos acadêmicos – identificados em nosso arquivo – das práticas escolares, e como esses discursos tratam sobre o *outro*. Desse modo, não se trata de uma professora pesquisando seus alunos, mas o que dizem os discursos que circulam nos locais nos quais se pensa as práticas escolares, em relação à alteridade implicada na investigação de cunho educacional.

Assim, ao trazermos elementos centrais referentes à alteridade, nosso empenho não será o de definir o que é alteridade, como interpretá-la ou julgar o modo como os artigos

²³Embora a nossa discussão não vá enveredar pela conceituação de *fracasso escolar*, se faz necessária uma pontuação, o fracasso escolar está presente nos *papers* analisados, principalmente nos que tratam de educação popular, genericamente como toda consequência da não apropriação da aprendizagem por parte do aluno: a não alfabetização, problemas de indisciplina e a evasão escolar. Há de se considerar que muitas vezes essa categoria é demarcada como a-histórica, como se sempre tivesse existido, de forma essencializada. Em nosso arquivo percebemos que ela pode ser definida de diferentes formas, haja visto a problemática do pesquisador. Porém, há uma semelhança nos estudos: o fracasso escolar é um problema a ser resolvido, a escola precisa ser mudada para que se combata seu fracasso.

apresentam o outro. A partir do entendimento da alteridade como eixo em relevo nos *papers* selecionados, dispusemos todos os enunciados recorrentes em relação à diferença, ao *alther*.

Nesse caso, o outro apresentado pelos artigos está fora da academia e das práticas escolares; o outro é o educando que se diferencia do educador. Sendo o educando o sujeito que possui um saber diferente do escolar, entretanto carece do saber escolar, por algum motivo: seja por acesso à cidadania, seja para enfrentar o fracasso escolar ou para proteger a sua própria *cultura* por meio da adequação da escola às outras formas de escolarização. Para as relações entre educação e antropologia, o homem imerso na cultura é um problema a ser investigado.

Para Foucault (2007), as problemáticas das ciências humanas se dão a partir da emergência histórica do homem como um problema, problema que criava o próprio modo de estudar o homem, em disputa com a filosofia clássica:

O homem tornava-se aquele a partir do que todo conhecimento poderia ser constituído em sua evidência imediata e não problematizada; tornava-se, *a fortiori*, o que autoriza o questionamento de todo conhecimento do homem. Daí esta dupla inevitável contestação: a que forma o perpétuo debate entre as ciências do homem e as ciências *tout court*, tendo as primeiras a pretensão invencível de fundar as segundas, que sem cessar são obrigadas a procurar seu próprio fundamento, a justificação de seu método e a purificação de sua história, contra o “psicologismo”, contra o “sociologismo”, contra o “historicismo”; e a que forma o contínuo debate entre a Filosofia que objeta às Ciências Humanas a ingenuidade com a qual elas procuram fundar-se a si mesmas, Ciências Humanas que reivindicam como seu próprio objeto o que teria outrora constituído o domínio da Filosofia (FOUCAULT, 2007, p.356-357).

Assim, propomos como um movimento de leitura de nosso arquivo o que os estudos em educação e em antropologia dizem a respeito do outro, e como esses estudos se diferenciam desse outro estudado. De modo geral, os pesquisadores investigam o fracasso escolar, a indisciplina, a não adequação dos sujeitos às práticas escolares. Temos que convir que quem diz que o outro deve ser disciplinado é o próprio discurso acadêmico, e que quem quer combater o fracasso escolar são as práticas escolares. Desse modo, a nossa disposição das fontes, neste capítulo, buscou dar a ver *como* e *o que* se diz sobre o outro nas pesquisas educacionais, e como essas pesquisas constroem essa alteridade. E a primeira pista que colocamos é que tais discursos, de certo modo, buscam resoluções para a humanização em relação a essa alteridade.

Em *O que é Racismo Estrutural*, Silvio de Almeida (2018) diz:

O século XVIII e o projeto iluminista de transformação social deram impulso renovado à construção de um saber filosófico que tem o homem como principal objeto. O homem do iluminismo não é apenas o sujeito cognoscente do século XVII celebrado pela afirmação cartesiana *penso, logo existo*, é também aquilo que se pode conhecer; é sujeito, mas também objeto do conhecimento. A novidade do iluminismo é o conhecimento que se funda na observação do homem em suas

múltiplas facetas e diferenças “enquanto ser vivo (biologia), que trabalha (economia), pensa (psicologia) e fala (linguística)”. Do ponto de vista intelectual, o iluminismo constituiu as ferramentas que tornariam possível a comparação e, posteriormente, a classificação, dos mais diferentes grupos humanos a partir das características físicas e culturais (ALMEIDA, 2018, p.20).

O que evidenciamos, então, é a herança da antropologia e da educação em relação a esse movimento iluminista de estudar o homem discursar sobre ele. A oposição posta entre a possibilidade de um homem universal e o outro – abandonada há muito tempo pelas ciências humanas – coloca-se em nosso arquivo a partir das questões identitárias marcadamente presentes nos estudos que interseccionam cultura e educação. A oposição deixa de ser entre o homem universal e o outro, e passa a ser entre o conhecimento escolar e o conhecimento do indígena, do quilombola, do ribeirinho. E evidencia-se a tentativa de direcionar o conhecimento escolar ao conhecimento do outro. Assim, no que diz respeito ao aluno estudado nos *papers*, não se trata de uma categoria universal de aluno, mas de um aluno que sempre vem acompanhado de uma problemática identitária – indígena, negro, LGBT, dentre outros.

Em outras palavras, a construção da alteridade nos *papers* apresentados intenta romper com a categoria do *aluno universal*. A maioria dos artigos demonstra a busca por uma pesquisa horizontal e que respeite o seu interlocutor. Só que, para isso, sempre é necessário adicionar uma categoria identitária. A categoria aluno, por si só, em nosso arquivo, parece não dar a ver quem é o objeto do estudo. É necessário qualificar. Nessa perspectiva, não apresentaremos oposições categóricas entre o pesquisador e o pesquisado, na qualidade de indivíduos. Pretendemos dispor como os discursos produzidos pelos estudos em educação se direcionam ao outro que deve ser educado e escolarizado.

No exercício de mapear os enunciados mais frequentes no eixo alteridade, selecionamos, dentre as pesquisas catalogadas, classificadas e organizadas, 23 artigos. Frente a essa seleção, foram feitas as primeiras perguntas para mapear como foi construída a alteridade nesse *corpus* documental, e a partir de qual perspectiva os pesquisadores propunham suas problematizações no que diz respeito ao objeto estudado, quais sejam: 1) quais foram as perguntas mais recorrentes voltadas aos sujeitos estudados; 2) quais descrições desses sujeitos foram realizadas nos estudos; 3) quais as metodologias de pesquisa mais utilizadas; e 4) que posição o pesquisador atribuiu a si na pesquisa.

Essas perguntas endereçadas ao arquivo levaram-nos a classificar os enunciados em um tripé que se mostrou em relevo: *origem social, questões étnico- raciais e de gênero*, e *sucesso escolar*. Essas três categorias não são puras, em muitas pesquisas elas se

subordinavam ao recorte de observação feito pelos investigadores. A seguir, apresentamos os enunciados destacados:

A educação escolar indígena no Paraná: *capacitação ministrada pelas Universidades de Londrina e de Maringá para professores indígenas e nacionais que atuam nas escolas indígenas dos dois postos.*

Antes e depois do olhar antropológico sobre a etnia cabocla: busca de alternativas para o desenvolvimento de uma agricultura pautada pelos princípios da agroecologia e assessoria política ao estimular e fortalecer a organização social e política desses *trabalhadores rurais pobres*, por meio da *Educação Popular*.

“Professor, Sou muito Etnocêntrica!”, ou: Relato Sobre a Dupla Dimensão da Descoberta da Antropologia em Sala de Aula: as possibilidades do diálogo interdisciplinar, o que permitiu aos estudantes uma descoberta: de uma perspectiva geral, a *relativização de seus valores culturais*.

Saberes dos povos da Mata Amazônica e a Natureza: método de observação, experimentação, comprovação, e compreensão sobre a relação híbrida entre o humano e o não-humano, utilizados pelos povos da mata, tornam-se fundamentais no processo de produção de conhecimento. O *saber dos povos da mata* representa uma via de análise não superposta ou subposta ao *conhecimento científico cartesiano*.

Movimentos identitários, educação e povos indígenas: novos desafios para a antropologia da educação: os processos de construção de *identidades indígenas* que se convergem para a *área da educação*.

Mais além das diferenças: a sociedade civil e a educação para a diversidade cultural: a *diversidade cultural* não se realiza como consequência natural de nossas diferenças, mas como decorrência de um processo de educação, de formação cultural e construção política. O trabalho traça os *desafios* que tais questões apresentam tanto para os *antropólogos* quanto para os *educadores*.

A diversidade cultural em Sousa-PB: analisando interações sociais entre ciganos e não ciganos: os processos de interação cultural entre *ciganos e não ciganos* na cidade de Sousa-PB, especialmente por meio das relações sociais – ou sua ausência – que são travadas dentro da *Escola Estadual Celso Mariz*, que a atende a população cigana ali residente.

Literatura Negra Infanto-Juvenil: discursos afro-brasileiros em construção: a possibilidade de estarmos diante da produção de um novo discurso sobre a história brasileira e o *lugar do negro* dentro dela, sobre as relações raciais no Brasil e as relações históricas e

culturais entre África e Brasil e a emergência de um *público leitor sensível* às temáticas das relações inter-raciais e da diversidade.

As representações culturais de gênero e raça na constituição da masculinidade e do corpo dos homens negros do grupo afro-católico Maçambique de Osório: como as *representações culturais* produzem *identidades* e acarretam mudanças, tanto no modo de construir, relacionalmente, a masculinidade, quanto na produção de um corpo educado, no contexto de um ritual religioso, racializado, generificado e sexualizado.

Quem são os negros? Classificação racial no Brasil: aproximações e divergências: no Brasil existe um sistema de hierarquização social em que a *cor* se associa ao *status* social para definir o *lugar das pessoas*.

A cor e o gênero dos perdedores: a complexa rede de relações e representações que as fotografias publicadas na mídia carregam, e a possibilidade de iniciar os contornos de uma discussão sobre como tais imagens operam na produção de *representações sobre educação e na constituição de identidades dos atores escolares*.

Educação e Desigualdade Racial: políticas de ações afirmativas: dentro das políticas de ações afirmativas caberá à *educação*, e particularmente aos educadores, o desafio de propor ações que efetivamente possam rever o processo de exclusão da *população negra* dos bancos escolares.

O processo de escolarização entre os Xacriabá: explorando alternativas de análise na antropologia da educação: a forma como a “cultura invisível” será ativada e significada dependerá em grande parte das “forças da comunidade” ou seja, da forma como os *Xacriabá* interpretam a própria *experiência escolar* e o sentido que atribuirão à escola no processo de afirmação da própria identidade e da busca de garantias quanto ao direito à escola diferenciada.

Sexos, sexualidades e gêneros: monstrosidades no currículo da educação sexual: como fenômeno metafórico cultural “os monstros” subordinam-se aos *padrões hegemônicos da cultura normativa*, ao mesmo tempo em que *resistem* a eles. Essa resistência permite que, na educação sexual, os processos constituintes da normalidade e da desigualdade possam ser permanentemente postos em questão.

O acesso das classes populares à universidade: as implicações que o acesso à *universidade* tem para as *classes populares* na construção de sua identidade cultural.

Jovens universitários de origem popular alterando percursos: fatores que favorecem alguns jovens a fugir do “destino” de *marginalidade e exclusão* a que esses setores da sociedade estão “sentenciados” e chegar à *universidade pública*.

Exames nacionais e subalternização das classes populares: os *exames nacionais* como parte dos processos em que a democratização da escola pública se articula à produção de *subalternidade*, integrando as *práticas educacionais* aos *processos de colonialidade do saber*, do fazer e do ser, mas também colocando esses processos em tensão.

Os filhos da Zona: expectativas, cotidianos e pensares de profissionais do sexo sobre a educação escolar de seus filhos: a pesquisa evidencia a existência de um contexto que exclui a *mulher profissional do sexo* e naturaliza a desigualdade sob códigos e normas que vulnerabilizam, além destas, a *sua prole* e de que modo a *escola* participa do processo educacional dessas crianças.

Juventude: entre a indisciplina e a zoação: é nesse embate entre as lógicas *discentes* e *docentes* que é estabelecido o veio analítico na percepção de que nem tudo nomeado como *indisciplina* é também nomeado assim pelos alunos: a *zoação* como categoria nativa dos alunos no espaço escolar.

Intérpretes de si: narrativas identitárias de jovens em conflito com a Lei: o intuito é dar relevo aos *processos identitários* de uma juventude específica, que narra seu cotidiano a partir do *espaço de confinamento*.

Em busca de alunos "mais calminhos": processos ocultos de *seleção de alunos* em escolas públicas: o exame das relações de *concorrência entre escolas* por estudantes, manifestada por processos seletivos ocultos, bem como da função desses processos e de seus mecanismos de efetivação.

A relação escola-terreiro na perspectiva de famílias candomblecistas: como os *praticantes do candomblé* compatibilizaram a escolarização com suas “obrigações religiosas”; como os pais veem as responsabilidades da *escola* e da *religião* no processo de educação dos filhos; quais as expectativas dos pais com relação à *escolarização dos filhos*.

O novo PNE e a educação para as relações étnico-raciais: urgência para o currículo de formação inicial docente: sob novas epistemologias e sob uma abordagem intercultural crítica, com vistas à implementação efetiva de *Educação para as Relações Étnico-Raciais* nos *currículos de formação inicial docente*.

Para facilitar a identificação dos enunciados, os dispusemos em pares relativos à *alteridade* e à *identidade* (Tabela 5).

Tabela 5: enunciados *identidade* e *alteridade*

IDENTIDADE	ALTERIDADE
<i>capacitação ministrada pelas Universidades/professores nacionais</i>	<i>Professores indígenas</i>
<i>educação popular</i>	<i>trabalhadores rurais pobres</i>
<i>relativização de seus valores culturais</i>	<i>culturas divergentes</i>
<i>conhecimento científico cartesiano</i>	<i>saber dos povos da mata</i>
<i>Área da educação</i>	<i>identidades indígenas</i>
<i>antropólogos/educadores</i>	<i>Diversidade cultural</i>
<i>escola estadual/não ciganos</i>	<i>ciganos</i>
<i>público leitor sensível</i>	<i>lugar do negro</i>
<i>representações culturais/grupo afro-católico</i>	<i>identidade</i>
<i>lugar das pessoas</i>	<i>cor</i>
<i>representações sobre educação</i>	<i>constituição de identidades dos atores escolares</i>
<i>educação</i>	<i>população negra</i>
<i>experiência escolar</i>	<i>Xacriabá</i>
<i>padrões hegemônicos da cultura normativa</i>	<i>resistem</i>
<i>universidade</i>	<i>classes populares</i>
<i>universidade pública</i>	<i>marginalidade e exclusão</i>
<i>Exames nacionais/práticas educacionais</i>	<i>subalternidade/processos de colonialidade do saber</i>
<i>escola</i>	<i>Mulher profissional do sexo/prole</i>
<i>docentes/indisciplina</i>	<i>discentes/zooação</i>
<i>espaço de confinamento</i>	<i>processos identitários</i>
<i>Escolarização dos filhos</i>	<i>praticantes do candomblé</i>
<i>Formação inicial docente</i>	<i>étnico-raciais</i>

A disposição em pares de oposição entre a universidade/escola/instituições governamentais e o negro/índigena/camponês/pobre/LGBT revela duas atividades para o primeiro conjunto de sujeitos: educar o outro e formar profissionais que sejam capazes de educar populações que diverjam de sua cultura. Para o segundo conjunto de atores, resta: dialogar com a cultura que seja diferente da sua, ser educado e resistir. Ao analisarem as instituições sobre o fracasso de educar, os pesquisadores apontam para o fato de que os alunos

resistem porque as instituições ensinam mal e não conversam com as culturas e necessidades locais.

Desse modo, há uma onipresença, em nosso arquivo, do gesto de levar a escola e a escolarização em direção ao outro, seja para desenvolver métodos de ensino adequados, seja para constatar o que ocorre de errado no ato de escolarizar, identificando as causas da resistência à escolarização. Tratamos, aqui, de escolarização como a necessidade de levar o conhecimento secular escolar para populações que sejam divergentes. Em outras palavras, escolarizar não significa reproduzir escolas tradicionais, tais quais as conhecemos, mas do ato de criar outras possibilidades de escola. No limite, ainda estamos criando escolas.

Outro relevo do acervo é a definição da educação como porta de acesso à cidadania e emancipação desses grupos na luta por direitos. Dessa forma, a educação é um esteio para a luta por garantia de políticas públicas de Estado para essas populações. O sujeito educado pode entrar no jogo discursivo dos direitos, os quais devem ser providos pelo Estado. Quando o pesquisador pergunta o porquê de a população negra não estar na escola, ele identifica a precarização do acesso dessa população à cidadania, pois o conhecimento escolar é fator importante nas desigualdadessociais, uma vez que ter acesso a esse conhecimento é um importante marcador de diferença na sociedade - uma pessoa que lê tem muito mais acesso a direitos do que uma pessoa que não lê. Obviamente não estamos dizendo que as populações não devam acessar a escola ou a universidade. O que estamos evidenciando é como o discurso acadêmico acerca da escolarização trata a escola em contraposição a quem não se adequa, não está ou não tem escola.

Os problemas educacionais das populações rurais, periféricas e étnicas, dentre outras, ponderam sobre como se deve fazer para que tais populações estejam em uma escola, mesmo que seja necessário repensar essa instituição. Não constatamos trabalhos que versem sobre o conhecimento popular/tradicional como uma porta de acesso à cidadania. No viés educacional, o acesso à cidadania está em ter acesso ao ensino secular.

Dentre os *papers* analisados, trataremos especificamente de dois artigos que não mobilizam diretamente “escola e outro”. O artigo *Literatura Negra Infanto-Juvenil: discursos afro-brasileiros em construção* não relaciona o outro com a escola, mas discute de que maneira a literatura que contempla a questão racial pode sensibilizar leitores frente à questão do racismo. Esse artigo não parece conversar diretamente com a maioria dos problemas educacionais dispostos em nosso acervo. Ele trata como um problema educacional o combate ao racismo. Ainda assim, ele se volta para a escola por outro caminho que não a relação direta

com os sujeitos, mas com a formação de leitores sensíveis nos bancos escolares: a questão, ainda, passa pela escola como forma de relacionar formas diferentes de cultura.

O segundo trabalho que não se refere diretamente sobre a diáde “escola e outro” é o artigo *Em busca de alunos “mais calminhos”: processos ocultos de seleção de alunos em escolas públicas*. Esse *paperver* sobre os dispositivos que algumas escolas dispõem para a seleção dos melhores alunos, tendo em vista a grande demanda de vagas nessas instituições. Trata-se de escolas modelo, centrais ou com bom desempenho em exames nacionais que, pela ampla demanda de vagas, selecionam os alunos, mesmo que ocultamente, pelas notas e cartas de recomendação. Nesse caso, o pesquisador identifica uma escola que não quer dialogar com a alteridade: o aluno fracassado. Para nós, esse trabalho também mobiliza a fórmula “escola e outro”, pela oposição. Ela se recusa a aceitar o outro, mas para definir quem ela não aceita, ela deve definir a alteridade a ser recusada.

Constatamos que o modo como as perguntas em relação ao outro são construídas dá conta de investigar o fracasso escolar como um problema existente, e muitas vezes tratado como problema trans-histórico, naturalizado, para o qual se empreende uma busca constante em sanar. O fracasso escolar se converte, nesse sentido, numa espécie de jargão acadêmico que identifica a inadequação de alunos ao ambiente escolar. Na análise aqui empreendida, o fracasso escolar remete à inadequação de populações aos espaços escolares e, com a observação e sistematização da cultura do outro, se buscaria alcançar soluções para esse fracasso. A escola é, nesse sentido, o maior referente, por oposição, da alteridade.

Nos cadernos Ditos e Escritos IV, Foucault (2012) disserta sobre a ideia de loucura:

Fizeram-me dizer que a loucura não existia, enquanto o problema era absolutamente inverso: tratava-se de saber como a loucura, sob as diferentes definições que pudemos lhe dar num momento dado, pôde ser integrada num campo institucional que a constituía como doença mental, adquirindo um determinado lugar ao lado de outras doenças (FOUCAULT, 2012, p.204).

Provocadas por esse modo por meio do qual Foucault pensa a loucura, direcionamo-nos para a possibilidade de o fracasso escolar não ser um acontecimento, em si. Ele seria um modo explicativo das relações de poder dadas no espaço escolar com os corpos divergentes, em contraposição ao desejado sucesso escolar. Desse modo, o fracasso escolar não é um objeto natural, ele só existe nas atuais implicações das relações possíveis entre a instituição escola com o outro, a quem se deseja educar.

Nesse viés, há o esforço de criar uma univocidade entre os alunos: que tenham acesso ao conhecimento com sucesso. Para nós, esse endereçamento ao outro traz, em si, a vontade de deixar o outro ser diferente, desde que bem adaptado à instituição escolar. Em A

produção social da identidade e da diferença, Tomaz Tadeu da Silva (2000) diz que o ato de marcar a diferença não pode de ser separado das relações de poder, ou seja, onde existe diferenciação – identidade e diferença –, aí está presente o poder. O autor traz uma potente citação de José Luis Pardo:

Respeitar a diferença não pode significar "deixar que o outro seja como eu sou" ou "deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)", mas deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixem que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença da identidade, deixar ser uma outridade que não é outra "relativamente a mim" ou "relativamente ao mesmo", mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade (Pardo apud SILVA, 2000, p.101).

Para nós, embora haja uma tentativa de romper com uma postura autocentrada da academia frente ao outro, ela não é bem-sucedida. Houve uma mudança na relação entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, não se trata de uma relação vertical com o outro, e sim de uma relação horizontal. Contudo, ainda há o gesto de ir ao outro e apresentar-lhe os signos que são próprios da identidade do universo acadêmico. A alteridade, então, passa a ser construída a partir do outro, o qual a educação tem dificuldade de escolarizar. Ainda que se passe a empreender métodos para uma educação diferenciada, que respeita a diferença, não se deixa de identificar uma diferença relativa ao nós.

Dessa forma, ao considerarmos a presença de um discurso que produz os marcadores das diferenças entre “nós e eles”, acreditamos que a tentativa de romper com a categoria do *aluno universal* não é bem-sucedida, pois no imaginário social posto na academia, persiste a imagem do *aluno universalmente* adaptado à escola. O modo de abordar o campo já pressupõe uma categoria do *aluno universal*, por oposição: um aluno adaptado à instituição escolar e bem-sucedido em sua aprendizagem. Desse modo, o que se procura, nas pesquisas selecionadas, são soluções para que todos os alunos não tenham o seu aprendizado comprometido. Assim sendo, o fato do saber acadêmico refutar o etnocentrismo, desenvolver pesquisas que se dizem horizontais e declarar respeito ao outro, não rompe com o modo autocentrado do proceder acadêmico.

Ressaltamos que neste eixo analítico mapeamos os enunciados que repetidamente circulam nos artigos. Há que pontuar que o outro não é passivo ou inerte, estando nas escolas, nas universidades e em disputa pela cidadania, a qual pode lhe ser negada. Nosso intuito, neste eixo, foi evidenciar como as hipóteses investigativas e as perguntas endereçadas ao outro constroem a alteridade no discurso das práticas escolares. Em outras palavras, o modo pelo qual a alteridade é construída nos discursos científicos sobre as diferenças está assentado

em relações de poder entre a nossa identidade e a identidade do outro, configurando assim esse campo da alteridade.

4 Perspectivas culturais e uma nova proposta para a Educação Formal

“Arte popular é cultura. Tudo o que o homem inventa e faz é cultura”.

(Cartilha Viver é lutar, 1964)²⁴

Neste eixo analítico que versa sobre uma nova proposta para educação formal por meio do estudo da cultura, partimos do ponto que os estudos com perspectivas culturais²⁵ em educação são constituídos pela observação constante da alteridade e da sistematização da cultura – que discutimos anteriormente no capítulo 3. Desse modo, a partir do conhecimento do outro, dos processos que o levaram a agir como age e, principalmente, do modo como se relaciona com o saber, trata-se, agora, de propor formas de educá-lo. Identificamos em nosso arquivo, que a sistematização da cultura do outro é uma ferramenta da qual a educação se vale para educar os sujeitos que não se adequam às formas conhecidas da educação escolar. Por isso nomeamos este eixo de *nova proposta de educação formal*, uma vez que a maioria dos artigos deste eixo propõem alternativas ao fracasso escolar. As alternativas propostas, em sua maioria, versam sobre a identificação do alunos com a escola, tendo como ferramenta a aproximação entre escola e a cultura dos sujeitos escolares.

Apresentamos a seguir duas tabelas que apresentam os 29 *papers* analisados neste capítulo: a primeira com os *papers* a serem analisados no eixo *nova proposta de educação formal* e a segunda composta de quatro artigos de balanço do GT Educação Popular da Anped.

Tabela 6: *Papers* analisados no eixo Proposta para a Educação Formal

MESA	TÍTULO
ABA	
Bloco B – Antropologia e Educação na Pesquisa	Gênero e Educação: uma abordagem interdisciplinar
CC Educação Diferenciada	A formação dos professores e a educação escolar nas áreas indígenas no Paraná
FP Antropologia e Educação: ensino e pesquisa	Extensão Rural: Ensino na Interface da Antropologia e da Educação (p.93)
1ª Sessão- Ensino de Antropologia em Outros Cursos	LEI 10.639/03: Aporte para a (re)construção afirmativa da identidade afro-descendente nos espaços sociais educacionais brasileiros?
Fórum de Pesquisa em Antropologia e Educação	Ensino de antropologia: reflexão ou intervenção

²⁴Não há autoria, uma vez que esta cartilha era distribuída como enfrentamento à Ditadura Civil-Militar (1964-1985).

²⁵Tendo em vista a tensão posta entre a antropologia e os estudos culturais, fortemente presentes nesse recorte do arquivo aba-anped, optamos por chamar de estudos em perspectivas culturais o debate amplo que se dá entre 1960-1990 entre os estudos antropológicos da educação e os Estudos Culturais(EC) na educação. Desse modo, optamos por estabelecer esse debate como perspectivas diferentes da mobilização do estudos da cultura, na seara da educação.

da Educação	cultural?
Educação: ensino, pesquisa e políticas de igualdade	
MR Antropologia e Educação: um panorama do ensino e da pesquisa no Brasil	O ensino da antropologia para quem não vai ser antropólogo na região sul
GT Identidades, Biossocialidades e Espaços Sociais	Juventude e sexualidade: moralidades em disputa na trajetória do projeto Escola sem Homofobia
GT Antropologia e Educação: construindo diálogos na interface	A pesquisa na educação básica como estratégia de ensino e aprendizagem dos temas culturais.
Anped	
Educação Popular	A Pedagogia Cultural do Movimento Sem Terra com Relação à Infância
Movimentos Sociais e Educação	Aprovação Popular da Violência Policial: um desafio político-pedagógico para o movimento de direitos humanos
Educação Popular	Relação Muito Delicada: escola e comunidade
Movimentos Sociais e Educação	Comunidades de Aprendizagem: democratizando relações entre escola e comunidade
Movimentos Sociais e Educação	A Dimensão Educativa do Fazer Militante no MST
Educação Popular	Educação Popular em Movimentos Sociais: construção coletiva de concepções e práticas educativas emancipatórias
Gênero, Sexualidade e Educação	O bordado no Currículo como Espaço-Tempo/Fazer Educativo
Educação Popular	O Formal e o Não-Formal na Trajetória Formativa de Educadoras de Jovens e Adultos na Perspectiva da Educação Popular
Sociologia da Educação	Pedagogia da Alternância: uma alternativa consistente de escolarização rural?
Educação e Relações Étnico-Raciais	Práticas Pedagógicas Evidenciam Micro-Ações Afirmativas Cotidianas
Educação Popular	Educação Popular e Paradigmas Emancipatórios
Educação Popular	A Diversidade Cultural como Vantagem Educativa na Educação Escolar
Educação Popular	Escravidão em Uberaba em Diálogo com a Educação Popular
Educação e Relações Étnico-Raciais	Do Quilombo ao Canavial: desafios e perspectivas para a implementação da educação escolar quilombola numa comunidade do Médio Jequitinhonha
Educação Popular	Educação Popular como Política Pública: análise crítica
Gênero, Sexualidade e Educação	O Campo do Gênero na Anped: hipóteses em construção

Desse modo iniciamos esse capítulo tecendo algumas considerações a respeito do conceito *cultura* que, nos últimos cem anos, tem sido o tema central do debate antropológico, o que faz dela a principal ferramenta para o estudo das sociedades, na perspectiva da antropologia. Assim, inevitavelmente, o interesse pela cultura é evidenciado neste diálogo

com a educação. A cultura, como conceito antropológico, sem dúvida, está presente em nosso arquivo nas mais variadas intersecções com os estudos educacionais. Levando em consideração a importância desse conceito no presente estudo, escolhemos a cultura como um eixo analítico para nosso acervo arquivístico.

Na separação dos *papers* para as análises, dispusemos todos os títulos em uma planilha, de forma que não escolhemos os *papers* por Grupo de Trabalho, ou mesa nos quais os artigos foram apresentados, mas pela aproximação com um dos três eixos bem como em razão da representatividade numérica dos temas articulados no acervo. Porém, no balanço final dos *papers* que seriam analisados no eixo *Uma Proposta Cultural para a educação formal*, nos deparamos com 12 trabalhos do GT 06 Educação Popular, da Anped, dentre os 29 selecionados. Isso nos fez prestar mais atenção na intersecção educação popular e cultura.

Além de ser o Grupo de Trabalho que mais apresentou propostas para a educação formal, esse GT possui outra peculiaridade: ele mantém uma certa tradição de produção de balanços dos seus trabalhos. Durante as 15 edições do GT (2000-2015), quatro delas apresentaram um trabalho de balanço do GT, quais sejam: *Qual o jeito do GT 06?*; *O lugar da cultura no GT de Educação Popular da Anped*; *A Contribuição de Paulo Freire para a educação popular: uma análise do GT Educação Popular da Anped e Contribuições do GT Educação Popular da Anped para a Educação Intercultural*, como se verifica na Tabela 7.

Tabela 7: *Papers* de balanço do GT Educação Popular - Anped

MESA	TÍTULO
Educação popular	Qual o Jeito do GT 06?: uma incursão em busca de pistas.
Educação Popular	O Lugar da Cultura no GT de Educação Popular da Anped
Educação Popular	A Contribuição de Paulo Freire para a Educação popular: uma análise do GT de educação popular da Anped
Educação Popular	Contribuições do GT de Educação Popular da ANPED para a Educação Intercultural

Outra peculiaridade desse GT é o nome que ele apresenta. De modo geral, os nomes apresentam a educação em relação a alguma coisa: Educação e Movimentos Sociais, Antropologia e Educação, Afro-brasileiros e Educação, Gênero, Sexualidade e Educação ou a colocam em situação de objeto, como Sociologia da Educação ou Desafios Contemporâneos para uma Antropologia da Educação.

O nome Educação Popular propõe um deslocamento da educação para uma forma de educar: educar pelo popular. Essa maneira de nomear o GT mostra, dentro do nosso acervo, que se trata de um GT que mescla a educação e o popular, e não apresenta a educação em

relação a algo, ou alguém. Em 1999, sob encomenda da própria Coordenação do GT, Reinaldo Matias Fleuri fez dois textos de balanço do GT, intitulados *Notas sobre o Histórico do GT Educação Popular da Anped* e *Análise dos Trabalhos na Década de 1990*, ambos disponíveis na apresentação do GT no sítio da Anped²⁶. Nesse balanço Fleuri(1999) diz:

Em 1988 (11ª Reunião Anual da ANPEd, em Porto Alegre), seguindo o esforço da ANPEd por orientar seus estudos e debates no sentido de influenciar nas opções políticas em jogo na Constituinte e na proposição de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o GT Educação Popular priorizou o tema Escolarização do Adulto Trabalhador.

[...]

O GT de Educação popular priorizou os estudos e a formulação de propostas no campo da Educação de Adultos. Passou-se, deste modo, de uma perspectiva memorialista, que buscava inicialmente reavivar e sistematizar a memória da educação popular dos anos 60 sufocada pelos longos anos de ditadura, a uma perspectiva propositiva no contexto de institucionalização democrática do Estado e da sociedade civil, contribuindo prioritariamente para a discussão das orientações políticas para a educação de jovens e adultos (FLEURI, 1999).

O GT nasceu em 1981 e dialoga com um movimento que tem origem na década de 1960, que versa sobre a intersecção entre a Cultura e a Educação e a recuperação da teoria crítica pelos estudiosos da cultura. É necessário ressaltar que nos trabalhos apresentados nesse GT, o objeto predominante de estudo é o adulto, um sujeito já totalmente inserido na cultura e fluente nos códigos presentes no meio em que vive. Assim sendo, os pesquisadores defendem a posição de mediadores²⁷ entre e o saber acadêmico e o saber do sujeito estudado, propondo para o primeiro uma posição de horizontalidade com os sujeitos implicados nas investigações.

A construção do conceito cultura não é objeto de nosso trabalho, mas o GT Educação Popular, especificamente, conversa muito com esse conceito, o que nos fez recuperar pelo menos três visões de cultura, dentre os antropólogos mais citados pelos pesquisadores constantes de nosso arquivo. Roque de Barros Laraia, em *Cultura: um conceito antropológico* (LARAIA, 1989), recupera a trajetória da construção do conceito cultura. Desse trabalho, destacamos três explicações de cultura por Lévi-Strauss, Clifford Geertz e Ruth Benedict. Para esses autores, cultura é:

Claude Lévi-Strauss, o mais destacado antropólogo francês, considera que a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma. Para Lévi-Strauss, esta seria a proibição do incesto, padrão de sociedade comum a todas as sociedades humanas. Todas essas proíbem a relação sexual de um homem com certas categorias de mulheres (entre nós, a mãe, a filha e irmã) (LARAIA, 1989,56).

[...]

²⁶ <http://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho/gt06-educa%C3%A7%C3%A3o-popular>

²⁷ Definimos como mediador, o pesquisador que não defende a hierarquia entre os conhecimentos populares e científicos, no esforço de estabelecer diálogos não binários entre esses dois tipos do conhecimento.

“a natureza do homem que se torna, assim, não apenas o produtor da cultura, mas também, num sentido especificamente biológico, o produto da cultura” A cultura desenvolveu-se, pois, simultaneamente com o próprio equipamento biológico e é, por isto mesmo, compreendida como uma das características da espécie, ao lado do bipedismo e de um adequado volume cerebral (LARAIA, 1989, p.59).

[...]

Ruth Benedict escreveu em seu livro *O Crisântemo e a espada* (1972) que a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo (LARAIA, 1989, p. 69).

Ao operarmos o arquivo, mapeamos interpretações dos sujeitos a partir de seus corpos, regras sociais e modo de compreender a vida. E, no que diz respeito às propostas de educação, como essas três experiências devem direcionar as atividades educativas para uma educação que faça sentido para o educando. O modo de enxergar a vida através das lentes da cultura é a tônica de muitos trabalhos. Contudo, o que se apresentou em nosso arquivo, de certo modo, não foi uma análise uníssona na seara da intersecção entre a cultura e a educação.

A partir do *paper O Lugar da Cultura no GT de Educação Popular da Anped*, mapeamos uma das tensões postas no debate dos estudos em perspectiva cultural, entre as décadas de 1960 e 1990, que influenciou, em grande medida, esse debate no campo da educação. As disputadas discursivas se dão na utilização do conceito de cultura no estudo das diferenças, no campo da educação. Nos capítulos anteriores trouxemos pesquisas que se apoiaram em uma bibliografia de Antropologia, porém encontramos, também, estudos que são influenciados pelos estudos culturais. Nos parece importante admitir que grande parte do lastro teórico do que os papers apresentam neste eixo, é efeito do que se chamou *crise dos paradigmas*²⁸, segundo Neusa Gusmão:

O fato, já no final dos anos de 1990, levará à revisão do conhecimento científico produzido pela modernidade na busca por formas alternativas de conhecimento e seria designado como "crise dos paradigmas". Tal movimento, em toda segunda metade do século XX, irá colocar a antropologia em geral e, em particular, a antropologia na educação como alvo das críticas que fariam emergir outras perspectivas de conhecimento, entre essas, os estudos culturais. (GUSMÃO, 2008, 51).

Nas duas visões presentes em nosso arquivo, a categoria cultura é central. Contudo, há divergência no debate teórico sobre as abordagens e perspectivas dos estudos desenvolvidos nesses dois campos. Desse modo, mapeamos que os artigos que versavam sobre as pautas identitárias, apresentam uma perspectiva política desse debate acadêmico. Portanto, embora os EC operem cultura analiticamente, eles diferem da antropologia no modo

²⁸ No artigo intitulado *A Crise de paradigmas e a ressignificação do conhecimento para o século XXI*, Ana Maria Dalla Zen, discorre sobre a produção do conhecimento no século XXI, a partir da crise entre o paradigma clássico e o emergente. Sendo que o primeiro parte do princípio de uma produção universal da ciência e o segundo, tem se construído na multidisciplinaridade e na relativização da universalidade da ciência.

de operar esse conceito. Expressões artísticas, como um eixo da cultura e da expressão da divergências, são centrais no debate dos EC. Promovendo um embate com a abordagem antropológica, que localiza essa na análise dos sujeitos pelas suas relações e não pela expressão de suas divergências. Para Neusa Gusmão (2008), enquanto os EC centram principalmente nos estudos da diferença, a antropologia da educação aposta no estudo "das relações entre os homens, e não das diferenças que são portadores" (GUSMÃO, 2008, 75).

Segundo Anna Luiza Araújo Ramos Martins de Oliveira,

Os Estudos Culturais constituem um campo de teorização e investigação que, segundo Escosteguy (2006), emerge na Inglaterra com a publicação de três livros: 1) As utilizações da cultura, de Richard Hoggart, em 1957; 2) Cultura e sociedade, de Raymond Williams, em 1958, e 3) A formação da classe operária inglesa, de E. P. Thompson, em 1963. Essas obras representam marcos de rupturas com algumas tradições de pensamento e, de acordo com a autora, caracterizam três eixos de pesquisa que estabeleceram as bases dos estudos culturais no final dos anos 1950: 1) o eixo autobiográfico da história cultural do meio do século XX; 2) o eixo histórico do conceito de cultura; 3) o eixo histórico da sociedade inglesa. O conceito de cultura é apresentado de maneira diferente por cada um desses autores, porém, para analistas dessa área (HALL, 2003; JOHNSON, 2006; SILVA, 1999), a concepção apresentada por Williams, por ter um enfoque antropológico, possibilitou maior oposição à idéia de cultura como "o conjunto das melhores obras literárias e artísticas". (OLIVEIRA, 2009, p.36)

Para Marisa Vorraber Costa, Rosa Hessel Silveira, Luis Henrique Sommer:

Os Estudos Culturais (EC) vão surgir em meio às movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. Uma educação em que as pessoas comuns, o povo, pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003).

Assim, uma perspectiva multiculturalista embasaria as produções acadêmicas no estudos culturais. Uma abordagem que privilegia a análise da relação das diferenças dos sujeitos, no campo da cultura, expressões desta divergência e seu impacto das relações de poder entre os sujeitos. Gusmão diz que:

Não sem razão, portanto, o multiculturalismo, como campo teórico de explicação dessa realidade e base de construção de uma prática e intervenção emergiu no campo educacional após os anos de 1960 e firmou-se como perspectiva nos anos de 1990. Emergiu, porém, centrado na prática mais que na teoria e como tal se tornou elemento fundamental, não do campo educacional, mas da ação educativa.¹⁵ O multiculturalismo dirá, então, da necessidade do reconhecimento das diferenças no interior de uma visão política comum e democrática, capaz de garantir as liberdades individuais e particulares (Valente, 1993, p. 11). O modo como o faz, porém, revela muito de sua complexidade e contradição. (GUSMÃO, 2008, p.73)

Nesse debate, Costa, Silveira e Sommer, defendem que a pesquisa em educação na perspectiva dos estudos culturais é "uma forma de abordagem do campo pedagógico em que questões como cultura, identidade, discurso e representação passam a ocupar, de forma

articulada, o primeiro plano da cena pedagógica.” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 54). Para Gusmão, essa abordagem é limitada, pois não direciona-se para uma das construções da antropologia que é produzir reflexões amplas e de sistematização sobre as sociedades humanas produzidas na e pela cultura, substituindo por discussões centradas nas expressões das diferenças e não pelas relações humanas entre as diferenças.

Para nós, evidenciar essas tensões dos estudos que entrecruzam educação e cultura, nos último 40 anos, é essencial, pois o GT 06, ao qual nos deteremos neste momento, traz discussões emergentes dessas tensões postas entre a antropologia da educação e os estudos culturais. Assim, a partir da centralidade do GT Educação Popular, na proposição de uma educação formal pela cultura, decidimos iniciar pela análise desses quatro artigos de balanço apresentados em 2004, 2007, 2008 e 2010.

O primeiro artigo dessa natureza, intitulado Qual o jeito do GT 06?, traz um enunciado muito sedimentado no argumento apresentado: a existência do fracasso escolar. No decorrer da análise conduzida naquele *paper*, a tônica se dá na importância do GT no enfrentamento do fracasso escolar, em uma perspectiva freireana. O artigo assume como eixo de análise: “que referenciais precisam estar presentes na formação de educadores para que possam propor e encontrar alternativas ao fracasso escolar de crianças e adultos das classes populares?” (AZIBEIRO, 2004). Para dar conta dessa alternativa, o artigo aposta em expressões como “diálogos entre perspectivas”, “diálogos constantes com as margens sociais”, “recuperar os saberes não científicos”, “é necessário um esforço da desconstrução da subalternidade” e “a unilateralidade desse diálogo e o questionamento do de lá para cá”. Por fim, o artigo diz que “Têm espaço no GT 06 os grupos e os temas que ainda não conseguiram um lugar – um GT específico. Isso é não somente uma marca histórica. Deixa transparecer a atração do GT 06 pelo diferente, pelo que está nas margens” (AZIBEIRO, 2004).

O segundo artigo de balanço, intitulado O lugar da Cultura no GT de Educação Popular da Anped, analisa todos os trabalhos apresentados no GT Educação Popular entre 2002 e 2006. Demonstrando que a cultura tem papel central nesse GT, apresenta um levantamento sobre a mobilização do conceito cultura nos trabalhos apresentados no período, e conclui que a palavra cultura é citada em todos eles. Nos 66 trabalhos analisados, a cultura – e suas derivações como culturais, culturalmente etc. – foi citada 982 vezes. Na descrição intensa feita a partir do eixo cultura, o artigo também versa sobre o fracasso escolar como uma preocupação do GT. Traz, como binarismos a serem combatidos, pares como “rural/cidade” e “senso comum/saber científico”. Aponta que o GT é democrático, por abordar as mais variadas categorias de objetos – gênero, etnia, periferia, saúde são os mais

citados—, e que a cultura, nesse cenário, está diretamente vinculada à produção de sentido na educação.

No terceiro artigo de balanço, intitulado *A Contribuição de Paulo Freire para a Educação Popular: uma análise do GT Educação Popular da Anped*, como o próprio título diz, Paulo Freire é central na argumentação e apresentado como o patrono da educação popular no Brasil. A libertação dos oprimidos é a perspectiva argumentativa apresentada e aponta que, embora a *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1968) seja a marca da educação popular, Freire não é o principal autor de referência do GT. Dentre a argumentação central do artigo, destacamos:

"Paulo Freire é um marcador cronológico do início da educação popular", "o que estamos fazendo da educação popular que faz com que Paulo Freire seja citado, mas não como referência principal na maioria dos trabalhos?" e "é necessário lembrar o compromisso da educação popular com os oprimidos, como processo de conscientização" (PAVAN, 2008).

O quarto artigo de balanço, intitulado *Contribuições do GT Educação Popular da Anped para a Educação Intercultural*, faz uma análise do GT entre os anos de 2003 e 2008, apontando, como temas mais presentes nesse quinquênio, a construção de práticas socioeducativas, relações entre saberes e conhecimento e, em número reduzido, a promoção de políticas públicas. Esse artigo conclui que no GT 06 há mais propostas de como educar as populações do que de políticas públicas para proteger as culturas divergentes – indígena, quilombola etc. –, e que a discussão está mais centrada no espaço da escola.

Para nós, esses quatro artigos de balanço trazem pistas valiosas dos enunciados mais recorrentes e que mais circulam entre os pesquisadores que participaram do GT Educação Popular. Em primeiro lugar, há uma ambiguidade evidente nesses trabalhos, que é ambiguidade, da figura do mediador. Se por um lado há o esforço da horizontalidade nas relações, do outro lado há o fracasso escolar. É um discurso que quer colocar o outro em uma posição ativa, mas que precisa do outro-passivo para existir, haja vista que a proposição de uma forma de ensinar exitosa é majoritariamente unilateral. Há um esforço em superar os binarismos, contudo o mediador só existe porque ele é o oposto do educando.

A segunda pista valiosa que esse balanço nos traz é o esforço de entender a cultura do campo que se estuda, como forma de se aproximar dos oprimidos para, então, conscientizá-los, educá-los e libertá-los. E, na tentativa de educar, promovem-se ações que modificam seus modos de viver e de cuidar— principalmente nos trabalhos que se ocupam da relação da saúde com a educação popular.

Após essas primeiras pistas sobre o GT Educação Popular bem como dessa recuperação dos conceitos de cultura que são muito operacionalizados no acervo, parece-nos necessário dar um passo atrás e trazer para a discussão um movimento da década de 1960 – já comentado por Fleuri (1999), que influenciou demasiadamente as pesquisas em Educação Popular aqui mobilizadas²⁹. Pontuamos, também, que o campo e os movimentos sociais populares foram uma frente de contato importante entre a educação e a antropologia, como veremos a seguir com a experiência do Movimento Educacional de Base, trazido por Carlos Brandão em *A Educação como Cultura* (BRANDÃO, 2002). Assim, faremos uma digressão voltada à mais famosa experiência de intersecção entre cultura e educação, na chamada antropologia culturalista, na produção de Margareth Mead.

Para a antropologia cultural, a *experiência educacional* foi objeto importante para a formulação de seus problemas e teorias, afinal o que faz de um homem um homem senão a cultura? E o que introduz esse homem à cultura, senão o que lhe ensinam? Para que servem ritos de passagens, arranjos sociais que dividem o trabalho, as hierarquias, as interdições sociais, senão para ensinar o homem a ser integrante de seu grupo social? Essa experiência educacional, podemos dizer, organiza os lugares nos quais os sujeitos circularão na sociedade.

Margareth Mead, antropóloga americana, que integrou o que podemos chamar de Escola Culturalista Norte-Americana (com Franz Boas e Ruth Benedict), ocupou um lugar importante nas discussões entre educação e antropologia na década de 1980. Mead, fortemente influenciada pela Psicologia, passou a se preocupar com os processos de formação do *ego* nas sociedades tradicionais que pesquisou (CARVALHO; RAVAGNANI; LAUAND, 1980).

Segundo Silvia M. S. Carvalho, Oswaldo M. Ravagnani, e Najla Luand, Margareth Mead

via na observação do processo educativo e nas análises das transformações que ocorrem na criança em relação a ela, desde a primeira infância até a maturidade, a melhor maneira de estudar uma cultura (CARVALHO; RAVAGNANI; LAUAND, 1980).

Pensando a partir da experiência de Mead ao pesquisar determinados grupos sociais (como no Pacífico Oeste, por exemplo), consideremos que a Antropologia Cultural estava

²⁹Embora a tensão entre EC e Antropologia da educação estejam postas em nosso arquivo, a experiência da educação popular rural – fortemente marcada pela Antropologia, se destaca na discussão. É necessário pontuar, que os EC se destacam nas discussões que atravessam produções artísticas e movimentos sociais de resistência, fortemente marcados por fatores identitários. Nesse momento, centraremos nossa discussão na relação antropologia e educação, evidente em nosso arquivo.

preocupada com processos culturais que faziam de um agrupamento social, um povo. Para tanto, era mister preocupar-se com arranjos educacionais informais, como diriam os eborenses, que não acontecem explicitamente em aparelhos sociais criados para educar, mas que não ocorrem sem uma dita experiência educacional. Em outras palavras, a educação era um tema recorrente na atividade antropológica, mas não um problema motriz desta ciência.

Por outro lado, a Pedagogia moderna elabora seus problemas a partir da prática de ensinar, sendo grande parte de sua preocupação elaborar espaços, métodos e meios de proporcionar as experiências educacionais possíveis. Assim, as relações sociais, as diferenças e tantas questões caras à Antropologia estiveram presentes no campo pedagógico como tema, a partir do qual se elaboravam problemas educacionais. Afinal, a Pedagogia tinha por horizonte proporcionar ao homem formas de aprender, minimizando os conflitos que pudessem comprometer seu aprendizado³⁰.

Assim, é tarefa audaciosa da Pedagogia, produzir um espaço no qual o homem se torne homem. Afinal, é trabalhoso criar uma estrutura aparelhada por todo um sistema de ensino que tenha funcionários, prédios, materiais didáticos e que funcione. Evidentemente, diferentes tendências pedagógicas reivindicaram para si melhores ferramentas para cumprirem o objetivo de apresentarem o conhecimento ao educando. Entretanto, o movimento de endereçar-se ao outro, ao qual se aspira educar, é o gesto do campo pedagógico e suas respectivas tendências³¹.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, documento elaborado pelo Ministério da Educação em 1997, há uma pequena apresentação ao professor do que seria a relação da escola com a constituição da cidadania. Em algumas páginas, o documento se propõe a introduzir o docente de escola básica, algo que o documento intitula como *função social da escola*.

A prática escolar distingue-se de outras práticas educativas, como as que acontecem na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nas demais formas de convívio social, por constituir-se uma ação intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças e jovens durante um período contínuo e extenso de tempo. A escola, ao tomar para si o objetivo de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, buscará eleger, como objeto de ensino, conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento

³⁰ Conforme discussão do capítulo 2, no qual tecemos um fio analítico que leva em consideração o espaço escolar como *lôcus* de pesquisa.

³¹ É necessário dizer que não há uma generalização do campo pedagógico, contudo, o que se pontua nesse texto é o gesto de endereçar-se ao educando que a Pedagogia produz.

histórico, cuja aprendizagem e assimilação são as consideradas essenciais para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres. Para tanto ainda é necessário que a instituição escolar garanta um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva. A escola, por ser uma instituição social com propósito explicitamente educativo, tem o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos (MEC, PCN, 1997, p.34).

Essa visão institucionalizada da educação não é unânime no campo heterogêneo dos estudos em Educação. Afinal, a escola não é a única prática educativa possível, como o próprio documento oficial, de 1997, expõe. E, nessa intersecção do espaço escolar com outras práticas educativas possíveis, há um deslocamento que ocorre no campo dos estudos educacionais para um *locus* fora do espaço escolar, constituindo um espectro de estudos com perspectivas culturais em educação.

Passamos, então, a pensar como o movimento desses campos em direção ao outro, como esses constantes gestos de se direcionar ao sujeito-cognitivo e ao sujeito-cultural, realizados tanto pela educação como pela antropologia, passaram a se imiscuir. E como esse sujeito passa a ser entendido como o mesmo, constituindo o sujeito-cognitivo-cultural. Considerando, assim, a implicação os estudos com perspectivas culturais na educação institucional, objeto primeiro da Pedagogia. Para tanto, tomemos um movimento que nos possibilite tecer os fios de nossa investigação – o *Movimento de Educação de Base (MEB)*³².

Esse movimento que produziu muitos materiais educacionais entre os anos de 1961-1971, teve grande parte de sua produção destruída pela Ditadura civil-militar, então vigente no Brasil. Acreditamos que ele possa dar as primeiras pistas para a construção da interdisciplinaridade entre os estudos que consideram cultura como ferramenta analítica e os estudos educacionais na metade do século XX. Desse modo, o MEB evidencia como a diversidade se torna um campo de problematização para a educação, e como a educação se torna um âmbito a ser problematizado pela antropologia, no Brasil. O antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, em *A Educação como Cultura* (2002), faz menção direta ao MEB a título de demonstração de uma proposta de educação que levava em consideração a cultura popular.

Ao tomarmos o MEB, propomos pensarmos o campo (na qualidade de espaço não urbano, e sim rural) como um novo espaço a ser investigado pela educação e, nesse caso, o

³²A discussão que Brandão faz, está situada na antropologia da educação –apostando na perspectiva analítica dos processos culturais e das relações humanas. Trazemos o MEB, como movimento que torna evidente essa junção entre discussão acadêmica e práticas escolares populares.

espaço como uma ocasião de aproximação entre os estudos pedagógicos e a antropologia. Considerado altamente subversivo pela Igreja Católica (onde se originou a partir de um pacto entre o Governo Federal e a Conferência Nacional de Bispos do Brasil) e pelo Regime Militar, o MEB tinha como mote: *Educar para libertar*. Trazendo uma pequena rotação no gesto de se direcionar ao outro, considerando que outrora a educação se direcionou ao outro para criar homens educados, e a antropologia se direcionou ao outro para encontrar outras possibilidades de ser homem no exótico; o MEB por meio de uma educação autointitulada libertadora, propunha instrumentalizar o homem do campo com as ferramentas da educação para que este alcançasse a própria autonomia. O gesto não é mais de educar para ser como nós mesmos; não é garantir que o outro seja como ele é, mas tornar o outro suficientemente educado para que seja como é.

Nesse momento, o *locus* do problema educacional proposto é a casa do lavrador, o salão da igreja do bairro, as aulas radiofônicas, ou seja, quaisquer espaços que pudessem introduzir o homem do campo ao conhecimento escolar, mesmo que fora da escola. Segundo documento elaborado pelo MEB em 1962, os objetivos desse movimento eram:

Objetivos do MEB

Gerais: Considerando as dimensões totais do homem e utilizando todos os processos autênticos de conscientização, contribuir, de modo decisivo, para o desenvolvimento integral do povo brasileiro, numa perspectiva de autopromoção, que leve a uma transformação decisiva de mentalidades e estruturas. Essa transformação se nos afigura necessária e urgente no momento atual (Movimento Educacional de Base, 1962 apud BRANDÃO, 2002, p.70).

Evidentemente, não estamos resumindo toda a produção de cunho antropológico referente à educação na década de 1960, na iniciativa do MEB. Contudo, esse movimento traz à tona uma nova possibilidade de pensar a educação: uma maneira de alcançar cidadania por meio do acesso ao conhecimento escolar. Contudo, uma cidadania que garanta as peculiaridades culturais do espaço rural. E esse ponto é um passo importante para que a diversidade entre em cena no debate da educação formal, fazendo com que os muros da escola não isolem a vida de ensino-aprendizagem das questões sociais. O gesto de direcionar-se ao outro, precisa dar conta de outras possibilidades de relação entre o sujeito-cognitivo-cultural e as hipóteses dos campos científicos que se propunham a pensar educação. O MEB, em certa medida, é um efeito da efervescência do debate da relação cultura e educação, na década de 1960.

A intersecção entre Freire e Brandão, um educador e um antropólogo, se mostra muito importante nesse eixo analisado em nosso arquivo. Muitos trabalhos fazem citações de Freire e de Brandão no GT 06, Educação Popular. Para nós, propor uma educação pelo viés da cultura, diretamente ligada ao popular, nos remete à oposição, que não é dita. Se o popular deve ser educado pelo viés de sua cultura, há quem não seja “o popular”. Automaticamente, deve haver um modo de educação que não se adequa ao popular.

Nenhum *paper* analisado neste eixo traz na centralidade de sua argumentação a discussão de uma cultura erudita. Os artigos estão direcionados para as pautas identitárias e para a dita educação diferenciada. O tom de nosso arquivo é prescritivo: como, a partir do conhecimento da gramática cultural do outro, educá-lo. Embora, em certa medida, nosso arquivo demonstre um movimento de direcionamento horizontal ao outro e o rompimento do binarismo como forma de educar, ele reafirma, sem dizer, o binarismo popular e erudito³³. Se a abordagem da cultura identificada neste eixo analítico é “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (Laraia, 1986), ao direcionar-se para a cultura popular como maneira de intermediar a instituição escolar com os sujeitos populares a serem educados, apresenta-se o código escolar mobilizado como referencial, por oposição.

Para dar a ver os enunciados mais recorrentes nos 25 artigos analisados, apresentamos qual a tônica de cada *paper*, por uma única frase:

Gênero e educação: uma abordagem interdisciplinar: antropologia e educação formal pela análise do livro didático;

A formação dos professores e a educação escolar nas áreas indígenas do Paraná: materiais didáticos para o ensino diferenciado/ professores índios e não índios;

Extensão Rural: Ensino na interface da Antropologia e da Educação: ensino de antropologia nos cursos de Engenharia Agrônoma e Técnicos Rurais;

LEI 10.639/03: Aporte para a (re)construção afirmativa da identidade afro-descendente nos espaços sociais educacionais brasileiros?: construção afirmativa da identidade afro-

³³Evidentemente, a discussão de erudito/popular é muito importante e perpassa pela Teoria Crítica. Esse não é nosso objeto, contudo nesse capítulo específico que traz a discussão da educação popular, esse binarismo é inevitável. De modo geral, o erudito é apresentado nos *papers* analisados como a cultura restrita, que apenas é acessada pela elite e pelos acadêmicos (se formos pensar em arte ou personagens históricas que são na maioria das vezes pessoas nobres, ricas ou de renome acadêmico), em contraposição à cultura e costumes mais acessíveis pela maioria da população. Nessa perspectiva, há a reafirmação constante que a maioria dos alunos, principalmente de escola pública, não adentra a esse universo restrito da erudição (universo da elite). Uma vez que a escola verse mais sobre a cultura que circula no universo erudito e pouco discute saberes populares (como literatura, personagens históricas, dentre outros), ela se distancia do aluno e das comunidades escolares.

descende, por meio da educação;

Ensino de antropologia: reflexão ou intervenção cultural?: Educação é um projeto de intervenção, educar pela cultura seria um modo de intervir na própria cultura;

O ensino da antropologia para quem não vai ser antropólogo na região sul: o estudo dos humanos e o respeito pelas diferenças;

Juventude e sexualidade: moralidades em disputa na trajetória do projeto Escola sem Homofobia: A diversidade sexual e de gênero como lugar estratégico para observar as transformações sociais;

A pesquisa na educação básica como estratégia de ensino e aprendizagem dos temas culturais: contribuir na transposição dos saberes acadêmicos para os escolares, facilitando a problematização e a compreensão dos referenciais teóricos, ao mesmo tempo em que pode desencadear uma reflexão crítica sobre as visões dos sujeitos, além da desconstrução destas no espaço escolar;

A pedagogia cultural do Movimento Sem Terra com relação à infância: educar pelo modo de ser Sem Terra e de falar sobre si e seus sonhos;

Aprovação popular da violência policial: um desafio político-pedagógico para o movimento de Direitos Humanos: a exposição à violência das populações mais vulneráveis cria uma cultura de aceitação da violência cultural e como educar para os direitos humanos;

Relação muito delicada: escola e comunidade: mediar essa relação delicada pela solidariedade entre a comunidade escolar, pela “força dos pobres”;

Comunidades de aprendizagem: democratizando relações entre escola e comunidade: viabilização da educação pelo diálogo igualitário, opondo as categorias “falar com” e “falar para”;

A dimensão educativa do fazer militante no MST: aprendizados adquiridos no processo de construção da ação coletiva;

Educação popular em movimentos sociais: construção coletiva de concepções e práticas educativas emancipatórias: emancipação, liberdade, empoderamento das classes e dos setores oprimidos;

O bordado no currículo como espaço-tempo/fazer educativo: Bordar e narrar como caráter organizador do conhecimento;

O formal e o não formal na trajetória formativa de educadoras de jovens e adultos na perspectiva da educação popular: a educação formal e não formal e relação com a dicotomia teoria e prática;

Pedagogia da alternância: uma alternativa consistente de escolarização rural? Uma

alternativa à educação convencional aos trabalhadores do campo, por meio de mobilização de espaços diferentes pelo qual o aluno circula;

Práticas pedagógicas evidenciam micro-ações afirmativas cotidianas: práticas emancipatórias a partir do conhecimento de uma comunidade afro-descendente;

Educação Popular e paradigmas emancipatórios: educação popular em ações emancipatórias em busca de soluções para a educação;

A diversidade cultural como vantagem educativa na educação escolar: a diversidade como vantagem educativa;

Escravidão em Uberaba em diálogo com a Educação Popular: A história local como meio de educar pelo popular e promover a emancipação;

Do quilombo ao canavial, desafios e perspectivas

para a implementação da Educação Escolar quilombola numa comunidade do médio

Jequitinhonha: a relação entre trabalho, educação popular e efetivação da educação diferenciada para quilombolas;

Educação popular como política pública: análise crítica: marco de referência da Educação Popular e a possibilidade desta forma de educar penetrar no o ensino formal;

O campo do gênero na Anped. Hipóteses em construção: a pesquisa em gênero como forma de dar visibilidade à luta pelo respeito da diversidade sexual.

A partir de agora, com todos esses elementos dispostos em nossa superfície, passamos a fazer a análise dos 25 artigos que compõem este eixo. Começaremos destacando mais um balanço, do mais recente GT da Anped que está em nosso acervo, intitulado *O campo de gênero na Anped: hipóteses em construção*, apresentado, em 2015, no GT Gênero, sexualidade e educação. De todos os *papers* analisados neste eixo, este traz uma diferenciação de enunciado frente a relação entre o saber acadêmico e os sujeitos estudados. A principal veia argumentativa do trabalho é como militantes da defesa da diversidade sexual têm se apropriado dos espaços acadêmicos para lutar por direitos. Não se trata, portanto, da figura do mediador que sai da academia para o campo em busca de soluções para problemas educacionais e, sim, da militância fazendo o caminho inverso. Esse ponto fora da curva apresenta outra forma de mediação: campo-academia, em oposição ao enunciado mais repetido, academia-campo.

Assim, este *paper*, adiciona ao debate da educação popular, o impacto dos EC na discussão da educação popular, trazendo para o campo das identidades diversas e a luta política por direitos, por meio da ferramenta analítica da cultura. Ele diverge, então, na

maneira de estabelecer o contato entre academia e espaço estudado. Contudo, ele ainda versa sobre o diálogo mediador, entre duas realidades em contato. Assim sendo, não traz, em si, uma fratura discursiva, senão outro modo de repetir a necessidade de mediação entre os dois espaços que relacionam: os pesquisadores e os sujeitos estudados. Da mesma maneira, é uma forma de produzir um outro que precisa ser educado, embora esse outro seja o próprio pesquisador.

Com exceção deste *paper*, que apresentava a mediação entre o universo acadêmico e o campo por outra perspectiva, constatamos que os demais *papers* traziam enunciados que versavam sobre quatro eixos no que diz respeito a educar pessoas: os métodos possíveis para educar o outro, ensinar profissionais que têm contato com "os populares" (sejam educadores ou não), a educação como forma de preservar as culturas tradicionais e caminhos para o sucesso escolar.

Tabela 8: Os quatro eixos de repetição dos enunciados.

Métodos para educar o outro	materiais didáticos
	transposição dos saberes acadêmicos
	livro didático
	observar as transformações sociais
	educar pelo modo de ser Sem Terra
	como educar para os direitos humanos
	mediar essa relação delicada pela solidariedade entre a comunidade escolar
	viabilização da educação pelo diálogo igualitário
	aprendizados adquiridos no processo de construção da ação coletiva
	emancipação, liberdade, empoderamento das classes e dos setores oprimidos
	Bordar e narrar como caráter organizador do conhecimento
	a educação formal e não formal e relação com a dicotomia teoria e prática
	a diversidade como vantagem educativa Uma alternativa à educação convencional aos trabalhadores do campo
	A história local como meio de educar
	possibilidade da educação popular penetrar no o ensino formal

Ensino para profissionais que entrarão em contato com a alteridade	ensino de antropologia
	educar pela cultura
	o estudo dos humanos e o respeito pelas diferenças
Educação como forma de preservar as culturas	construção afirmativa da identidade afro-descendente
	conhecimento de uma comunidade afro-descendente
	efetivação da educação diferenciada para quilombolas
Caminhos para o sucesso escolar	educação popular em ações emancipatórias em busca de soluções para a educação
	Uma alternativa à educação convencional

Embora tenhamos percebido esses quatro relevos no que se refere à proposta de educação cultural, eles não estão dissociados entre si. Métodos de ensinar o outro, formar profissionais que estarão em contato com essa população, preservar o outro – e sua cultura –, podendo, assim, buscar o sucesso escolar. Eles estão vinculados no que toca à elaboração de uma proposta formal de educação pelo viés da cultura: observar sistematicamente o outro é a melhor forma de desenvolver tecnologias de mediação entre o conhecimento escolar e o conhecimento popular. Essa ação de observar o outro, para poder educá-lo, põe em tensão o ato de intervir e mediar com a cultura do outro.

Quando dizemos que o popular mobiliza o erudito por oposição, por exemplo, estamos dizendo que o pesquisador vem de um universo cujos referenciais são a cultura erudita, o universo acadêmico. Desse modo, constatamos que há um esforço contínuo para colocar esses dois universos em diálogo, seja pelo esforço de mediar os conhecimentos locais com os conhecimentos acadêmicos, seja por intervir na realidade do outro, para que este tenha êxito ao adquirir o conhecimento escolar.

Há uma tentativa de romper com a norma da educação convencional, contudo constatamos um movimento quase unívoco localizado na existência da mesma normativa, desta vez pelo viés do estudo da cultura, e essa normativa é: educar. A norma não trata apenas de aplicar regras sobre os corpos que se quer disciplinar; o alcance da norma pode ser estendido para regulamentar uma população (MARTINS, 2006). No caso, uma população que não se adequa ao processo escolar, para a qual se buscam saídas que efetivem sua escolarização.

Nesse ponto específico do nosso arquivo, ressaltamos a apresentação do estudo sistemático da cultura como solução para o fracasso escolar, ou seja, a solução para qualquer

inadequação dos alunos à instituição. E, nos artigos analisados, a instituição escolar não é posta como desejável, uma vez que os artigos propõem outras configurações do espaço escolar e uma desconstrução do que a educação tradicional estabeleceu como escola. Observamos, assim, que o intuito de propor uma escola outra não é abrir mão do lugar de poder em relação ao outro. Entendemos que *propor* é um lugar de poder evidenciado pelos gestos dos pesquisadores em direção ao outro. Afinal, quem está escrevendo os trabalhos e apresentando-os num congresso científico são os acadêmicos.

Este lugar de poder está embaçado no arquivo, pois a relação adulto-adulto faz com que os pesquisadores admitam e levem em consideração o conhecimento das populações a serem educadas. É mister evidenciar este fator nesse eixo analítico: o sujeito amplamente estudado nos artigos é o adulto³⁴. Em nosso arquivo, o que foi apresentado como educação popular é o gesto de se direcionar ao adulto – e em menor escala aos jovens –, para que ele tenha acesso ao conhecimento considerado emancipatório. A infância não é objeto privilegiado nos *papers* selecionados nesse eixo.

Assim, o esforço empreendido em conversar com o sujeito estudado a partir da gramática cultural na qual ele está imerso não é uma alternativa ao lugar ocupado por um pesquisador diante de relações de poder estabelecidas na díade saber erudito/saber popular. Tal esforço apenas faz com que esta relação de poder-saber entre pesquisador e sujeito pesquisado fique nebulosa. Embora indesejada, e refutada pela educação popular, há uma hierarquia entre o saber erudito e o popular, uma vez que ainda se faz necessária a introdução do outro ao saber escolar – considerando que os referenciais das práticas escolares não são de origem popular.

O gesto interpretativo que os pesquisadores fazem dos sujeitos estudados, dos processos de organização popular e propostas metodológicas de educação popular, é um gesto necessário para fazer com que esse sujeito vá ao encontro do saber escolar. Neste sentido, defendemos que o mediador do conhecimento, figura central na educação popular, é uma figura em ambiguidade, pois recusa a cristalização do conhecimento, aferido aos cientistas e pesquisadores, como algo mais prestigiado e importante. Ao mesmo tempo em que faz o esforço de apresentar o conhecimento escolar oficial a estes sujeitos, na tentativa de imiscuir

³⁴ Ao pensarmos a emergência da educação popular, é necessário considerarmos a efervescência da educação de adultos que houve na década de 1960. Nesta época, foram criadas campanhas federais para a alfabetização em massa dos adultos brasileiros, tendo em vista o alto índice de cidadãos que não sabiam ler. Esse momento fez com que movimentos sociais se preocupassem com um modo de educar o adulto, em um diálogo com os conhecimentos populares e com a realidade vivida pelas camadas mais pobres. Grupos como o Movimento Educacional de Base, são expressões desse momento histórico. Nessa perspectiva, entendemos porque o adulto é o objeto privilegiado de estudo no campo da educação popular.

os dois saberes para eliminar o binarismo saber popular/saber científico. Ou seja, ao mesmo tempo que o mediador foge do estereótipo do cientista tradicional, ele interpreta e sistematiza a cultura do outro, propondo métodos educativos – por isso dizemos que ele está em ambiguidade entre forças díspares - pois não é igual ao homem popular, o qual pretende educar, mas recusa ocupar lugar de hierarquia que o universo acadêmico lhe permite frente ao outro.

Constatamos, assim, que o esforço em propor um currículo educacional que converse com a cultura local dos sujeitos a serem educados é uma tentativa constante nos trabalhos analisados destas duas décadas de arquivo. Este gesto de se direcionar ao outro, para nós, constitui o enunciado mais presente em nosso arquivo. Em *A ordem do Discurso* (2010), Michel Foucault diz que um enunciado não está no nível das palavras, frases, e, sim, no laço entre o que se enuncia, sua repetição em determinado tempo histórico e a circulação desses enunciados. Vimos, em nosso arquivo, que nos 20 anos de anais, aqui mobilizados, a máxima de se direcionar ao outro e, por meio da cultura deste, educá-lo, ecoa constantemente. Foucault diz, ainda que

a repetição indefinida dos comentários é trabalhada do interior pelo sonho de uma repetição disfarçada: em seu horizonte não há talvez nada além daquilo que já havia em seu ponto de partida, a simples repetição. O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado (Foucault, 2010, pp. 25-26).

Com ferramentas distintas da proposta educacional conservadora, a proposta educacional cultural se dirige ao sujeito com o intuito de emancipá-lo, sem mudá-lo. A questão por nós proposta é a de que a ação do educador continua a dirigir-se ao outro, propondo ferramentas escolares para que o aluno se emancipe e acesse direitos, por meio da educação. Desse modo, a cultura, enquanto ferramenta analítica de educação, possibilitaria um diálogo entre educação formal e a realidade cultural com o intuito de construir práticas escolares bem sucedidas.

Considerações finais

Trabalhar com arquivos é um processo denso e arriscado, pois o tempo todo podemos cair em alguma armadilha que nos leve a fazer juízo de valor das fontes, interpretá-las ou compará-las, indevidamente, ao invés de deixar o arquivo falar. Segundo Rosa Maria Bueno Fischer, em *Foucault e a análise de discurso em educação* (2001),

Para Michel Foucault, é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar. E a primeira tarefa para chegar a isso é tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de reais intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos, não imediatamente visíveis. É como se no interior de cada discurso, ou num tempo anterior a ele, se pudesse encontrar, intocada, a verdade, desperta então pelo estudioso (FISHER, 2001, p. 198).

Nesta perspectiva, empreendemos esforços em fazer uma descrição densa de nosso acervo arquivístico, com vista a, por meio do recorte escolhido, mapear as repetições de enunciados e os eixos temáticos mais presentes no arquivo – transformados posteriormente em eixos analíticos.

Recusamos, a todo custo, fazer uma comparação entre a antropologia e a educação com parâmetros valorativos, senão para articular, em nossa pesquisa, a fronteira entre esses dois campos do conhecimento como uma intersecção que fomenta a produção de sentidos para ambas as ciências. Desse modo, este trabalho se propôs a descrever intensamente as produções dos dois congressos, dispondo-as lado a lado, para que pudéssemos mapear o modo como esses campos do conhecimento estão estudando a educação em relação à antropologia e à cultura. Acreditamos que esse esforço de sistematizar essa produção robusta, através de tabelas e listas, é dar a ver nesse estado da arte a potência de outras conexões, tendo em vista explorar formas outras de estudar a relação entre esses dois campos conhecimento. Par nós, organizar e mobilizar todo esse *corpus* documental é um modo de dar novas possibilidades para um material que está repousado, quenno entanto detém grande potencial de movimento. Nosso desejo é o de que esse material, agora sistematizado e visto a partir de novas redes conectivas, desperte outros interesses investigativos.

Nesta perspectiva, acreditamos na potência do arquivo aba-anped em despertar novas possibilidades de pesquisa em educação. Possibilidades estas que superem dicotomias e oposições simplistas e teçam novos fios de arranjos investigativos. E, justamente, por

acreditarmos que os arquivos não são estanques e estáticos, desejamos que outros leitores façam outras leituras e outros recortes nesse acervo disponibilizado. Vale lembrar que a composição do arquivo se dá pela organização do acervo, entrecruzamentos possíveis entre essas fontes e momentos históricos, e sem dúvida, pelo olhar do leitor. Trazemos, assim, nosso olhar, nossa experiência de manejo e leitura de um arquivo tão extenso.

Os diálogos entre a antropologia e a educação identificados em nosso arquivomostram uma perspectiva de pesquisa em educação que emergiu na relação desses dois campos do conhecimento. Esses diálogos trazem convergências e divergências, e certamente as convergências também ocorrem em meio a muita tensão, uma vez que os modos de lidar com os problemas apresentados em campo são diferentes. É nesse diálogo que acontece a legitimação, ou não, do *locus* de pesquisa: a escola em relação aos espaços vivenciais da cultura. Desse modo, para nós, o espaço se mostrou fulcral para apreender esse diálogo entre a antropologia e a educação. Diálogo esse que produziu um outro modo de pesquisar a educação, pelo viés da cultura.

Desta maneira, para nós, a contribuição desta pesquisa aos estudos educacionais em relação à cultura e à educação, se constitui na identificação dos *enunciados* recorrentes, em nosso acervo, sobre: 1. as práticas escolares estudadas em relação ao cotidiano e vivências extraescolares dos sujeitos estudados; 2. intersecção constante entre a escola e as questões da diferença; 3. a construção de uma nova proposta educacional, pelo viés da cultura. Esses eixos analíticos versam sobre os esforços dos pesquisadores em traçarem novos rumos para educação. Somando ao exercício de mapear os enunciados mais recorrentes, ressaltamos que esse trabalho foi possibilitado pela perspectiva inicial de nossa investigação, a análise dos espaços identificados na pesquisa: os espaços nos quais os sujeitos estudados nos *papers* circulam e o *locus* de pesquisa da educação e da antropologia.

Numa primeira mirada do arquivo, partindo do conhecimento comum que se pode ter da antropologia e da educação, poderíamos imaginar que as produções que circulam nos conjuntos de anais da Anped tratariam da escola (e demais instituições formais de ensino) e as pesquisas que compõem o conjunto de anais da ABA abordariam problemas educacionais em espaços extraescolares (aldeias, quilombos, bairros, casas etc.). Contudo, ao mergulharmos no arquivo identificamos que ambas as produções científicas (tanto a antropológica, quanto a educacional) produzem pesquisas a partir do imperativo do dispositivo educacional da escola. Em outras palavras, a presença da instituição escolar como referente nas pesquisas de cunho educacional se faz imprescindível na produção das verdades educacionais que circulam entre os dois campos do conhecimento.

Mesmo atravessando espaços alheios à escola, é na escola que emergem as relações de poder entre os sujeitos implicados no ato de educare, portanto, é este dispositivo pedagógico que protagoniza as produções de verdade educacionais. Chamamos a escola como imperativo pedagógico tendo em vista a legitimidade atribuída à escola em todo o arquivo analisado. A escola exprime uma ordem nos *papers* por nós analisados, pois é nela e dela que as problemáticas educacionais emergem. Enquanto há necessidade de combater o fracasso escolar, há a necessidade de observar sistematicamente o sujeito que não se adéqua à escola e que, por isso, fracassa.

Embora a escola não esteja ilesa a críticas e apontamentos da parte dos pesquisadores, ela é o maior referente seja por afirmação, ou por oposição. Em outras palavras, os *papers* apresentam trabalhos que acontecem na escola a privilegiando como *locus* de pesquisa ou pesquisas que fazem comparações que a opõem com a realidade cotidiana dos sujeitos escolares. Contudo, a escola é o vetor organizativo de nosso acervo, é a partir dela que os pesquisadores vão pensar os problemas educacionais.

Ao produzirem pesquisa sobre a educação, tanto os antropólogos quanto os pesquisadores em educação, compartilham do imaginário que para se pensar educação, é preciso pensar, melhor dizendo, é preciso repensar a escola. A verdade que circula nas produções científicas por nós analisadas é a legitimidade da instituição escolar como espaço privilegiado da educação em nossa sociedade. Em *Verdade e Poder* (Entrevista a Alexandre Fontana), Foucault (1984) diz que

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (Foucault, 1984, 12-13).

Ainda nesta entrevista, o pensador francês argumenta que a produção da verdade em nossa sociedade é centrada no discurso científico. Nessa perspectiva, para nós, a antropologia e a educação, juntas, produzem a verdade sobre educar o outro, aquele que difere dos sujeitos os quais a escola se especializou em educar. E esse é o motivo pelo qual optamos iniciar o nosso argumento pelo espaço em relevo em nosso arquivo, pois é nesses espaços nos quais os sujeitos escolares circulam que a educação e a antropologia vão construir seu *locus* de pesquisa.

Judith Revel (2005) diz que o "discurso designa, em geral, para Foucault, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar

de tudo, a regras de funcionamento comuns." Nesse sentido, o que há de comum entre os estudos dos antropólogos e dos educadores em nosso arquivo é o estudo da escola a partir da sistematização e observação da alteridade; da diferença.

Assim, a observação e a sistematização da cultura do outro, aparece em nosso arquivo como uma ferramenta mobilizada para resolver as problemáticas educacionais referentes à diferença dentro da escola, de modo que se entenda o universo no qual o sujeito estudado habita. Em *Relativizando, Uma introdução à antropologia social*, Roberto Damatta diz que:

o antropólogo social tem o sistema social (ou a sociedade), e, observando-o e entendendo por meio de entrevistas e conversas as motivações que o sustentam, espera poder chegar aos seus valores e ideologias (DAMATTA, 1991, p. 57).

Identificamos, assim, que em nosso arquivo a intersecção entre a antropologia e a educação evoca o conhecimento sistematizado do outro. Embora termos como *minorias sociais*, *interseccionalidade* e *questões identitárias* não estejam em uso corrente no início do recorte do nosso acervo, se avista a construção discursiva da presença dessas preocupações atuais de pesquisa, 20 anos atrás. Acompanhando um debate recorrente nos movimentos sociais, a presença dos enunciados sobre essas pautas é vista com relevo em nosso arquivo. A dinâmica de mudança dos movimentos sociais, de extrema complexidade social, vira objeto e preocupação desses pesquisadores, e ainda o é atualmente.

Contudo, para nós, tais enunciados não são formados pelos termos usados. O enunciado em questão não trata das relações entre as palavras e nem de como elas são ditas. O enunciado objeto deste presente trabalho jaz na identificação de como esses enunciados provêm *das* relações sociais e circulam *nas* relações sociais. Sobre isso, Foucault diz:

O que se descreveu sob o nome de formação discursiva constitui, em sentido estrito, grupos de enunciados, isto é, conjuntos de performances verbais que não estão ligadas entre si, no nível das frases, por laços gramaticais (sintáticos ou semânticos); que não estão ligados entre si, no nível das proposições, por laços lógicos (de coerência formal ou encadeamentos conceituais); que tampouco estão ligados, no nível das formulações, por laços psicológicos (seja a identidade das formas de consciência, a constância das mentalidades, ou a repetição de um projeto); mas que estão ligados no nível dos enunciados (Foucault, 1986, p.97).

Deste modo, nessas duas décadas de arquivo, é pelo viés da cultura que a alteridade e sua implicação em relação à identidade da escola é abordada. Há um movimento de imiscuir as duas gramáticas culturais (“nós” e “eles”), para que se tornem inteligíveis a ambos os grupos. Porém, os gramáticos que têm estabelecido regras e fórmulas para essa mistura são os pesquisadores, repetindo os mesmos enunciados, reiteradamente, de uma outra forma. A repetição é a marca de um enunciado, no interior do discurso, sobre o que há de verdadeiro no

outro. Retomando *A ordem do discurso*, Foucault diz que a repetição dos enunciados acontece disfarçadamente, como uma recitação:

Deve, conforme um paradoxo que ele desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito. A repetição indefinida dos comentários é trabalhada do interior pelo sonho de uma repetição disfarçada: em seu horizonte não há talvez nada além daquilo que já havia em seu ponto de partida, a simples recitação (FOUCAULT, 2010, p. 25).

Assim, embora haja o esforço de um diálogo horizontal e respeitoso entre pesquisadores em educação e antropólogos, ambos, em certa medida, buscam resolver problemas educacionais que existem, justamente, pela maneira como as relações sociais são dadas entre os possuidores de conhecimento erudito e os possuidores do conhecimento popular. Nos espaços escolares, as propostas educacionais tanto identificam o fracasso, o preconceito e a falta de acesso à educação como indesejáveis, como também criam o fracasso escolar, o preconceito e a falta de acesso à escola. E não é possível resolver tais questões se não forem problematizadas no viés das relações de poder constitutivas dos trabalhos de campo e das proposições realizadas.

Desse modo, as pesquisas são produtoras dos próprios objetos que pretendem conhecer, uma vez que eles são observados e descritos a partir do referencial do sucesso escolar. Para Cintya Ribeiro

Trata-se, nessa chave, de ultrapassar o estatuto da crítica analítico-comparativa e suas consequentes avaliações das diversas abordagens autorizadas a enunciar um pensamento educacional. A crítica que ora se formata incide sobre as próprias condições históricas de valoração que configuraram a emergência de certas verdades educacionais em detrimento de outras. Linguagem e poder são tomados inevitavelmente como forças indissociáveis e, sobretudo, produtoras dos próprios objetos aos quais pretendem lançar as malhas cifradas do conhecer – seja, como vimos, no campo dos fazeres pedagógicos ou da pesquisa educacional (RIBEIRO, 2011).

E são justamente essas relações de poder que colocam em ambiguidade o papel do mediador do conhecimento. A interface entre quem pesquisa e quem é pesquisado, quem ensina e quem aprende, quem soluciona os problemas e quem necessita de solução, passa pelos enunciados emergentes nestas relações: emancipação, libertação e conscientização das classes mais populares. Em outras palavras, o mediador entre o conhecimento erudito e o conhecimento popular explicita uma relação tensa de poder entre esses dois modos do conhecimento. A expectativa da liberdade, da emancipação e da conscientização, pelo conhecimento é do mediador ou do sujeito que se constitui como objeto da ação do mediador? Seria a libertação o fim da existência do mediador? Nosso arquivo nos mostra que essa figura que horizontaliza as relações entre a escola e o universo popular, depende dessa distância para

existir. Contudo, os enunciados não falam sobre um imiscuir completo entre ambos; são necessárias as diferenças para que existam.

Ressaltamos que não empreendemos uma tarefa de tecer julgamentos ao modo como os *papers* produziram argumentos, soluções e críticas aos seus objetos. Nossa tarefa foi a de mapear analiticamente os enunciados de forma a identificarmos o que se tem dito na fronteira da antropologia e da educação. O estudo aponta que o gesto constante é o de dirigir-se ao outro: outro espaço; outro sujeito; outra proposta educacional.

Deste modo, para nós, a potência desse arquivo se dá na sistematização dos múltiplos gestos de direcionamento ao outro. Será que todos que pesquisam os entrecruzamentos entre educação e antropologia problematizam essa ação de ir ao outro, mesmo que o outro não os convoque? Inúmeras problemáticas educacionais apresentadas em nosso arquivo são constituídas no gesto de ir ao outro. Elas existem, inclusive, apenas na existência desse gesto.

Os problemas educacionais levantados em nosso arquivo abordam a inadequação de processos educativos para as populações estudadas. A questão do fracasso escolar perpassou nosso arquivo, nos 20 anos mobilizados. De certo modo, esse problema persiste porque o referencial continua sendo o mesmo conhecimento acadêmico universal que reúne esforços em circular de modo que ele sempre seja o referente, seja por afirmação, seja por oposição. A partir desses *papers* analisados, vemos que o enunciado repetido inúmeras vezes foi: *como educar pessoas diferentes daquelas que nossas academias se especializaram em educar?*

Em sendo assim, espaços educativos e territórios identitários são, para nós, eixo central nesse debate da educação da diferença, uma vez que territórios são mais que espaços, são lugares definidos pelas identidades (o quilombo, a periferia, a aldeia etc.). Os espaços educativos passam a ser pensados em outros territórios que não a escola convencional, pois é preciso dar conta da diferença, daqueles que ainda não se sabe educar.

Perguntamos, então, devemos continuar apostando nesse mesmo modelo investigativo para a educação? Manter uma relação respeitosa e horizontal em relação ao outro pode não ser o suficiente se as relações de poder não forem problematizadas a partir do reconhecimento da alteridade como um campo de tensão intra e extraescolar. Em *A produção social da identidade e da diferença*, Tomaz Tadeu da Silva diz que

Não deveríamos, antes de mais nada, ter uma teoria sobre a produção da identidade e da diferença? Quais as implicações políticas de conceitos como diferença, identidade, diversidade, alteridade? O que está em jogo na identidade? Como se configuraria uma pedagogia e um currículo que estivessem centrados não na diversidade, mas na diferença, concebida como processo, uma pedagogia e um

currículo que não se limitassem a celebrar a identidade e a diferença, mas que buscassem problematizá-las? (SILVA, 2000, p.102).

Problematizar a diferença, nessa perspectiva, só é possível se problematizarmos as relações de poder que produzem essas diferenças. Enquanto o outro for diferente em relação à “minha” identidade, está posta uma relação de poder. O caminho que propomos seria deixarmos de pensar a *diferença entre as identidades* e pensarmos a *diferença da identidade*, de modo a esgarçar as referências autocentradas dos saberes acadêmicos. Talvez as palavras ditas por Foucault no dia 02 de dezembro de 1970, na aula inaugural no *Collège de France*, em Paris, devam continuar ecoando em nossos ouvidos, uma vez que ao dizermos o que não somos, estamos dizendo muito mais sobre o que somos e, ao dizer o que somos, parecemos repetir o que sempre foi dito sobre a diferença.

Referências Bibliográficas

- AIUB, Giovani Forgiarini. **Arquivo em Análise do Discurso: uma breve discussão sobre a trajetória teórico- metodológica do analista**. Leitura, Maceió, n. 50, p. 61-82, jul./dez. 2012.
- ANDRÉ, Marli. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papirus: 1995.
- ARTIÈRES, Philippe. **Entrelinhas: ler os arquivos de Michel Foucault**In: SCAVONE, Lucila, ALVAREZ, Marcos César, MISKOLCI, Richard (org.). O legado de Foucault. Editora Unesp, São Paulo, 2006.
- BRAGA, Elenice dos Santos, DUARTE, Marcos Solano. **Estudos culturais, educação e processos identitários: juventude, gênero e raça**. In: Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v. 3, n. 2, 2014. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v. 3, n. 2, 2014.
- BRANDÃO, C. R., **A educação como cultura**. Mercado de Letras, 2002.
- CAMPOS, Maria IdalinaKrause de; OLEGÁRIO, Fabiane; CORAZZA, Sandra Mara. **Escrileituras tradutórias: reinvenção empírica do arquivo**. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 20, n. 4, p. 963-978, out. 2018. ISSN 1676-2592. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8649842>.
- CARDOSO, Ruth. **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- CARVALHO, Edgar de Assis. **As relações entre educação e os diferentes contextos culturais**. *Didática*, Marília, Unesp, 1989, vol. 25, pp. 19-26.
- CARVALHO, S. M. S.; RAVAGNANI, O. M.; LAUAND, N. **Antropologia e os dilemas da educação**. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, v. 3, 1980. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/108169>.
- CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- _____. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

DAMATTA, Roberto - **Relativizando, Uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro, Rocco, 1991.

FISCHER, Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. In: Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 197-223, novembro/ 2001

FLEURI, Reinaldo Matias. **Notas sobre o Histórico do GT Educação Popular da Anped/ Análise dos trabalhos apresentado na década de 1990**. Disponível em <http://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho/gt06-educa%C3%A7%C3%A3o-popular>.

Acessado em 12/10/2018.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**, Rio de Janeiro, Graal, 4ªed. 1984

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro, NAU, 1999a.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo. Martins Fontes, 1999b.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 17ª edição, São Paulo, Graal. 2006.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 9ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**, São Paulo, Graal, 13ª edição, 2009a.

_____. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**, São Paulo, Graal, 10ª edição, 2009b.

_____. **A ordem do discurso**, São Paulo, Edições Loyola, 20ª edição, 2010.

_____. **Aulas sobre a vontade de saber**, São Paulo, Martins Fontes, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1974.

GARCIA, T. M. F. B. **Origens e questões da Etnografia Educacional no Brasil: um balanço de teses e dissertações (1981-1998)**. Educ. rev., Curitiba , n. 18, p. 243-244, Dez. 2001 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-406020010002000020&lng=en&nrm=iso. Acessado em 10Nov. 2017.

GOMES, Larisse Louise Pontes. **“Posso tocar no seu cabelo?” Entre o “liso” e o “crespo”: transição capilar, uma (re)construção identitária?** Dissertação de Mestrado. UFSC. 2017.

Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/183603/PASO0436-D.pdf?sequence=-1>

GROS, F. **À propôs de l’herméneutiquetedusujet**. In: LE BLANC, G. & TERREL, J. Foucault au Collège de France: unitinéaire. Bordeaux: PressesUniversitaires de Bordeaux. Tradutor: Alessandro Francisco. 2003, p149-1963.

GUSMÃO, Neusa. **Antropologia e Educação: origens de um diálogo**. In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621997000200002

(Acessado em 04 de abril de 2016).

_____. **Entrelugares: antropologia e educação no Brasil**, In: <http://www.redalyc.org/pdf/1171/117112634003.pdf> (Acessado em 04 de abril de 2016).

_____. **Antropologia, Estudos Culturais e Educação: desafios da modernidade. Pro-Posições** [online]. 2008, vol.19, n.3, pp.47-82. ISSN 1980-6248. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072008000300004> (Acessado em 04 de abril de 2016).

INGOLD, Tim. **Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia Educação**, vol. 39, núm. 3, septiembre-diciembre, 2016, pp. 404-411 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/21690/15179>.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, 1989, Editora Jorge Zahar.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Janirza Cavalcante da Rocha. **Antropologia e Educação: um diálogo possível?**. In: Inter-Legere. s/v, no 9, pp. 167-188.

MACHADO, R. **Por uma genealogia do poder** in: FOUCAULT, M. Microfísica do poder,

Rio de Janeiro, Graal, 4ªed., 1984.

MARTINS, Anna Luiza Araújo Ramos. **Os estudos culturais e a questão da diferença na educação Cultural**, Revista Educação em Questão, Natal, v. 34, n. 20, p. 33-62, jan./abr. 2009.

MARTINS, Carlos Benedito. **A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil In Educação e Sociedade** (Unicamp/2009).

<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n106/v30n106a02> (Acessado em 05 de maio de 2017).

MARTINS, Carlos José. **A vida dos corpos e das populações como objeto de uma biopolítica na obra de Michel Foucault**. In: SCAVONE, Lucila, ALVAREZ, Marcos César, MISKOLCI, Richard (org.). O legado de Foucault. Editora Unesp, São Paulo, 2006.

MATTOS, C L G. **Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil**. In MATTOS, CLG., e CASTRO, P A., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 25-48.

MOURA, M. M., **Franz Boas: a antropologia cultural no seu nascimento**. Revista USP, n. 69, p. 123, Jan. 2006.

MOTTA, Manoel de Barros da (org.) **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a

_____. **Ditos e escritos V: ética, sexualidade e política**. Trad. Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b (eu também coloquei A e B nestes).

NOGUERA –RAMIREZ, C. E. **Pedagogia e governamentalidade ou da modernidade como uma sociedade educativa**. Belo Horizonte, Autêntica, 2011.

OLIVEIRA, A. **Antropologia e Educação**. Dossiê. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/issue/view/1154/showToc> (Acessado em 4 de abril de 2016).

_____. **Sobre o lugar da educação na Antropologia brasileira**. In: Revista Temas em

Educação, João Pessoa, v.24, n.1, p. 40-50, jan.-jun. 2015.

PEIRANO, Mariza. **As Ciências Sociais no Brasil: Tendências e Perspectivas**, in: MICELI, S. (org.), *As Ciências Sociais no Brasil: Tendências e Perspectivas*, São Paulo, Editora Sumaré, ANPOCS; Brasília, CAPES.1999.

_____. **Etnografia não é método**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre , v. 20, n. 42, p. 377-391. 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200015 (Acesso em Janeiro de 2015).

_____. **Antropologia no Brasil (Alteridade Contextualizada)**. In: Miceli, Sergio. *O Que Ler Na ciência Social Brasileira (1970-1995)*. Editora Sumaré ; ANPOCS, 1999.

_____. **A teoria vivida e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

POUBEL, Lucas. MARGON, Jeferson. JÚLIO, Ana Carolina. **Contribuições do fazer etnográficos para a pesquisa criticamente reflexiva**. In: Farol–Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v.5 n.12 (2018).

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos, Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Cintya Regina. **"Pensamento do fora", conhecimento e pensamento em educação: conversações com Michel Foucault**. Educ. Pesqui. [online]. 2011, vol.37, n.3, pp.613-628.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. **Antropologia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SANTOS, B.S. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. In: *Um conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*.

Porto: Afrontamento, 2003.

SILVA, Cícero da; GONÇALVES, Adair Vieira. **A etnografia e suas contribuições para o desenvolvimento de uma pesquisa no contexto de ensino da pedagogia da alternância.**

Trab. linguist. apl., Campinas, v. 57, n. 1, p. 551-578, Abril de 2018 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132018000100551&script=sci_arttext&tlng=pt

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**, In: Identidade e diferença. (Org) Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000 p. 73-102.

TELLES, Norma. **A imagem do índio no livro didático: equivocada, enganadora.** In: Silva, Aracy Lopes (org.) A Questão indígena na sala de aula: subsídios para professores de 1. e 2. graus. Brasiliense, 1987.

TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. **Cruzando fronteiras- entre a antropologia e a educação no Brasil e na Argentina.** Pró-Posições, v. 24, n. 2, p. 95-107, 2013.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Usos e Abusos da antropologia na pesquisa educacional.** In: ProPosições, v. 7, n. 20, p. 54-64, 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Algumas raízes da Pedagogia moderna.** In: ZORZO, Cacilda; SILVA, LauraciD.& POLENZ, Tamara (org.). Pedagogia em conexão. Canoas: Editora da ULBRA, 2004. p. 65-83.

_____. **Foucault e Educação.** 2ª edição, Autêntica, São Paulo, 2005.

_____. **Michel Foucault e os Estudos Culturais.** In: COSTA, Marisa, V. (org.) Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

VIEIRA, Nancy Rita. **Identidade e alteridade em João Ubaldo Ribeiro: um brasileiro em Berlim.** Disponível em: <https://docplayer.com.br/6652857-Identidade-e-alteridade-em-joao-ubaldo-ribeiro-um-brasileiro-em-berlim.html> acessado em 10/10/2018

ZALUAR, Alba. **Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas.**

IN: CARDOSO, Ruth. *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª edição, 2004.

ZEN, Ana Maria Dalla. A crise de paradigmas e a ressignificação dos conhecimentos para o século XXI. *Revista Em questão*, Porto Alegre, v. 16, n.2, p.49-63, jul./dez. 2010

Documentos Oficiais

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988. disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ARTIGOS 28 E 78 DA LDB

Artigo 28 da Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Parágrafo único. O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar. (Incluído pela Lei nº 12.960, de 2014)

Art. 78. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilingüe e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

- I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;
- II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

APÊNDICE B – ARTIGO 231 da Constituição Federal de 1988

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

§ 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

§ 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

§ 2º As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

§ 3º O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei.

§ 4º As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis.

§ 5º É vedada a remoção dos grupos indígenas de suas terras, salvo, "ad referendum" do Congresso Nacional, em caso de catástrofe ou epidemia que ponha em risco sua população, ou no interesse da soberania do País, após deliberação do Congresso Nacional, garantido, em qualquer hipótese, o retorno imediato logo que cesse o risco.

§ 5º É vedada a remoção dos grupos indígenas de suas terras, salvo, "ad referendum" do Congresso Nacional, em caso de catástrofe ou epidemia que ponha em risco sua população, ou no interesse da soberania do País, após deliberação do Congresso Nacional, garantido, em qualquer hipótese, o retorno imediato logo que cesse o risco.

§ 6º São nulos e extintos, não produzindo efeitos jurídicos, os atos que tenham por objeto a ocupação, o domínio e a posse das terras a que se refere este artigo, ou a exploração das riquezas naturais do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes, ressalvado relevante interesse público da União, segundo o que dispuser lei complementar, não gerando a nulidade e a extinção direito a indenização ou a ações contra a União, salvo, na forma da lei, quanto às benfeitorias derivadas da ocupação de boa fé.

§ 7º Não se aplica às terras indígenas o disposto no art. 174, § 3º e § 4º.

(Constituição da República Federativa do Brasil, Art. 231, 1988).

APÊNDICE C – Tabela 9: Anos das Reuniões Brasileiras de Antropologia consultadas e respectivas mesas

1996	CC Política, Educação e Imaginário
1998	GT Infância e juventude: novas e velhas questões revisitadas MR Educação Básica e desigualdade social no Brasil: qual o lugar da antropologia nesse debate? MR Infância e cidadania: a difícil conjunção entre o micro e o macro
2000	FP Antropologia e Educação
2002	FP Formação do antropólogo
2004	FP Antropologia e Educação: Ensino e Pesquisa
2006	Alguns trabalhos avulsos/ sem organização por mesa FP antropologia e educação GT Educação patrimonial: perspectivas e dilemas SE Circulação Transnacional, Fronteiras e Identidades: diálogos
2008	GT Desafios Contemporâneos para uma Antropologia da Educação: ensino, pesquisa e políticas de igualdade
2010	MR Antropologia e educação: um panorama do ensino e da pesquisa no Brasil GTPovos indígenas e processos educativos: diálogos e tensões entre os processos próprios de aprendizagem e a educação estatal GT Antropologia e educação entre saberes, práticas e aprendizagens
2012	GT Gênero, configurações familiares, arranjos domésticos e afetivos GT Desafios antropológicos do mundo do trabalho na cidade e no campo GT Identidades, Biossocialidades e Espaços Sociais.
2014	GT Antropologia e Educação: construindo diálogos na interface GT Ensinar e Aprender Antropologia GT Novas fronteiras do fazer antropológico: diálogos entre pesquisadores, consultores e gestores das políticas indigenistas de educação.

Legenda CC Comunicação Coordenada/ FP Fórum de Pesquisa/ GT Grupo de trabalho / MR Mesa Redonda / SE Simpósio Especial

APÊNDICE D – Tabela 10: Anos das Reuniões Científicas da Anped consultadas e suas respectivas mesas

2000	GT Movimentos Sociais e Educação	2008	GT Movimentos sociais e Educação
	GT Educação Popular		GT Educação popular
	GT Sociologia da educação		GT Sociologia da Educação
2001	GT Movimentos sociais e Educação		GT Afro-Brasileiros e Educação
	GT Educação Popular		GT Gênero, Sexualidade e Educação
	GT Sociologia da Educação	2009	GT Movimentos Sociais e Educação
2002	GT Movimentos Sociais e Educação		GT Educação Popular
	GT Educação popular		GT Sociologia da Educação
	GT Sociologia da Educação		GT Educação e Relações Etnico-raciais
	GE Relações Raciais/étnicas e Educação		GT Gênero, Sexualidade e Educação
2003	GT Movimentos Sociais e Educação	2010	GT Movimentos sociais e Educação
	GT Educação Popular		GT Educação Popular
	GT Sociologia da Educação		GT Sociologia da Educação
	GE Afro-Brasileiros e Educação		GT Educação e Relações Étnico-Raciais
2004	GT Movimentos sociais e Educação		GT Gênero, sexualidade e educação
	GT Educação popular	2011	GT Movimentos Sociais e Educação
	GT Sociologia da Educação		GT Educação Popular
	GT Afro-brasileiros e Educação		GT Sociologia da Educação
	GE Gênero, Sexualidade e Educação		GT Educação e Relações Etnico-raciais
2005	GT Movimentos Sociais e Educação		GT Gênero, Sexualidade e Educação
	GT Educação popular	2012	GT Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos
	GT Sociologia da Educação		GT Educação Popular
	GT 21 - Afro-Brasileiros e Educação		GT Sociologia da Educação
	GE Gênero, Sexualidade e Educação		GT Educação e Relações Etnico-raciais
2006	GT Movimentos Sociais e Educação		GT Gênero, Sexualidade e Educação
	GT Educação popular	2013	GT Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos
	GT Sociologia da Educação		GT Educação Popular
	GT Afro-Brasileiros e Educação		GT Sociologia da Educação
	GT Gênero, Sexualidade e Educação		GT Educação e Relações Etnico-raciais
2007	GT Movimentos Sociais e Educação		GT Gênero, Sexualidade e Educação
	GT Educação Popular	2015	GT Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos
	GT Sociologia da Educação		GT Educação popular
	GT Afro-brasileiros e Educação		GT Sociologia da Educação
	GT Gênero, sexualidade e educação		GT Educação e Relações Étnico-Raciais
			GT Gênero, Sexualidade e Educação

Legenda GT Grupo de Trabalho/ GE Grupo de Estudo

APÊNDICE E – Tabela 11: Dados completos dos *papers* analisados no eixo espaços educacionais que suscitam problemas para a educação e para a antropologia

ANO	Mesa	Título	Autor/Instituição	Palavras-chave	Trabalho disponível	Resumo disponível
ABA						
1998	GT Infância e juventude: novas e velhas questões revisitadas	Crianças e jovens na família, escola e trabalho	Ana Isabel Aguiar Cabral (Universidade Federal do Rio de Janeiro)	não	não	sim
2000	Bloco B/ EDUCAÇÃO RURAL, URBANA E ÉTNICA	ESCOLA RURAL DO ALTO DO VALLE DO RIO NEGRO – ARGENTINA.	Veronica Trpin (Facultad de Ciencias de la Educacion - Universidad Nacional del Veronica Trpin (Facultad de Ciencias de la Educacion - Universidad Nacional del Comahue - Patagônia/Argentina)	não	não	sim
2002	2002 - 23ª RBA	ENTRE A ESCOLA E A IGREJA: memórias de professoras rurais	Maria Regina Clivati Capelo / UEL	não	não	sim
2004	2ª SESSÃO/ Antropologia e Educação: Pesquisa e Experiências	Quando a Diferença Faz a Diferença: A Presença de Índios na UEL - Londrina (p. 99)	Maria Regina Clivati Capelo - UEL / Wagner Roberto do Amaral - UEL	não	não	sim
2006	Mesa não identificada	Religião nas escolas: comparação entre Brasil e EUA.	Sandra de Sá Carneiro (UERJ) e Márcia Contins (UERJ)	não	não	não
2008	GT Desafios Contemporâneos para uma Antropologia da Educação/Educação: ensino, pesquisa e políticas de igualdade	O fator direção influencia a qualidade da educação? Um estudo nas escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro	Ana Pires do Prado (IFCS/UFRJ)	culturas de gestão, diretores, escolas públicas do Rio de Janeiro	sim	sim
2010	GT Povos indígenas e processos educativos: diálogos e tensões entre os processos próprios de aprendizagem e a educação estatal	EDUCAÇÃO SEM ESCOLARIZAÇÃO: A EXPERIÊNCIA AWÁ	Elizabeth Maria Beserra Coelho e Bruno Leonardo Barros Ferreira	socialização, escolarização, Awá.	sim	sim
2012	GT Gênero, configurações familiares, arranjos domésticos e afetivos	Escola como espaço para reconhecimento das diferenças	Mareli Eliane Graupe (UFSC/SC) e Tânia Welter (UFFS/SC)	escola, diferenças e homofobia	sim	sim
2014	GT Antropologia e Educação: construindo diálogos na interface	"A educação vem de casa": os usos do parentesco em uma escola da periferia de São Paulo	Nicolau Dela Bandeira Arco Netto	não	não	sim
		Escolas de Fronteiras: percebendo diferenças, construindo pontes.	José Lindomar Coelho Albuquerque, Flavia Alves de Sousa	fronteira, escola, circulação	sim	sim
ANPED						
2000	Sociologia da educação	A PLURALIDADE DE IDENTIDADES NO BAIRRO MARÉ – RIO DE JANEIRO	Silva, Jailson de Souza E (UFF)	não	sim	não
2001	Sociologia da Educação	UM ESTUDO SOBRE O ENGENDRAMENTO DA INDISCIPLINA NO COTIDIANO ESCOLAR	Ângela Cibiac Fernandes (PUC)	não	sim	não
2002	Movimentos Sociais e Educação	Escola nucleada rural	Maria Marta Lopes Flores (UNIMEP)	não	sim	não

2003	Movimentos Sociais e Educação	Educação em assentamentos: relações (re)criadas no cotidiano do movimento social.	MARIA ANTÔNIA DE SOUZA - UTP (CNPq)	não	sim	não
2004	Educação popular	Por que o local? A cidade como campo da Educação Popular.	TAVARES, Maria Tereza Goudard - UERJ	não	sim	não
2005	Movimentos Sociais e Educação	"MULHERES EM MOVIMENTO": LAZER E EDUCAÇÃO NO ESPAÇO URBANO	CAVALEIRO, Maria Cristina – CUFA	não	sim	não
2006	Movimentos Sociais e Educação	JOVENS E AÇÕES PÚBLICAS: ESPAÇOS EDUCATIVOS DE FORMAÇÃO	MARIA TEREZA CANEZZIN GUIMARÃES/EDNA MENDONÇA OLIVEIRA DE QUEIROZ	não	sim	sim
2007	Gênero, sexualidade e educação	BANHEIROS ESCOLARES – PROMOTORES DE DIFERENÇAS DE GÊNERO	Adla Betsaida Martins Teixeira/Ana Elvira Steinbach Silva Raposo	Gênero. Sexualidade. Educação Infantil. Banheiros públicos	sim	sim
2008	Movimentos sociais e Educação	"TIRANDO CADEIA": PROCESSOS DE (TRANS)FORMAÇÃO DE JOVENS EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO	POLLYANA DOS SANTOS	juventudes; medida socioeducativa de internação; processos de formação.	sim	sim
2009	Educação e Relações Étnico-Raciais	ENCONTROS NAS RUAS, NOS MUSEUS E NOS MERCADOS: SOBRE PROCESSOS IDENTITÁRIOS E ALIANÇAS DA DIÁSPORA	Mailsa Carla Passos /Carlos Roberto de Carvalho	práticas culturais; identidades; diáspora africana.	sim	sim
2010	Sociologia da Educação	Os conselhos de classe: mecanismos de produção das desigualdades na escola?	Ana Pires do Prado Maria de Lourdes Sá Earp	não	sim	sim
2011	Movimentos Sociais e Educação	A relação Trabalho e Educação na escola de assentamento Paulo Freire: um estudo de caso	ADRIANA D AGOSTINI	escola pública do campo; prática pedagógica; trabalho e educação	sim	sim
2012	Educação e Relações Étnico-raciais	SABERES TRADICIONAIS E AS POSSIBILIDADES DE SEU TRÂNSITO PARA OS ESPAÇOS ESCOLARES	ANTÔNIO JACÓ BRAND	saberes tradicionais; território; espaços escolares	sim	sim
2013	Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos	O que pode uma escola? Traços, riscos, sonhos: apostas de um sempre e novo começo.	LUZIANE DE ASSIS RUELA SIQUEIRA	liberdade assistida, sentido, risco.	sim	sim
2015	Gênero, Sexualidade e Educação	CORPOS E SUBJETIVIDADES TRANS* NA ESCOLA E NOS MOVIMENTOS SOCIAIS: A REINVENÇÃO DAS TENTATIVAS DE CAPTURA POR MEIO DAS NORMATIVAS OFICIAIS	DAYANA BRUNETTO CARLIN DOS SANTOS	corpos e subjetividades trans*; escola; governamentalidade; biopolítica; resistência	sim	sim

APÊNDICE F – Tabela 12: Dados completos dos *papers* analisados no eixo construção da alteridade

ANO	Mesa	Título	Autor/Instituição	Palavras-chave	Trabalho disponível	Resumo disponível
ABA						
2000	FÓRUM DE PESQUISA 05:ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO/ Sessão Temática/ Antropologia e Etnologia da Prática Educativa/ BLOCO A - EDUCAÇÃO INDÍGENA/Sessão de Comunicação	A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO PARANÁ.	Kimiye Tommasino (UEL)	não	não	sim
2002	Comunicação coordenada - Educação diferenciada	ANTES E DEPOIS DO OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE A ETNIA CABOCLA	Geraldo Augusto Locks / UNIPLAC	Etnia Cabocla; Identidade; diversidade cultural	não	sim
2004	FP Antropologia e Educação: Ensino e Pesquisa p. 93-102/ 1ª SESSÃO/ Ensino de Antropologia em Outros Cursos	Professor, Sou muito Etnocêntrica!", ou: Relato Sobre a Dupla Dimensão da Descoberta da Antropologia em Sala-de-Aula (p. 95)	Rafael José dos Santos - Antropologia e Sociologia, UNISUL - SC/ Eduardo Manchon Arantes - Turismo, UNISUL - SC/ Fausto Matos Darin - Turismo, UNISUL - SC/	não	não	sim
2006	GT Fórum de pesquisa em antropologia e educação	SABERES DOS POVOS DA MATA AMAZÔNICA E A NATUREZA	Elane Andrade Correia Lima (UFA)	Cultura indígena; Natureza e cultura; Saberes da tradição dos povos da mata	sim	sim
2008	GT Desafios Contemporâneos para uma Antropologia da Educação/Educação: ensino, pesquisa e políticas de igualdade	MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS, EDUCAÇÃO E POVOS INDÍGENAS: NOVOS DESAFIOS PARA A ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO	PÁDUA, Karla Cunha -FAE- CBH-UEMG	antropologia ; movimentos identitários; formação de educadores indígenas	sim	sim
2010	GT Antropologia e educação entre saberes, práticas e aprendizagens	Mais além das diferenças – a sociedade civil e a educação para a diversidade cultural	José Márcio Barros – PUC Minas e UEMG	Diversidade cultural – Sociedade civil – Educação	sim	sim
2012	GT não identificado	A diversidade cultural em Sousa-PB: analisando interações sociais entre ciganos e não ciganos	Maria Patrícia Lopes Goldfarb ¹	Ciganos; Interação social, Exclusão.	sim	sim

2014	GT Antropologia e Educação: construindo diálogos na interface	Literatura Negra Infanto-Juvenil: Discursos afro-brasileiros em construção	Luená Nascimento Nunes Pereira	Lei 10.639, Literatura Negra; Literatura Infanto-Juvenil	sim	sim
ANPED						
2000	Movimentos Sociais e Educação	AS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DE GÊNERO E RAÇA NA CONSTITUIÇÃO DA MASCULINIDADE E DO CORPO DOS HOMENS NEGROS DO GRUPO AFRO-CATÓLICO MAÇAMBIQUE DE OSÓRIO	Regina Marques Parente/UFRGS	não	sim	não
2001	Movimentos sociais e Educação	QUEM SÃO OS NEGROS? Classificação racial no Brasil: aproximações e divergências	Delcele Mascarenhas Queiroz (Uneb)	não	sim	não
2002	Educação popular	A cor e o gênero dos perdedores	Saraí Patrícia Schmidt (FEEVALE)	não	sim	não
2003	Grupo de Estudos Afro-Brasileiros e Educação	Educação e Desigualdade Racial. Políticas de Ações Afirmativas	Maria Valéria Barbosa Veríssimo - UNESP	não	sim	não
2004	Movimentos sociais e Educação	O processo de escolarização entre os Xacriabá: explorando alternativas de análise na antropologia da educação	GOMES, Ana Maria R. - UFMG (FAPEMIG)	não	sim	não
2005	Grupo de Estudos Gênero, Sexualidade e Educação	SEXOS, SEXUALIDADES e GÊNEROS – MONSTRUOSIDADES no CURRÍCULO da EDUCAÇÃO SEXUAL	FURLANI, Jimena – UDESC – UFRGS	Educação Sexual; Educação, Gênero e Sexualidade; Currículo e Formação de Educadoras/res	sim	sim
2006	Educação popular	O acesso das classes populares à universidade: implicações para a construção de sua identidade cultural	JOSÉ LICÍNIO BACKES	Identidade - classes populares – cultura	sim	sim
2007	Sociologia da Educação	JOVENS UNIVERSITÁRIOS DE ORIGEM POPULAR: ALTERANDO PERCURSOS	Veleida Anahi da Silva/Ana Maria Freitas Teixeira	não	sim	sim
2008	Educação popular	EXAMES NACIONAIS E SUBALTERNIZAÇÃO DAS CLASSES POPULARES	MARIA TERESA ESTEBAN	exame; classes populares; subalternidade	sim	sim

2009	Educação Popular	OS FILHOS DA ZONA: EXPECTATIVAS, COTIDIANOS E PENSARES DE PROFISSIONAIS DO SEXO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR DE SEUS FILHOS	Marcelo Nascimento Mendes /Luiz Alberto de Souza Marques	educação; cotidiano; escola; profissionais do sexo.	sim	sim
2010	Movimentos sociais e Educação	Juventude: entre a indisciplina e a zoação	Fernando José Martins	não	sim	sim
2011	Movimentos Sociais e Educação	INTÉRPRETES DE SI: NARRATIVAS IDENTITÁRIAS DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI	NILDA STECANELA/CARMEM MARIA CRAIDY	narrativas identitárias; juventude carcerária; pesquisa qualitativa	sim	sim
2012	Sociologia da Educação	Em busca de alunos "mais calminhos": processos ocultos de seleção de alunos em escolas públicas	LUCIANA ALVES/ANTÔNIO AUGUSTO GOMES BATISTA	quase-mercado educacional oculto; processos de seleção; escolas públicas	sim	sim
2013	Educação e Relações Étnico-raciais	A RELAÇÃO ESCOLA-TERREIRO NA PERSPECTIVA DE FAMÍLIAS CANDOMBLECISTAS	EDUARDO QUINTANA	Candomblé. Relação terreiro-escola. Escolarização e religião.	sim	sim
2015	Educação e Relações Étnico-Raciais	O NOVO PNE E A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: URGÊNCIAS PARA O CURRÍCULO DE FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE	LUIZ FERNANDES DE OLIVEIRA/FABIANA FERREIRA DE LIMA	currículo; Lei 10.639/03; formação inicial docente.	sim	sim

APÊNDICE G – Tabela 13: Dados completos dos *papers* de balanço do GT 06

ANO	Mesa	Título	Autor/Instituição	Palavras-chave	Trabalho disponível	Resumo disponível
2004	Educação popular	QUAL O JEITO DO GT 06? UMA INCURSÃO EM BUSCA DE PISTAS.	AZIBEIRO, Nadir Esperança - UDESC – PPGE/UFSC	não	sim	não
2007	Educação Popular	O LUGAR DA CULTURA NO GT DA EDUCAÇÃO POPULAR DA ANPED	José Licínio Backes	cultura, educação popular, democracia	sim	sim
2008	Educação Popular	A CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO POPULAR: UMA ANÁLISE DO GT DE EDUCAÇÃO POPULAR DA ANPED	RUTH PAVAN	educação popular, Paulo Freire, educação dialógica.	sim	sim
2010	Educação Popular	Contribuições do GT de Educação Popular da ANPED para a educação intercultural	Vera Maria Ferrão Candau/Susana Beatriz Sacavino	educação intercultural; interculturalidade crítica; educação popular	sim	sim

APÊNDICE H – Tabela 14: Dados completos dos *papers* analisados no eixo proposta de educação formal

ANO	Mesa	Título	Autor/Instituição	Palavras-chave	Trabalho disponível	Resumo disponível
ABA						
2000	BLOCO B - ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO NA PESQUISA	GÊNERO E EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR.	Erica Renata de Souza (UNICAMP)	não	não	sim
2002	Comunicação coordenada - Educação diferenciada	A formação dos professores e a educação escolar nas áreas indígenas no Paraná	Rosângela Célia Faustino / UEM	não	não	sim
2004	FP Antropologia e Educação: Ensino e Pesquisa p. 93-102 / 1ª SESSÃO/ Ensino de Antropologia em Outros Cursos	Extensão Rural: Ensino na Interface da Antropologia e da Educação (p.93)	Ana Lúcia Eduardo Farah Valente - UnB	não	não	sim
2006	GT Fórum de pesquisa em antropologia e educação	LEI 10.639/03: Aporte para a (re)construção afirmativa da identidade afro-descendente nos espaços sociais educacionais brasileiros?	Igor Bergamo Anjos Gomes	Currículo-História/ Cultura Afro-Multiculturalismo-Identidade Étnica	sim	sim
2008	GT Desafios Contemporâneos para uma Antropologia da Educação/ Educação: ensino, pesquisa e políticas de igualdade	Ensino de antropologia: reflexão ou intervenção cultural?1	Rodrigo Rosistolato / PPGSA/IFCS/UFRJ	ensino, formação, escolarização, antropologia, cultura.	sim	sim
2010	MR Antropologia e educação: um panorama do ensino e da pesquisa no Brasil	O ensino da antropologia para quem não vai ser antropólogo na região sul	Ari José Sartori / UFSC / NEPI / Florianópolis / SC	antropologia da educação; ensino da antropologia; professores de antropologia nas IES e a ABA desafios para a ABA.	sim	sim
2012	GT Identidades, biossocialidades e Espaços Sociais	Juventude e sexualidade: moralidades em disputa na trajetória do projeto Escola sem Homofobia	Vanessa Leite UERJ	juventude, sexualidade, políticas públicas	sim	sim
2014	GT Antropologia e Educação: construindo diálogos na	A pesquisa na educação básica como estratégia de ensino e aprendizagem dos temas culturais.	Josemi Medeiros da Cunha	não	não	sim

	interface					
ANPED						
2000	Educação Popular	A PEDAGOGIA CULTURAL DO MOVIMENTO SEM TERRA COM RELAÇÃO À INFÂNCIA	WESCHENFELDER, Noeli Valentina (UNIJUÍ; UFRGS); MARIA, Noemi Antonio (Bolsista IC CNPq)	não	sim	não
2001	Movimentos sociais e Educação	APROVAÇÃO POPULAR DA VIOLÊNCIA POLICIAL: UM DESAFIO POLÍTICO-PEDAGÓGICO PARA O MOVIMENTO DE DIREITOS HUMANOS	Maria Aparecida Morgado (UFMT)	não	sim	não
2002	Educação popular	Relação muito delicada: escola e comunidade	Adir da Luz Almeida	não	sim	não
2003	Movimentos Sociais e Educação	COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM: DEMOCRATIZANDO RELAÇÕES ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE	Roseli Rodrigues de Mello - UFSCar (FAPESP)	não	sim	não
2004	Movimentos sociais e Educação	A DIMENSÃO EDUCATIVA DO FAZER MILITANTE NO MST	PAIVA, Irene Alves de – UFRN	não	sim	não
2004	Educação popular	QUAL O JEITO DO GT 06? UMA INCURSÃO EM BUSCA DE PISTAS.	AZIBEIRO, Nadir Esperança - UDESC – PPGE/UFSC	não	sim	não
2005	Educação popular	EDUCAÇÃO POPULAR EM MOVIMENTOS SOCIAIS: CONSTRUÇÃO COLETIVA DE CONCEPÇÕES E PRÁTICAS EDUCATIVAS EMANCIPATÓRIAS	BATISTA, Maria do Socorro Xavier – UFPB	não	sim	não
2006	Gênero, Sexualidade e Educação	O bordado no currículo como espaço-tempo/fazer educativo.	CLAUDIA REGINA RIBEIRO PINHEIRO DAS CHAGAS	Cultura escrita – bordado - gênero	sim	sim
2007	Educação Popular	O LUGAR DA CULTURA NO GT DA EDUCAÇÃO POPULAR DA ANPED	José Licínio Backes	cultura, educação popular, democracia	sim	sim
2007	Educação Popular	O FORMAL E O NÃO-FORMAL NA TRAJETÓRIA FORMATIVA DE EDUCADORAS DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR	Ana Cláudia Ferreira Godinho	formação de educadores - Educação de Jovens e Adultos – Educação Popular	sim	sim
2008	Sociologia da Educação	PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: UMA ALTERNATIVA CONSISTENTE DE ESCOLARIZAÇÃO RURAL?	JOÃO VALDIR ALVES DE SOUZA	educação; pedagogia da alternância; Vale do Jequitinhonha.	sim	sim
2008	Educação Popular	A CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO POPULAR: UMA ANÁLISE DO GT DE EDUCAÇÃO POPULAR DA ANPED	RUTH PAVAN	educação popular, Paulo Freire, educação dialógica.	sim	sim

2009	Educação e Relações Étnico-Raciais	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EVIDENCIAM MICRO-AÇÕES AFIRMATIVAS COTIDIANAS	Regina de Fatima de Jesus	micro-ações afirmativas; afro-descendência; cotidiano escolar	sim	sim
2010	Educação Popular	Contribuições do GT de Educação Popular da ANPEd para a educação intercultural	Vera Maria Ferrão Candau/Susana Beatriz Sacavino	educação intercultural; interculturalidad e crítica; educação popular	sim	sim
2010	Educação Popular	Educação Popular e paradigmas emancipatórios	Paulo Evaldo Fensterseifer	educação popular; paradigma; emancipação; cidadania; política	sim	sim
2011	Educação Popular	A diversidade cultural como vantagem educativa na educação escolar	RAQUEL MOREIRA	não	sim	sim
2012	Educação Popular	ESCRAVIDÃO EM UBERABA EM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO POPULAR	TIAGO ZANQUÊTA DE SOUZA/VALERIA OLIVEIRA DE VASCONCELOS	Histórias de vida; Escravidão em Uberaba; Educação Popular.	sim	sim
2013	Educação e Relações Étnico-raciais	DO QUILOMBO AO CANAVIAL: desafios e perspectivas para a implementação da Educação Escolar Quilombola numa comunidade do Médio Jequitinhonha	JOSE EUSTÁQUIO DE BRITO	Educação Escolar Quilombola; Trabalho; Educação; Relações Raciais.	sim	sim
2015	Educação popular	Educação popular como política pública: análise crítica	PAULO ALFREDO SCHÖNARDIE	Educação popular; Política pública; Riscos; Possibilidades.	sim	sim
2015	Gênero, Sexualidade e Educação	O CAMPO DO GÊNERO NA ANPEd. HIPÓTESES EM CONSTRUÇÃO	MÁRCIA ONDINA VIEIRA FERREIRA	gênero; sexualidades; produção científica; ANPEd; grupos de pesquisa	sim	sim

APÊNDICE I – Tabela 15: Total dos *papers* da ABA selecionados na primeira etapa da pesquisa

ANO	Mesa	Título	Autor/Instituição	Palavras-chave	Trabalho disponível	Resumo disponível
1996	Comunicação coordenada 06- Política, Educação e Imaginário	Partidos políticos como objeto antropológico	José Nascimento/ UFRGS	não	não	não
		O imaginário e seu dinamismo organizador	Altair Macedo Lahud Louveiro/UnB	não	não	não
		De Anjos esvoaçantes a anjos de arrabalde: representação do papel social da professora de 1º grau	Ione Celeste J. de Souza/ UEFS Neivalda Freitas de Oliveira/ UEFS/UCSAL	não	não	não
		Telenovela: recepção e etnografia	Maria Immaculata V. Lopes/USP	não	não	não
		Perdas e desenraizamentos no imaginário dos em sujeitos de risco	Eliana Monteiro Nogueira. Maria de F. S. Araújo, Maria do S. Vieira/ UFPB	não	não	não
		A dimensão simbólica da política no cotidiano	Nara Magalhães	não	não	não
		Primeiras considerações sobre o significado da festa na constituição da identidade cultural do povo brasileiro	Rita de Cássia Amaral	não	não	não
		Vos nos entras... nosotros no entramos: discriminación y violencia en las discotecas de rosario	Mirtha Taborda/ Universidad Nacional de Rosario	não	não	não

		Instituto de Educação Paulo Freire: um estudo político cultural	Maria do Carmo Bezerra	não	não	não
		Parceria em sala de aula: alternativa para disciplinas teóricas	Rita de Cássia Marchi	não	não	não
1998	GT Infância e juventude: novas e velhas questões revisitadas	Educação e Família Operária: o cotidiano das escolas de fábricas com vila operária	Ana Isabel Aguiar Cabral (Universidade Federal do Rio de Janeiro)	não	não	sim
	MR Educação Básica e desigualdade social no Brasil: qual o lugar da antropologia nesse debate?	indisponível	não	não	não	não
	MR Infância e cidadania: a difícil conjunção entre o micro e o macro	indisponível	não	não	não	não
2000	FÓRUM DE PESQUISA 05:ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO	EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL : O "SABER FAZER" PARAGUAIO NOS ERVAIS DE MATO GROSSO.	Carla Villamaina Centeno (UFMS)	não	não	sim
	Sessão de Comunicação	TEXTO E CONTEXTO: EDUCAÇÃO E PRESENÇA ALEMÃ EM MATO GROSSO DO SUL - 1920 –1930.	Mariza Santos Miranda (UFMS)	não	não	sim

	Sessão Temática/ Antropologia e Etnologia da Prática Educativa/ BLOCO A - EDUCAÇÃO INDÍGENA	A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO PARANÁ.	Kimiye Tommasino (UEL)	não	não	sim
		A identidade Social do Professor	Gilda de Castro Rodrigues	não	sim	não
		ESCOLA INDÍGENA AMONDAVA – RONDÔNIA.	Vera da Silva (UFPE)	não	não	sim
2000	Bloco B/ EDUCAÇÃO RURAL, URBANA E ÉTNICA	EDUCAÇÃO RURAL EM LONDRINA : DO ETNOCENTRISMO À DIVERSIDADE.	Maria Regina Clivati Capelo (UEL)	não	não	sim
		ESCOLA RURAL DO ALTO DO VALLE DO RIO NEGRO – ARGENTINA.	Veronica Trpin (Facultad de Ciencias de la Educacion - Universidad Nacional del Comahue - Patagônia/Argentina)	não	não	sim
		O SABER QUE AS CRIANÇAS LEVAM PARA A ESCOLA: TRAÇOS CULTURAIS NA SALA DE AULA EM ESCOLAS DA VILA CRUZEIRO/PORTO ALEGRE/RS.	Maria Nazareth Agra Hassen (NiPE, Faculdades Integradas Ritter dos Reis)	não	não	sim
		DE ESCOLA DE JAPONESES; A ESCOLA VISCONDE DE CAIRÚ – INFLUÊNCIAS DA POLÍTICA NACIONALISTA DE GETÚLIO VARGAS .	Claudia Regina de Brito (UNIDERP - FIC/UNAES)	não	não	sim
		MEMÓRIA DA INFÂNCIA	Marilda Rosa	não	não	sim

		E DA ADOLESCÊNCIA SOBRE IMIGRAÇÃO ENTRE IMIGRANTES EUROPEUS DO VALE DO ITAJAI.	Galvão Checucci Gonçalves da Silva (Faculdade Regional de Blumenau)			
		(SEM TÍTULO)	Maria Cristina Belloc (Universidad Nacional de Ma del Plata)	não	não	sim
	SESSÃO DE COMUNICAÇÃO	EDUCAÇÃO, DIFERENÇA E TRABALHO.	Samira S. Pulchério Lancelotti (UFMS)	não	não	sim
		(SEM TÍTULO)	Lúcia Monte Serrat Alves Bueno (UFMS)	não	não	sim
	SESSÃO TEMÁTICA II/ ANTROPOLOGIA, EDUCAÇÃO E TRABALHO: ENSINO E PESQUISA/ BLOCO A - ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO NA ACADEMIA	DIÁLOGOS, MONÓLOGOS E RITUAIS: O QUE SE DIZ SOBRE A INTERFACE ENTRE A ANTROPOLOGIA E A EDUCAÇÃO?	Ana Lucia F. Valente (UFMS)	não	não	sim
		ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA FE/UNICAMP	Neusa Maria Mendes de Gusmão (FE/UNICAMP)	não	não	sim
		A ANTROPOLOGIA DO ENSINAR E APRENDER.	Christina de Rezende Rubim (Unesp/ Marília)	não	não	sim
		PESQUISA, EDUCAÇÃO E CULTURA: O CASO	Raquel Paim Simões David	não	não	sim

		DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UEMG.	(Centro Universitário Newton Paiva – Belo Horizonte/MG)			
2000	BLOCO B - ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO NA PESQUISA	OS UNIVERSITÁRIOS – MODO DE VIDA E PRÁTICAS LEITORAS.	Tania Dauster (PUC/ RJ)	não	não	sim
		ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO: TECENDO DIÁLOGOS.	Sandra Pereira Tosta (PUC/ MG)	não	não	sim
		GÊNERO E EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR.	Érica Renata de Souza (UNICAMP)	não	não	sim
	BLOCO C ANTROPOLOGIA, DIFERENÇA E TRABALHO	A QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NAS EMPRESAS: REFLEXÕES EM TORNO DAS IDENTIDADES SOCIAIS, NACIONALIDADES E CULTURAS EMPRESARIAIS.	Alcides Fernando Gussi (IFCH/FE/UNICAMP)	não	não	sim
		ENCONTRO ENTRE OS SABERES DA ANTROPOLOGIA E DA ADMINISTRAÇÃO: ETNOGRAFIA DO GRUPO DE PESQUISA EM CULTURAS EMPRESARIAIS.	Pedro Jaime Jr. (Universidade Estadual de Feira de Santana – BA/PUC/RJ)	não	não	sim
	SESSÃO TEMÁTICA III/ QUAIS SÃO OS OBSTÁCULOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DAS POLÍTICAS DE AÇÃO	GERAÇÃO XXI: UM PROJETO DE AÇÃO AFIRMATIVA COM JOVENS NEGROS NA	Edson Silva (Militante do MN)	não	não	sim

	AFIRMATIVA PARA OS NEGROS NO BRASIL?	CIDADE DE SÃO PAULO.	Maria Aparecida da Silva (Geledés/ Instituto da Mulher Negra)			
		(SEM TÍTULO)	Dulce Pereira - Presidente da Fundação Palmares (ou outro representante)	não	não	sim
		AÇÃO AFIRMATIVA PARA NEGROS: DISCRIMINAÇÃO ÀS AVESAS OU INSTRUMENTO DE DEMOCRATIZAÇÃO?	Helio Santos (Grupo Interministerial de Combate à Discriminação Racial)	não	não	sim
2002	Comunicação coordenada - Educação diferenciada	DE MÃES E "TIAS": A FAMÍLIA DA CRIANÇA CEGA NO DISCURSO DA ESCOLA ESPECIALIZADA	Fernanda Eugenio / UFRJ	não	não	sim
		ANTES E DEPOIS DO OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE A ETNIA CABOCLA	Geraldo Augusto Locks / UNIPLAC	Etnia Cabocla; Identidade; diversidade cultural	não	sim
		ENTRE A ESCOLA E A IGREJA: memórias de professoras rurais	Maria Regina Clivati Capelo / UEL	não	não	sim
		EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: ENTRE A "REVITALIZAÇÃO	Mariana Paladino / MN/UFRJ	não	não	sim
		A formação dos professores e a educação escolar nas áreas indígenas no Paraná	Rosângela Célia Faustino / UEM	não	não	sim
		Educação e Racismo: A Representação do Negro no Espaço Escolar	Waléria Maria Menezes Bezerra de Moraes / FJN	não	não	sim
	Formação do	"Tout va très bien..." para além dos muros da academia	Gláucia Oliveira da Silva UFF	não	não	sim

	antropólogo	Notícias sobre a oficina Antropologia Extramuros e suas reflexões sobre mudanças na prática antropológica				
		A Formação do Antropólogo na Graduação e na Pós Graduação	Guita GRIN DEBERT (UNICAMP)	não	não	sim
		De promotor a advogado: o papel do antropólogo na nova agenda cultural	Lilia Moritz Schwarcz (USP)	não	não	sim
		A Antropologia do Norte-Nordeste - uma revisão crítica de campos e aplicação de conhecimentos	Maria do Carmo Brandão UFPE	não	não	sim
		Sem título	Miriam Grossi (UFSC) e Luís Roberto Cardoso de Oliveira (UnB)	não	não	sim
		Por que gostamos tanto do curso de ciências sociais?	Yvonne Maggie UFRJ	não	não	sim
2004	FP Antropologia e Educação: Ensino e Pesquisa p. 93-102	Educação como Objeto Antropológico (p.93)	Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros - UERJ	não	não	sim
	1ª SESSÃO/ Ensino de Antropologia em Outros Cursos	Extensão Rural: Ensino na Interface da Antropologia e da Educação (p.93)	Ana Lúcia Eduardo Farah Valente - UnB	não	não	sim
		Diversidade e Minorias: Da Universidade às Políticas Públicas e Empresariais (p. 94)	Cleyde Rodrigues Amorim - UEM/PR	não	não	sim
		Rituais do Faz-de-Conta: A Relação entre a Arqueologia e a Educação (p. 94)	Marcia Bezerra de Almeida - UCG	não	não	sim
		O Ensino da Antropologia no Curso de Serviço Social (p. 94-95)	Andrea Lissett Pérez - PPGAS/UFSC	não	não	sim
		Ensinando Antropologia do Corpo a Estudantes de Educação Física (p. 95)	Bernadete Beserra - UFC	não	não	sim

		Professor, Sou muito Etnocêntrica!", ou: Relato Sobre a Dupla Dimensão da Descoberta da Antropologia em Sala-de- Aula (p. 95)	Rafael José dos Santos - Antropologia e Sociologia, UNISUL - SC/ Eduardo Manchon Arantes - Turismo, UNISUL - SC/ Fausto Matos Darin - Turismo, UNISUL - SC/	não	não	sim
		O Ensino de Conhecimentos Antropológicos na Educação Básica (p.96)	Antonella Tassinari - UFSC	não	não	sim
	2ª SESSÃO/ Antropologia e Educação: Pesquisa e Experiências	O Ensino de Antropologia no Brasil: Um Estudo Etnográfico das Formas Institucionalizadas de Transmissão da Cultura (p. 96)	Guillermo Vega Sanabria - PPGAS/ UFSC	não	não	sim
		"Um Outro Olhar, um Outro Objeto" - A Antropologia no Campo da Educação (p. 97)	Tania Dauster - PUC-Rio	não	não	sim
		Entre Dois Fóruns: Um Debate da Antropologia da Educação no Brasil (p. 97)	Neusa Maria Mendes de Gusmão - UNICAMP	não	não	sim
		Antropologia e Educação - As Primeiras Aproximações (p. 97)	Janirza Cavalcante da Rocha Lima - Fundação Joaquim Nabuco - PE	não	não	sim
		Antropologia Introduzida a Partir de Exercícios Etnográficos (p. 98)	Marcio D'Olive Campos - UFES	não	não	sim
		A Pesquisa em Educação numa Perspectiva Antropológica: O Caso de MG (p. 98)	Sandra Pereira Tosta - PUC - MG	não	não	sim
		Educação Intercultural na Universidade Pública: O Exemplo do Projeto Extracurricular de Ciências Sociais (p. 99)	Denise Machado Cardoso - Doutoranda, NAEA/UFPA / Kirla Korina dos Santos Anderson - Bolsista de Iniciação Científica / Natasha de Jesus Veloso - Bolsista de Iniciação Científica	não	não	sim

		Quando a Diferença Faz a Diferença: A Presença de Índios na UEL - Londrina (p. 99)	Maria Regina Clivati Capelo - UEL / Wagner Roberto do Amaral - UEL	não	não	sim
	3ª SESSÃO/ Antropologia, Grupos Culturais e Educação	À Flor da Pele a Violência do Preconceito Dirigido às Crianças Negras na Escola (p. 100)	Waléria Menezes - Fundação Joaquim Nabuco - PE	não	não	sim
		Identidade Negra e Juventude: Os Grupos Culturais como Espaços Educativos (p. 100)	Nilma Lino Gomes - UFMG	não	não	sim
		Culturas e Cultura Escolar: Uma Análise a Partir da Experiência da Educação Escolar Indígena em Minas Gerais (p. 101)	Ana Maria R. Gomes - UFMG	não	não	sim
		A Educação do Corpo no Ritual de Nomação Bororo (p. 101)	Beleni Grando - UNEMAT	não	não	sim
		Estudar no Amazonas: Jovens Indígenas Ticuna e sua Presença na Cidade (p. 101)	Mariana Paladino - PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ	não	não	sim
		Etnicidade e Tradição Brasileira: Obstáculos à Cidadania Indígena a Partir das Diretrizes Curriculares Nacionais (p. 102)	Marcondes de A Secundino - UFPE / Evson Malaquias Moraes Santos - UFPE	não	não	sim
		Juventude, Grupos Culturais e Sociabilidade (p. 102)	Juarez Tarcísio Dayrell - UFMG	não	não	sim
		Projetos de Trabalhadores: os Significados dos Cursos Profissionalizantes (p. 102-103)	Suzana Burnier - CEFET-MG	não	não	sim
2006		Corpo: um idioma para a compreensão da infância, da criança e da educação indígena	Hanna C. Lins Rocha Limulja	não	não	não
		Religião nas escolas: comparação entre Brasil e EUA.	Sandra de Sá Carneiro (UERJ) e Márcia Contins (UERJ)	não	não	não

		A COSMOVISÃO E AS REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS KAIOWÁ-GUARANI: O ANTES E O DEPOIS DA ESCOLARIZAÇÃO	NASCIMENTO, Adir Casaro Nascimento	não	não	não
		Entre a Cruz e a Espada: Professores entre a Homofobia e a Pedofilia.	autor não localizado. Trabalho n.2831	não	não	não
2006	GT Fórum de pesquisa em antropologia e educação	O Paradigma do Saber Profundo nas Comunidades Goianas de Cibebe e Caiçara	MARIA EMÍLIA CARVALHO DE ARAUJO	não	sim	não
		EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E SUSTENTABILIDADE QUESTÕES PARA A ANTROPOLOGIA	ANTONIO HILARIO (Faculdade Estácio de Sá)	Educação Indígena, sustentabilidade, Antropologia	sim	sim
		SABERES DOS POVOS DA MATA AMAZÔNICA E A NATUREZA	Elane Andrade Correia Lima (UFA)	Cultura indígena; Natureza e cultura; Saberes da tradição dos povos da mata	sim	sim
		Um olhar antropológico sobre a reforma educacional: análise das dificuldades de sua implementação	Ana Pires do Prado Universitat Autònoma de Barcelona	não	sim	não
		A má vontade antropológica e as cotas para negros nas universidades***** (Contrapor com os pedagogos)	Ana Lucia Valente (UnB)	Cotas para negros; universidade de Brasília; Educação; posicionamento de antropólogos;	sim	sim
		DISCURSOS ÉTNICOS E ESCOLA INDÍGENA: DAS DIRETRIZES OFICIAIS AOS DISCURSOS E PRÁTICAS DOS PROFESSORES TERENA (BRASIL) E PURHÉPECHA (MÉXICO)	Rosani Moreira Leitão UFG	não	sim	não

		LEI 10.639/03: Aporte para a (re)construção afirmativa da identidade afro-descendente nos espaços sociais educacionais brasileiros?	Igor Bergamo Anjos Gomes	Currículo-História/ Cultura Afro-Multiculturalismo-Identidade Étnica	sim	sim
		O processo ensino-aprendizagem da antropologia nos cursos de graduação: "o que" e "o como" ensinar	ARI JOSÉ SARTORI UFSC	não	sim	não
		OS USOS DA ETNOGRAFIA NA PESQUISA EDUCACIONAL	Sandra de Fátima Pereira Tosta PUC-MG	não	sim	não
		CONHECENDO A APRENDIZAGEM	Laura Arlene Saré Ximenes Ponte UFPA	não	sim	não
		A ANTROPOLOGIA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	Christina de Rezende Rubim FFC/UNESP (Marília)	não	sim	não
	GT "FÓRUM DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO"	Aprender com os saberes de diferentes sociedades e culturas: um diálogo entre maloca Tukano e educação.	Jakeline de Souza INPA	Educação, Maloca Tukano e Saberes Tradicionais.	sim	sim
		PRÁTICAS DE LETRAMENTO E RECRIAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA ENTRE OS XAKRIABÁ	Carlos Henrique de Souza Gerken UFSJ e Isis Aline Vale Teixeira UFMG	não	sim	não
		Trajetórias de vida e práticas pedagógicas de professoras negras	Eva Aparecida da Silva	não	sim	não
		Intervenção e reflexão: considerações sobre a produção acadêmica a respeito da educação escolar indígena no Brasil	Luís Donisete Benzi Grupioni PPGAS/USP	não	sim	não
	GT Educação patrimonial: perspectivas	Percursos, rotas e caminhadas: as iniciativas de preservar o patrimônio através da educação	Maria Beatriz Pinheiro Machado	não	sim	não

	e dilemas (GT: 21)					
		AS DUAS FACES DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	Sem nome	não	sim	não
		Ensino superior indígena diferenciado, patrimônio (i)material e Arqueologia Pública: a experiência de um curso denominado "Arqueologia e Habitação Indígena" entre professores indígenas de 22 etnias do Estado de Mato Grosso.	Luciano Pereira da Silva (UNEMAT)	não	sim	não
		POLÍTICAS QUILOMBOLAS, AÇÕES PATRIMONIAIS E MEMÓRIA COLETIVA: REPENSANDO MITOS DE ORIGEM.	Olavo Ramalho Marques (UFRGS)	não	sim	não
		RECIPROCIDADE E CONFLITO NA REDE PÚBLICA DE ENSINO: UM ESTUDO SOBRE AS ELEIÇÕES PARA DIRETORES NAS ESCOLAS ESTADUAIS DO PARANÁ	EDIMARA DOMINGUES DE OLIVEIRA UFPA	não	não	não
		O FUTEBOL DENTRO E FORA DA ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DE APRENDIZAGEM	Eliene Lopes Faria UFOP	não	não	não
	SE Circulação Transnacional, Fronteiras e Identidades: diálogos	Projeto Anhangüera: fazendo escola	Dilamar Candida Martins - UFG	não	sim	não
		ENSINO DE ANTROPOLOGIA NA GRADUAÇÃO: CIÊNCIAS SOCIAIS OU ANTROPOLOGIA?	Mirian Goldenberg (IFCS/UFRJ)	não	sim	não

		ANTROPOLOGIA E ENSINO DE GRADUAÇÃO: OBSERVAÇÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS	Celso Castro - Museu Nacional/UFRJ	não	não	não
		Ensino de Ciências Sociais ou Antropologia? Uma breve reflexão comparada entre Brasil e os Estados Unidos	Benedito Rodrigues dos Santos (IGPA/UCG)	não	sim	não
	GT não identificado	EDUCAÇÃO, PROFISSÃO PERIGO: BURNOUT, DEPRESSÃO, DISTÚRBIOS VOCAIS E TRATAMENTO ESPIRITUAL NO ESPIRITISMO	SANTOS, Mestre Genivalda Araujo Cravo dos (SEE/SME) e AMORIM, Mestranda Samia Neves Maciel de Carvalho (UCG/GO)	Educação, Saúde e Religião	sim	não
		Educação Patrimonial: reflexões a partir da realidade vivida em Anchieta ES.	Sônia Missagia Mattos – UFES	não	sim	não
		Nos caminhos da história da Educação da Infância em Jataí-Go: a constituição de uma cultura assistencialista?	Lais Leni Oliveira Lima	não	sim	não
2008 - 26º RBA	GT Desafios Contemporâneos para uma Antropologia da Educação	OS USOS DA ETNOGRAFIA NA PESQUISA EDUCACIONAL	Sandra Pereira Tosta- Professora da PUC- Minas	Antropologia - Etnografia – Pesquisa Educacional	sim	sim
	Educação: ensino, pesquisa e políticas de igualdade	Suscitando debates sob a ótica da lei 10639: História Antiga sem África?	Rogério José de Souza - UFRJ	África – Historiografia – Pós-graduação	sim	sim
		Ensino de antropologia: reflexão ou intervenção cultural?1	Rodrigo Rosistolato / PPGSA/IFCS/UFRJ	ensino, formação, escolarização, antropologia, cultura.	sim	sim
		Percepções Interiores e Exteriores de Pesquisa Etnográfica entre Professores da T. I.	Wanderley Gurgel de Almeida / UFRN	conflito, observação participante, professores índios	sim	sim

		Raposa e Serra do Sol - RR				
		<p>EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA E FAMILIAR DE CRIANÇAS TERENA:</p> <p>UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DE MITOS E HISTÓRIAS VOLTADOS PARA A INFÂNCIA</p>	Patrik Thames Franco MA/UFG	não	não	sim
		<p>"EDUCAR PARA SER GAÚCHO" BREVES APONTAMENTOS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO E A ESCOLA. TRADICIONALISTA GAÚCHO E A ESCOLA.</p>	Ceres Karam Brum - UFSM	Escola, tradicionalismo, etnografia	não	sim
		<p>OS DILEMAS DA SALA DE AULA: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR</p>	Giselle Carino Lage PPGSA/IFCS/UFRJ	Qualidade da escola, desempenho escolar e acesso ao ensino superior	sim	sim
		INCLUSÃO ÉTNICA NO ENSINO SUPERIOR: O DISCURSO DOS ACADÊMICOS INDÍGENAS DE MEDICINA DA UFMT SOBRE O PRECONCEITO.	Cícero Eduardo Rodrigues Garcia/Carmen Lucia da Silva - UFMT	não	não	sim
		DIÁSPORA AFRICANA: A VIDA DE IMIGRANTES E ESTUDANTES EM PORTUGAL E NO BRASIL	Neusa Maria Mendes de Gusmão – UNICAMP	jovens africanos, negro, estrangeiro	sim	sim
		Programas institucionais de permanência e seus impactos nas trajetórias e educandos negros	Cristiane Lourenço Teixeira e Dr. João Bosco Hora Góis	Raça. Desigualdades educacionais. Ações Afirmativas.	sim	sim

		MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS, EDUCAÇÃO E POVOS INDÍGENAS: NOVOS DESAFIOS PARA A ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO	PÁDUA, Karla Cunha -FAE-CBH-UEMG	antropologia; movimentos identitários; formação de educadores indígenas	sim	sim
		Para além dos muros da Universidade: contribuições da Antropologia para a Lei 10.639/03 e o Parecer 38/06 do CNE/CEB	Mauro Meirelles e Grazielle Ramos Schweig	Educação; Antropologia; Lei 10.6.39	sim	sim
		Coisa de Kupê? A escolarização e sociabilidades entre os Krahô	Odair Giralдин – Universidade Federal do Tocantins - UFT	educação indígena; Krahô; Tocantins	sim	sim
		Os aspectos sócio-antropológicos como relações condicionantes na formação educacional: um diferencial fundamental	Dra. Gisane Gomes e Dra. Margarete Panerai Araújo	Antropologia, transdisciplinaridade, metodologia social, formação, educacional	sim	sim
		A CONTRIBUIÇÃO DA ANTROPOLOGIA PARA O ENSINO DE TEATRO A PARTIR DA LEI 10.639	Luiza Dias Flores (UFRGS, CNPq)	não	sim	não
		POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCAÇÃO PARA E SOBRE INDÍGENAS	Antonella Maria Imperatriz Tassinari UFSC e Izabel Gobbi FUNAI	políticas públicas; educação escolar indígena; saberes indígenas	sim	sim
		Administradores Coloniais em formação: Algumas notas sobre a produção de conhecimento antropológico e a ação do Estado em Angola	Carla Susana Alem Abrantes PPGAS / MN / UFRJ	antropologia, educação, administração colonial, Angola	sim	sim
		Quando o antropólogo quer saber o que é ser professor, uma descrição tensa	Alexandre Barbosa Pereira - USP	Escola, Etnografia em Instituições, Juventude	sim	sim
		Reflexões sobre os usos de narrativas biográficas e suas implicações epistemológicas entre a Antropologia e a Educação	Alcides Fernando Gussi - UFC	Narrativas biográficas – Experiência – Aprendizagem.	sim	sim

		Desafios para o ensino de antropologia: o caso da PUC de Campinas	Agenor José Teixeira Pinto Farias, André Pires, Álvaro O. D'Antona -PUC- Campinas	não	sim	não
		Cumpra-se a lei: um estudo dos processos contra as escolas que não implantaram a Lei 10.639 de 2003	Ludmila Fernandes de Freitas PPGSA, IFCS, UFRJ	Políticas Públicas, Ações Afirmativas, "Raça"	sim	sim
		O fator direção influencia a qualidade da educação? Um estudo nas escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro	Ana Pires do Prado (IFCS/UFRJ)	culturas de gestão, diretores, escolas públicas do Rio de Janeiro	sim	sim
2010 -27º RBA	MR Antropologia e educação: um panorama do ensino e da pesquisa no Brasil	ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA REGIÃO SUDESTE1	Sandra Pereira Tosta / (PUC/ MG)	Ensino de antropologia – região sudeste - Pedagogia	sim	sim
		Aproximações sobre a Formação em Antropologia e educação no Nordeste: currículos, pesquisas, práticas e ações	Lady Selma F. Albernaz e Marion Teodosio de Quadros(UFPE / Pernambuco)	Antropologia e educação, formação, Nordeste	sim	sim
		O ensino da antropologia para quem não vai ser antropólogo na região sul	Ari José Sartori / UFSC / NEPI / Florianópolis / SC	antropologia da educação; ensino da antropologia; professores de antropologia nas IES e a ABA desafios para a ABA.	sim	sim
2010 -27º RBA	GT Povos indígenas e processos educativos: diálogos e tensões entre os processos próprios de aprendizagem e a educação estatal	Reflexões sobre a corporalidade e apropriação da escola na educação indígena: um estudo antropológico da domesticação da escola pelos Kiriiri	Taise de Jesus Chates (PPGA – UFBA / Bahia)	educação indígena; educação escolar indígena;	sim	sim
		Jovens Indígenas no aparelho escolar universitário: o caso UFBA	Ana Cláudia Gomes de Souza (UCSAL/ PINEB-UFBA)	índios, universidade, ações afirmativas, cotas	sim	sim
		A interculturalidade nos documentos oficiais para a escola indígena	Ana Elisa Santiago	não	não	não

		Notas sobre os processos de aprendizagem das crianças Guarani Mbya	Amanda Rodrigues Marqui Ufscar	não	sim	não
		Adolescentes e jovens indígenas: escola e identidade étnica em São Gabriel da Cachoeira	Claudina Azevedo Maximiano – PNCSA/UEA/Amazonas	Escola indígena, Educação diferenciada, identidade étnica	sim	sim
		Reflexões sobre o ensinar e aprender entre os Guarani O corpo, o tempo e o silêncio	Clarissa Rocha de Melo UFSC/SC	Guarani, educação indígena, sociocosmologias nativas	sim	sim
		Educação Superior Indígena em Mato Grosso: a Experiência da Faculdade Indígena Intercultural da UNEMAT*	Elias Januário e Fernando Selleri Silva Faculdade Indígena Intercultural da UNEMAT	Educação Superior, Povos Indígenas, Diversidade Cultural	sim	sim
		EDUCAÇÃO SEM ESCOLARIZAÇÃO: A EXPERIÊNCIA AWÁ	Elizabeth Maria Beserra Coelho e Bruno Leonardo Barros Ferreira	socialização, escolarização, Awá.	sim	sim
		O vírus é a vida da doença": educação sanitária, cosmologia e contato entre os Xavante	stevão Rafael Fernandes - UNIR	Educação em Saúde, Xavante, Índios Jê, Cosmologia	sim	sim
		OS TENTEHAR, A ESCOLA E O GRANDE "CERCO SIMBÓLICO": DINÂMICAS DE CONTROLE E TRANSGRESSÃO EM PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO	Emerson Rubens Mesquita Almeida - UFMA	Tentehar, escola, cerco-simbólico	sim	sim
		OS MBYA E A ESCOLA: UM ESTUDO DE CASO NA ALDEIA KRUKUTU	Jan Eckart	não	sim	não
		Ensino Superior e Povos Indígenas: escola e legitimação do saber	João Guilherme Nunes Cruz UNB	ensino superior, estado e povos indígenas.		
		Educação Diferenciada e Projeto comunitário: Reflexões sobre a escola entre os Tupinambá da Serra do Padeiro1	Marcos Luciano Lopes Messeder/Sonja Mara Mota Ferreira - UNEB	Educação Diferenciada – Identidade Étnica – Índios do Nordeste	sim	sim

		O Estado da Educação Superior Indígena no Brasil: ações afirmativas e demandas indígenas. Diálogos, tensões e desafios	Mariana Paladino - UFF	Povos indígenas – Educação Superior – Ações afirmativas	sim	sim
		A Educação Escolar Indígena em Roraima: o processo histórico e as demandas atuais por ensino médio	Maxim Repetto	não	sim	não
		ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA ENTRE OS SATERÉ-MAWÉ: O WARÁ E A EPISTEMOLOGIA ESCOLAR	Renato Izidoro da Silva e Edinelson Andrade Monteiro	Conhecimento. Tradição. Modernidade	sim	sim
		Gestão, Participação e Projetos Indígenas: Reflexões sobre o Curso de Formação de Gestores de Projetos Indígenas do Corredor Central da Amazônia	Inara do Nascimento Tavares (UFAM, Amazonas)	Projetos Indígenas, Formação de Gestores Indígenas, Política Indígena e Indigenista	sim	sim
		Registros da Licenciatura Intercultural da UFG identidade e memória na construção da subjetividade docente	Jean Pierre Pierote Silva e Joana Aparecida Fernandes Silva	Licenciatura intercultural; 2. Educação indígena; 3. Identidade; 4. memória	sim	sim
		Ver, ouvir, aprender O processo próprio de aprendizagem e a educação escolar entre os Akwê-Xerente	Odair Giralдин UFT	não	sim	sim
	Resumos sem nome/ autores identificados pelas iniciais	sem nome	blanres	não	não	sim
		sem nome	erfres	não	não	sim
		sem nome	febgres	não	não	sim
		sem nome	ldbgres	não	não	sim
		sem nome	msres	não	não	sim
		sem nome	peores	não	não	sim
2010	GT Antropologia e educação	TÍTULO UNIVERSITÁRIO E PRESTÍGIO SOCIAL PERCURSOS SOCIAIS DE ESTUDANTES BENEFICIÁRIOS DO PROUNI	Andréa Bayerl Mongim – UFF/RJ	Prouni – curso superior – prestígio social	sim	sim

	entre saberes, práticas e aprendizagens					
		"Casinhas de Cultura" cultura e educação em comunidades rurais do Vale do JequitinhonhaMG	Patricia Guerrero UFSC	Educação Popular – Cultura Popular – Vale do Jequitinhonha	sim	sim
		A União dos Moradores da Juréia e o Socioambientalismo Paulista A construção da cidadania enquanto processo sócio educativo de (re)produção dos conhecimentos e saberes	Senilde Guanaes UNICAMP	não	sim	sim
		Alfabetização de jovens e adultos em um Centro de Ressocialização do estado de São Paulo um estudo analítico	Thais Barbosa e Jose Carlos UNESP	Alfabetização. Contexto Prisional. Educação de Jovens e Adultos	sim	sim
		CAPOEIRA: REVELAÇÃO E OCULTAMENTO DE UM CONTEÚDO PROGRAMÁTICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	Tatiane Trindade Machado UFAL	não	sim	não
		Diversidade Cultural avanços e dificuldades no contexto escolar	Verônica Yurika Mori	diversidade cultural, estudantes indígenas, ensino superi	sim	sim
		Estudo de atitudes, relações raciais e educação um olhar sobre a obra de Virgínia Leone Bicudo	Janaina Damasceno Gomes	Estudo de atitudes, relações raciais, educação.	sim	sim
		EXPERIÊNCIAS DE AÇÕES CULTURAIS EDUCATIVAS NA PASSAGEM PEDREIRINHA DO GUAMÁ – BELÉM-PA	Clélio Palheta Ferreira e Carmem Izabel Rodrigues UFPA	ações culturais; educação popular; sociabilidade	sim	sim
		IDENTIDADES COMO TRILHAS LIÇÕES DE SOCIABILIDADE AMERÍNDIA	Karla Cunha Pádua UEMG e UNINCOR/MG	identidade - trilhas - educação - interculturalidade	sim	sim
		Isso que é coisa de Preto	Claudia Kalline Bandeira Bezerra	não	sim	não
		Mais além das diferenças – a sociedade civil e a educação para a diversidade cultural	José Márcio Barros – PUC Minas e UEMG	Diversidade cultural – Sociedade civil – Educação	sim	sim

		Na política pública com força de Lei os desafios antropológicos e educacionais	Ana Lúcia E.F. Valente (UnB/DF/BR)	Extensão Rural; Política Pública; Conhecimento antropológico.	sim	sim
		Os saberes da antropologia da educação e a emergência de novos papéis sociais em escolas portuguesas	Ricardo Manuel das Neves Vieira e Ana Maria de Sousa Neves Vieira – CIID-IPL/ Portugal,	mediação sociocultural, interculturalidade, identidades	sim	sim
		Projeto Parlamento Jovem Desafios metodológicos na formação do sujeito político	Regina Medeiros PUC-MG	Parlamento Jovem; participação; protagonismo; cidadania; instituição de ensino; democracia	sim	sim
		Quando mudar é condição para permanecer a escola Casa Familiar Rural e as estratégias de reprodução social do campesinato na Transamazônica (Pará-Amazônia)	Alcione Sousa de Meneses UFPA	reprodução social; educação escolar/CFR; campesinato	sim	sim
		"UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL": um estudo de caso em uma escola diferente	Giselle Carino Lage UFRJ	Etnografia na escola, Meritocracia e Igualdade	sim	sim
	Resumos sem nome/ autores identificados pelas iniciais	sem nome	abcsres	não	não	sim
		sem nome	aores	não	não	sim
		sem nome	asacres	não	não	sim
		sem nome	blres	não	não	sim
		sem nome	jaasres	não	não	sim
		sem nome	rsbres	não	não	sim
2012 - 28ª RBA	GT Gênero, configurações familiares, arranjos domésticos e afetivos	Escola como espaço para reconhecimento das diferenças	Mareli Eliane Graupe (UFSC/SC) e Tânia Welter (UFFS/SC)	escola, diferenças e homofobia	sim	sim
2012 - 28ª RBA	GT não identificado	A diversidade cultural em Sousa-PB: analisando interações sociais entre ciganos e não ciganos	Maria Patrícia Lopes Goldfarb1	Ciganos; Interação social, Exclusão.	sim	sim

	GT Desafios antropológicos do mundo do trabalho na cidade e no campo	Em casa, é "ajuda". Na escola, é "dever": o trabalho no cotidiano das crianças do Quilombo Abacatal	Maria do Socorro Rayol Amoras Sanches UFPA	educação de crianças – trabalho – diversidade cultural	sim	sim
2012	GT Identidades, biossocialidades e Espaços Sociais	A invenção pedagógica da surdez: Notas de um professor em busca de explicação	Fagner Carniel – UFSC	surdez; educação especial; inclusão educacional.	sim	sim
		Juventude e sexualidade: moralidades em disputa na trajetória do projeto Escola sem Homofobia	Vanessa Leite UERJ	juventude, sexualidade, políticas públicas	sim	sim
		INTERCULTURALIDADE ADMINISTRADA: OS TICUNA E OS PROJETOS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR	Luciano Cardenes Santos UNICAMP	Educação Superior Indígena, Interculturalidade, Ticuna.	sim	sim
		ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS INDÍGENAS E A FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS POLÍTICAS	Adriano Castorino, UFT/PUCSP Odair Giralдин UFT e Rinaldo Arruda PUCSP	estudantes indígenas, lideranças, trajetórias.	sim	sim
2014	GT Antropologia e Educação: construindo diálogos na interface	A pesquisa na educação básica como estratégia de ensino e aprendizagem dos temas culturais.	Josemi Medeiros da Cunha	não	não	sim
		Corpo, Movimento e Linguagem: A Infância na escola de tempo integral	Amanda Fonseca Soares Freitas	Corpo, Etnografia, Escola de tempo integral	sim	sim
		Desafios da construção de uma etnografia em educação - questões da interdisciplinaridade	Anderson Xavier Tibau Gonçalves, Anderson Tibau - UFF, Tania Dauster - PUC-Rio	antropologia, educação, etnografia	sim	sim
		Notas sobre as concepções pedagógicas da "escuelita zapatista"	Ana Paula Massadar Morel	não	não	sim
		Os descompassos entre a escola e a condição juvenil: desafios para as ciências sociais.	Mary Alves Mendes, Evannoel de Barros Lima	Escola, Juventude, Identidade, Docência	sim	sim

		Participação escolar, democracia e diversidade: quando a comunidade adentra a escola	Valdir Pedde, Carla Tatiani Kossman Fassbinder	Educação; Território; Participação.	sim	sim
		"A educação vem de casa" os usos do parentesco em uma escola de periferia em São Paulo	Nicolau Dela Bandeira Arco Netto	não	não	sim
		A CRIANÇA, A INFÂNCIA E A FAMÍLIA EM ABACATAL: como se faz uma pessoa trabalhadora/tornar-se um abacataense?	Maria do Socorro Rayol Amoras Sanches	criança - família - trabalho	sim	sim
		A OBSERVADORA OBSERVADA Limites e as possibilidades de uma pesquisadora negra estudando construções identitárias de adolescentes negros de elite em escola particular: Um estudo etnográfico	Pollyanna Alves Nicodemos PUC / MG	Adolescentes negros de elite; Escola particular de Belo HorizonteMG; Trabalho de campo.	sim	sim
		Conflitos e alianças na construção da proposta pedagógica indígena	Warna Vieira Rodrigues	não	não	sim
		Desafios na Formação Superior Indígena: antropologia e Interculturalidade na experiência do Instituto Insikiran da Universidade Federal de Roraima	Maxim Repetto e Fabio Almeida de Carvalho	não	não	sim
		Educador homoafetivo é possível? Uma etnografia no centro de educação infantil de lages (SC)	Autores/as: Geraldo Augusto Locks, GRAUPE, Mareli Eliane.	Professor. Homoafetivo. Centro de Educação Infantil.	sim	sim
		Escolas de Fronteiras: percebendo diferenças, construindo pontes.	José Lindomar Coelho Albuquerque, Flavia Alves de Sousa	fronteira, escola, circulação	sim	sim

		Quando a escola é a pista: reflexões sobre educação em unidades prisionais e socioeducativas	Anna Thereza de Menezes	não	não	sim
		(Re) Pensando os Guarani: a construção dos saberes em seus modos de ser e conhecer	Amanda Cristina Danaga	Saberes Guarani; "Educação da atenção"; Aldeia Renascer.	sim	sim
		A Escrita e a Participação dos Xakriabá na elaboração, gestão e implantação de Projetos Sociais a Terra Indígena	Ana Maria Rabelo Gomes ESCOBAR, Suzana Alves GOMES, Ana Maria Rabelo.	não	não	sim
		Educação patrimonial - uma perspectiva antropológica	Gilmar Rocha	Etnografia. Educação. Patrimônio. Etnoeducação.	sim	sim
		Interfaces entre a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty e a antropologia	Levi Marques Pereira	antropologia da educação; Merleau-Ponty; Kaiowá e Guarani; regimes de conhecimento	sim	sim
		Literatura Negra Infanto-Juvenil: Discursos afro-brasileiros em construção	Luena Nascimento Nunes Pereira	Lei 10.639, Literatura Negra; Literatura Infanto-Juvenil	sim	sim
		Piolho Nababo: anti-galeria de arte e diálogos na interface educação/antropologia	Gilbert Daniel da Silva, Gilbert Daniel da Silva	Antropologia. Educação. Juventude. Arte.	sim	sim
		"Comer o lugar": sobre as formas de aprender em um mundo mais que humano nas práticas de uma rede local de educação ambiental	Isabel Cristina de Moura Carvalho, Marcelo Gules Borges PUCRS	aprendizagem, etnografia, não humanos, materialidade, redes locais	sim	sim
	GT Ensinar e Aprender Antropologia	Re descobrindo a Alteridade: reflexões sobre o ensino de Antropologia em turmas de Educação Básica	Christina de Rezende Rubim	Ensino de Antropologia; Educação Básica; transposição didática.	sim	sim
		A presença da Antropologia no Ensino Básico	Rubia Machado de Oliveira, Juliana Franchi da Silva	Antropologia. Educação Básica. Etnografia.	sim	sim
		Ciências Sociais na Educação Básica: reflexões sobre o uso de seminário na discussão da identidade nacional	Aline Evelin Fabricio de Macedo, Bruno Cleiton Pires de Freitas, Eduardo Oliveira de Almeida	não	não	sim

		O ensino de Antropologia através da disciplina de Sociologia na Educação Básica.	Bruna Karine Nelson Mesquita, Bruna Karine Nelson Mesquita, Francisco de Oliveira Mesquita	não	não	sim
		Para além dos muros das Universidades: uma análise do ensino de Antropologia na Escola Normal em Alagoas	Jéssika Danielle dos Santos Pereira	não	não	sim
		Quando o campo de pesquisa é um lugar de memórias: uma etnografia na escola	Gabriela Martins Machado	não	não	sim
		Trocando conhecimentos: o ensino de Malinowski através da prática do Kula	Álvaro Banducci Júnior	não	não	sim
		Análise do Ensino nas escolas periféricas da região metropolitana de Maringá	João Paulo de Assis	não	não	sim
		Antropologia, Imagem e Educação: Uma experiência em cursos de licenciatura	Janaina Damaceno Gomes	Ensino de Antropologia, Cultura Audiovisual, Estereótipo.	sim	sim
		Aprendendo a ensinar: da experiência de construção de um livro didático de Ciências Sociais para o Ensino Médio na graduação.	Jamile Dos Santos Pereira Costa, Diessica Shaiane Gaige, Renata Colbeich da Silva	não	sim	não
		As lições das coisas	Álamo Pimentel	antropologia, educação, museus e patrimônio cultural	sim	sim
		O ensino da Antropologia nos cursos de graduação: "o que ensinam" e "como ensinam"	Ari José Sartori, Ari José Sartori, UFFS	Antropologia da Educação - Ensino da Antropologia – Etnografia com Professores de Antropologia	sim	sim
		O lugar da antropologia na formação de educadores	Rodrigo Rosistolato, Ana Pires do Prado (UFRJ/RJ)	ensino de antropologia, formação de educadores, escrita antropológica	sim	sim
		O "lá" também fica "aqui": notas sobre o ensino de antropologia na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica	Suzana Cavalheiro	antropologia, etnologia, ensino superior indígena.	sim	sim

			de Jesus			
		Antropologia no ensino do direito e da gestão pública: o exercício de nomear os vazios	Andréa Borghi Moreira Jacinto	antropologia, direito, gestão pública, antropologia do estado	sim	sim
		Antropologia, Gênero e Sexualidades no Ensino Superior: tecnologias educacionais, teoria feminista e pós-construtivismo	Felipe Bruno Martins Fernandes	Ensino de Antropologia, Pós-Construtivismo, Gênero	sim	sim
		Do ponto de vista do neófito: uma reflexão sobre as condições do ensino e da aprendizagem da antropologia	Ellen Fernanda Natalino Araujo	não	não	sim
		Entre o ensinar e o aprender: a antropologia na compreensão de experiências urbanas.	Cristina Maria Da Silva, Ananda Andrade do Nascimento Santos (UFRGS), Bruno Duarte Nascimento (UFC), Mário Luís Moreira Silva (UFC)	Antropologia, Educação e Experiências Urbanas.	sim	sim
		Estudar antropologia e ser Assistente Social: apontamentos acerca da percepção dos estudantes.	Ana Paula Nunes	não	não	sim
		O ensino de Antropologia nos cursos de Serviço Social: reflexões, tensões e desafios	Anaxsuell Fernando da Silv	não	não	sim
		O Saber Antropológico na Formação Acadêmica em Turismo: contribuições, desafios e dilemas	Rosana Eduardo da Silva Leal	Antropologia; Turismo; Ensino; Pesquisa; Extensão.	sim	sim
	GT Novas fronteiras do fazer antropológico: diálogos entre pesquisadores, consultores e gestores das políticas indigenistas de educação.	A educação escolar para os indígenas e o indígena na educação escolar no Brasil: uma reflexão local sobre as políticas de educação a partir de experiências de fazer antropológico.	Odair Giralдин	povos indígenas; educação; interculturalidade	sim	sim

		A Formação Superior em Gestão Territorial Indígena em Roraima: Proposta político-pedagógica, Impactos e Desafios	Maria Alejandra Rosales Vera Barbosa	não	não	sim
		As bonecas de cerâmica Karajá e a pedagogia das ceramistas mestras: diálogos possíveis entre saberes de tradição oral e saberes escolarizados baseados na escrita	Rosani Moreira Leitão	ritxoko – ceramistas mestras Karajá– Karaja	sim	sim
		Educação e Escola: uma releitura sobre o processo de domesticação realizado pelo povo Kiriri	Taise de Jesus Chates	não	não	sim
		Entre papéis, pessoas e perspectivas – etnografia da gestão da educação escolar indígena em Altamira.	Ana Elisa Santiago	gestão, educação escolar indígena, burocracia.	sim	sim
		Nas "redes" dos parentes Tentehar: liderança indígena e estratégias de ocupação política em processos educativos	Emerson Rubens Mesquita Almeida	Tentehar, redes sociais, mercado simbólico.	sim	sim
		Publicações indígenas: expressões da diferença colonial?	Elizabeth Maria Beserra Coelho	publicações indígenas, colonialidade do saber, diferença colonial	sim	sim
		Educação Escolar Indígena entre os Aikewara: do projeto político e pedagógico à ação docente	Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar	Escola. Projeto Político e Pedagógico. Educação Aikewara.	sim	sim
		Escolarização do povo Awá: análise de duas experiências	Josy Marciane Moreira Silva	não	não	sim
		Na escola, os saberes tradicionais: a experiência da "etnoeducação" entre os Kaxuyana em Oriximiná/PA	Adolfo Neves de Oliveira Junior	não	não	sim

		Novos processos educativos no ensino superior: produção intelectual de jovens indígenas no contexto dos Grupos PET - Programa de Educação Tutorial, Conexões de Saberes, Ministério da Educação/MEC.	Ana Elisa de Castro Freitas	Educação Superior Indígena; Programa de Educação Tutorial; Novos Processos Educacionais.	sim	sim
		Os conhecimentos tradicionais nas escolas indígenas: as experiências Xikrin e Baniwa	Camila Boldrin Beltrame, Camila Boldrin Beltrame, Amanda Rodrigues Marqui	Educação Escolar Indígena, Xikrin do Bacajá, Baniwa.	sim	sim
		"Kainganguizar" a Escola: educação indígena, educação escolar indígena e diálogo intercultural	Rogério Reus Gonçalves da Rosa, Rojane Brum Nunes	Kaingang; Educação Escolar Indígena; Educação Indígena	sim	sim
		Candidatos/as e bolsistas indígenas em experiência de ação afirmativa na pós-graduação	Fulvia Maria de Barros Mott Rosemberg	não	não	sim
		Estudantes Indígenas no contexto universitário: relatos de experiências e desafios	Ana Cláudia Gomes de Souza	não	não	sim
		Novas Demandas da Educação Superior Indígena em Mato Grosso	Elias Renato da Silva Januário, Fernando Selleri Silva	Educação Superior; Povos Indígenas; Demanda; Mato Grosso.	sim	sim
		Políticas indigenistas de educação superior na Universidade Federal de Roraima: o papel social do protagonismo indígena no Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena	Marcos Antonio Braga de Freitas	não	não	sim
		"Educação é um direito, mas tem que ser do nosso jeito": os Ticuna e suas experiências de Educação Superior	Luciano Cardenes Santos	não	não	sim

APÊNDICE J – Tabela 16: Total dos *papers* selecionados da Anped na primeira etapa da pesquisa

ANO	Mesa	Título	Autor/Instituição	Palavras-chave	Trabalho disponível	Resumo disponível
2000	Movimentos Sociais e Educação	MULHERES NO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL	Delcele Mascarenhas Queiroz – Uneb e UFBA	não	sim	não
2000	Movimentos Sociais e Educação	AS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DE GÊNERO E RAÇA NA CONSTITUIÇÃO DA MASCULINIDADE E DO CORPO DOS HOMENS NEGROS DO GRUPO AFRO-CATÓLICO MAÇAMBIQUE DE OSÓRIO	Regina Marques Parente/UFRGS	não	sim	não
		GRUPOS DA JUVENTUDE E PRÁTICAS SOCIAIS EDUCATIVAS NA CIDADE	Prof. Dr. Paulo Cesar Rodrigues Carrano (Faculdade de Educação - UFF)	não	não	não
		MOVIMENTOS INDÍGENAS POR EDUCAÇÃO: NOVOS SUJEITOS SOCIOCULTURAIS NA HISTÓRIA RECENTE DO BRASIL	CAMPOS, Rogério Cunha (UFMG)	não	sim	não
		EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA NO CONTEXTO DA DESCONCENTRAÇÃO DO ESTADO	Antonio Munarim – Prof. do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC	não	sim	não
		UM OLHAR SOBRE OS IDEAIS EDUCATIVOS CONSTITUÍDOS PELOS MOVIMENTOS ECOLOGISTAS NOS ANOS SETENTA	GUIMARÃES, Leandro Belinaso (UFSC); NOAL, Fernando Oliveira (UFSC)	não	sim	não
		O CORPO BRINCANTE MAXAKALI	Vânia de Fátima Noronha Alves (Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH)	não	sim	não
	Educação Popular	EDUCAÇÃO POPULAR : UMA PESQUISA SOCIOPOÉTICA COM CRIANÇAS TRABALHADORAS NA COSTA DO DESCOBRIMENTO, TOMANDO A FILOSOFIA DE DELEUZE E GUATTARI COMO MÉTODO DE PRODUÇÃO E LEITURA PLURICULTURAL DOS DADOS	BATISTA, Maria Geovanda (UNEB); GAUTHIER, Jacques (UFBA)	não	não	não
		CRIANÇAS DE BAIRRO POPULAR E ESCOLA: ENCONTRO E DESENCONTRO	BREGANHOLI, Vânia Cristina; MELLO, Roseli Rodrigues de (UFSCar)	não	sim	não
		DESAFANDO NÓS: EDUCAÇÃO E AUTOPOIÉSE	GONSALVES, Elisa Pereira	não	sim	não
		REGIÃO SERRANA FLUMINENSE: A PREPARAÇÃO DE JOVENS DAS CLASSES POPULARES PARA O TRABALHO	Lilian Maria Paes de Carvalho Ramos (UCP); Eneida Lacerda Pamplona (Bolsista FAPERJ)	não	sim	não
		RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E FAMÍLIAS DE CLASSES POPULARES: DESCONHECIMENTO E DESENCONTRO	Fabiana Marini (UFSCar); Roseli Rodrigues de Mello (UFSCar)	não	sim	não
		Educação Popular e Saúde: conquistas e desafios no contexto brasileiro	Maristela Fantin (UFSC)	não	sim	sim
		AVALIAR: ATO TECIDO PELAS IMPRECIÇÕES DO COTIDIANO	Maria Teresa Esteban (UFF)	não	sim	não
		A PEDAGOGIA CULTURAL DO MOVIMENTO SEM TERRA COM RELAÇÃO À INFÂNCIA	WESCHENFELDER, Noeli Valentina (UNIJUÍ; UFRGS); MARIA, Noemi Antonio (Bolsista IC CNPq)	não	sim	não

		MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS NA IMPLANTAÇÃO DO ORÇAMENTO PARTICIPATIVO NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: ALGUNS DESLOCAMENTOS NA EDUCAÇÃO POPULAR	Danilo R. Streck; Edla Eggert	não	sim	não
		DA CEGUEIRA À ORFANDADE: A QUESTÃO DA CIDADANIA NAS POLÍTICAS DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	Marcia Soares de Alvarenga (UERJ; UFRJ)	não	sim	não
		Mapeando novos territórios: refletindo acerca do modelo conscientizador da EP, na busca de alternativas	Sandra Haydée Petit (UFC); Rosileide Maria da Silva Soares (UFC)	não	sim	não
		HISTÓRIA DE VIDA DE SETE MULHERES: TRAÇANDO NOVOS RUMOS PARA A EDUCAÇÃO POPULAR	MOITA, Filomena M ^a G. S. Cordeiro (UNIFE/UEPB)	não	sim	não
		MÁQUINAS E SILÊNCIOS — CONSTRUINDO SIGNIFICADOS NO E PARA ALÉM DO SUPLETIVO DE TRABALHADORES	Dulce Maria de Oliveira (UNISINOS)	não	sim	não
		O QUE SE SABE E O QUE SE FAZ SOBRE A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DOS ASSENTAMENTOS RURAIS - colocando gás na lamparina	Eliane Dayse Pontes Furtado (UFC); Maria de Lurdes Peixoto Brandão (UFC)	não	sim	não
		Educação popular e pesquisa-ação como instrumentos de reorientação da prática médica	Eymard Mourão Vasconcelos (Dep. Promoção da Saúde/UFPB)	não	sim	não
2000	Sociologia da educação	AS APROPRIAÇÕES DA OBRA DE PIERRE BOURDIEU NO CAMPO EDUCACIONAL BRASILEIRO	PEREIRA, Gilson R. de M. (UERN); CATANI, Denice B. (FEUSP); CATANI, Afrânio M. (FEUSP)	não	sim	sim
		EL PLAN SOCIAL EDUCATIVO Y LA CRISIS DE LA EDUCACIÓN PÚBLICA. Reflexiones sobre las sentidos de los políticas compensatorias en los tiempos de la Reforma Educativa	Silvia Duschatzky; Patricia Redondo (FLACSO)	não	sim	não
		A PLURALIDADE DE IDENTIDADES NO BAIRRO MARÉ – RIO DE JANEIRO	Silva, Jailson de Souza E (UFF)	não	sim	não
		TRABALHO PEDAGÓGICO E SOCIALIZAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO MORAL	Dora Leal Rosa (UFBa)	não	sim	não
		ESTAR PROFESSORA - SER PROFESSORA : IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PROFESSORAS PRIMARIAS	VILELA, Rita Amelia Teixeira (PUCMINAS)	não	sim	não
		O PAPEL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NA FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS INDÍGENAS: O CASO DOS KARAJÁ	Rosani Moreira Leitão (UEG; UFG)	não	sim	não
		O QUÊ SE FALA E O QUÊ SE CALA SOBRE O HOMOEROTISMO MASCULINO: DISCURSOS, PRÁTICAS E POSTURAS DOS PROFESSORES DIANTE DO FATO E DO ASSUNTO	FERRARI, Anderson (UFJF)	não	sim	não
		EDUCAÇÃO E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL: A APRENDIZAGEM DA DIFERENÇA	Ana Almeida (Unicamp)	não	sim	não
		Silêncio e violência: a educação de crianças vítimas de abuso sexual na família	Veralucia Pinheiro (UFG)	não	sim	não
		A SOCIOLOGIA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES CATARINENSES	DAROS, Maria das Dores; NASCIMENTO, Carla D'Lourdes do; DANIEL, Leziany Silveira (UFSC)	não	sim	não

		CLASES MEDIAS, PEDAGOGIAS Y MISERIA SOCIAL EN LA HISTORIA RECIENTE DE LA ARGENTINA. EL LUGAR DE LA INFANCIA (1955-1976)	SANDRA CARLI (UBA; CONICET; Rep.Argentina)	não	sim	não
		FAMILIAS Y ESCUELA EN LA TRAMA DE LA DESIGUALDAD	Sofía Thisted	não	sim	não
2001	Movimentos sociais e Educação	APROVAÇÃO POPULAR DA VIOLÊNCIA POLICIAL: UM DESAFIO POLÍTICO-PEDAGÓGICO PARA O MOVIMENTO DE DIREITOS HUMANOS	Maria Aparecida Morgado (UFMT)	não	sim	não
		IPORANGA REJEITA PROTEÇÃO AMBIENTAL: POLÍTICAS PÚBLICAS, DISCURSOS E OS ASPECTOS EDUCATIVOS ASSOCIADOS AOS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NO VALE DO RIBEIRA (SP)	Luiz Afonso Vaz de Figueiredo (FSA)	não	sim	não
		O APELO À CONSCIÊNCIA NOS MOVIMENTOS ECOLÓGICOS E NOS MOVIMENTOS POR EDUCAÇÃO AMBIENTAL	Leandro Belinaso Guimarães (UFSC)	não	sim	não
		A AÇÃO EDUCATIVA DO ILÊ AIYÉ: REAFIRMAÇÃO DE COMPROMISSOS, RESTABELECIMENTO DE PRINCÍPIOS.	Elias Lins Guimarães (UESC)	não	sim	não
2001	Movimentos sociais e Educação	QUEM SÃO OS NEGROS? Classificação racial no Brasil: aproximações e divergências	Delcele Mascarenhas Queiroz (Uneb)	não	sim	não
		FORMAS ASSOCIATIVAS JUVENIS: O CASO DOS JOVENS DA ILHA DE SANTA CATARINA	Olga Celestina Durand (UFSC)	não	sim	não
		MOVIMENTOS SURDOS E OS DISCURSOS SOBRE SURDEZ, EDUCAÇÃO E TRABALHO: A CONSTITUIÇÃO DO SURDO TRABALHADOR	Madalena Klein (UFRGS)	não	sim	não
		MST, PROFESSORAS E PROFESSORES: sujeitos em movimento	Sônia Aparecida Branco Beltrame (UFSC)	não	sim	sim
		ESCOLA DÁ SAMBA? O QUE TÊM A DIZER OS COMPOSITORES DO BAIRRO DE OSWALDO CRUZ E DA PORTELA	Augusto César de Lima(PUC-RIO)	não	sim	não
		ESCOLA: realidade ou mito ? As falas dos cortadores de cana em Greve – Guariba	Eliane Amábilé Dancini (CUML)	não	sim	sim
		O MOVIMENTO OS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS: UM SINDICALISMO DE INTELLECTUAIS	Ignez Pinto Navarro (UFPB)	não	sim	não
	Educação Popular	Leitura indiciária: experiência cotidiana de educandos e educadores	Edwiges Guiomar dos Santos Zaccur (UFF)	não	sim	não
		A DIFÍCIL ARTE DE OLHAR PARA SI E PARA O OUTRO: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO	Elisa Pereira Gonsalves (UFSCar)	não	sim	não
		TEORIA DA POBREZA OU POBREZA DA TEORIA: REFLEXÕES ACERCA DA SITUAÇÃO DOS ADOLESCENTES COM VIVÊNCIA DE RUA EM FLORIANÓPOLIS /SC	Dóris Regina Marroni Furini (UFSC)	não	sim	não
		EDUCAÇÃO POPULAR E ESTUDOS DE RECEPÇÃO: MÍDIA E MEDIAÇÃO PROBLEMATIZANDO O CONFLITO	Maurício José Siewerdt (Univali)	não	sim	não

		PEDAGÓGICO				
		EDUCAÇÃO POPULAR E MOVIMENTOS SOCIAIS: O QUE TÊM FEITO AS ASSESSORIAS?	Nadir Esperança Azibeiro (UESC)	não	sim	não
		Educação popular na América Latina no Novo Milênio: IMPACTOS DO NOVO PARADIGMA	Maria Gloria Gohn (UNICAMP)	não	sim	não
		POR UMA PEDAGOGIA DA PARTICIPAÇÃO : Notas a partir do Orçamento Participativo no Estado do Rio Grande do Sul	Danilo Romeu Streck (UNISINOS)	não	sim	não
		DIÁRIO DE CLASSE: ALGUNS (DES)APONTAMENTOS DE UMA MASCATE PEDAGÓGICA NAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO	Maria Tereza Goudard Tavares (UERJ)	não	sim	não
		A AVALIAÇÃO NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM: OS DESAFIOS POSTOS PELAS MÚLTIPLAS FACES DO COTIDIANO	Maria Teresa Esteban (UFF)	não	sim	não
		Participação popular e educação nos primórdios da saúde pública brasileira	Eymard Mourão Vasconcelos (UFPB)	não	sim	não
		O IMPONDERÁVEL NOS TEMPOS NEOLIBERAIS: as possibilidades da análise de atores populares nas estruturas em ação e os processos de exclusão	Mônica Dias Peregrino (UFF); Marize Bastos da Cunha	não	sim	não
2001	Sociologia da Educação	UM ESTUDO SOBRE O ENGENDRAMENTO DA INDISCIPLINA NO COTIDIANO ESCOLAR	Ângela Cibiac Fernandes (PUC)	não	sim	não
		A VIOLÊNCIA NAS PRÁTICAS ESCOLARES DE ADOLESCENTES	Luiza Mitiko Yshiguro Camacho (UFES)	não	sim	não
		A FORÇA DAS AFINIDADES: ESTUDO SOBRE A POLITIZAÇÃO DO CAMPO EDUCACIONAL BRASILEIRO	Gilson R. M. Pereira (UERN)	não	sim	não
		REPRESENTAÇÕES E DIAGNÓSTICOS PSICOSSOCIAIS ELABORADOS POR EDUCADORES: UMA TIPOLOGIA TERNÁRIA NA FEBEM DO ESTADO DE SÃO PAULO	Rita de Cássia Pereira Lima (CUML)	não	sim	não
		DAS 'REINAÇÕES GLOBAIS' NO 'PÚBLICO': NOTAS SOBRE O PROJETO AMIGOS DA ESCOLA	Helena Ponce Maranhão (UFRJ)	não	sim	não
		DISCIPLINA E CASTIGO NAS ESCOLAS: UM ESTUDO A PARTIR DAS TRAJETÓRIAS DE DUAS PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL	Maria José Moraes Pereira (UI)	não	sim	não
		COR E MAGISTÉRIO	Iolanda de Oliveira (UFF) ; Moema de Poli Teixeira ; Maria Lúcia Rodrigues Muller	não	sim	não
		A APROPRIAÇÃO DA SOCIOLOGIA WEBERIANA POR DOIS SOCIÓLOGOS DA EDUCAÇÃO: LUIZ PEREIRA E MARGARETH ARCHER	Wânia Regina Coutinho Gonzalez (SENAC)	não	sim	não
		A LEITURA SOCIOLÓGICA DO FOLCLORE: A CONTRIBUIÇÃO DE FLORESTAN FERNANDES	Débora Mazza (UNESP)	não	sim	não
		Criar o Público Não-Estatal ou Tornar Público o Estatal? Dilemas da educação em meio à crise do estado.	Marcio da Costa (UFRJ)	não	sim	não

		Análise Sociológica de relações pedagógicas estabelecidas em modelo curricular: estudo de caso de uma proposta para formação em serviço, no setor de ensino profissionalizante, à luz da Teoria de Basil Bernstein	Rita Amélia Teixeira Vilela (PUCMG) ; Eliana Maria de Oliveira Sá	não	sim	não
2002	Movimentos Sociais e Educação	Um estudo de gênero na educação brasileira	Regina Coeli da Silveira e Silva (UNIVERSO)	não	sim	não
		Movimentos sociais e educação no meio rural amazônico	Orlando Nobre Bezerra de Souza (UEPA)	não	sim	não
		Educación intercultural: cuestiones teóricas y metodológicas para un diseño educacional en comunidades originarias de Chile	Alejandro Villalobos Claveria (UDEC)	não	sim	não
		Orientações socioculturais para o desenvolvimento da educação ambiental	Laudemir Luiz Zart (UNEMAT)	Educação Ambiental, Paradigma Sócio-interacional, Sociocultural	sim	sim
		Por que não falar em educação inclusiva?	Elton Palmeira Brandão (UFRJ)	não	sim	não
		Escola nucleada rural	Maria Marta Lopes Flores (UNIMEP)	não	sim	não
		O papel dos movimentos sociais na construção de outra sociabilidade	Sandra Maria Marinho Siqueira (UFC)	não	sim	não
2002	Educação popular	Movendo-se no desencontro: uma leitura sobre o campo de ação das classes populares em tempos capitalistas	Marize Bastos da Cunha (UFF)	não	sim	não
		Docências em conflito nas disposições religiosas da passagem do milênio	Jadir de Moraes Pessoa (UFG)	não	sim	não
		Simulacro e inclusão social	Gisele Gallicchio (FEEVALE)	não	sim	não
		A cor e o gênero dos perdedores	Saraí Patrícia Schmidt (FEEVALE)	não	sim	não
		Relação muito delicada: escola e comunidade	Adir da Luz Almeida	não	sim	não
		Movimento e mudança: questões afetas à escola emancipatória	Edwiges Zaccur (UFF)	não	sim	não
		Semânticas da educação popular	Erenildo João Carlos (UFPB)	não	sim	não
		Algumas considerações sobre as contribuições da sociopoética à construção coletiva do conhecimento na pesquisa em EP	Sandra Haydée Petit (UFC)	não	sim	não
		A diferença da diferença	Christina Cabicieri Profice (UESC)	não	sim	não
	Sociologia da Educação	Trabalhos deste GT indisponíveis no sanais				

	Grupo de Estudo Raciais/ étnicas e Educação	Afro-brasileiros, políticas de ação afirmativa e educação: algumas considerações	Ahyas Siss (UFF)	não	sim	não
		A representação social do negro no livro didático: o que mudou?	Ana Célia da Silva (UNEB)	não	sim	não
		Professoras negras: assumindo a identidade étnica e desvelando o preconceito e a discriminação no cotidiano de vida e profissão	Regina de Fátima de Jesus (UERJ)	não	sim	não
2003	Movimentos Sociais e Educação	Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo	Anderson Ferrari - UFJF	não	sim	não
		Prática solidária e qualidade biológica superior nos mundos vivenciais em movimento dos pequenos agricultores e dos extensionistas rurais	Ari Paulo Jantsch - UFSC (CAPES - bolsa de estudo PICDT)	não	sim	não
		O DISCURSO DOS EXCLUÍDOS DA ESCOLA	LUCI MARA BERTONI (UNESP)	não	sim	não
		Educação em assentamento: relações (recriadas no cotidiano do movimento social	MARIA ANTÔNIA DE SOUZA - UTP (CNPq)	não	sim	não
		Educação e Cidadania: o impacto pedagógico - democratizador dos movimentos sociais urbanos em Curitiba	Maria Arlete Rosa - UTP/ Samira Kauchakje	não	sim	não
		DE UM LUGAR PARA VIVER A UM LUGAR PARA CONSTRUIR	Maria Conceição Coppete - UDESC	não	sim	não
		As referências simbólicas de jovens estudantes de um Colégio Militar	Maria Teresa Canesin - UCG/GO / Adélia Araújo de S. Clímaco/ Edna Mendonça Oliveira de Queiroz/ Maria Dalva Pereira e Andrade	não	sim	não
		COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM: DEMOCRATIZANDO RELAÇÕES ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE	Roseli Rodrigues de Mello - UFSCar (FAPESP)	não	sim	não
		A escolarização nos campos da Ilha de Marajó: um recurso de esperança?	Sônia Maria da Silva Araújo - UFPA	não	sim	não
		A contribuição do homem simples na construção da esfera pública: os trabalhadores rurais de Baturité- Ceará	Sônia Pereira - FAGED-UFC (CAPES-PIDCT)	não	sim	não
		SEGURANÇA EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS E JOVENS ESTUDANTES: UM CASO DE POLÍTICA	MORGADO, Maria Aparecida – UFMG (CNPq)	não	sim	não
	Educação Popular	EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA: UM CAMINHO PARA SUPERAÇÃO	ANA MARIA BORGES DE SOUSA - UFSC (CAPES)	não	sim	não
		O Fórum Social Mundial e a agenda da Educação Popular	Danilo Romeu Streck - UNISINOS (CNPq, FAPERGS, UNISINOS)	não	sim	não
		Escola e Famílias de Periferia Urbana: o que dizem seus protagonistas sobre esta relação e o que propõem para suas interações.	Fabiana Marini - UFSCar (FAPESP)	não	sim	não

		O PÚBLICO E O POPULAR NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: investigando os projetos de Cachoeirinha e de Pelotas nos anos 80.	Gomercindo Ghiggi - UFPel (Jussemar Weiss Gonçalves)	não	sim	não
		ESCOLAS QUE SOMEM.	Maria Teresa Esteban - UFF (CNPq)	não	sim	não
		"ENTRELAÇOS DO SABER": UMA APOSTA NA DESCONSTRUÇÃO DA SUBALTERNIDADE	NADIR ESPERANÇA AZIBEIRO - UDESC (PROBIC-UDESC)	não	sim	não
		EDUCAÇÃO POPULAR NA ESCOLA E A QUESTÃO DA PARTICIPAÇÃO	ODILON LUIZ POLI - UNOCHAPECO (CNPq)	não	sim	não
		MESTRES DE CAIXA E VIOLA	JADIR DE MORAIS PESSOA - UFG	não	sim	não
		EDUCAÇÃO POPULAR E EMANCIPAÇÃO SOCIAL: Convergências nas propostas de Freire e Habermas	JAIME JOSÉ ZITKOSKI - UNISINOS	não	sim	não
		EDUCAÇÃO ESCOLAR GUARANI NO RIO GRANDE DO SUL: A POLÍTICA PÚBLICA EM MOVIMENTO	MARIA APARECIDA BERGAMASCHI - UFRGS	não	sim	não
		EDUCAÇÃO PÚBLICA POPULAR: UMA ANÁLISE SOBRE NOVOS PARÂMETROS DE AÇÃO ESTATAL.	SOUZA, Antônio Lisboa Leitão de - UFRN	não	sim	não
		Uma reinvenção dos saberes imemoriais nos contos de investigação criminal	GONÇALVES, Luiz Gonzaga – UFPB (CAPES)	não	sim	não
		OS ENTRE-LUGARES NA EDUCAÇÃO DE ADULTOS EM UM CONTEXTO RELIGIOSO: A SALA DE AULA ENQUANTO ESPAÇO DE VIDA	XAVIER, Marcia Rejania Souza – UEL (CNPq)	não	sim	não
		POR UMA OUTRA POLÍTICA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	BARROS, Maria Elizabeth Barros de – UFES (CNPq)	não	sim	não
		APROXIMANDO-SE DO CAMPO DE TRABALHO DOS EDUCADORES COMUNITÁRIOS: EM BUSCA DE REFERENCIAIS DE ANÁLISE	CUNHA, Marize – UFF (CAPES)	não	sim	não
		OS “PEQUENOS”, A ESCOLA E O DIREITO À CIDADE (pdf)	TAVARES, Maria Tereza Goudard - UERJ/UFRJ	não	sim	não
	Sociologia da Educação	Socioanálise de pré-noções no discurso jornalístico sobre educação	Gilson Ricardo de Medeiros Pereira - FURB/Maria da Conceição Lima de Andrade	Educação, jornalismo, pré-noções	sim	sim
		A EMERGÊNCIA DE UMA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA NO BRASIL	JUCIREMA QUINTEIRO	não	sim	não
		A sala de aula como objeto de estudo: uma análise de teses e dissertações.	Lúcia de Fátima Oliveira de Jesus - FEUSP (CAPES)	não	sim	não
		FAVORECIMENTO ECONÔMICO E EXCELÊNCIA ESCOLAR	Maria Alice Nogueira - UFMG	não	sim	não
		O dever de casa e as relações família-escola	Maria Eulina Pessoa de Carvalho - UFPB	não	sim	não
		MULHER E DOCÊNCIA: UMA "CELEBRAÇÃO MÓVEL" DE IDENTIDADE	Patricia Eliane de Melo - PUCMINAS	não	sim	não

		Max Weber nos programas nacionais de Pós-Graduação em Educação: um balanço da produção discente nos últimos vinte anos.	Wânia Regina Coutinho Gonzalez - UNESA	não	sim	não
		Estado patrimonialista e a escola pública democrática. Rituais formais e sacrificiais de reuniões escolares.	Evson Malaquias de Moraes Santos - UFPE	não	sim	não
		Protagonismo juvenil e movimento estudantil: uma estratégia de distinção ?	Lucília Augusta Lino de Paula - UFRJ	não	sim	não
		Violência na Escola: análise da influência das mudanças socioculturais	Maria das Graças do Espírito Santo Tigre - UEPG	não	sim	não
	Grupo de Estudos Afro-Brasileiros e Educação	EDUCAÇÃO, CIDADANIA E MULTICULTURALISMO	Ahyas Siss - UFF/PENESB/UNIVERSO (CAPES)	não	sim	não
		DESGUALDADE NO ENSINO SUPERIOR: COR, STATUS E DESEMPENHO	DELCELE MASCARENHAS QUEIROZ - UNEB	não	sim	não
		Os "Quadros Negros" de Escolas Públicas: Trabalho e Saúde da Funcionária Negra	Fátima Machado Chaves - SME / Rio de Janeiro (CAPES)	não	sim	não
		MATRIZES IMAGINÁRIAS E ARQUETIPAIS DO NEGRO COMO MAL NO PENSAMENTO EDUCACIONAL DO OCIDENTE.	Julvan Moreira de Oliveira - FEUSP (CAPES)	não	sim	não
		PRECONCEITO RACIAL E DISCRIMINAÇÃO NO COTIDIANO ESCOLAR	MARIA ELENA VIANA SOUZA (CAPES)	não	sim	não
		Educação e Desigualdade Racial. Políticas de Ações Afirmativas	Maria Valéria Barbosa Veríssimo - UNESP	não	sim	não
		Identidade Negra e Espaço Educacional: Vozes, Histórias e Contribuições do Multiculturalismo	Marta Diniz/Paulo de Assis / Ana Canen- FE / UFRJ	não	sim	não
		Trajetórias de Professores Universitários Negros em Mato Grosso	Tereza Josefa Cruz dos Santos - UFMT	não	sim	não
		FRONTEIRAS ÉTNICO-CULTURAL E GEOGRÁFICA: INDAGAÇÕES PARA EDUCAÇÃO SOBRE A (RE) CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE SUJEITOS MIGRANTES	PEREIRA, Jacira Helena do Valle – UFMS (UFMS/CAPES)	não	sim	não
2004	Movimentos sociais e Educação	CULTURA E EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO COM BASE EM RAYMOND WILLIAMS	ARAÚJO, Sônia Maria da Silva – UFPA	não	sim	não
		CONSTRUINDO FORMAS DE CO-GESTÃO DO TRABALHO DOCENTE – AS COMUNIDADES AMPLIADAS DE PESQUISA COMO ESTRATÉGIA PRIVILEGIADA	BARROS, Maria Elizabeth Barros de – UFES / OLIVEIRA, Sonia Pinto de – UFES	não	sim	não
		PROJETO AGENTE JOVEM: AÇÃO, PROGRAMA OU POLÍTICA PÚBLICA DE JUVENTUDE?	CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro – USP (CNPq - PIBIC)	não	sim	não
		“VOCÊ NÃO SABE AINDA COMO EU VIM PARA O MGM?” - EDUCAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES HOMOSSEXUAIS: ADOLESCENTES NO MOVIMENTO GAY	FERRARI, Anderson – UFJF	não	sim	não

		O processo de escolarização entre os Xacriabá: explorando alternativas de análise na antropologia da educação	GOMES, Ana Maria R. - UFMG (FAPEMIG)	não	sim	não
		ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS DE JOVENS MULHERES EM PROCESSO DE FORMAÇÃO	GUIMARÃES, Maria Teresa Canesin - UCG/CLÍMACO, Adélia A. S. - UCG /QUEIROZ, Edna M. O. de - UCG / VASCONCELOS, Iolani - UCG /ANDRADE, Maria Dalva P. - UCG	não	sim	não
		DIVERSIDADE E IGUALDADE DE OPORTUNIDADES: ESTRATÉGIA DE NORMALIZAÇÃO NOS MOVIMENTOS SOCIAIS SURDOS	KLEIN, Madalena – FEEVALE (CAPES)	não	sim	não
		A GESTÃO DA POBREZA JUVENIL: UMA ANÁLISE DE UM PROGRAMA FEDERAL DE INCLUSÃO SOCIAL PARA JOVENS POBRES	LEÃO, Geraldo Magela Pereira – UFMG	não	sim	não
		POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTES PARA JUVENTUDE NA BAIXADA FLUMINENSE/RJ: UMA DISCUSSÃO INTRODUTÓRIA	MARTINS, Carlos Henrique dos Santos – UFF/MELO, Marcelo Paula de – UFF (FAPERJ/PAPESP)	não	sim	não
		DEMOCRATIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO RACIAL: A EXPERIÊNCIA DE AÇÃO AFIRMATIVA NOS ESTADOS UNIDOS	MOEHLECKE, Sabrina – USP (FAPESP)	não	sim	não
		A DIMENSÃO EDUCATIVA DO FAZER MILITANTE NO MST	PAIVA, Irene Alves de – UFRN	não	sim	não
		A FECUNDIDADE DA NOÇÃO DE MORATÓRIA (VITAL/SOCIAL) PARA A ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE E EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DE MASSIFICAÇÃO DOS PROCESSOS EDUCATIVOS	PEREGRINO, Mônica - UERJ/UFF	não	sim	não
		AÇÃO COLETIVA E IDENTIDADE SOCIAL: UM ESTUDO SOBRE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	SILVA, Isabel de Oliveira e - FUMEC-BH (CNPq)	não	sim	não
		SOCIEDADE, GESTÃO PENAL E TRATAMENTO AO PRESO – UMA PEDAGOGIA DE DESPOSSUIÇÃO	SOUSA, Antônio Rodrigues de - UFC	não	sim	não
		POLÍTICA PÚBLICA DE JUVENTUDE NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO: QUE POLÍTICA?	TERRA, Denise Cordeiro - UFF/UERJ/CAMACHO, Mariana - UFF (FAPERJ)	não	sim	não
2004	Educação popular	Educação Popular e Intervenção Comunitária: Contribuições para a reflexão sobre empoderamento.	AMÂNCIO, Cristhiane - CPDA/UFRRJ (CAPES)	não	sim	não
		EDUCAÇÃO POPULAR NA ESCOLA CIDADÃ: EM FACE DA VIOLÊNCIA	ANDRADE, Fernando César Bezerra de - UFPB	não	sim	não
		QUAL O JEITO DO GT 06? UMA INCURSÃO EM BUSCA DE PISTAS	AZIBEIRO, Nadir Esperança - UDESC - PPGE/UFSC	não	sim	não
		A (IN)EXISTÊNCIA DO OUTRO NA EDUCAÇÃO	DORZIAT, Ana -UFPB	não	sim	não
		CONCEPÇÕES DE SAÚDE E COTIDIANO ESCOLAR - O VIÉS DO SABER E DA PRÁTICA	LOMÔNACO, Aparecida de Fátima Soane -UFU	não	sim	não
		PROFESSORES –ÍNDIOS E A ESCOLA DIFERENCIADA/INTERCULTURAL: A EXPERIÊNCIA EM ESCOLAS INDÍGENA KAIOVÁ/GUARANI NO MATO GROSSO DO SUL E A PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA ALÉM DA ESCOLA. UM ESTUDO EXPLORATÓRIO.	NASCIMENTO, Adir Casaro – UCDB	não	sim	não

		PERSPECTIVAS DE DIÁLOGO NO ENCONTRO ENTRE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS E INSTITUIÇÃO ACADÊMICA: O CONVÍVIO METODOLÓGICO.	OLIVEIRA, Maria Waldenez de - UFSCar/ STOTZ, Eduardo Navarro – FIOCRUZ	não	sim	não
		AS REDES DE APOIO SOCIAL E A EDUCAÇÃO POPULAR: APERTANDO OS NÓS DAS REDES.	RIBEIRO, Kátia Suelly Queiroz Silva – UFPB	não	sim	não
		A Educação Popular entre o Poder Público e uma Instituição Movimento: Três experiências de Educação Popular em Fé e Alegria se	SCHROEDER, Pedro Canísio – UNISINOS	não	sim	não
		Porque o local? A cidade como campo da Educação Popular	TAVARES, Maria Tereza Goudard - UERJ	não	sim	não
		A ESPiritUALIDADE NA EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE.	VASCONCELOS, Eymard Mourão Vasconcelos - UFPB	não	sim	não
		UMA HISTÓRIA DE GOVERNAMENTO E DE VERDADES – EDUCAÇÃO RURAL NO RS (1950-1970)	WESCHENFELDER, Noeli Valentina – UNIJUI/UFGRS	não	sim	não
		Reinvenções do ABC	ZACCUR, Edwiges –UFF	não	sim	não
	Sociologia da Educação	A educação sexual no cotidiano da escola: entre a visibilidade das formas reais de manifestação das sexualidades e a conformação à heterossexualidade	BRAGA, Denise da Silva - PUCMG	não	sim	não
		Processos de produção de qualidade de ensino: escola, família e cultura	BRANDÃO, Zaia - PUC-Rio/VARGAS, Hustana - PUC-Rio/UNESA/ PAULA, Lucília de - PUC-Rio/UFRRJ/ MANDELERT,Diana - PUC-Rio/ CARVALHO, Cristina de - PUC-Rio/ CAZELLI, Sibebe - PUC-Rio/Museu de Astronomia-MAST (CNPq / FAPERJ)	não	sim	não
		Trabalho docente e tecnicismo: a experiência de Professoras primárias no estado de São Paulo (1960-1980)	BUENO, Belmira Oliveira - FEUSP/ SANTOS, Elza Pino dos - FEUSP (FAPESP)	não	sim	não
		ESCOLA PÚBLICA E COMPETÊNCIA ESCOLAR: O caso do Colégio Culto à Ciência	CANTUARIA, Adriana Lech -FE-Unicamp (CNPq)	não	sim	não
		CONTEXTOS INSTITUCIONAIS E ESCOLARIZAÇÃO: UMA HIPÓTESE DE CLASSIFICAÇÃO DAS ESCOLAS DA REDE PRIVADA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	CARVALHO, Cynthia Paes de - PUC-Rio	não	sim	não
		QUEM É NEGRO, QUEM É BRANCO: DESEMPENHO ESCOLAR E CLASSIFICAÇÃO RACIAL DE ALUNOS	CARVALHO, Marília - FEUSP (CNPq)	não	sim	não
		O Impacto do Processo de Massificação do Ensino sobre a Autoridade Docente: uma tentativa de interpretação	MAGRONE, Eduardo - UFJF	não	sim	não
		NO INTERIOR DA “CAIXA PRETA”: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO DAS INTERAÇÕES EM SALA DE AULA	RESENDE, Tânia de Freitas - UFMG – FaE (CNPQ)	não	sim	não
		EDUCANDO CIDADÃOS E CIDADÃS GENETICAMENTE RESPONSÁVEIS ATRAVÉS DA PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO GENÉTICO.	RIPOLL, Daniela - UFRGS	não	sim	não
	Afro-brasileiros e Educação	EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS: FAMÍLIA, SUCESSO ESCOLAR E A PERCEPÇÃO DE ALGNS UNIVERSITÁRIOS NEGROS SOBRE A COR	AMORIM, Andréia Maria da Cruz Oliveira - NEPRE/UFMT / MULLER, Maria Lúcia Rodrigues - NEPRE/UFMT	não	sim	não

		A escrita é um processo difícil! (O que pensam estudantes oriundos de pré-comunitários sobre a leitura e a escrita na universidade)	BARREIROS, Cláudia Hernandez – UERJ/PUC-Rio	não	sim	não
		Avaliando um pré-vestibular voluntário para negros pobres	BRANDÃO, André Augusto - UFF (Fundação FORD)	não	sim	não
		MOVIMENTOS DE EDUCAÇÃO POPULAR : um estudo sobre os Pré-Vestibulares para Negros e Carentes no Estado do Rio de Janeiro	DE PAULO, Nelia Regina dos Santos – FEFIS	não	sim	não
		JUVENTUDE, PRÁTICAS CULTURAIS E NEGRITUDE: O DESAFIO DE VIVER MÚLTIPLAS IDENTIDADES	GOMES, Nilma Lino - FAE/UFMG (FAPEMIG/CNPQ)	não	sim	não
		ROMPENDO O SILÊNCIO COM O MÉTODO SOCIOPOÉTICO: A DESNATURALIZAÇÃO DO PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA	PETIT, Sandra Haydée – UFC	não	não	não
		REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NUM QUILOMBO PELO VIÉS DA HISTÓRIA ORAL.	REIS, Maria Clareth Gonçalves – UFF	não	sim	não
		Memória, Tradição Oral e a Afirmação da Identidade Étnica.	SILVA, Acildo Leite da - UERJ/PENESB	não	sim	não
		POLÍTICA EDUCACIONAL E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: CRIANÇAS NEGRAS	VERÍSSIMO, Maria Valeria Barbosa – UNESP/USP	não	sim	não
	Grupo de Estudos Gênero, Sexualidade e Educação	A SEXUALIDADE ADOLESCENTE COMO FOCO DE INVESTIMENTO POLÍTICO-EDUCACIONAL	ALTMANN, Helena - PUC-Rio (FAPERJ)	não	sim	não
		RELAÇÕES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS ESCOLARES E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE CO-EDUCAÇÃO	AUAD, Daniela – FEUSP (FAPESP)	não	sim	não
		MASCULINIDADES E FEMINILIDADES: IMPLICAÇÕES PARA O FRACASSO/SUCESSO ESCOLAR DE MENINOS E MENINAS NAS SÉRIES INICIAIS	BRITO, Rosemeire dos Santos - USP (Fundação Ford)	não	sim	não
		SEXUALIDADE, GÊNERO E SAÚDE REPRODUTIVA – ELEMENTOS PARA UMA NOVA PROPOSTA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL	CATHARINO, Tania Ribeiro - UERJ	não	sim	não
		O saber autorizado – voz e voto para ensinar sobre o corpo.	DAZZI, Mirian Dolores Baldo - UNISINOS	não	sim	não
		REPRESENTAÇÕES SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE SINDICALISTAS DO CPERS/SINDICATO	FERREIRA, Márcia Ondina Vieira - FaE/UFPeI (CNPq/UFPeI)	não	sim	não
		GÊNERO E FUTEBOL FEMININO: Preconceitos, mitos E SEXISMO NA PRÁTICA DISCURSIVA DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO FÍSICA	FREITAS, Lígia Luís de - PMJP	não	sim	não
		HISTÓRIA DO MAGISTÉRIO: EXPERIÊNCIAS MASCULINAS NA CARREIRA ADMINISTRATIVA NO ESTADO DE SÃO PAULO (1950-1980)	PINCINATO, Daiane Antunes Vieira - FEUSP	não	sim	não
		UM SILÊNCIO DESCONCERTANTE: A Homossexualidade Permanece Invisível na Escola	RAMIRES NETO, Luiz - USP	não	sim	não
		EDUCAR PARA A SEXUALIDADE NORMAL	SABAT, Ruth - Centro Universitário Feevale	não	sim	não

		A INVENÇÃO DA INFÂNCIA GENERIFICADA: A PEDAGOGIA DA MÍDIA IMPRESSA CONSTITUINDO AS IDENTIDADES DE GÊNERO	SANTOS, Cláudia Amaral dos - PPGEDU/UFRGS (CAPES)	não	sim	não
		SEXUALIDADE E GÊNERO : MEDIAÇÕES DO CINEMA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES	SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de - NUTES/UFRJ (CNPq, FAPERJ)	não	sim	não
		A MULHER PROFESSORA: GÊNERO E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE	VASCONCELOS, Fábio - UNIARAXÁ/UNIUBE /ANDRADE, Maria Celeste de Moura - UNIARAXÁ/UNIUBE	não	sim	não
2005	Movimentos Sociais e Educação	AÇÕES PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE DE GOVERNOS LOCAIS DO GRANDE ABC: DESCOMPASSOS ENTRE TRAJETÓRIAS	ALMEIDA, Elmir de – CUFA/ VILLAR, Maria Elena Villar - CUFA (CUFA)	não	sim	não
		UM “NOVO” DESAFIO PARA O MOVIMENTO SINDICAL: A SAÚDE COMO TEMA E ESTRATÉGIA – O CASO DOS DOCENTES/ES	BARROS, Maria Elizabeth Barros de – UFES/ HECKERT, Ana Lúcia Coelho – UFES/OLIVEIRA, Sonia Pinto de – UFES	não	sim	não
		A EXPERIÊNCIA DE TRABALHADORES RURAIS NO CONSELHO MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: OFERTA DO ESTADO E APRENDIZADO DA FALA	BARRETO, Sônia Pereira – UFC (CAPES)	não	sim	não
		“Mulheres em movimento”: lazer e educação no espaço urbano	CAVALEIRO, Maria Cristina – CUFA	não	sim	não
		POLÍTICA PÚBLICA E EXPECTATIVAS JUVENIS – CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO PROGRAMA BOLSA TRABALHO NA CIDADE DE SÃO PAULO	CORROCHANO, Maria Carla – USP (FAPESP)	não	sim	não
		TRAJETÓRIAS ESCOLARES E PROFISSIONAIS DE PROFESSORAS E PROFESSORES MILITANTES	FERREIRA, Márcia Ondina Vieira – UFPel (CNPq/UFPel)	não	sim	não
		MULHERES E SEUS SABERES ENGRAVIDANDO UMA OUTRA ECONOMIA	FISCHER, Maria Clara Bueno – UNISINOS/ZIEBELL, Clair Ribeiro - UNISINOS (FAPERGS)	não	sim	não
		JUVENTUDE E EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES QUE PERMEIAM O PODER PÚBLICO MUNICIPAL DA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA (RMG)	GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin – UCG/ QUEIROZ, Edna Mendonça O. de – UCG/ ANDRADE, Maria Dalva Pereira e – UCG (CNPq)	não	sim	não
		PODEMOS SER IGUAIS E DIFERENTES? ESCOLA PÚBLICA, MOVIMENTOS SOCIAIS E CIDADANIA	LEITE, Lucia Helena Alvarez – UFMG (CAPES)	não	sim	não
		A PARTICIPAÇÃO POPULAR NA DEFESA E GARANTIA DE DIREITOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	LOPES, Ana Christina Brito – UERJ	não	não	não
		OS BAILES DE CHARME: ESPAÇOS DE ELABORAÇÃO DE IDENTIDADES JUVENIS	MARTINS, Carlos Henrique dos Santos – ETEJK (CAPES)	não	sim	não
		A IGUALDADE QUE PERTURBA A JUSTIÇA NO MUNDO MODERNO: O DISCURSO SOBRE AÇÃO AFIRMATIVA	MOEHLECKE, Sabrina – USP	não	sim	não
		REFLEXÕES SOBRE AS AÇÕES DESENVOLVIDAS PELAS ONGS JUNTO A CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	MONTEIRO, Elaine – UFF	não	sim	não
		O ENCONTRO SOLIDÁRIO DE GERAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO – POSSIBILIDADES DE RESSIGNIFICAÇÃO DA ESCOLA	NAKANO, Marilena – USP	não	sim	não

		EDUCAÇÃO, LUTAS SOCIAIS E CIDADANIA: PRÁTICAS EDUCATIVAS DA EFA EM GOIÁS	NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do – UNICAMP	não	sim	não
		A EDUCAÇÃO DO CAMPO EM FOCO: AVANÇOS E PERSPECTIVAS DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA EM MINAS GERAIS	SILVA, Lourdes Helena da – UFV (FAPEMIG)	não	sim	não
		PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO DA ROCINHA A LATÊNCIA DA RACIALIDADE NA TENSÃO ENTRE AS ESTRATÉGIAS REGULADORAS E AS TÁTICAS SUBVERSIVAS	SILVA, Rodrigo Torquato da – UERJ	não	sim	não
		O TERCEIRO SETOR na WEB, a inclusão social pela educação, as tecnologias de comunicação e SOCIABILIDADE: o propagado e o factível	SOARES, Suely Galli – PUC/Campinas	não	sim	não
		COMBATE E PRODUÇÃO DA DESIGUALDADE DIGITAL NO BRASIL	TAVARES, Rosilene Horta – UFMG	não	sim	não
		MOVIMENTOS EDUCATIVOS EMANCIPATÓRIOS EM PORTUGAL	VENDRAMINI, Célia Regina – UFSC (CAPES)	não	sim	não
	Educação popular	A FILOSOFIA DOS EDUCADORES SOCIAIS DE RUA: SOCIOPOETIZANDO A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE	ADAD, Shara Jane Holanda Costa – UESPI	não	sim	não
		PARTICIPAÇÃO POPULAR COMO PRINCÍPIO POLÍTICO-EDUCATIVO	ALMEIDA, Adir da Luz – UERJ – UNESA	não	sim	não
		A NEGOCIAÇÃO DAS IDENTIDADES/DIFERENÇAS CULTURAIS NO ESPAÇO ESCOLAR	BACKES, José Licínio – UCDB	não	sim	não
		Educação popular em movimentos sociais: construção coletiva de concepções e práticas educativas emancipatórias	BATISTA, Maria do Socorro Xavier – UFPB	não	sim	não
		EDUCAÇÃO INDÍGENA – UMA EDUCAÇÃO PARA A AUTONOMIA	BRAND, Antonio Jacó – UCDB	não	sim	não
		EVANGÉLICOS, CULTURA POPULAR E ENSINO RELIGIOSO: A ESCOLA PÚBLICA LAICA PODE PRESCINDIR DESTA DISCUSSÃO?	CAMPOS, Luciana de Almeida – UFF	não	sim	não
		EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE: A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES DIALÓGICAS ENTRE PORTADORES DE DIABETES MELLITUS E PROFISSIONAIS DA ÁREA	DAMASCENO, Cleide Ferreira – UFC (FUNCAP)	não	sim	não
		O CURRÍCULO DA ESCOLA PÚBLICA: UM OLHAR SOBRE A DIFERENÇA DOS SURDOS	DORZIAT, Ana – UFPB	não	sim	não
		MST, UM DISCURSO-AÇÃO QUE CONVOCA UM VIR-A-SER	FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca – UNIJUÍ	não	sim	não
		EDUCAÇÃO POPULAR COM ARTE: PINTANDO NOVA CORES NAS PRÁTICAS COLETIVAS	FANTIN, Maristela – UFSC	não	sim	não
		EDUCAÇÃO POPULAR E EMANCIPAÇÃO HUMANA: MATRIZES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS NA BUSCA PELO REINO DA LIBERDADE	FEITOZA, Ronney da Silva – UFPB – UFAM (FAPEAM)	não	sim	não
		EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE: PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS EMERGENTES NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS	FLEURI, Reinaldo Matias – UFSC (CNPq)	não	sim	não
		CICLOS DE FORMAÇÃO: DESAFIOS DA TEORIA PEDAGÓGICA PARA AS PRÁTICAS ESCOLARES	KRUG, Andréa Rosana Fetzner – UFRGS – UFF (CNPq)	não	sim	não

		CULTURA POPULAR E MEMÓRIA: DESAFIOS E POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS	MARCON, Telmo – UPF	não	sim	não
		EDUCAÇÃO POPULAR – SISTEMA DE TEORIAS INTERCOMUNICANTES	MELO NETO, José Francisco de – UFPB	não	sim	não
		SOBREVIVENTES DAS FRONTEIRAS: CULTURA, VIOLÊNCIA E VALORES NA EDUCAÇÃO.	MONTEIRO, Aloísio Jorge de Jesus – UFRRJ	não	sim	não
		INDÚSTRIA CULTURAL E EDUCAÇÃO DO CORPO: NOTAS SOBRE A PRESENÇA DA CAPOEIRA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	MWEWA, Muleka – UFSC (CAPES; CNPq; FUNCITEC; FUNPESQUISA/UFSC)	não	sim	não
		A NEGAÇÃO DA VIOLÊNCIA COMO PRÁTICA DE LIBERDADE: O CUIDADO DE SI COMO ESTRATÉGIA E PRINCÍPIO DE UMA FORMAÇÃO ÉTICA	RATEKE, Deise – UFSC	não	sim	não
		Trabalhando relações raciais com grupos multirraciais	SILVEIRA, Sandra Beatriz Moraes da – UFRGS	não	sim	não
		Violências e infância: as políticas de governo do corpo e o cuidado de si	SOUZA, Ana Maria Borges de – UFSC/LIMA, Patrícia de Moraes – UFRGS – IPPSEA	não	sim	não
		EXPLORANDO FRONTEIRAS DE MANIFESTAÇÕES INTERCULTURAIS EM PERCURSOS EDUCACIONAIS	SOUZA, Maria Izabel Porto de – UFSC (CNPq)	não	sim	não
		O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES SOCIAIS NA ÁREA DA INFÂNCIA E JUVENTUDE	VANGRELINO, Ana Cristina dos Santos – UFSCar	não	sim	não
		EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA À LUZ DA EDUCAÇÃO POPULAR E DA PESQUISA-AÇÃO	VASCONCELOS, Valéria Oliveira de – UFSCar/ OLIVEIRA, Maria Waldenez de – UFSCar	não	sim	não
		FACES (NOVAS) DA EDUCAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO BRASILEIRO ATUAL: A CONSTRUÇÃO DO PODER POPULAR PELA PARTICIPAÇÃO	WEYH, Cênio Back – UNISINOS (CAPES)	não	sim	não
		PESQUISANDO A REALIDADE E ESCRIVENDO A CULTURA A PRODUÇÃO CURRICULAR EM CIÊNCIAS NAS PRIMEIRAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL	ZANCHET, Beatriz Atrib – UFPe/ SILVEIRA, Denise Nascimento – CEFET/PELOTAS	não	sim	não
		A PESQUISA EM EDUCAÇÃO: A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE OS JOVENS E A JUVENTUDE DE NOVO HAMBURGO	ZUCCHETTI, Dinora Tereza – FEEVALE	não	sim	não
	Sociologia da Educação	A REPETÊNCIA ESCOLAR E OS DIFERENTES TIPOS DE CAPITAL: UM ESTUDO A PARTIR DOS DADOS DO SAEB-2001	ALVES, Fátima - PUC-Rio /ORTIGÃO, Isabel - PUC-Rio (CNPq)	não	sim	não
		DEVER DE CASA: VISÕES DE MÃES E PROFESSORAS	CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de – UFPB/BURITTY, Marta Helena – UFCG	não	sim	não
		RELAÇÕES DE GÊNERO, CONFLITO E VIOLÊNCIA NAS SÉRIES INICIAIS	CRUZ, Tânia Mara -UNISUL (CAPES)	não	sim	não
		PRÁTICAS DE SOCIALIZAÇÃO DE PROFESSORES INICIANTE NA CARREIRA, QUEM É O INICIANTE?	Ferreirinho, Viviane C. - PUCSP (CAPES)	não	sim	não
		AÇÃO DOCENTE E CAMPO DE POSSIBILIDADES: CONFIGURAÇÃO NOS CONTEXTOS INSTITUCIONAL, POLÍTICO E SOCIAL	LATERMAN, Ilana – Unisul (CNPq)	não	sim	não

		A REALIDADE SILENCIOSA DO ANALFABETISMO E O PAPEL SOCIAL DA UNIVERSIDADE	LONGHI, Solange Maria – UPF/ DAL MORO, Selina Maria – UPF (CNPq)	papel social da universidade; analfabetismo; alfabetização	sim	sim
		FAMÍLIA E ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE: OS MEANDROS DE UMA RELAÇÃO	NOGUEIRA, Maria Alice – UFMG	não	sim	não
		ESCOLA E VIOLÊNCIAS: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL	NOGUEIRA, Rosana M. C. Del Picchia A. – PUC/SP/PIMENTA, Carlos Alberto Máximo – PUC/SP	não	sim	não
		OS NÓS DOS OUTROS: EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E RELAÇÕES INTERÉTNICAS	TESTA, Adriana Queiroz - FEUSP (FAPESP)	não	sim	não
		“ASSIM É MAIS DIVERTIDO!”: UM ESTUDO SOBRE A EUFEMIZAÇÃO DOS MECANISMOS DISCIPLINARES NO RECREIO ESCOLAR.	TOMELIN, Karina Nones – FURB/ANDRADE, Maria da Conceição Lima de – FURB	recreio escolar, disciplinamento, violência simbólica	sim	sim
		DO ACESSO À PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: PERCURSOS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE CAMADAS POPULARES	ZAGO, Nadir - UFSC (CNPq)	não	sim	não
	Afro-Brasileiros e Educação	FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA EM SÃO PAULO	Barros, Surya Aaronovich Pombo de – USP	não	sim	não
		Raça, escolhas e sucesso no vestibular:Que profissão você vai ter quando crescer?	Brandão, André – UFF/ Marins, Mani Tebet de – UFF / Silva, Anderson P. da – UFF / (Fundação Ford – CNPq – PIBIC – UFF)	não	sim	não
		VESTÍGIOS CRIoulos NA FALA RURAL DE SÃO PAULO	Careno, Mary Francisca do – UNAERP / (FUNDUNESP – FAPESP)	não	sim	não
		EDUCAÇÃO SUPERIOR: A IMPORTÂNCIA DAS “REDES DE APOIO” NA TRAJETÓRIA ESCOLAR DE ALUNOS NEGROS UNIVERSITÁRIOS	CASTRO, Edmara da Costa Castro – NEPRE-UFMT / (FAPEMAT)	não	sim	não
		CINCO DISCURSOS SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL	Conceição, José Augusto – GENTES	não	não	não
		PERCEPÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES SOBRE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO LIVRO DIDÁTICO	Costa, Candida Soares da – UFMT	não	sim	não
		RECONSTRUINDO A MEMÓRIA DE UM PROJETO ESCOLAR PARA NEGROS	CUNHA, Perses Maria Canellas da	não	sim	não
		CADERNOS DE PERGUNTAS: RECURSOS PARA A DISCUSSÃO DE IDENTIDADES AFRO-DESCENDENTES COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	Ferreira, Luis Carlos – UERJ	não	sim	não
		A QUESTÃO DO NEGRO E POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO MULTICULTURAL: AVANÇOS E LIMITAÇÕES	Gonçalves, Luciane Ribeiro Dias – SMEC-Ituiutaba – UNIPAC / SILVA, Maria Vieira da – UFU/GEPOC	não	sim	não
		AFRODESCENDENTES E EDUCAÇÃO: UMA LEITURA DE CULTURA E CURRÍCULO ESCOLAR PELA LENTE DOS ESTUDOS CULTURAIS	MARQUES, Eugenia Portela de Siqueira – UCDB	não	sim	não
		NARRATIVAS SOBRE “COTAS” EM JORNAIS: O HÍBRIDO E O GROTESCO NOS DISCURSOS DE RESISTÊNCIA FRENTE À PERSPECTIVA AFRODESCENDENTE DE INTERCULTURALIDADE	Miranda, Claudia – UERJ	não	sim	não
		TRAJETÓRIAS DE HOMENS NEGROS NO MAGISTÉRIO: EXPERIÊNCIAS NARRADAS.	PAULA, Cláudia Regina de – UFF	não	sim	não

		Zumbi dos Palmares na escola: mais do que avanço da luta contra o racismo	Pereira, Amauri Mendes – UCAM	não	sim	não
		RELAÇÕES RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR: PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE ALUNOS NEGROS	Pinho, Vilma Aparecida de – UFMT / (FAPEMAT)	não	sim	não
		NEGRO LIVRE NO FINAL DO BRASIL IMPÉRIO: CIDADANIA E EDUCAÇÃO NO PROJETO NACIONAL DE ANDRÉ REBOUÇAS	REIS, Fabio Pinto Gonçalves dos – USF	não	sim	não
		AS PESQUISAS SOBRE NEGRO E EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DE SUAS CONCEPÇÕES E PROPOSTAS	Ribeiro, Cristiane Maria – UFSCar / (CAPES – CNPq)	não	sim	não
		MOVIMENTO NEGRO, RAÇA E POLÍTICA EDUCACIONAL	Rodrigues, Tatiane Cosentino / (Ação Educativa - Fundação Ford)	não	sim	não
		COR NA UFMT: PERFIL DE ALUNOS DE HISTÓRIA, ECONOMIA E DIREITO	SANTOS, Cássia Fabiane dos – UFMT	não	sim	não
		A EDUCAÇÃO E AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA: MOTIVOS DA INTOLERÂNCIA	Santos, Erisvaldo P. dos – UNILESTE-MG	não	sim	não
		RACISMO DISCURSIVO NA MÍDIA: PESQUISAS BRASILEIRAS E MOVIMENTAÇÃO SOCIAL	Silva, Paulo Vinicius Baptista da – UFPR – PUC-SP (CAPES)	não	sim	não
		MULTICULTURALISMO, EDUCAÇÃO BRASILEIRA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: VERDADE OU ILUSÃO?	Siss, Ahyas – UFF – UNIVERSO	não	sim	não
		CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS ALUNOS NEGROS E AFRO-DESCENDENTES: ALGUNS ASPECTOS	Souza, Maria Elena Viana – UNIRIO	não	sim	não
		COTAS NA UNIVERSIDADE PÚBLICA – DIREITO OU PRIVILÉGIO?	Veloso, Geisa Magela – UFMG – Unimontes	não	sim	não
		ESCOLA PÚBLICA E O DIFÍCIL DIÁLOGO COM A INCLUSÃO	Verissimo, Maria Valéria Barbosa – UNES – USP	não	sim	não
2005	Grupo de Estudos Gênero, Sexualidade e Educação	A escola na produção da identidade sexual do adolescente	ADOLPH, Cláudio – UNESA / PRATA, Maria Regina – UNESA	não	sim	não
		Relações Dialógicas Interculturais: Brinquedos e gênero	Barreto, Flavia de Oliveira – UFRJ / Silvestri, Mônica Ledo – UFF	não	sim	não
		ALGUNS TENSIONAMENTOS ACERCA DOS CORPOS E SEXUALIDADES DAS PESSOAS DEFICIENTES	Campos, Miriam Piber – ULBRA	não	sim	não
		DESEMPENHO ESCOLAR E GÊNERO: UM ESTUDO COM PROFESSORAS DE SÉRIES INICIAIS	DAL IGNA, Maria Cláudia – UFRGS (CAPES)	não	sim	não
		Sexos, sexualidades e Gêneros - Monstruosidades no currículo da educação sexual	FURLANI, Jimena – UDESC – UFRGS	Educação Sexual; Educação, Gênero e Sexualidade; Currículo e Formação de Educadoras/res	sim	sim
		ABORDAGEM DA AIDS NA ESCOLA: POSSIBILIDADES E DIFICULDADES COM BASE NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DA 6ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL	Lima, Rita de Cássia Pereira – CUMIL/Ramos, Flávia Chaves – CUMIL (FAPESP)	não	sim	não

		QUEM PODE RESISTIR A LARA CROFT? VOCÊ?	Mendes, Cláudio Lúcio – FAME/BH – UFMG	não	sim	não
		REFLEXÕES SOBRE A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: CAMINHOS, DIÁLOGOS E TRAJETÓRIAS NUMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO	Quintana, Eduardo – UERJ (FAPERJ – CNPq)	não	sim	não
		Construindo a masculinidade hegemônica: acomodações e resistências a partir da apropriação de personagens de novelas por adolescentes das camadas populares	RIBEIRO, Claudia Regina Santos – UFRN/SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de – UFRJ	não	sim	não
		POR MINHA CULPA, MINHA CULPA, MINHA MÁXIMA CULPA... A EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL NOS DOCUMENTOS DA INQUISIÇÃO DOS SÉCULOS XVI E XVII	Ribeiro, Paulo Rennes Marçal – UNESP (CNPq)	não	sim	não
		Apropriação de novas tecnologias por docente: Questões de Gênero	Teixeira, Adla Betsaida Martins – UFMG (PRPq-UFMG)	não	sim	não
		O VERSO E O REVERSO DAS RELAÇÕES ESCOLARES: UM OLHAR DE GÊNERO SOBRE O USO DOS TEMPOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO	Telles, Edna de Oliveira – USP	não	sim	não
		JUVENTUDE E SEXUALIDADE EM MOVIMENTO	Vieira, Rosângela Steffen – UFSC – UNICAMP	não	sim	não
2006	Movimentos Sociais e Educação	ENTRE A AUTONOMIA E O CONTROLE: UMA ANÁLISE DE UM PROGRAMA DE TRANSFERÊNCIA DE RENDA PARA JOVENS POBRES	GERALDO MAGELA PEREIRA LEÃO	Juventude; Políticas Públicas; Transferência de Renda	sim	sim
		A EXPERIÊNCIA DE ESCOLARIZAÇÃO DE TRABALHADORES RURAIS EM BATURITÉ-CEARÁ: A CONSTRUÇÃO OU A DESTITUIÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO NO CAMPO?	SÔNIA PEREIRA BARRETO	direito; trabalhadores rurais, escolarização	sim	sim
		METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO COMUNICATIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA A PESQUISA EDUCACIONAL NA CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA COM E PARA TODAS E TODOS.	ROSELI RODRIGUES DE MELO	pesquisa educacional; ação comunicativa; dialogicidade.	sim	sim
		Jovens e ações públicas: espaços educativos de formação	MARIA TEREZA CANEZIN GUIMARÃES/EDNA MENDONÇA OLIVEIRA DE QUEIROZ	não	sim	sim
		AS MOVIMENTAÇÕES POR ESCOLA E SAÚDE: O CONCEITO DE ATIVIDADE COMO OPERADOR DE ANÁLISE	MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS/ANA LUCIA C. HECKERT	não	sim	sim
		Escola, juventude negra e hip hop: um ensaio sobre biopotência	IONE DA SILVA JOVINO/ANETE ABRAMOWICZ	não	sim	sim
		MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL URBANO-INDUSTRIAL	ELIZABETH SERRA OLIVEIRA	Movimentos Sociais-Educação Popular-Pré-vestibulares Populares	sim	sim
		A Escola e a Esfinge: Culturas e Saberes Juvenis, um desafio contemporâneo	CARLA VALÉRIA VIEIRA LINHARES MAIA	não	sim	sim
		A articulação entre experiência social e tempo escolar no processo de escolarização de jovens da camadas populares	LICINIA MARIA CORREA/ MAIRA ALVARENGA/MARIA CELESTE REIS FERNANDES DE SOUZA	Cultura Juvenil, Tempo Escolar, Processos de Escolarização	sim	sim
		SENTIDOS DE ESCOLA E MOVIMENTOS SOCIAIS DO POVO XOKLENG, COMUNIDADE BUGIO - SC	MONICA MARIA BARUFFI/ MARIA DA CONCEIÇÃO LIMA DE ANDRADE	Escola. Estratégia escolar. Educação escolar indígena. Povo Xokleng	sim	sim

		A ESCOLA EM MOVIMENTO: feminilidades homossexuais, identidades, pertencimento e exclusão	MARIA CRISTINA CAVALEIRO	feminilidades homossexuais; diversidade; espaço escolar	sim	sim
	Educação popular	Educação Popular na universidade e a troca de saberes	EDINEIDE JEZINE MESQUITA	Educação Popular, diálogo, saberes	não	sim
		O SABER DE MÃO EM MÃO: A OFICINA PEDAGÓGICA COMO DISPOSITIVO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA ESCOLA PÚBLICA	FILOMENA MARIA GONÇALVES DA SILVA CORDEIRO MOITA/FERNANDO CÉZAR BEZERRA DE ANDRADE	construção do conhecimento, escola pública, oficinas pedagógicas	sim	sim
		O acesso das classes populares à universidade: implicações para a construção de sua identidade cultural	JOSÉ LICÍNIO BACKES	Identidade - classes populares - cultura	sim	sim
		Saberes do Trabalho e Educação Popular na COOPCARMO: Projeto Lixo é Vida	ANA MARIA MARQUES SANTOS/NEISE DELUIZ	Educação Popular; Economia Popular; Redes de Ação Coletiva.	sim	sim
		OS MOVIMENTOS SOCIAIS CULTIVANDO UMA EDUCAÇÃO POPULAR DO CAMPO	MARIA DO SOCORRO XAVIER BATISTA	não	sim	sim
		Saberes, formação e trabalho pedagógico de educadores populares	LÚCIA MARIA GONÇALVES DE RESENDE/MARTHA PAIVA SCÁRDUA	formação, trabalho pedagógico, educação popular.	sim	sim
		O Pluralismo religioso e seus conflitos na educação popular: o olhar de educadores	IVANILDE APOLUCENO DE OLIVEIRA	Religiosidade - Pluralismo Religioso - Educação Popular.	sim	sim
		Escola da prisão: espaço de construção da identidade do homem aprisionado?	ELENICE MARIA CAMAROSANO ONOFRE	educação escolar em prisões; educação de adultos presos; prisões e educação escolar	sim	sim
		Educação popular e competência republicana	FLÁVIO HENRIQUE ALBERT BRAYNER	Competência - Dívida Política - Educação Popular	sim	sim
		EDUCAÇÃO POPULAR EM ECONOMIA SOLIDÁRIA	JOSÉ FRANCISCO DE MELO NETO	educação popular, metodologia de incubação e economia solidária.	sim	sim
		ECA, LDB e Educação Popular: perspectivas diversas para diversos fins	CLAUDIO ANDRES BARRIA MANCILLA	Educação popular, leis setoriais, direitos da infância e da juventude	sim	sim
		Você quer o fato científico ou o que eu realmente acredito? O conflito entre religião e ciência nas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro	LANA CLAUDIA DE SOUZA FONSECA	ensino de ciências; religião popular; escola pública.	sim	sim
		REPRESENTAÇÕES DE CRIANÇAS DE ZONA RURAL SOBRE A SAÚDE E O PESQUISADOR: A "GRANDE SAÚDE" E O "GRANDE OUTRO"	MARIA FLÁVIA GAZZINELLI	não	sim	sim
		Educação Física Escolar entre os Indígenas Kadiwéu	MARINA VINHA	educação escolar indígena, educação física escolar, índios.	sim	sim
		REFLEXÕES INSPIRADAS PELA EDUCAÇÃO POPULAR SOBRE A LDB, ECA, MORAL, ONTOLOGIA E FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA	EVALDO LUIS PAULY	formação para a cidadania, formação moral, democracia, ontologia, LDB, ECA	sim	sim
		Educação no programa de redução de danos: alienação ou práxis educativa	PAULO CESAR DUARTE PAES	práxis educativa, redução de danos, educação e saúde	sim	sim

	Sociologia da Educação	Jogo infantil coletivo como problema sociológico	TAMARA GRIGOROWITSCHS	Processo de socialização, jogo infantil, sociologia	sim	sim
		Pais na gestão da escola: mudam as relações? Uma análise sociológica de uma instituição judaica	DIANA DA VEIGA MANDELERT	Relação família – escola, escolas de prestígio, capital cultural, capital social	sim	sim
		OS DIFERENTES TIPOS DE CAPITAL MOBILIZADOS NO CONTEXTO FAMILIAR E O ACESSO DOS JOVENS A MUSEUS	SIBELE CAZELLI/ FRANCISCO CRESO JUNQUEIRA FRANCO JUNIOR	museus, jovens, famílias	sim	sim
		QUE ELITE É ESSA DE QUE TANTO SE FALA? - SOBRE O USO INDISCRIMINADO DO TERMO A PARTIR DE PERFIS DOS ALUNOS DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS	WILSON MESQUITA DE ALMEIDA	elitismo; universidade pública; estudantes desprivilegiados	sim	sim
		O SIGNIFICADO DA ESCOLA E DO CONHECIMENTO ESCOLAR NA EXPERIÊNCIA DE ALUNOS DE CAMADAS POPULARES	DÉBORA OLIVEIRA LANA	Experiência Escolar. Aluno. Relações	sim	sim
		A escola como organização comunicativa	ALICE MIRIAM HAPP BOTLER	gestão democrática, organização escolar, ação críticoargumentativa	sim	sim
		COMPUTADORES NA ESCOLA: EDUCAÇÃO OU REGULAÇÃO ECONÔMICA?	LUÍS HENRIQUE SOMMER	computadores na educação - Novo Hamburgo – regulação econômica	sim	sim
		LOS DE EXCEPCIÓN: UN RETRATO DE LAS ELECCIONES ESCOLARES DE LAS FAMILIAS DE SECTORES FAVORECIDOS EN LA ARGENTINA	SANDRA ZIEGLER	élite- desigualdad- elección escolar	sim	sim
		Trayectorias educativas de adolescentes en una Argentina fragmentada	MARÍA ALEJANDRA SENDÓN/NANCY MONTES	Trayectoria escolar – Jóvenes – Educación Media	sim	sim
		As Contribuições de Marcel Mauss para uma Sociologia Crítica da Formação Humana	ALEXANDRE SIMÃO DE FREITAS	Dádiva, ethos democrático e formação humana	sim	sim
		A Contribuição das Pesquisas Populacionais para o Estudo da Desigualdade Racial no Brasil	APARECIDA TEREZA RODRIGUES REGUEIRA	relações raciais, desigualdade e discriminação, status e cor, pesquisas populacionais, contribuições, indicadores sociais	sim	sim
		APROXIMAÇÃO EPISTEMOLÓGICA ENTRE A CONCEITO DE HABITUS E A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM CAMINHO PARA APREENDER A IDENTIDADE SOCIAL DO PROFESSOR	LIA MATOS BRITO DE ALBUQUERQUE	habitus, representações sociais, identidade	sim	sim
		Professoras de escolas públicas brasileiras e agência: a experiência de um projeto de aprendizagem, com ferramentas da informática, desenvolvido nos Estados Unidos	EDUARDO SANTOS JUNQUEIRA RODRIGUES	professores; agência; informática	sim	sim
		A ESCOLA NO CENTRO CULTURAL: INSTANTÂNEOS DA VISITA	MARIA CRISTINA MONTEIRO PEREIRA DE CARVALHO	centro cultural, escola, cultura	sim	sim
		A relação entre a escola rural e a cultura caipira	JUDAS TADEU DE CAMPOS	Escola rural; cultura caipira; currículo	sim	sim
		INFLUÊNCIAS DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE TRABALHADORES: PAPÉIS COINCIDENTES?	ADEMIR VALDIR DOS SANTOS	Família; Escola; Formação	sim	sim

		Estabelecidos e Outsiders no Colégio Militar do Rio de Janeiro	FÁBIO FACCHINETTI FREIRE	colégio militar – exclusão – exército	sim	sim
		ESTIGMATIZAÇÃO NA SALA DE AULA: ASPECTOS ETNOGRÁFICOS DA RELAÇÃO PROFESSOR ? ALUNO SOB A ÓTICA DA EXCLUSÃO	PAULA ALMEIDA DE CASTRO/ ALINE LEAL DA SILVA	estigma, família – escola, exclusão escolar.	sim	sim
		Dever de casa: questões em torno de um consenso.	TANIA DE FREITAS RESENDE	dever, família, escola	sim	sim
	Afro-Brasileiros e Educação	PERSONAGENS NEGROS E BRANCOS EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA	PAULO VINICIUS BAPTISTA DA SILVA	relações raciais, livros didáticos, discurso racista.	sim	sim
		LER E ESCREVER: HABILIDADES DE ESCRAVOS E FORROS? (COMARCA DO RIO DAS MORTES, MINAS GERAIS, 1731-1850)	CHRISTIANNI CARDOSO MORAIS	letramento, escravos, forros.	sim	sim
		Jovens negros: trajetórias escolares, desigualdades e racismo	JOANA CÉLIA DOS PASSOS	jovens negros; trajetórias escolares; desigualdades	sim	sim
		Prática do fazer, prática do saber: vivências e aprendizagens com uma infância rural negra	GEORGINA HELENA LIMA NUNES	Práticas Sociais - Infância - Raça	sim	sim
		A IDENTIDADE NEGRA E O CURRÍCULO ESCOLAR: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE UMA ESCOLA DE PERIFERIA E UMA ESCOLA DE REMANESCENTES DE QUILOMBOS	EUGENIA PORTELA DE SIQUEIRA MARQUES	Negros; Pluralidade Cultural; Proposta Pedagógica.	sim	sim
		Tradução, registro de memória, atuação do artista: instigadores do pensar que inventa o que quer a população negra brasileira: ser igual e diferente	ENEIDA PEREIRA DOS SANTOS	Educação; Afro-brasileiros; Tradução cultural	sim	sim
		Educação das relações étnico-raciais: o desafio da formação docente.	LUCIANE RIBEIRO DIAS GONÇALVES/ANGELA FÁTIMA SOLIGO	não	sim	sim
		REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE DIFERENTES POLÍTICAS DE AÇÃO AFIRMATIVA PARA NEGROS, AFRODESCENDENTES E ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS NUMA UNIVERSIDADE BRASILEIRA	MARIA SUZANA DE STEFANO MENIN/ ALESSANDRA DE MORAIS SHIMIZU	Políticas Afirmativas; Preconceito Racial; Afrodescendentes.	sim	sim
		O Campo de Possibilidades na Trajetória de Alunos Negros do Ensino Médio	LORI HACK DE JESUS	Trajetórias. Jovens Negros. Ensino Médio.	sim	sim
		COR/RAÇA NO CENSO ESCOLAR 2005: O QUE É SER PRETO, BRANCO, PARDO?	ELIANA MARQUES RIBEIRO CRUZ	Racismo, Censo escolar, Cor e raça, Cabelo e cor da pele	sim	sim
		OS PROFESSORES DE ARTE E A INCLUSÃO: O CASO DA LEI 10639/2003	MARIA CRISTINA DA ROSA	não	sim	sim
	Gênero, Sexualidade e Educação	A "bicha banheirão" e o "homossexual militante": grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual	ANDERSON FERRARI	discursos – homossexualidades - educação	sim	sim
		A violência sexual contra crianças e adolescentes na perspectiva de profissionais da educação das escolas públicas municipais de Presidente Prudente	RENATA MARIA COIMBRA LIBÓRIO/LUCIENE DOS SANTOS CAMARGO	violência sexual; crianças e adolescentes; profissionais da educação	sim	sim

		IDENTIDADES "ANORMAIS": A (DES)CONSTRUÇÃO DOS CORPOS "DEFICIENTES"	MIRIAM PIBER CAMPOS	pessoas com deficiência, corpo e sexualidade, Estudos Culturais	sim	sim
		O bordado no currículo como espaço-tempo/fazer educativo.	CLAUDIA REGINA RIBEIRO PINHEIRO DAS CHAGAS	Cultura escrita – bordado - gênero	sim	sim
		"Qual destas moças é você?" O autoconhecimento produzido pelos testes da imprensa feminina ? décadas de 50 a 70 do século XX	CONSTANTINA XAVIER FILHA	imprensa feminina; sexualidade; gênero	sim	sim
		EDUCANDO AS NOVAS GERAÇÕES: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE MATEMÁTICA	LINDAMIR SALETE CASAGRANDE/MARILIA GOMES DE CARVALHO	Representações de Gênero; Livro Didático; Matemática.	sim	sim
		GÊNERO E RISCO DE HIV/AIDS NAS CAMPANHAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE ATRAVÉS DA MÍDIA	LUÍS HENRIQUE SACCHI DOS SANTOS/DORA LÚCIA LEIDENS CORRÊA DE OLIVEIRA	não	sim	não
		Cinema e Relações de Gênero:ouvindo mulheres idosas	WÂNIA RIBEIRO FERNANDES/VERA HELENA FERRAZ DE SIQUEIRA	cinema, identidade de gênero, subjetividade	sim	sim
		Fica Comigo - juventude e pedagogias amorosas/sexuais na MTV	ROSÂNGELA DE FÁTIMA RODRIGUES SOARES	juventude, sexualidade, mídia	sim	sim
		JOVENS, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: HOMOSSEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR	MEIRE ROSE DOS ANJOS OLIVEIRA/MARIA APARECIDA MORGADO	Educação; Juventude; Homossexualidade	sim	sim
		GÊNERO, EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO TEÓRICA BRASILEIRA	RENATA DUARTE SIMÕES	Gênero; Educação e Educação Física; Produção Teórica Brasileira	sim	sim
		Infâncias,Adolescências e AIDS	ELIZABETE FRANCO CRUZ	infância, adolescência, AIDS	sim	sim
2007	Movimentos Sociais e Educação	TECNOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR: O MOVIMENTO AGROECOLÓGICO COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO	Antônio Inácio Andrioli	não	sim	sim
		JUVENTUDE, POBREZA E AÇÕES SÓCIOEDUCATIVAS NO BRASIL	Juarez Tarcísio Dayrell/Juliana Batista dos Reis	não	sim	sim
		A EXPANSÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL E A ESCOLARIZAÇÃO DOS JOVENS POBRES: UMA ANÁLISE DE TRAJETÓRIAS INSTITUCIONAIS	Mônica Dias Peregrino Ferreira	não	não	não
		MOVIMENTOS SOCIAIS E COLETIVOS LIBERTÁRIOS: REFLEXÕES SOBRE A AUTOGESTÃO	Sandro Soares de Souza	não	sim	sim
		AS PRÁTICAS DO MOVIMENTO COOPERATIVO COMO LUGARES DE EDUCAÇÃO	Walter Frantz/Paulo Alfredo Schönardie	Cooperação, educação	sim	sim
		AÇÕES PÚBLICAS PARA JOVENS NA CIDADE: O CASO DE NITERÓI	Paulo Cesar Rodrigues Carrano	não	sim	sim
		NADA SOBRE NÓS SEM NÓS, MAS NÓS QUEM? POSICIONAMENTO DE UNIVERSITÁRIOS 'COM DEFICIÊNCIA' SOBRE POLÍTICAS DE AÇÃO AFIRMATIVA	Patrícia Monteiro Lacerda	não	sim	sim
		PRAÇA JERIMUM: CULTURA INFANTIL NO ESPAÇO PÚBLICO	Samy Lansky	Infância – Espaço Público – Brincadeira	sim	sim

		PESQUISA, EDUCAÇÃO E LUTA INDÍGENA: A EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES SATERÉ-MAWÉ	Valéria Augusta Cerqueira de Medeiros Weigel	não	sim	sim
	Educação Popular	HOMENS E MULHERES DE PALAVRA : SOBRE O DIÁLOGO	Flávio Henrique Albert Brayner	Educação Popular, Diálogo (conceito de) e Emancipação	sim	sim
		O LUGAR DA CULTURA NO GT DA EDUCAÇÃO POPULAR DA ANPED	José Licínio Backes	cultura, educação popular, democracia	sim	sim
		FREIRE E O ONDJANGO PODEM DIALOGAR? REFLEXÕES SOBRE O DIÁLOGO DE FREIRE COM O ONDJANGO AFRICANO / ANGOLANO	Martinho Kavaya	Freire; Diálogo; Ondjango; Educação; Angola/África	sim	sim
		O FORMAL E O NÃO-FORMAL NA TRAJETÓRIA FORMATIVA DE EDUCADORAS DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR	Ana Cláudia Ferreira Godinho	formação de educadores - Educação de Jovens e Adultos – Educação Popular	sim	sim
		A ÉTICA DO CUIDADO NUMA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS DO MEIO POPULAR	Marta Nörnberg Santos da Silva	ética do cuidado, instituição educativa, filantropia	sim	sim
		JOSÉ MARTÍ E A EDUCAÇÃO POPULAR: UM RETORNO ÀS FONTES	Danilo Romeu Streck	Educação popular, José Martí, América Latina	sim	sim
		AÇÃO COLETIVA E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA DO SUDOESTE GOIANO	Cátia Regina Assis Almeida Leal	não	sim	sim
		A CULTURA AMAZÔNICA EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCADORES POPULARES	Ivanilde Apoluceno de Oliveira/Tânia Regina Lobato dos Santos	Cartografia dos Saberes. Educação Popular. Alfabetização. Cultura Amazônica	sim	sim
		O TRABALHO DE PROFESSORES EM CONTEXTO RURAL: UMA INVESTIGAÇÃO	Eloiza Dias Neves	escola-contexto rural-ofício docente	sim	sim
		ESCOLA: DA MAGIA DA CRIAÇÃO - AS ÉTICAS QUE SUSTENTAM A ESCOLA PÚBLICA	Silvio Antônio Bedin	não	sim	sim
		JOGOS ELETRÔNICOS: CONTEXTO CULTURAL, CURRICULAR JUVENIL DE “SABER DE EXPERIÊNCIA FEITO”	Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro Moita	não	sim	sim
		DILEMAS E CONTRADIÇÕES DE PROJETOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL COM A EDUCAÇÃO POPULAR: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS E SABERES	Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula	Educação Popular, Educação Não Formal, Políticas Públicas	sim	sim
		SISTEMATIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR: UMA HISTÓRIA, UM DEBATE...	Elza Maria Fonseca Falkembach	sistematização, educação popular, pesquisa acadêmica	sim	sim
		A EDUCAÇÃO POPULAR DO CAMPO E A REALIDADE CAMPONESA	Maria do Socorro Xavier Batista	não	sim	sim
		EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR E UNIVERSIDADE: NECESSÁRIAS INTERLOCUÇÕES PARA NOVAS QUESTÕES	Dinora Tereza Zucchetti/ Eliana Perez Gonçalves de Moura	educação não escolar, formação em serviço, formação acadêmica	sim	sim
		UNIVERSIDADE E COMUNIDADES POPULARES: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO	Diógenes Pinheiro	Educação superior, ações afirmativas, escola pública	sim	sim

		A EDUCAÇÃO POPULAR ENQUANTO UM SABER DA EXPERIÊNCIA	Débora Alves Feitosa	Cotidiano; Educação Popular; Saber de Experiência	sim	sim
		INTERDIÇÃO: COMO FAZEMOS ISSO QUE FAZEMOS COM NOSSAS CRIANÇAS: "O TRABALHO DO PODER SOBRE AS VIDAS E O DISCURSO QUE DELE NASCE"	Marilu Nörnberg Menezes	interdição, crianças em risco, práticas escolares e inclusão social	sim	sim
		ATIVIDADE FÍSICA ENTRE INDÍGENAS PARA CIVILIZAR E INDICADA PARA EDUCAR	Marina Vinha	não	sim	sim
2007	Sociologia da Educação	POR QUE TANTOS MENINOS VÃO MAL NA ESCOLA? CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO ESCOLAR SEGUNDO O SEXO	Marília Pinto de Carvalho	não	sim	sim
		PERCEPÇÕES SOBRE A ESCOLA ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM SANTARÉM, PARÁ	Maria da Graça Jacintho Setton	não	sim	sim
		TEORIA SOCIAL E FORMAÇÃO HUMANA NA CONTEMPORANEIDADE	Alexandre Simão de Freitas	Teoria social, paradigma da dádiva, democracia e formação humana	sim	sim
		ENTRE CONTOS E ENCANTOS NUM PLANETA LETRADO: ESTUDO SOBRE UMA FESTA ESCOLAR	Sandra Regina Cláudio Bugmann	Festa do Livro. Festas escolares. Ritual Escolar. Rito de Instituição	sim	sim
		OS CENTROS DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO INEP E OS ESTUDOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS SOBRE A EDUCAÇÃO NO BRASIL ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1960	Márcia dos Santos Ferreira	não	sim	sim
		GÊNERO, COR/RAÇA E ESCOLARIZAÇÃO NOS ESTADOS DA BAHIA E RIO DE JANEIRO: UM EXPERIMENTO COM BASE EM MICRODADOS DO CENSO 2000	Alceu Ravanello Ferraro	não	sim	sim
		CULTURA DO SAMBA E A ESCOLA: UMA APROXIMAÇÃO	Augusto César Gonçalves e Lima	escola, cultura escolar/cultura da escola, cultura do samba	sim	sim
		REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNAS DE PEDAGOGIA SOBRE SUAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES	Rita de Cássia Pereira Lima/Maria Cristina da Silveira Galan Fernandes	Representações Sociais; Trajetórias Escolares; Pedagogia; ALCESTE	sim	sim
		JOVENS UNIVERSITÁRIOS DE ORIGEM POPULAR: ALTERANDO PERCURSOS	Veleida Anahi da Silva/Ana Maria Freitas Teixeira	não	sim	sim
		O PROCESSO DE ESCOLHA DO CURSO SUPERIOR: ANÁLISE SOCIOLÓGICA DE UM MOMENTO CRUCIAL DAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES	Cláudio Marques Martins Nogueira	não	sim	sim
		QUEM SÃO OS ALUNOS QUE VENCEM O PERCURSO ESCOLAR NUMA ESCOLA PÚBLICA DE PRESTÍGIO? O CASO DO COLÉGIO PEDRO II	Maria Cristina da Silva Galvão	não	sim	sim
	Afro-brasileiros e Educação	PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO DA MEMÓRIA DOS ESCRAVIZADOS NO BRASIL: ESCOLA, MOVIMENTO NEGRO O 13 DE MAIO EM SOROCABA - 1930	Fátima Aparecida Silva	Escola, Movimento Negro, Sorocaba	sim	sim

		DESAFIANDO O PRECONCEITO RACIAL: A ESCOLA COMO ORGANIZAÇÃO MULTICULTURAL	Michele Thereza dos Santos/ Ana Canen	educação, multiculturalismo, identidade negra, organizações multiculturais	sim	sim
		SILÊNCIO E COR: RELAÇÕES RACIAIS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NO ESTADO DO PARÁ (1970-1989)	Wilma de Nazaré Baía Coelho	cor, Formação de professoras, reprodução, discriminação racial	sim	sim
		“A HETEROGENEIDADE AGORA É A MARCA DA UNIVERSIDADE”. REPRESENTAÇÕES DOS PROFESSORES DA FACULDADE DE DIREITO EM RELAÇÃO AOS ALUNOS COTISTAS	Daniela Frida Drelich Valentim	ações afirmativas, diferença cultural e excelência acadêmica	sim	sim
		JOVENS NEGROS, FUTEBOL, EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS: O PROJETO ESPORTIVO DIGORESTE – CUIABÁ, MT	Walfredo Ferreira de Britto	Jovens negros. Escolarização. Futebol e relação racial	sim	sim
		“QUEM NÃO PODE ATALHAR, ARRODEIA!”: REFLEXÕES SOBRE O DESAFIO DA PRÁXIS DOS EDUCADORES DOS AGENTES DA LEI 10.639/03	Amauri Mendes Pereira	não	sim	sim
	Gênero, sexualidade e educação	“O QUE É LOBA??? É UM JOGO SINISTRO, SÓ PARA QUEM FOR HOMEM...” – GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	Anderson Ferrari	não	sim	sim
		GÊNERO E SEXUALIDADE NOS PCNs: UMA PROPOSTA DESCONHECIDA	Dayse de Paula Marques da Silva	não	sim	sim
		O QUE PENSAM PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE A FEMINIZAÇÃO DA PROFISSÃO DOCENTE?	Marli Lúcia Tonatto Zibetti	não	sim	sim
		A PRODUÇÃO DA MÃE LEVE, FLEXÍVEL, FORTE NAS PÁGINAS DA PAIS & FILHOS	Maria Simone Vione Schwengber	não	sim	sim
		A SEXUALIDADE NUM CURSO NORMAL – SEUS TEMPOS E “CONTRATEMPOS”	Patrícia Abel Balestrin	Representações de Sexualidade; Estudos Feministas; Formação de Professoras	sim	sim
		A BONECA BARBIE E A EDUCAÇÃO DAS MENINAS – UM MUNDO DE DISFARCES	Fernanda Theodoro Roveri	Barbie, corpo, infância	sim	sim
		SAÚDE É COISA DE MULHER EM QUALQUER IDADE: EDUCAÇÃO, GÊNERO E ENVELHECIMENTO	Luiz Fernando Calage Alvarenga	educação, saúde, gênero, envelhecimento	sim	sim
		A SEXUALIDADE FEMININA ENTRE PRÁTICAS DIVISORAS: DA MULHER “BELA ADORMECIDA” SEXUALMENTE À MULTIORGÁSTICA – IMPRENSA FEMININA E DISCURSOS DE PROFESSORAS	Constantina Xavier Filha	gênero; sexualidade feminina; imprensa feminina	sim	sim
		BORDADO COMO EXPRESSÃO DE VIDA: GÊNERO, SEXUALIDADE	Claudia Regina Ribeiro Pinheiro das Chagas	gênero – bordado – memória - cidadania	sim	sim
		GÊNERO, SEXUALIDADE E DESEMPENHO ESCOLAR: MODOS DE SIGNIFICAR OS COMPORTAMENTOS DE MENINOS E MENINAS	Maria Cláudia Dal’Igna	Desempenho escolar – Normas de comportamento – Gênero	sim	sim
		BANHEIROS ESCOLARES – PROMOTORES DE DIFERENÇAS DE GÊNERO	Adla Betsaida Martins Teixeira/Ana Elvira Steinbach Silva Raposo	Gênero. Sexualidade. Educação Infantil. Banheiros públicos	sim	sim

		FORMAÇÃO DE PEDAGOGAS – MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS	Marisa Barletto	não	sim	sim
		AS OBRIGAÇÕES NO TRABALHO DOMÉSTICO FAMILIAR DE JOVENS ESTUDANTES: UMA QUESTÃO DE GÊNERO	José Geraldo Soares Damico	lazer, juventude, trabalho doméstico	sim	sim
		HOMENS FORA DE LUGAR? A IDENTIDADE DE PROFESSORES HOMENS NA DOCÊNCIA COM CRIANÇAS	Frederico Assis Cardoso	gênero, identidade, professores	sim	sim
		QUANDO O ESTRANHO É O PROFESSOR: NARRATIVAS SOBRE SEXUALIDADE E O CURRÍCULO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	Mirian Pacheco Silva	Sexualidade – currículo - formação de professores	sim	sim
		“(ELA) SABE ROUBAR ... DE UM JEITO ESCONDIDO MAS ELA ROUBA” O JOGO E AS ESTRATÉGIAS DE GÊNERO NUMA CLASSE DE ALFABETIZAÇÃO	Jonê Carla Baão	não	sim	sim
2008	Movimentos sociais e Educação	“TIRANDO CADEIA”: PROCESSOS DE (TRANS)FORMAÇÃO DE JOVENS EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO	POLLYANA DOS SANTOS	juventudes; medida socioeducativa de internação; processos de formação.	sim	sim
		UNIVERSIDADE PÚBLICA, CIDADANIA E MOVIMENTOS SOCIAIS: A EXPERIÊNCIA DO FIEI - CURSO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS DE MINAS GERAIS	LUCIA HELENA ALVAREZ LEITE	universidade pública; movimento indígena; interculturalidade.	sim	sim
		MOVIMENTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA TRAJETÓRIA EM CONSTRUÇÃO	ANTONIO MUNARIM	educação do campo; movimentos sociais e educação; políticas públicas de educação	sim	sim
		O TRABALHO E A SUA AUSÊNCIA NA EXPERIÊNCIA JUVENIL CONTEMPORÂNEA	MARIA CARLA CORROCHANO	juventude; trabalho; desemprego; educação; ações públicas	sim	sim
		INFÂNCIA E CIDADE: CRIANÇAS E ADULTOS EM UM ESPAÇO PÚBLICO	ANELISE MONTEIRO DO NASCIMENTO	infância; cidade; espaço público.	sim	sim
		HIP-HOP DAS MINAS: UM OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE JOVENS MULHERES NO MOVIMENTO HIP-HOP DE BELO HORIZONTE.	CAMILA DO CARMO SAID	jovens mulheres; grupos culturais juvenis; hip-hop	sim	sim
		A PESQUISA EM EDUCAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO	MARIA ANTÔNIA DE SOUZA	educação; campo; movimento social; trabalhadores rurais.	sim	sim
		DIREITO À EDUCAÇÃO, MOVIMENTOS SOCIAIS E ONGS: DISCERNINDO NO IMBRÓGLIO SEMÂNTICO LÓGICAS E ATRIBUIÇÕES DO ESTADO E DA SOCIEDADE CIVIL	SÔNIA PEREIRA BARRETO	estado; sociedade civil; ONGs; direito à educação.	sim	sim
		CULTURA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO MOVIMENTO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA	THAIS SILVA MASCARENHAS	economia solidária; movimentos sociais; autogestão.	sim	sim
		LINGUAGENS DE OUTRA EDUCAÇÃO: APRENDIZAGEM E CULTURA HIP-HOP	FELIPE GUSTSACK	educação; movimento hip-hop; linguagem; criatividade; práticas culturais.	sim	sim
		GESTÃO ESCOLAR E POLÍTICA CULTURAL: DESAFIOS DAS ESCOLAS XACRIABÁ	MACAÉ MARIA EVARISTO	educação indígena; gestão escolar; política cultural.	sim	sim

		REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E AS PRÁTICAS CULTURAIS DOS XACRIABÁ	VERÔNICA MENDES PEREIRA	educação indígena; escola; práticas culturais.	sim	sim
2008	Educação popular	(SOBRE)VIVÊNCIAS: SENDO CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUAJUNTO A EDUCADORES SOCIAIS	JACYARA SILVA DE PAIVA	crianças e adolescentes em situação de rua; educador social de rua; sentido da vida; cotidiano; ser sendo; diálogo.	sim	sim
		EDUCAÇÃO ESCOLAR NAS ALDEIAS KAINGANG E GUARANI: INDIANIZANDO A ESCOLA?	MARIA APARECIDA BERGAMASCHI	educação indígena; educação escolar indígena; escolas Kaingang e Guarani.	sim	sim
		A CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO POPULAR: UMA ANÁLISE DO GT DE EDUCAÇÃO POPULAR DA ANPED	RUTH PAVAN	educação popular, Paulo Freire, educação dialógica.	sim	sim
		CAMINHOS FEITOS AO CAMINHAR	MARISA NARCIZO SAMPAIO	diálogo; registros de aulas; formação continuada de professoras.	sim	sim
		EDUCAÇÃO POPULAR EM UMA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: HUMANIZANDO RELAÇÕES E CONSTRUINDO CIDADANIA	ERCÍLIA MARIA ANGELI TEIXEIRA DE PAULA	educação popular; brinquedoteca; hospital.	sim	sim
		EXAMES NACIONAIS E SUBALTERNIZAÇÃO DAS CLASSES POPULARES	MARIA TERESA ESTEBAN	exame; classes populares; subalternidade	sim	sim
		ELEMENTOS PROPOSITIVOS DE UMA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA	LIGIA MARIA PORTELA DA SILVA	práticas sociais e processos educativos; jovens em situação de risco; cidadania	sim	sim
		EDUCAÇÃO POPULAR: PELA RECUPERAÇÃO DA "AÇÃO" E DO "SENSE COMUM"	FLÁVIO HENRIQUE ALBERT BRAYNER	senso comum; educação popular; ação	sim	sim
		AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS QUE MULHERES E HOMENS ASSENTADOS POSSUEM SOBRE OS SABERES QUE BUSCAM NA ESCOLA PARA OS SEUS PROJETOS DE VIDA.	JOANA D'ARC DE VASCONCELOS NEVES/ IVANY PINTO NASCIMENTO	representação social; projeto de vida; saberes	sim	sim
2008	Sociologia da Educação	O CÉU É O LIMITE: A EDUCAÇÃO ESCOLAR DA ELITE CARIOCA NOS ANOS 1950	MIRIAM WAIENFELD CHAVES	A Vitória Colegial"; escola católica; sucesso escolar; elites sociais	sim	sim
		A CONTRIBUIÇÃO DE UMA PESQUISA PARA A COMPREENSÃO DA CULTURA CAIPIRA	JUDAS TADEU DE CAMPOS	estudo de comunidade; pesquisa pioneira; cultura caipira	sim	sim
		QUANDO A MELHOR ESCOLA É INTERNACIONAL: FAMÍLIAS BRASILEIRAS EM BUSCA DE INTERNACIONALIZAÇÃO "IN LOCO"	ANDRÉA MOURA DE SOUZA AGUIAR	estratégias educativas familiares; dimensão internacional do capital cultural	sim	sim
		A TRAJETÓRIA ESCOLAR DO JOVEM E O SEU ACESSO AO MERCADO DE TRABALHO	ALESSANDRA HELENA WIEDERKEHR	trajetória escolar; jovem; educação; trabalho.	sim	sim

		O TAMANHO DA FAMÍLIA COMO FATOR SOCIODEMOGRÁFICO A INTERFERIR NA ESCOLARIZAÇÃO DOS FILHOS	DÍLIA MARIA ANDRADE GLÓRIA	tamanho da família; fator sociodemográfico; escolarização.	sim	sim
		SOCIALIZAÇÃO NA ESCOLA: CONSONÂNCIAS E DISSONÂNCIAS ENTRE MÃES, PROFESSORAS E ALUNOS/AS	LEA PINHEIRO PAIXÃO/LÉA DA CRUZ/ MARISOL BARENCO DE MELLO	socialização na escola; escolarização; camadas populares.	sim	sim
		A DIVISÃO DO TRABALHO NA ESCOLA: MALEABILIDADE NAS FUNÇÕES E EMBARALHAMENTO DOS PAPÉIS EDUCATIVOS DE ESCOLA E FAMÍLIA	CÁTIA CORRÊA MICHALOVICZ/ GILSON RICARDO DE MEDEIROS PEREIRA	divisão do trabalho; família e escola; sobreposição de funções; papéis educativos.	sim	sim
		A EDUCAÇÃO NA MUDANÇA SOCIAL: LUGAR CENTRAL, LUGAR SECUNDÁRIO E LUGAR NENHUM	ELIE GEORGE GUIMARÃES GHANEM JÚNIOR	mudança social; educação.	sim	sim
		POLÍTICAS ASSISTENCIAIS COMO ALTERNATIVAS PARA EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS HABITAÇÕES POPULARES, AS CONFERÊNCIAS NACIONAIS DE EDUCAÇÃO E O PAPEL DOS INTELECTUAIS DURANTE O PRIMEIRO GOVERNO VARGAS	JACQUELINE DE CASSIA PINHEIRO LIMA	educação; assistencialismo; políticas públicas.	sim	sim
		ELITES DOCENTES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	ALICE PEREIRA XAVIER/MAURA MARZOCCHI	não	sim	sim
		REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES LATENTES EM AULAS DE FÍSICA DO ENSINO MÉDIO	JOSIMEIRE MENESES JÚLIO/ ARNALDO VAZ	representações de masculinidade; ensino de física; atividade investigativa.	sim	sim
		PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: UMA ALTERNATIVA CONSISTENTE DE ESCOLARIZAÇÃO RURAL?	JOÃO VALDIR ALVES DE SOUZA	educação; pedagogia da alternância; Vale do Jequitinhonha.	sim	sim
		REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES ORIUNDOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DURANTE A PREPARAÇÃO PARA O VESTIBULAR: REFLEXÕES SOBRE A CONTINUIDADE DOS ESTUDOS EM TRAJETÓRIAS FAMILIARES DEBAIXA-RENDAS	MARTA LÍCIA TELES BRITO DE JESUS	juventude; ensino superior; trajetória escolar	sim	sim
		A PESQUISA SOCIOLÓGICA HERMÊUTICA OBJETIVA: NOVAS PERSPECTIVAS PARA A ANÁLISE DA REALIDADE EDUCACIONAL E DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.	RITA AMÉLIA TEIXEIRA VILELA/JULIANE NOACK NAPOLES	sociologia da escola; hermenêutica-objetiva; Övermann	sim	sim
		A PRODUÇÃO DA EXCELÊNCIA: O CASO DO INSTITUTO TECNOLÓGICO DE AERONÁUTICA	WANIA MARIA GUIMARAES LACERDA	excelência acadêmica; instituições escolares.	sim	sim
		ENSINO SUPERIOR PRIVADO ATUAL: TENTÁCULOS E NOVAS CONFIGURAÇÕES DE UM VELHO ATOR	WILSON MESQUITA DE ALMEIDA	ensino superior privado; acesso à educação superior; sociologia da educação superior; democratização do ensino; inclusão social.	sim	sim
	Afro-Brasileiros e Educação	CULTURA AFRO-BRASILEIRA E O JOVEM DA BAIXADA FLUMINENSE: DIFERENÇAS E DESAFIOS	LEILA DUPRET MACHADO	subjetividade; cultura; religião afro-brasileira; preconceito.	sim	sim
		COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS: COMUNIDADES ÉTICAS QUE RESISTEM AO INDIVIDUALISMO PELA AFIRMAÇÃO DE SUA IDENTIDADE	JOSÉ LICÍNIO BACKES	cultura; comunidade; identidade; diferença.	sim	sim

		EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DESVALIDAS NA PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO NO SÉCULO XIX	ADLENE SILVA ARANTES	história da educação; crianças desvalidas; internatos.	sim	sim
		MICRO-AÇÕES AFIRMATIVAS NO COTIDIANO DE ESCOLAS PÚBLICAS	REGINA DE FATIMA DE JESUS	racismo; micro-ações afirmativas; cotidiano escolar.	sim	sim
		ARKHÉ: CORPO, SIMBOLOGIA E ANCESTRALIDADE COMO CANAIS DE ENSINAMENTO NA EDUCAÇÃO	SANDRA HAYDÉE PETIT/NORVAL BATISTA CRUZ	não	sim	sim
		O PAPEL EXERCIDO POR FAMÍLIAS NEGRAS E DE MEIOS POPULARES NA TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO DOS FILHOS (PERNAMBUCO, 1950-1970)	FABIANA CRISTINA DA SILVA	famílias negras; meios populares; longevidade escolar.	sim	sim
		ENTRE O SENTIMENTO DA INFÂNCIA E A INVISIBILIDADE DAS CRIANÇAS NEGRAS: AMBIGÜIDADE NO SÉCULO XIX	IONE DA SILVA JOVINO	criança; infância; negros; iconografia; século XIX.	sim	sim
		A PERCEPÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL PELAS LENTES DE FAMÍLIAS NEGRAS E BRANCAS EM CUIABÁ-MT	MÁRCIA REGINA LUIZ GOMES	educação; famílias negras; percepções raciais.	sim	sim
		SOCIALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO COM JOVENS NEGROS NUM ESPAÇO DE LAZER DE UMA GRANDE METRÓPOLE	LUIZ CARLOS FELIZARDO JUNIOR	jovens; negros; configurações; auto-regulação socialização	sim	sim
		HIPHOPOLÓGIA: O QUE DIZEM PESQUISADORES BRASILEIROS SOBRE O HIP HOP NA ESCOLA?	WILLIAM DE GOES RIBEIRO	multiculturalismo crítico pós-colonial; escola pública; Hip Hop no Brasil	sim	sim
		PRÁTICAS, NARRATIVAS E MEMÓRIAS DA DIÁSPORA: PAISAGENS DE UMA PESQUISA	MAILSA CARLA PINTO PASSOS/ CARLOS ROBERTO DE CARVALHO	diáspora; narrativas; práticas culturais afro-brasileiras; hibridismo.	sim	sim
	Gênero, Sexualidade e Educação	ROTEIROS DE GÊNERO: A PEDAGOGIA ORGANIZACIONAL E VISUAL GENDRADA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	MARIA EULINA PESSOA DE CARVALHO/ ELIANA CELIA ISMAEL DA COSTA/ ROSEMARY ALVES DE MELO	educação infantil; princípios de visão e divisão; habitus; pedagogia visual e organizacional; roteiros de gênero.	sim	sim
		NARRATIVAS DE VIVÊNCIAS JUVENIS: AS JOVENS MULHERES NO CENTRO DA CENA	SUELI SALVA	narrativas autobiográficas; jovens mulheres; periferia urbana	sim	sim
		ENSINA-SE A MAIS ANTIGA DAS ARTES ÀS MULHERES: A DE TER FILHOS E TORNAR-SE MÃE CARINHOSA	MARIA SIMONE VIONE SCHWENGBER	corpo; gênero; práticas corporais; maternidade; mídia	sim	sim
		SEXUALIDADE NA ESCOLA MEDIADA PELA LITERATURA: APROPRIAÇÕES DOCENTES	ANDRÉA COSTA DA SILVA/VERA HELENA FERRAZ DE SIQUEIRA	apropriações docentes; literatura para jovens; gravidez na adolescência; educação sexual.	sim	sim
		LIVROS DIDÁTICOS DAS DÉCADAS DE 20 A 50 EM MINAS GERAIS: CONSTRUÇÕES DE GÊNERO	FERNANDA DE ARAUJO ROCHA/ ADLA BETSAIDA MARTINS TEIXEIRA	questões de gênero; cartilhas e pré-livros; alfabetização; imagem e texto; Escola Nova.	sim	sim
		QUATRO INTERVENÇÕES PARA UMA PEDAGOGIA QUEER	MARIA RITA DE ASSIS CÉSAR	sexualidade; diversidade sexual; gênero; currículo queer; escola.	sim	sim
		PROFESSORES(AS), SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL: PRODUZINDO SUJEITOS NOS CONTEXTOS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AFETIVO-SEXUAL (PEAS)	RONEY POLATO DE CASTRO	não	sim	sim

		"QUEM É DA TUA FAMÍLIA?": GÊNERO, RELAÇÕES FAMILIARES E SITUAÇÃO DE RUA	LETÍCIA PREZZI FERNANDES	educação da família; meninos/as em situação de rua; políticas de inclusão social; gênero.	sim	sim
		OS MANUAIS DE CONDUTA E A ESCRITA FEMININA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: O QUE DESVELAM AS NARRATIVAS?	BERNARDINA SANTOS ARAÚJO DE SOUSA	pedagogia da sexualidade; narrativas femininas; zonas de silêncio.	sim	sim
		PALAVRAS, "PALAVRÕES": UM ESTUDO SOBRE A REPRESSÃO SEXUAL A PARTIR DA LINGUAGEM EMPREGADA PARA DESIGNAR A GENTILIA E PRÁTICAS SEXUAIS, NA CULTURA BRASILEIRA	ELIANE ROSE MAIO BRAGA/ PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO	sexualidade; sexo; palavras; sinônimos; repressão sexual; orientação sexual escolar.	sim	sim
		PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL DIANTE DAS QUESTÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: AS POSSIBILIDADES DA LITERATURA INFANTIL	CINTIA DE SOUZA BATISTA TORTATO	gênero; diversidade sexual; literatura infantil.	sim	sim
2009	Movimentos Sociais e Educação	DAS POLÍTICAS AO COTIDIANO: ENTRAVES E POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO ALCANÇAR AS ESCOLAS NO RURAL	Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante	não	sim	sim
		MEDIAÇÃO FAMILIAR EM PROCESSO NA CONSTITUIÇÃO DE JOVENS	Edna Mendonça Oliveira de Queiroz	jovem; sociedade; mediação familiar.	sim	sim
		TRAJETÓRIAS DE UMA PRÁTICA, HISTÓRIA DE UM CAMPO: NARRATIVA SOBRE O TRABALHO DE EDUCADORES SOCIAIS EM PORTO ALEGRE	Leandro Rogério Pinheiro	campo de ação; educadores sociais; narrativas.	sim	sim
		O ADOLESCENTE EM LIBERDADE ASSISTIDA E A ESCOLA	Ivani Ruela de Oliveira Silva /Leila Maria Ferreira Salles	adolescente; escola; liberdade assistida.	sim	sim
		O AMBIENTE ESCOLAR NOTURNO E SEUS SIGNIFICADOS PARA OS JOVENS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA NO MEIO RURAL	Astrogildo Fernandes da Silva Júnior /Leonardo Donizette de Deus Menezes	chave: jovens rurais; ensino noturno; ambientes de ensino	sim	sim
		CONSELHO DE EDUCAÇÃO E CONTROLE SOCIAL: A NECESSIDADE DE MOVIMENTOS SOCIAIS	Antônio Bosco de Lima	conselho municipal de educação; controle social; movimentos sociais.	sim	sim
		ENSINO RELIGIOSO, ESCOLA E TEMPLOS DE CONSUMO NA CONTEMPORANEIDADE	Cássia Maria Baptista de Oliveira	modernidade pesada; modernidade leve; privatização da existência; ensino religioso	sim	sim
	Educação Popular	PROFETISMO FREIRIANO COMO CATEGORIA DE LEITURA DO AUTORITARISMO PEDAGÓGICO DA ÁFRICA	Martinho Kavaya /Gomercindo Ghiggi	profetismo; Freire; África Bantu; Angola; educação	sim	sim
		TERAPIA COMUNITÁRIA COMO EXPRESSÃO DE EDUCAÇÃO POPULAR: UM OLHAR A PARTIR DOS ENCONTROS COM AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE	Maria Beatriz Lisboa Guimarães /Victor Vincent Valla	terapia comunitária; educação popular; condições de vida.	sim	sim
		A PESQUISA PARTICIPATIVA COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO POPULAR	Telmo Adams	educação popular; pesquisa participante; sistematização; mediação pedagógica.	sim	sim

		CATALUNHA – UMA EDUCAÇÃO QUE PROMOVE A DIGNIDADE DO POVO CAMPESSINO. VAMOS CONSTRUIR A NOSSA?	Ilse Chaves da Silva	educação do campo; paralelo; Catalunya; Brasil.	sim	sim
		UM MUNDO ENTRE OS HOMENS (UM CONFRONTO ENTRE HANNAH ARENDT E PAULO FREIRE)	Flávio Henrique Albert Brayner	Hannah Arendt; Paulo Freire; mundo; liberdade; espaço público.	sim	sim
		DIÁLOGOS COM QUEM OUSA EDUCAR, EDUCANDO-SE: A FORMAÇÃO DE EDUCADORES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR	Ana Maria de Campos /Graziela Giusti Pachane	formação de educadores; produção do conhecimento; educação popular.	sim	sim
		PROCESSOS EDUCATIVOS EM PRÁTICAS SOCIAIS: REFLEXÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS SOBRE PESQUISA EDUCACIONAL EM ESPAÇOS SOCIAIS	Maria Waldenez de Oliveira /Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva /Luiz Gonçalves Junior / Aida Victoria Garcia-Montrone /Ilza Zenker Joly	educação popular, práticas sociais, educação dialógica.	sim	sim
		OS FILHOS DA ZONA: EXPECTATIVAS, COTIDIANOS E PENSARES DE PROFISSIONAIS DO SEXO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR DE SEUS FILHOS	Marcelo Nascimento Mendes /Luiz Alberto de Souza Marques	educação; cotidiano; escola; profissionais do sexo.	sim	sim
		EDUCAÇÃO POPULAR EM PRÁTICAS COOPERATIVAS	Walter Frantz	Movimento cooperativo; organização cooperativa; práticas cooperativas; educação.	sim	sim
		MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE EM GOIÁS	Maria Emilia de Castro Rodrigues	movimento de educação de base em Goiás; educação de adultos; educação popular; alfabetização de jovens e adultos no meio rural	sim	sim
		“A CHEGADA DA ESTRANHA”: DESAFIOS POLÍTICO – EPISTÊMICOS DA PESQUISA COM AS CAMADAS POPULARES	Maria Tereza Goudard Tavares	investigação cômica; práticas de educação popular; crise de compreensão	sim	sim
		NOTAS SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR A PARTIR DA PESQUISA COM RECICLADORAS E RECICLADORES	Vinícius Lima Lousada	Educação Popular; periferia urbana; reciclagem; pesquisa social; gênero.	sim	sim
		POR UMA OUTRA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (POPULAR)	Kelma Fabiola Beltrão de Souza	educação popular; história da educação; história da educação popular.	sim	sim
	Sociologia da Educação	A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS “SOMBRA” DA PROFISSÃO: O CASO DAS EXPLICADORAS DO RIO DE JANEIRO	Luiz Otavio Neves Mattos	explicadoras; profissão docente; práticas docentes; modos de atuação no magistério	sim	sim
		EXERCÍCIO DOCENTE NAS PRIMEIRAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL: POSIÇÃO SOCIAL E RELAÇÕES COM ASPECTOS DO CAPITAL CULTURAL DE PROFESSORES	Marieta Gouvêa de Oliveira Penna	capital cultural; posição social; exercício docente.	sim	sim
		PERFIS FAMILIARES E TIPOS DE ESTABELECIMENTOS DE ENSINO: DESAFIOS E QUESTÕES PARA A ANÁLISE SOCIOLÓGICA	Tânia de Freitas Resende/Cláudio Marques M. Nogueira /Maria Alice L. G. Nogueira /Maria Amália de Almeida Cunha Maria José Braga Viana	família; estabelecimentos de ensino; escolha; mobilização.	sim	sim
		CAMINHOS DE JOVENS EM BUSCA DA UNIVERSIDADE: “DESTINOS” QUE NÃO SE CUMPREM	Ana M.F. Teixeira / Veleida A. da Silva	juventude; universidade pública; ensino médio.	sim	sim

		O CLIMA ESCOLAR DE ESCOLAS DE ALTO E BAIXO PRESTÍGIO	Marcela Brandão Cunha/ Marcio da Costa	clima escolar; percepções de estudantes; prestígio escolar; sociologia da educação.	sim	sim
		TRADIÇÕES HERMENÊUTICAS E INTERACIONISTAS NA PESQUISA QUALITATIVA: A ANÁLISE DE NARRATIVAS SEGUNDO FRITZ SCHÜTZE	Wivian Weller	pesquisa qualitativa; pesquisa educacional; pesquisa biográfica; entrevista narrativa; análise de narrativas.	sim	sim
		MERCADO, ESCOLA E A FORMAÇÃO DE JOGADORES DE FUTEBOL NO BRASIL	Antonio Jorge Gonçalves Soares / Tiago Lisboa Bartholo	educação; esporte; formação esportiva; escolarização; jovens; mercado.	sim	sim
		A ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS: REFLEXÕES DOS PROCESSOS E MECANISMOS DE EXCLUSÃO E INCLUSÃO ESCOLAR	Joana D Arc Teixeira	escolarização formal; jovens infratores; privação de liberdade; exclusão e inclusão.	sim	sim
		PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO DA SALA DE AULA A PARTIR DE UMA TEORIA SOCIAL DE GÊNERO	Josimeire Meneses Julio/ Arnaldo Vaz	masculinidade; relações de gênero; interações sociais; investigações em sala de aula.		
		PROGRAMAS DE FORMAÇÃO DOCENTE: EXERCÍCIOS DE LIBERDADE OU ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES?	André Bocchetti /Belmira Oliveira Bueno	formação de professores; Foucault; subjetivação docente.	sim	sim
		O DIÁLOGO SOCIAL: ESPAÇO DE APRENDIZAGENS PARA A EMANCIPAÇÃO	Emília Maria da Trindade Prestes	diálogo social; comissões/conselhos de emprego; aprendizagens e emancipação	sim	sim
		ORGANIZAÇÃO DE TURMAS E DESEMPENHO EM LEITURA: COMO EVOLUEM AS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS?	Elisangela da Silva Bernardo	Organização de turmas; estratificação educacional; desigualdades escolares; avaliação educacional; gestão escolar.	sim	sim
		FORMAÇÃO ÀS AVESAS: PROBLEMATIZANDO A SIMETRIA INVERTIDA NA EDUCAÇÃO DE PROFESSORES EM SERVIÇO	Adolfo Samuel de Oliveira	formação em serviço; simetria invertida; modelos de formação docente.	sim	sim
		SOLIDARIEDADE FRATERNAL E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS NA CONSTRUÇÃO DE PERCURSOS ESCOLARES DE EXCELÊNCIA	Wânia Maria Guimarães Lacerda	solidariedade fraterna; histórias escolares intergeracionais; trajetórias escolares pouco prováveis.	sim	sim
		REFORMA EDUCACIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO DOS ANOS 1990	Elie George Guimarães Ghanem Junior	mudança educacional; inovação; reforma.	sim	sim
Educação e Relações Étnico-Raciais		O PREDOMÍNIO DOS NEGROS NAS ESCOLAS DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XIX	Marcus Vinícius Fonseca	não	sim	sim
		A LINGUAGEM COMO AFIRMAÇÃO CULTURAL DA IDENTIDADE NEGRA: LIÇÕES E DESAFIOS DE UM CONTEXTO EDUCACIONAL PÓS-COLONIAL	Ana Canen /Maria do Livramento Gomes de Carvalho	identidade negra; multiculturalismo; língua crioula; contexto pós-colonial.	sim	sim

		GRIÔS AFRICANOS: INSPIRAÇÕES PARA UMA PERFORMATIVIDADE E INVENÇÃO PEDAGÓGICA	Marco Antonio Leandro Barzano	não	sim	sim
		PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EVIDENCIAM MICRO-AÇÕES AFIRMATIVAS COTIDIANAS	Regina de Fatima de Jesus	micro-ações afirmativas; afro-descendência; cotidiano escolar	sim	sim
		OS SIGNIFICADOS DOS CONCEITOS DE CULTURA, IDENTIDADE E DIFERENÇA NOS TRABALHOS SOBRE AFRO-BRASILEIROS E EDUCAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS	José Licínio Backes	cultura; afro-brasileiros; identidade; diferença; epistemologia	sim	sim
		APRENDIZAGENS DE UM GRUPO DE FUTUROS PROFESSORES DE QUÍMICA NA ELABORAÇÃO DE CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS DIGITAIS: EM FACE DOS CAMINHOS ABERTOS PELA LEI FEDERAL Nº 10.639 DE 2003	Juliano Soares Pinheiro / Rejane Maria Ghisolfi Silva	química; África; aprendizagens para docência.	sim	sim
		EDUCAÇÃO E AFRICANIDADES: CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE KABENGELE MUNANGA	Julvan Moreira de Oliveira	imaginário afro-brasileiro; identidade negra; ideário pedagógico.	sim	sim
		ENCONTROS NAS RUAS, NOS MUSEUS E NOS MERCADOS: SOBRE PROCESSOS IDENTITÁRIOS E ALIANÇAS DA DIÁSPORA	Mailsa Carla Passos /Carlos Roberto de Carvalho	práticas culturais; identidades; diáspora africana.	sim	sim
		DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE CONCEPÇÕES DE CURRÍCULO E A LEI 10.639/03	Maria Elena Viana Souza	lei 10639/03; currículo; cultura escolar.	sim	sim
	Gênero, Sexualidade e Educação	POBRES MENINAS "RICAS" COM A GRAVIDEZ	Maria Simone Vione Schwengber	adolescência; gravidez; corpo; gênero.	sim	sim
		O QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE MENINOS E MENINAS?: ANUNCIANDO O JOGO DAS CONSTRUÇÕES, DESCONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES DAS DICOTOMIAS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	Gabriela Silveira Meireles	infância; gênero; poder; educação infantil.	sim	sim
		CORPOS, ESCOLA & SEXUALIDADES: UM OLHAR SOBRE UM PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL	Paulo Melgaço da Silva Junior	sexualidade; programa de orientação sexual; identidade	sim	sim
		JUVENTUDE CIBORGUE: TRANSGREDINDO FRONTEIRAS DE GÊNERO	Shirlei Rezende Sales do Espírito Santo	juventude ciborgue; gênero; currículo; Orkut.	sim	sim
		UM CURRÍCULO DE MASCULINIDADES NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL	Gustavo Andrada Bandeira	masculinidades; currículo; futebol.	sim	sim
		CATÁLOGO ELETRÔNICO DE PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E DE GÊNERO - DÉCADAS DE 1930 A 1985	Constantina Xavier Filha	catálogo; livro sobre sexualidade; dispositivo pedagógico.	sim	sim
		UM NOME PRÓPRIO: TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS	Maria Rita de Assis César	nome social; instituição escolar; heteronormatividade; dispositivo da sexualidade	sim	sim
		"NÃO TEMOS QUE LIDAR COM ISSO. AQUI NÃO HÁ GAYS NEM LÉSBICAS!" - ESTADOS DE NEGAÇÃO DA HOMOFOBIA NAS ESCOLAS	Rogério Diniz Junqueira	negação; estratégias discursivas; homofobia; heteronormatividade; políticas públicas	sim	sim

		HOMOPARENTALIDADE E ESCOLA: QUE CONJUGAÇÃO É ESSA?	Noeli Gemelli Reali	homoparentalidade; sexualidade; currículo; escola	sim	sim
		FAMÍLIA E RELAÇÕES DE GÊNERO: UM OLHAR ATRAVÉS DO DIREITO	Letícia Prezzi Fernandes	família; consanguinidade; gênero; filiação; direito de família	sim	sim
		GÊNERO, JORNADAS E RITMOS DA DOCÊNCIA: UMA ANÁLISE PARA ALÉM DAS DICOTOMIAS	Carolina Faria Alvarenga	relações de gênero; trabalho docente; jornadas e ritmos	sim	sim
		DOCÊNCIAS QUE TRANSITAM PELAS FRONTEIRAS DAS SEXUALIDADES E DO GÊNERO: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE IMPOSIÇÕES DE PODERES E RESISTÊNCIAS	Neil Franco Pereira de Almeida / Maria Veranilda Soares Mota	docência; homossexualidade; travestilidade; teoria queer	sim	sim
2010	Movimentos sociais e Educação	Jovens urbanos: Gyn extreme Breakrs como espaço de socialização	Maria Tereza Canezin Guimarães/Aldimar Jacinto Duarte	jovens; cultura; breakdance	sim	sim
		Trajetórias e condições educativas de recicladoras: tomadas de posição no campo ambiental	Leandro Rogério Pinheiro/Cassiano Pamplona Lisboa/ Márcio de Freitas do Amaral/ Tiago de Mello Carginin	não	sim	sim
		Da sala à cela: rotas marginais de adolescentes em situação de conflito com a lei	Rosemeri Terezinha Ferreira da RochaRodrigues	políticas públicas; sócioeducação; escola; adolescentes em conflito com a lei.	sim	sim
		A Política de Ocupação e a Resistência Social: estudo de uma experiência na mesorregião Sudeste do Pará	Gilmar de Carvalho Cruz/Rosemeri Scalabrin	educação do campo; movimentos sociais; assentamentos rurais; migração.	sim	sim
		É possível transformação social nos movimentos de mulheres?	Ana Lúcia Assunção Aragão/Carolina Orquiza Cherfem	não	sim	sim
		Contribuições portuguesas para a ocupação da escola	Aida Victoria Garcia Montrone	movimentos sociais; ocupação; emancipação; práticas pedagógicas	sim	sim
		Juventude: entre a indisciplina e a zoação	Fernando José Martins	não	sim	sim
		Movimentos sociais e educação comunitária: aproximações a partir de Alberto Melucci	Paulo Henrique de Queiroz Nogueira	movimentos sociais; educação; comunidade	sim	sim
		Educação do Campo: políticas e práticas em Santa Catarina	Paulo de Tarso Gomes/Sônia Aparecida Branco Beltrame/Alcione Nawroski/ Natacha Eugenia Janata /Soraya Franzoni Conde/Zilma Isabel Peixer	educação do campo; políticas públicas; práticas culturais	sim	sim
		A escola é comunitária: quem toma conta dela? desafios de sustentabilidade nos projetos de alternância	Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante	não	sim	sim
		Entre o "gostar" de estar na escola e a invisibilidade juvenil: um estudo sobre jovens estudantes de Santa Maria-RS	Elisete Medianeira Tomazetti/Adriano Machado Oliveira/Nara Vieira Ramos/Sueli Salva	não	sim	sim
		Escolarização no meio rural - Juventude e marcas de gênero	Vitor Schlickmann/Catarina Malheiros da Silva	juventude rural; gênero; escola	sim	sim
	Educação Popular	Educação popular e "experiência"	José Francisco de Melo Neto	experiência; educação; educação popular	sim	sim

		Considerações iniciais sobre o conceito de Educação Popular na era da indeterminação	Leandro Machado dos Santos	educação popular; estado de exceção; era da indeterminação	sim	sim
		Saberes da noite: processos educativos consolidados na prática da prostituição	Fabiana Rodrigues de Sousa/Maria Waldenez de Oliveira	processos educativos; dialogicidade; prática social; prostituição	sim	sim
		O papel educativo de agentes comunitárias de saúde na estratégia saúde da família: o desafio da educação libertadora	Janine Moreira	educação em saúde; agentes comunitárias de saúde; Estratégia Saúde da Família, educação libertadora; empoderamento	sim	sim
		Realização audiovisual em um contexto de educação popular e comunicação popular: apropriação dos meios e construção de significados	Djalma Ribeiro Júnior	realização audiovisual; educação popular; comunicação popular	sim	sim
		Contribuições do GT de Educação Popular da ANPEd para a educação intercultural	Vera Maria Ferrão Candau/Susana Beatriz Sacavino	educação intercultural; interculturalidade crítica; educação popular	sim	sim
		Educação Popular e paradigmas emancipatórios	Paulo Evaldo Fensterseifer	educação popular; paradigma; emancipação; cidadania; política	sim	sim
		Comunidades de aprendizagem: desenvolvendo uma educação democrática e dialógica com os familiares e agentes do entorno escolar	Fabiana Marini Braga	Família; escola; comunidade de aprendizagem; diálogo; participação democrática	sim	sim
		Fontes da Educação Popular e da pesquisa participativa na América Latina: epistemologias ao sul da colonialidade do conhecimento	Cheron Zanini Moretti/Telmo Adams	não	sim	sim
		Quando a natureza educa: trabalho, família e espiritualidade às margens de rios amazônicos	Valéria Oliveira de Vaconcelos	histórias de vida; populações tradicionais; cultura; educação popular	sim	sim
Sociologia da Educação		Fundação Getúlio Vargas: a imbricação entre o público e o privado	Vânia Claudia Fernandes	história das instituições educacionais; público e privado; anéis burocráticos; FGV	sim	sim
		O lugar ocupado na fratria e sua influência na escolarização: o primogênito tende a ser favorecido	Dília Maria Andrade Glória	lugar na fratria; escolarização; famílias de camadas médias.	sim	sim
		A produção da crença na escola: o caso da Escola Técnica Federal de São Paulo	Nicolau Dela Bandeira Arco Netto	lugar na fratria; escolarização; famílias de camadas médias.	sim	sim
		Posição social de professores e valores práticos do magistério: moralização e disciplinarização dos alunos	Marieta Gouvea de Oliveira Penna	campo educacional; função docente; posição social	sim	sim
		Políticas educacionais e dinâmicas da organização escolar: reflexões na perspectiva dos professores	Rosane Maria Kreusburg Molina/Rodrigo Alberto Lopes	não	sim	sim
		Aproximações entre os processos de socialização e a sociologia da infância	Lisandra Ogg Gomes	processos de socialização contemporâneos; sociologia da infância	sim	sim

		A escolarização dos jovens no sertão de Pernambuco: entrelaçamentos entre campos de possibilidades e trajetórias de vida	Mauricio Antunes Tavares	não	sim	sim
		Práticas cotidianas na escola e na família. Hipóteses sobre a constituição de habitus escolares	Zaia Brandão	sucesso e desempenho escolar; família de setores populares; apoio à escolarização; nova classe média	sim	sim
		Subjetividade e ações afirmativas: experiência universitária de estudantes egressos de escolas públicas na USP	Débora Cristina Piotto	não	sim	sim
		Escolhas por estabelecimentos escolares: efeitos das características das famílias e do contexto de moradia	Fatima Cristina de Mendonça Alves/André Luiz Regis de Oliveira/Gicele Fisch	não	sim	sim
		Mídias e tecnologias na educação paulista: uma mirada sobre a moderna socialização escolar	Michelle Prazeres Cunha	mídias; tecnologias; educação; socialização; modernidade; escola	sim	sim
		Relação com o saber e processos de construção do eu epistêmico por estudantes de pedagogia de universidades privadas	Maria Gabriela Parenti Bicalho	não	sim	sim
		Práticas e percepções docentes e suas relações com o prestígio e clima escolar das escolas públicas do município do Rio do Janeiro	Márcia de Sousa Terra Brito	prestígio escolar; clima escolar; hierarquias escolares; percepção de professores	sim	sim
		Um estudo comparado sobre defasagem escolar em camadas altas no Pisa 2006: Brasil, Colômbia, México e Argentina	Diana da Veiga Mandelert/Jorge Cassio Reis da Silva Mello	não	sim	sim
		Os conselhos de classe: mecanismos de produção das desigualdades na escola?	Ana Pires do Prado Maria de Lourdes Sá Earp	não	sim	sim
		“Aqui é assim: tem curso de rico pra continuar rico e curso de pobre pra continuar pobre”	Hustana Maria Vargas	ensino superior; desigualdades sociais; hierarquia de carreiras.	sim	sim
		Manifestações de futuros professores sobre o exercício da função docente em situações de estágio curricular	Márcia Regina do Nascimento Sambugari	formação inicial de professores; socialização; estágio curricular; curso de pedagogia	sim	sim
	Educação e Relações Étnico-Raciais	Dimensões de educar para as relações étnico-raciais: refletindo sobre suas tensões, sentidos e propostas	Ana Cristina Juvenal da Cruz	não	sim	sim
		Ideologia e racismo: análise de discurso sobre a recepção de leituras de obras infanto-juvenis	Débora Cristina de Araujo	literatura infanto-juvenil; relações raciais; ideologia; discurso; hermenêutica da profundidade	sim	sim
		Personagens negros e brancos em livros didáticos de ensino religioso	Sergio Luis do Nascimento	relações raciais; livros didáticos; ensino religioso	sim	sim
		Desconstruindo o ideal do branqueamento: reflexões e desafios a partir do multiculturalismo	William de Goes Ribeiro	multiculturalismo; hip hop; ideal do branqueamento	sim	sim
		As trajetórias dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná	Wagner Roberto do Amaral/Tania Maria Baibich-Faria	ensino superior; ações afirmativas; povos indígenas	sim	sim

		Práticas em torno da escolarização dos ingênuos na cidade da Lapa, província do Paraná (1880-1887)	Juarez José Tuchnski dos Anjos	ingênuos; escolarização; século XIX	sim	sim
		Ficções do corpo normal: gênero e raça numa academia de modelos	Shirley Aparecida de Miranda	gênero; raça; queer; branquitude; top model.	sim	sim
		Processos de in/exclusão na universidade: um olhar sobre a pesquisa acadêmica e a questão étnico racial	Michele Barcelos Doebber	in/exclusão; ações afirmativas; pesquisa acadêmica; universidade; questão étnicorracial	sim	sim
		O negro e o esporte universitário: o aluno/atleta como uma estratégia de permanência na universidade pública e privada	José Jairo Vieira	não	sim	sim
		Professores universitários, classificação e identidade racial: limites e possibilidades	Ana Amélia de Paula Laborne/ Nilma Lino Gomes	professores universitários; classificação de cor; identidade racial	sim	sim
		A resignificação do jongo e sua relação com a educação em duas comunidades quilombolas do Rio de Janeiro: Bracuhy e Campinho da Independência	Kalya Maroun/José Mauricio Paiva Andion Arruti	jongo; cultura; mediação; educação não-formal; educação diferenciada	sim	sim
		Representações sociais de professores do ensino médio sobre cotas para negros na universidade: o mito da democracia racial	Valquiria Rodrigues Reis Tomaim/ Rita de Cássia Pereira Lima	representações sociais; professores; ensino médio; cotas; negros	sim	sim
		História de escolarização no Japão e Brasil de filhos de dekassegus na década de 1990	Tatiana Platzer do Amaral/ Luciano Nunes Sanchez Cores/Susiane Tiemi de Almeida Matsuo	não	sim	sim
	Gênero, sexualidade e educação	Vidas na fronteira-corpos, gêneros e sexualidades: estranhando a normalidade do sexo	Denise da Silva Braga	gênero; teoria queer; performatividade.	sim	sim
		Panorama da produção sobre gênero e sexualidades apresentada nas reuniões da ANPED(2000-2006)	Márcia Ondina Vieira Ferreira/Georgina Helena Lima Nunes	relações de gênero; sexualidades; ANPED.	sim	sim
		A visibilidade da sexualidade do/a docente homossexual na escola	Neil Franco Pereira de Almeida/ Maria Veranilda Soares Mota	não	sim	sim
		Gênero, sexualidade e infância: nas telas do cinema, a criança como sujeito o amor romântico	Mariangela Rosa Pereira	não	sim	sim
		Governando corpos e sexualidades na escola	Maria Rita de Assis César	sexualidade; governo; escola; controle; normalidade/patologia.	sim	sim
		Constituir-se professora na Amazônia: história de mulheres mestiças da região de ilhas de Belém	Sônia Maria da Silva Araújo	história; cultura; mulher professora	sim	sim
		A experiência escolar cotidiana e a construção do gênero na subjetividade infantil	Davi Marangon/Leilah Santiago Bufrem	habitus de gênero; experiência escolar; cotidiano escolar.	sim	sim
		Análise dos textos sobre dança e gênero nos Conbraces - Congressos Brasileiro de Ciências do Esporte de 1979 a 2005	Aládia Cristina Rodrigues Medina	CONBRACE; gênero; dança	sim	sim
		O bailarino self-made: trajetórias do masculino na dança	Giuliano Souza Andreoli	não	sim	sim

		As fotografias de mulheres negras que não encontrei - em diferentes contextos escolhidos por um grande jornal	Claudia Regina Ribeiro Pinheiro das Chagas	não	sim	sim
		Corporeidades masculinas nômades: o espaço da docência como heterotopia	Rogério Machado Rosa	não	sim	sim
		A educação física como espaço de formação feminina	Viviane Teixeira Silveira	não	sim	sim
		A educação sexual na primeira metade do século XX no Brasil	Lucélia de Moraes Braga Bassalo	educação sexual no Brasil; sexualidade e educação; gênero, sexualidade e educação; discursos da educação sexual	sim	sim
		A visão androcêntrica do mundo: elemento facilitador para o acesso dos homens às funções da gestão escolar	Vanisse Simone Alves Correa	gestão escolar; eleição para diretores/as; visão androcêntrica de mundo; relações de gênero e poder	sim	sim
		Das noções de corpo no ensino de biologia aos dizeres sobre sexualidade	Elenita Pinheiro de Queiroz Silva/Graça Aparecida Cicillini	corpo; sexualidade; ensino de biologia.	sim	sim
2011	Movimentos Sociais e Educação	As novas configurações dos movimentos sociais no campo da educação: o Movimento Interfóruns de Educação Infantil Brasileiro - Mieib	DEISE GONÇALVES NUNES	não	sim	sim
		RELAÇÕES ENTRE MOVIMENTO SOCIAL E ESTADO: A PARCERIA NO ÂMBITO DO PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA	Luciane Almeida Mascarenhas de Andrade	política pública; educação do campo; PRONERA; parceria.	sim	sim
		A relação Trabalho e Educação na escola de assentamento Paulo Freire: um estudo de caso	ADRIANA D AGOSTINI	escola pública do campo; prática pedagógica; trabalho e educação	sim	sim
		Constituição do Movimento Nacional de Educação do Campo: Momento Sociedade- política	EDSON MARCOS DE ANHAIA	educação do campo; sociedade civil; Estado	sim	sim
		MOVIMENTOS SOCIAIS E UNIVERSIDADE: o diálogo na construção do conhecimento na Educação do Campo	ROSEMERI SCALABRIN/ANA LÚCIA ASSUNÇÃO ARAGÃO	diálogo; movimentos sociais; universidade.	sim	sim
		Práticas de transmissão e aprendizagem no baixo Tapajós: contribuições de um estudo etnográfico para educação do campo na Amazônia	Chantal Vitória Medaets	aprendizagem; educação do campo; infância; população ribeirinha.	sim	sim
		FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO CAMPO: considerações a partir dos cursos de licenciaturas para os monitores das Escolas Famílias Agrícolas	SANDRA REGINA/MAGALHÃES DE ARAÚJO	educação do campo; formação de educadores do campo; escolas famílias agrícolas	sim	sim
		QUEM SÃO OS JOVENS DA EDUCAÇÃO PRISIONAL? UM PERFIL DOS ESTUDANTES DO PROJÓVEM PRISIONAL DO RIO DE JANEIRO	DIOGENES PINHEIRO/Miguel Farah Neto	não	sim	sim
		A juventude negada na formação de educadores	LUIZA MITIKO YSHIGURO CAMACHO/ POLLYANA DOS SANTOS	juventude; formação de educadores; pedagogia.	sim	sim
		IGREJA, EDUCAÇÃO DO CAMPO E SEU MOVIMENTO: ELEMENTOS PARA O ENTENDIMENTO DE SUAS ORIGENS E SENTIDOS	MARCOS ANTONIO DE OLIVEIRA	Palavras-chave: igreja; educação do campo; movimento de educação do campo	sim	sim

		SUJEITOS DO PROJÓVEM URBANO: PERFIL, TRAJETÓRIAS E EXPECTATIVAS DE SEUS ALUNOS	LUIZ CARLOS GIL ESTEVES	políticas públicas; juventude brasileira; Projovem; jovens.	sim	sim
		EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO: APROXIMAÇÕES AO CENÁRIO DO ESPÍRITO SANTO	VALDETE COCO	educação do campo; educação infantil; políticas públicas.	sim	sim
		REFLEXÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS DO CAMPO EM SANTA CATARINA	NATACHA EUGENIA JANATA/ALCIONE NAWROSKI / VANESSA XAVIER CALDAS	ensino médio; educação do campo; juventude.	sim	sim
		INTÉRPRETES DE SI: NARRATIVAS IDENTITÁRIAS DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI	NILDA STECANELA/CARMEM MARIA CRAIDY	narrativas identitárias; juventude carcerária; pesquisa qualitativa	sim	sim
		ECONOMIA SOLIDÁRIA E REFORMA AGRÁRIA: REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO NOS MOVIMENTOS SOCIAIS A PARTIR DA APRENDIZAGEM DIALÓGICA	KELCI ANNE PEREIRA	não	sim	sim
		Educação do Campo e Educação Especial: Interfaces e suas implicações na realidade das escolas públicas do campo	PATRÍCIA CORREIA DE PAULA MARCOCCIA	educação do campo; educação especial; inclusão educacional; movimentos sociais; escola pública	sim	sim
		O CINEMA VAI À ESCOLA: O JOVEM COMO PROTAGONISTA NA DINAMIZAÇÃO CULTURAL	DENISE HELENA PEREIRA LARANJEIRA/ MIRELA FIGUEIREDO SANTOS IRIART	não	sim	sim
	Educação Popular	O GIRO DIALÓGICO NA SOCIEDADE E A CONCEPÇÃO DE APRENDIZAGEM DIALÓGICA: AVANÇOS PARA A COMPREENSÃO DA ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE	VANESSA GABASSA/FABIANA MARINI BRAGA	não	sim	sim
		TERTÚLIA DIALÓGICA DE ARTES: UMA ATIVIDADE GERADA E DESENVOLVIDA ENTRE A COMUNIDADE E A ESCOLA	ADRIANA FERNANDES/ COIMBRA MARIGO/ AMADEU JOSÉ MONTAGNINI LOGAREZZI	educação popular; democratização do conhecimento; escola.	sim	sim
		Não se pode SER sem rebeldia: a lição freiriana já a sabemos de cor! Falta aprendê-la!	MICHELLE RODRIGUES NOBREGA/GOMERCINDO GHIGGI	educação popular; pedagogia; Paulo Freire; rebeldia; sala de aula.	sim	sim
		Educação no movimento cooperativo	WALTER FRANTZ	movimento cooperativo; cooperação; organização cooperativa; educação.	sim	sim
		CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO POPULAR COMUNITÁRIA: A CONCEPÇÃO- MEDIAÇÃO DE SABERES CIENTÍFICOS NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL DE ESCOLAS POPULARES	DENISE MOURA DE JESUS GUERRA	não	sim	sim
		A diversidade cultural como vantagem educativa na educação escolar	RAQUEL MOREIRA	não	sim	sim
		Aprendizado na doença; um olhar a partir da perspectiva da espiritualidade e da educação popular	EYMARD MOURÃO VASCONCELOS	não	sim	sim
		UM OLHAR PARA AS ESCOLAS MULTISSERIADAS: NÃO ESTARÃO NELAS CONTIDAS CATEGORIAS QUE PODEM SER A SOLUÇÃO PARA ALGUNS PROBLEMAS QUE AFLIGEM A ESCOLA COMO UM TODO?	ILSEN CHAVES DA SILVA	escolas multisseriadas; heterogeneidade; práticas pedagógicas.	sim	sim

		“Contra o desperdício da experiência”: desafios teórico-práticos na formação com educadores/as	Ana Lúcia Souza de Freitas/ Jéssica Boaventura dos Santos Ferraz/Maria Elisabete Machado /Caroline Martins Pereira de Sales	formação com educadores; educação popular; inédito-viável; diário de pesquisa; empoderamento.	não	sim
		Contribuições da educação popular e fenomenologia para a pesquisa em educação realizada com prostitutas	FABIANA RODRIGUES DE SOUSA/ MARIA WALDENEZ DE OLIVEIRA	corporeidade; consciência; saberes de experiência.	sim	sim
	Sociologia da Educação	JUSTIÇA ESCOLAR: UM AVATAR DAS POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO?	IONE RIBEIRO VALLE	justiça; justiça escolar; igualdade de oportunidades; meritocracia escolar	sim	sim
		Famílias e Escola: Uma relação em transformação frente aos desafios da sociedade contemporânea	MARIA LUIZA CANEDO QUEIROZ DA SILVA	relação família-escola; ensino fundamental; qualidade da educação	sim	sim
		PARFOR NA AMAZÔNIA SETENTRIONAL: CAPITAL SOCIAL E TRAJETÓRIAS ESCOLARES	ADALBERTO CARVALHO RIBEIRO	PARFOR, capital cultural, capital social, trajetória escolares.	sim	sim
		MOBILIDADE HUMANA E EDUCAÇÃO: OS ESTUDANTES ESTRANGEIROS NA UNICAMP	DÉBORA MAZZA	não	sim	sim
		A infância aos olhos dos adultos: um estudo à luz da Sociologia da Infância	BRUNA BREDÁ	imagens da infância; sociologia da infância; memória coletiva	sim	sim
		O tempo do futebol e da escola Conselho de Classe em escola de excelência	ANTONIO JORGE G SOARES/ Leonardo Bernardes Silva de Melo	não	sim	sim
		Conselho de Classe em escola de excelência	Diana da Veiga Madelet	escola de excelência; conselho de classe; reprovação.	sim	sim
		Desigualdade de oportunidades educacionais na rede pública municipal do Rio de Janeiro: transição entre os segmentos do ensino fundamental	Ana Lorenade Oliveira Bruel/ TIAGO LISBOA BARTHOLO	desigualdade de oportunidades educacionais; quase mercado escolar oculto; acesso à educação.	sim	sim
		PERFIS DE LIDERANÇA E SEUS REFLEXOS NA GESTÃO ESCOLAR	THELMA LUCIA PINTO POLON	gestão escolar; gestão pedagógica; perfis de liderança escolar.	sim	sim
		A produção discente sobre gênero e desempenho escolar no Brasil (1993 -2007): um estado da arte	MARILIA PINTO DE CARVALHO	gênero; desempenho escolar; estado da arte.	sim	sim
		O habitus escolar na construção da qualidade do ensino	ALICE PEREIRA XAVIER	não	sim	sim
		Os nerds e o prodígio: a produção do sucesso escolar na Escola Técnica Federal de São Paulo	NICOLAU DELA BANDERA ARCO NETTO	não	sim	sim
		Cultura escolar: a gestão do trabalho pedagógico entre o instituído e o instituinte	BEATRIZ GOMES NADAL	escola; instituição; cultura escolar; gestão do trabalho pedagógico.	sim	sim

	Educação e Relações Étnico-raciais	Professoras Negras: construindo identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar	CLAUDILENE MARIA DA SILVA	identidade; identidade negra; professoras negras; saberes; práticas curriculares.	sim	sim
		PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO E DE INCLUSÃO ÉTNICO-RACIAL: AÇÕES AFIRMATIVAS NA UNEMAT – UMA QUESTÃO DE (RE)EDUCAÇÃO	Valci Aparecida Barbosa/ ELIZETH GONZAGA/DOS SANTOS LIMA	universidade; políticas afirmativas; re(educação).	sim	sim
		IDENTIDADE, TERRITORIALIDADE E EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOLAS	GIVÂNIA MARIA DA SILVA	comunidade quilombola, identidade, territorialidade, educação.	sim	sim
		O ENSINAR E O APRENDER DO JONGO EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS: A MAESTRIA DOS JONGUEIROS CUMBA.	Carolina dos Santos Bezerra Perez	não	sim	sim
		A EDUCAÇÃO BRASILEIRA ESTARÁ RECEPTIVA À FILOSOFIA AFRICANA?	JULVAN MOREIRA DE OLIVEIRA	afrocentricidade; etnofilosofia; filosofia africana; ideias pedagógicas; etnocentrismo.	sim	sim
		Da educação do campo à educação quilombola: esboço de um percurso	Suely Noronha de Oliveira	não	sim	sim
		O CASO DO PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES DIOCESE DE DUQUE DE CAXIAS, JORNAL PILAR, 1990.	CLÁUDIA REGINA DE PAULA	Movimento Negro Católico; educação popular; PVNC.	sim	sim
		Formação de intelectuais negros e negras: a experiência de assessores/as educacionais para assuntos da Comunidade Negra	ERIVELTO SANTIAGO SOUZA	não	sim	sim
		Relações etnicorraciais e currículos escolares nas teses e dissertações em Educação (1987-2006): possibilidades de repensar a escola	Kátia Evangelista Regis	relações etnicorraciais; população negra; currículos escolares.	sim	sim
		Reflexões em torno das relações raciais no Brasil e da constituição da identidade de crianças negras na sala de aula com base na perspectiva dialógica	FRANCISCA DE LIMA CONSTANTINO	não	não	sim
		INTERSECCIONALIDADES, VULNERABILIDADES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NÃO-DISCRIMINATÓRIAS: POR UM NOVO PARADIGMA DISCURSIVO	tatiana nascimento dos santos/ DENISE MARIA BOTELHO	vulnerabilidade; interseccionalidade; estudantes negr@s lgbt; professor@s; discriminação e discurso.	sim	sim
		Considerações sobre a (não)implementação da Lei 10.639/03 em escolas públicas do município do Rio de Janeiro	MARIA ELENA VIANA SOUZA	Lei 10.639/03; currículo; formação de professores.	sim	sim
		EDUCAÇÃO QUILOMBOLA EM DEBATE: A ESCOLA EM CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA (RJ) E A PROPOSTA DE UMA PEDAGOGIA QUILOMBOLA	KALYLA MAROUN/JOSE MAURICIO PAIVA/ANDION ARRUTI	escola e comunidade; quilombos; luta por reconhecimento.	sim	sim
		Da autoria como iniciativa afirmativa e emancipatória: um breve foco em práticas escriturísticas estéticas apresentadas por uma afro- brasileira que compõe sambas	Diony Maria Oliveira Soares	não	sim	sim
		IDENTIDADES E DIVERSIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR: O lugar afro-brasileiro	MARIA BATISTA LIMA	identidades; etnia/raça; cotidiano escolar.	não	sim
		Etnoeducação e dimensões político-pedagógicas da diversidade cultural nas propostas curriculares do Brasil e da Colômbia	CLAUDIA MIRANDA	etnoeducação; diversidade cultural; afrodescendência.	sim	sim

		HENRIQUE DIAS: UM HERÓI NEGRO REPRESENTADO EM LIVROS ESCOLARES DE LEITURA UTILIZADOS NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS PERNAMBUCANAS EM MEADOS DO SÉCULO XIX	ADLENE SILVA ARANTES	história da educação; livros escolares de leitura; herói negro	sim	sim
		VALORES E SABERES DA AFRO DIÁSPORA E AS LINGUAGENS PEDAGÓGICAS DO JONGO: DIÁLOGOS SOBRE ARTICULAÇÕES E POSSIBILIDADES	LYGIA DE OLIVEIRA FERNANDES	não	sim	sim
		PESQUISAS SOBRE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E RELAÇÕES RACIAIS: UM BREVE ESTADO DA ARTE	DÉBORA CRISTINA DE ARAUJO	literatura infanto-juvenil; relações raciais; pesquisas.	sim	sim
		O JOGO AFRICANO MANCALA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM AFRICANIDADES MATEMÁTICAS	RINALDO PEVIDOR PEREIRA/HENRIQUE CUNHA JUNIOR	formação de professores; cultura africana; jogos de Mancala.	sim	sim
		JOVENS NEGROS EM PROCESSO DE “RESSOCIALIZAÇÃO”: TRAJETÓRIAS DE VIDA E ESCOLARIZAÇÃO	VILMA APARECIDA DE PINHO	racismo; jovens negros; escolarização; violência social	sim	sim
		RELAÇÕES RACIAIS EM LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO PARANÁ	WELLINGTON OLIVEIRA DOS SANTOS	não	sim	sim
		EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA EM MINAS GERAIS: ENTRE AUSÊNCIAS E EMERGÊNCIAS	SHIRLEY APARECIDA DE MIRANDA	quilombos; modalidades de educação; políticas de diversidade.	sim	sim
		A EXPERIÊNCIA DOS ESTUDANTES AFRICANOS DAS COMUNIDADES DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA (CPLP) NA UNIVERSIDADE: ENCONTROS E (DES) ENCONTROS	MARIA APARECIDA SANTOS CORREA BARRETO	políticas afirmativas; estrangeiros em diáspora; relações interculturais.	sim	sim
		DO IDEÁRIO DO BRANQUEAMENTO AO RECONHECIMENTO DA NEGRITUDE: BIOPOLÍTICA, EDUCAÇÃO E A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL	MICHELE BARCELOS DOEBBER	ações afirmativas; biopolítica; in/exclusão; questão racial; universidade	sim	sim
		IDENTIDADES/DIFERENÇAS INDÍGENAS NAS TEIAS DE UM CURRÍCULO UNIVERSITÁRIO	SÔNIA FILIÚ ALBUQUERQUE LIMA	indígenas cotistas; estudos culturais; identidade; diferença.	sim	sim
		A manifestação do preconceito e da discriminação racial na trajetória dos alunos negros bolsistas do Prouni	EUGENIA PORTELA DE SIQUEIRA MARQUES	negros; Programa Universidade para Todos; ProUni; preconceito e discriminação racial.	sim	sim
		Memória, racismo e cultura urbana: um estudo sobre mulheres negras em Juiz de Fora - (1950/1970)	GIANE ELISA SALES DE ALMEIDA/CLAUDIA MARIA COSTA ALVES	não	sim	sim
		Relações étnico-raciais na Educação Profissional integrada à EJA: reflexões acerca da formação continuada de professores	SILVANI DOS SANTOS VALENTIM	não	sim	sim
		Com a palavra as crianças: algumas reflexões sobre as relações raciais na escola	ARLEANDRA CRISTINA/TALIN DO AMARAL	infâncias; crianças; sujeitos de direitos; relações raciais.	sim	sim
	Gênero, Sexualidade e Educação	O DELÍRIO DO CORPO: DERIVAS DAS MASCULINIDADES Tecnologias de governo no âmbito do Pronasci	ROGÉRIO MACHADO/ROSA PATRICIA DE MORAES LIMA/ JOSÉ GERALDO SOARES DAMICO	não	sim	sim
		Tecnologias de governo no âmbito do Pronasci	José Geraldo Soares Damico	Pronasci; governamentalidade; identidade e gênero.	sim	sim

		DISTINTAS MASCULINIDADES: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	CRISTIANE SOUZA DE MENEZES	masculinidades; gênero; educação de jovens e adultos.	sim	sim
		TECENDO PERCURSOS PARA PENSAR O CORPO	ELENITA PINHEIRO DE QUEIROZ SILVA	não	sim	sim
		A experiência transexual: estigma, estereótipo e desqualificação social no intramuros da escola	DENISE DA SILVA BRAGA	sexualidade; experiência transexual; escola.	sim	sim
		"Nossa! Eu nunca tinha parado pra pensar nisso!" - Gênero, Sexualidades e Formação Docente	RONEY POLATO DE CASTRO/ ANDERSON FERRARI	formação docente inicial; gênero e sexualidades; perspectiva pósestruturalista	sim	sim
		A MENINA E O MENINO QUE BRINCAVAM DE SER...: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM PESQUISA COM CRIANÇAS	CONSTANTINA XAVIER FILHA	gênero; pesquisa com criança; representação	sim	sim
		EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DE CATADORAS E CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO FEMININO	MARIA CELESTE REIS/FERNANDES DE SOUZA/ JOANA DARC GERMANO HOLLERBACH/ Erika Christina Gomes de Almeida	gênero; empoderamento; escolarização; movimentos sociais.	sim	sim
		A PRODUTIVIDADE DOS CONCEITOS DE IDENTIDADE, DIFERENÇA E CULTURA NOS ESTUDOS DE GÊNERO ARTICULADA COM AS EPISTEMOLOGIAS	JOSÉ LICÍNIO BACKES/ RUTH PAVAN	cultura; gênero; identidade/diferença; epistemologia.	sim	sim
		JUVENTUDES E PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO: ARTICULAÇÕES ENTRE TRABALHO E GÊNERO	Sandra dos Santos Andrade	juventude; escolarização; gênero; trabalho.	sim	sim
		A EDUCAÇÃO DE MULHERES-MÃES POBRES PARA UMA "INFÂNCIA MELHOR"	Carin Klein	gênero; maternidade; políticas públicas.	sim	sim
		(Homo)sexualidades e gênero nos documentos oficiais da educação	NEIL FRANCO PEREIRA DE ALMEIDA	educação; (homo)sexualidades; gênero; documentos.	sim	sim
		Gênero, raça, juventude e fracasso escolar: masculinidades nas narrativas juvenis	ROSEMEIRE DOS SANTOS BRITO	gênero; masculinidades; raça; fracasso escolar; educação de jovens e adultos; juventude	sim	sim
		A MÍDIA ENSINA: IMPERATIVO DA MATERNIDADE E PATERNIDADE RESPONSÁVEIS	MARIA SIMONE VIONE SCHWENGBER	mídia, gênero, paternidade, maternidade.	sim	sim
		HETERONORMATIVIDADE OU RECONHECIMENTO? professores e professoras diante da homossexualidade	LUCÉLIA DE MORAES BRAGA BASSALO	heteronormatividade; homofobia e educação; homossexualidade e educação.	sim	sim
2012	Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos	MST, VIA CAMPESINA E EDUCAÇÃO: INTEGRAÇÃO E O INSTITUTO DE AGROECOLOGIA LATINO AMERICANO (IALA) GUARANY	FERNANDO JOSÉ MARTINS	Fronteira; Movimentos Sociais; Educação; Agroecologia e Terra.	sim	sim
		MULHER E ASSISTÊNCIA SOCIAL NA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA: "PELO BEM DO BRASIL!"	RENATA DUARTE SIMÕES	não	sim	sim
		A RELAÇÃO DE SABERES NA CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA DO MST NA AMAZÔNIA PARAENSE	ADRIANE RAQUEL SANTANA DE LIMA	Saberes; MST; Prática Educativa; Amazônia.	sim	sim

		NOVAS GERAÇÕES DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS-TRABALHADORES: TRÂNSITOS ENTRE O MUNDO FÍSICO E O TERRITÓRIO NUMÉRICO: NOVOS DESAFIOS À PESQUISA	MARILENA NAKANO/ELMIR DE ALMEIDA/MARIA ELENA VILLAR E VILLAR /VANDERLEI MARIANO	jovens universitários; batalhadores; territórios circulatorios.	sim	sim
		A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPO: O CASO DA UNIMONTES	ALDA APARECIDA VIEIRA MOURA	jovens universitários; batalhadores; territórios circulatorios.	sim	sim
		UMA PROPOSTA DE ESTUDO FILOSÓFICO DO SER SOCIAL DO MOVIMENTO AMBIENTAL	MILTON SOUZA RIBEIRO MILTÃO	questão socioambiental; movimento ambiental; Educação Ambiental filosófico-crítica.	sim	sim
		EDUCAÇÃO E QUESTÕES ÉTNICAS: EMBATES CULTURAIS E POLÍTICOS DE ESTUDANTES SATERÉ-MAWÉ NO ESPAÇO URBANO	VALERIA AUGUSTA CERQUEIRA DE MEDEIROS WEIGEL/MÁRCIA JOSANNE DE OLIVEIRA LIRA	não	sim	sim
		"A PEDAGOGIA DOS AÇÓS": AS IMPLICAÇÕES DA AÇÃO POLÍTICA DO MST PARA O TRABALHO DOCENTE DAS (OS) PROFESSORAS (ES) DO ASSENTAMENTO DIAMANTE NEGRO JUTAIH	MARILDA DA CONCEIÇÃO MARTINS	não	sim	sim
		Escola Rural Multisseriada: contexto e perspectivas no município de Urubici/SC	KAMILA FARIAS PANTEL	não	sim	sim
		DEMANDAS EDUCACIONAIS DOS JOVENS BRASILEIROS: ALGUNS INDICATIVOS DA 2ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE JUVENTUDE	MIGUEL FARAH NETO/DIOGENES PINHEIRO/LUIZ CARLOS GIL ESTEVES	não	sim	sim
		O MOVIMENTO SOCIAL AFROCOLOMBIANO E A EDUCAÇÃO PRÓPRIA: AGENDAS EMERGENTES	CLAUDIA MIRANDA	não	sim	sim
		ESCOLAS PÚBLICAS E A CONFIGURAÇÃO DO CLIMA ESCOLAR	ELIANE CASTRO VILASSANTI	Interações na Escola; Clima Social Escolar; Sociologia da Experiência.	sim	sim
		TRAJETÓRIA E BIOGRAFIA NA TRAVESSIA DA JUVENTUDE: ENTRE TRADIÇÃO E INOVAÇÃO	MIRELA FIGUEIREDO SANTOS IRIART	não	sim	sim
		Repercussões da experiência militante em outras esferas da vida: jovens engajados em partidos políticos	ANA KARINA BRENNER	não	sim	sim
		JUVENTUDE EM ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS DO SEMI-ÁRIDO: PARADOXOS ENTRE EDUCAÇÃO, TRABALHO E CAMPO	GEORGIA OLIVEIRA COSTA LINS/LUDMILA OLIVEIRA HOLANDA CAVALCANTE	Juventude Rural; Trabalho; Educação; Escolas Família Agrícola.	sim	sim
	Educação Popular	A educação para a cooperação no caminho do desenvolvimento	WALTER FRANTZ	não	não	não
		FORMANDO EDUCADORES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO POPULAR: A TEORIA E A PRÁTICA DE PAULO FREIRE NA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO (1989-1992)	ANA MARIA SAUL/ANTONIO FERNANDO GOUVÊA DA SILVA	educação popular; formação permanente; Paulo Freire.	sim	sim
		CONSCIENTIZAÇÃO FREIREANA E LIBERDADE SARTREANA: REFLEXÕES PARA OS EFEITOS DE SUBJETIVAÇÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR	JANINE MOREIRA	não	sim	sim
		ESCRavidão EM UBERABA EM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO POPULAR	TIAGO DE SOUZA/VALÉRIA OLIVEIRA DE VASCONCELOS	Histórias de vida; Escravidão em Uberaba; Educação popular.	sim	sim

		ENFOQUE FEMINISTA DA PERSPECTIVA POLÍTICO-PEDAGÓGICA FREIRIANA	MARIATERESA MURACA/REINALDO MATIAS FLEURI	não	sim	sim
		INVASÃO CULTURAL E A IMPOSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL POPULAR: REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE DAS AÇÕES AMBIENTAIS DA USINA HIDRELÉTRICA RISOLETA NEVES, MINAS GERAIS, BRASIL	CAROLINA REZENDE DE SOUZA/JOSÉ PEREIRA PEIXOTO FILHO	não	sim	sim
		DOCUMENTOS CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL: DA PRESCRIÇÃO ÀS POSSIBILIDADES DA DIFERENCIAÇÃO	MARTA COELHO CASTRO TROQUEZ	não	sim	sim
		A POÉTICA DO ESPAÇO ESCOLAR: ALGUMAS QUESTÕES SOBRE O REFEITÓRIO ESCOLAR COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO POPULAR DE CRIANÇAS EM PERIFERIAS URBANAS	MARIA TEREZA GOUDARD TAVARES	Cotidiano escolar; Poética do espaço; Práticas escolares de educação popular	sim	sim
		APRENDER COM O PÉ ATRÁS: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DA (DES)CONFIANÇA NO PROCESSO DE EDUCAR-SE NA NOITE	FABIANA RODRIGUES DE SOUSA	desconfiança; trabalho sexual; educar-se.	sim	sim
		MAIS INDÍCIOS DA COLONIALIDADE LATINOAMERICANA: INDICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS INACABADAS PARA A PESQUISA NA EDUCAÇÃO POPULAR	EDLA EGGERT	não	sim	sim
		ESTUDANTES DE ORIGEM POPULAR NA UNIVERSIDADE : VIDAS EN(TRE)LAÇADAS NO PROGRAMA CONEXÕES DE SABERES DA UFRGS	RAFAEL ARENHALDT	não	sim	sim
		MULHERES CAMPONESAS E OS PROCESSOS EDUCATIVOS DESENCADEADOS POR SUAS PRÁTICAS DE CUIDADO À SAÚDE	IRAÍ MARIA DE CAMPOS TEIXEIRA/MARIA WALDENEZ DE OLIVEIRA	Processos Educativos; Educação popular; Cuidado em Saúde. Mulheres camponesas.	sim	sim
		O DISCURSO CURRICULAR DO PROJETO TEIMOSIA E SUAS INTERLOCUÇÕES COM A EDUCAÇÃO POPULAR	ELIZA SOLANGE VASCONCELOS MARQUES	Educação Popular; Educação de Jovens e Adultos; Currículo e Educação de Jovens e Adultos	sim	sim
	Sociologia da Educação	FRONTEIRAS DA IDENTIDADE DOCENTE: MARCAS DE SUA REDEFINIÇÃO EM MATO GROSSO NOS ANOS 1960	MÁRCIA DOS SANTOS FERREIRA	identidade docente; ensino primário; Mato Grosso (Estado).	sim	sim
		A sociologia da transformação: um estudo de caso	LUCIANA MASSI/ALBERTO VILLANI	não	sim	sim
		EFEITO PAI PROFESSOR: O IMPACTO DA PROFISSÃO DOCENTE NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS	MARLICE DE OLIVEIRA E NOGUEIRA	não	sim	sim
		As percepções dos estudantes mineiros sobre a incidência de comportamentos de indisciplina em sala de aula: um estudo a partir dos dados do SIMAVE/PROEB 2007	LUCIANO CAMPOS DA SILVA/DANIEL ABUD SEABRA MATOS	indisciplina; pesquisa de survey; PROEB.	sim	sim
		Família e desempenho escolar: uma análise exploratória da associação entre fatores familiares e proficiência em Língua Portuguesa	MARIA ALICE DE LIMA GOMES NOGUEIRA/CLÁUDIO MARQUES MARTINS NOGUEIRA/MARIA TERESA GONZAGA ALVES/TANIA DE FREITAS RESENDE	escolas; famílias; desempenho escolar.	sim	sim
		EDUCAÇÃO E CONDIÇÃO JUVENIL NO TERRITÓRIO DO SISAL: TRAJETÓRIAS DE EGRESSOS DE UMA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA NO SEMI-ÁRIDO BAIANO	ANA MARIA FREITAS TEIXEIRA/ALESSANDRA ALEXANDRE FREIXO	não	sim	sim

		Interpelando (in)visibilidades: configuração racial do corpo docente da Universidade de São Paulo	VIVIANE ANGÉLICA SILVA	Ensino Superior; USP; Relações Raciais; Docentes.	sim	sim
		A preservação de cadernos escolares nos meios populares e o investimento familiar na escolarização dos filhos: possíveis relações	GLADYS AGMAR SÁ ROCHA/ALICIA BONAMINO	investimento escolar; meios populares; cadernos.	sim	sim
		Desigualdades educacionais no espaço urbano: o caso de Teresina	MAURICIO ERNICA	não	sim	sim
		A seleção pública para o trabalho não efetivo na rede paulista de ensino à luz da seleção social dos candidatos	JULIANA REGINA BASILIO	não	sim	sim
		Segmentação socioespacial, oportunidades escolares e favores pessoais – sobre a construção de hierarquias internas aos sistemas públicos de ensino	MARCIO DA COSTA	não	sim	sim
		Crianças, classe social e trabalho pedagógico na creche	ANA MARIA FONSECA DE ALMEIDA	não	sim	sim
		Em busca de alunos “mais calminhos”: processos ocultos de seleção de alunos em escolas públicas	LUCIANA ALVES/ ANTÔNIO AUGUSTO GOMES BATISTA	quase-mercado educacional oculto; processos de seleção; escolas públicas.	sim	sim
		A escola e famílias moradoras de territórios de alta vulnerabilidade social na metrópole: práticas educativas de famílias “protagonistas”	HAMILTON HARLEY DE CARVALHO-SILVA	relações família-escola; vulnerabilidade social; práticas educativas.	sim	sim
		ORIGEM FAMILIAR, CARACTERÍSTICAS E MOTIVAÇÃO DO ALUNO: QUAIS AS RELAÇÕES COM O AUMENTO OU A DIMINUIÇÃO DO RISCO DE REPETÊNCIA NO FINAL DO PRIMEIRO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL?	ERISSON VIANA CORREA	não	sim	sim
		Possíveis relações entre percepção de violência dos alunos, clima escolar e eficácia coletiva	MARCELA BRANDÃO CUNHA	não	sim	sim
		Os gestores educacionais e a crítica à escola republicana: uma análise da recepção dos sistemas externos de avaliação no cotidiano escolar	RODRIGO PEREIRA DA ROCHA ROSISTOLATO	avaliação; sistemas educacionais; escola republicana; desempenho escolar.	sim	sim
Educação e Relações Étnico-raciais		A EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE E A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL: APONTAMENTOS PARA A ANÁLISE DE PRÁTICAS EM CURSO	WILMA DE NAZARÉ BAÍA COELHO/MAURO CEZAR COELHO	Educação; Escola, Diversidade; Questão étnico-racial; Região Norte.	sim	sim
		UMA SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS: NEGROS E CARREIRAS PRESTIGIADAS NO BRASIL	HUSTANA MARIA VARGAS	não	sim	sim
		Identidade Racial e Trajetórias de Docentes do Ensino Superior	ANA AMÉLIA DE PAULA LABORNE	não	sim	sim
		QUOTAS, SIM. SÓ QUOTAS, NÃO! ANÁLISE DAS AÇÕES AFIRMATIVAS DO TIPO QUOTAS PARA INDÍGENAS NO AMAZONAS	MARCOS ANDRÉ FERREIRA ESTÁCIO	não	sim	sim
		SABERES TRADICIONAIS E AS POSSIBILIDADES DE SEU TRÂNSITO PARA OS ESPAÇOS ESCOLARES	ANTÔNIO JACÓ BRAND	saberes tradicionais; território; espaços escolares	sim	sim

		Além da suposta inexistência: As sutilezas das relações raciais e suas repercussões no cotidiano escolar de jovens estudantes do Ensino Médio	FERNANDA VASCONCELOS DIAS/JUAREZ TARCÍSIO DAYRELL	não	sim	sim
		Negros/as e brancos/as em livros didáticos de Geografia	WELLINGTON OLIVEIRA DOS SANTOS	relações raciais; relações de gênero; livros didáticos.	sim	sim
		Uma casa de ensinar e aprender no extremo do Brasil	VERA LÚCIA DE MAGALHÃES BAMBIRRA/EDWIGES ZACCUR	não	sim	sim
		POR UMA EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID	MARIA ELENA VIANA SOUZA	educação etnicorracial; Discurso do Sujeito Coletivo; cotidiano escolar	sim	sim
		Além do preconceito de marca e de origem: a motivação política como critério emergente para classificação racial	MOEMA DE POLI TEIXEIRA/KAIZO IWAKAMI BELTRÃO/SONOE SUGAHARA PINHEIRO	não	sim	sim
		Mini Comunidade Obá Biyi: escolarização e educação aliadas à afirmação identitária afro-brasileira	THIAGO DOS SANTOS MOLINA	escolarização; cultura afro-brasileira; crianças negras.	sim	sim
		O lúdico em uma comunidade quilombola: inspirações para a educação das relações étnico-raciais	MARIA WALBURGA DOS SANTOS	comunidades quilombolas; lúdico; educação quilombola; educação e relações étnico-raciais	sim	sim
		A-IAN-MADÊ? PROCESSO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS QUILOMBOLAS NA ESCOLA DA CIDADE	MILLE CAROLINE RODRIGUES FERNANDES	Comunidade de Boitaraca; Educação; Arkhé.	sim	sim
		A “AUSÊNCIA-PRESENÇA” DAS QUESTÕES RACIAIS NA EJA E AS DESIGUALDADES	JOANA CÉLIA DOS PASSOS	relações raciais; educação de jovens e adultos; desigualdades raciais.	sim	sim
		Sobre maçãs e sobre mangas: notas de uma pesquisa em diálogo com crianças afro-brasileiras e com a literatura	CLAUDIA ALEXANDRE QUEIROZ/MAILSA CARLA PINTO PASSOS	não	sim	sim
		Limites e perspectivas do contrato comunicacional na prática docente no ensino de História da África e Cultura Afrobrasileira	NATALINO NEVES DA SILVA/MARILZA DE OLIVEIRA SANTOS	Contrato Comunicacional Discursivo; História da África e da cultura afro-brasileira; Práticas discursivas docentes.	sim	sim
		Educação para as relações étnico raciais e a formação de professores: as experiências de intervenção no Mato Grosso do Sul	EUGENIA PORTELA DE SIQUEIRA MARQUES/ WANILDA COELHO SOARES DE MORAES/ HILDETE DA SILVA PEREIRA BOLSON	Formação docente; diversidade étnico-racial; práticas pedagógicas.	sim	sim
		MULHERES NEGRAS E PROFESSORAS NO ENSINO SUPERIOR – AS HISTÓRIAS DE VIDA QUE AS CONSTITUÍRAM	MARIA CLARETH GONÇALVES REIS	professoras negras; identidades; histórias de vida; racismo.	sim	sim
		OS CONCEITOS DE MULTICULTURALISMO E INTERCULTURALIDADE E A RESSIGNIFICAÇÃO DO CURRÍCULO	JOSÉ LICÍNIO BACKES	estudos étnico-raciais; interculturalidade; multiculturalismo	sim	sim
		Participação e aprendizagem na educação da criança indígena	ROGERIO CORREIA DA SILVA	não	sim	sim
		Ações afirmativas e sistema de cotas: um olhar a partir do movimento negro	MARIA APARECIDA SANTOS CORREA BARRETO	Cotas; Ações Afirmativas; Movimento Negro.não	sim	sim

		MULHERES NEGRAS: PROFESSORAS, SIM... TIAS, POR QUE NÃO? ENSAIO DE UM PROCESSO PARA ALÉM DA “DESINVISIBILIZAÇÃO DE EXISTÊNCIAS”.	DULCINEA BENEDICTO PEDRADA	não	sim	sim
	Gênero, Sexualidade e Educação	MULHERES-VISITADORAS, MULHERES- VOLUNTÁRIAS, MULHERES-DA- COMUNIDADE: O CONHECIMENTO COMO ESTRATÉGIA DE DIFERENCIAÇÃO DE SUJEITOS NO PIM	CARIN KLEIN	Maternidade; Gênero; Políticas públicas.	sim	sim
		ESCOLARIZAÇÃO, GÊNERO E VULNERABILIDADE SOCIAL: UMA ABORDAGEM CULTURAL DE NARRATIVAS JUVENIS	SANDRA DOS SANTOS ANDRADE	não	sim	sim
		Adolescentes violentos? Que discurso é esse? Práticas discursivas e constituição do masculino na periferia	ROSALINDA CARNEIRO DE OLIVEIRA RITTI	Masculinidades; Adolescentes violentos; Práticas discursivas.	sim	sim
		SEXUALIDADE E GÊNERO: DISCURSOS DOCENTES MEDIADOS PELO LIVRO PARADIDÁTICO	ANDRÉA COSTA DA SILVA/VERA HELENA FERRAZ DE SIQUEIRA	Literatura escolar; discurso; sexualidade; gênero.	sim	sim
		FAMÍLIA E ESCOLA: A FABRICAÇÃO DA MULHER-MÃE PARCEIRA EM TEMPOS DE GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL	MARIA CLÁUDIA DAL'IGNA	família; escola; governamentalidade; gênero.	sim	sim
		GÊNERO, SEXUALIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. UMA CARTOGRAFIA DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS EM ESCOLAS PARANAENSES	GABRIELA CHICUTA RIBEIRO	não	sim	sim
		Trabalho docente na ótica de estudantes brasileiros(as):das representações sociais às relações sociais de sexo	LÚCIA PINTOR SANTISO VILLAS BÔAS/CLARILZA PRADO DE SOUSA/MARIA ROSA LOMBARDI	estudantes de educação; trabalho docente; relações sociais de sexo; representações sociais; Brasil.	sim	sim
		Sexualidade, Gênero e Diversidade: Currículo e Prática Pedagógica	ALEXANDRE SILVA BORTOLINI DE CASTRO	não	sim	sim
		Percepções docentes sobre a homofobia na escola: entre dissonâncias e continuidades	LIANE KELEN RIZZATO	não	sim	sim
		CORPO E SEXUALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS DE SALA DE AULA	ELENITA PINHEIRO DE QUEIROZ SILVA	não	sim	sim
		O GOVERNAMENTO DA DIVERSIDADE SEXUAL E O DESAFIO DE UMA ÉTICA/ESTÉTICA PÓS-IDENTITÁRIA PARA A TEORIZAÇÃO POLÍTICO-EDUCACIONAL LGBT	JAMIL CABRAL SIERRA	não	sim	sim
		Um bom lugar: constituição de masculinidades juvenis na periferia urbana	JOSÉ GERALDO SOARES DAMICO	não	sim	sim
		NO LABIRINTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL AS FALAS DE EDUCADORAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	CLÁUDIA MARIA RIBEIRO	Gênero; sexualidade; enunciado; educação infantil.	sim	sim
		A Subjetivação da Mãe Naturalista como Modelo: a Maternidade como Efeito das Pedagogias Culturais	KARINA MIRIAN DA CRUZ VALENCA ALVES	não	sim	sim
		A VELHICE ESTRUTURADA NOS VOCÁBULOS: ATIVA E MUSCULAR	MARIA SIMONE VIONE SCHWENGBER	mídia; corpo; gênero. envelhecimento.	sim	sim

		A formação da identidade e o processo de subjetivação de alunos com orientação homossexual	DENIZE DE AGUIAR XAVIER SEPULVEDA	não	sim	sim
		Violência, Traição e Gênero: uma briga de meninas em uma escola privada	PAULO ROGÉRIO DA CONCEIÇÃO NEVES	não	sim	sim
2013	Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos	A gênese do campo das práticas socioeducativas no Brasil: educação popular, educação não formal e pedagogia social	LUÍS ANTONIO GROPPA	práticas socioeducativas, campo social, pedagogia social, educação não formal, educação popular.	sim	sim
		O ENUNCIAR IDENTIDADES NA CONFIGURAÇÃO DE UM MOVIMENTO SOCIAL: REFLEXÕES SOBRE AS TOMADAS DE POSIÇÃO DO HIP HOP	LEANDRO ROGÉRIO PINHEIRO/MÁRCIO DE FREITAS DO AMARAL	Identidades; Campo de ação; Tomadas de Posição; Movimento social; Hip Hop.	sim	sim
		O que pode uma escola? Traços, riscos, sonhos: apostas de um sempre e novo começo.	LUZIANE DE ASSIS RUELA SIQUEIRA	liberdade assistida, sentido, risco.	sim	sim
		MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO DO CAMPO E DIREITO: EM FOCO AS AÇÕES CIVIS PÚBLICAS E AS DECISÕES DO JUDICIÁRIO SOBRE OS CURSOS PARA BENEFICIÁRIOS DA REFORMA AGRÁRIA	MARIA ANTÔNIA DE SOUZA	Movimentos Sociais, Direito, Educação do campo.	sim	sim
		Uma Praia nas alterosas: formas de ser da contestação social juvenil em Belo Horizonte.	IGOR THIAGO MOREIRA OLIVEIRA/JUAREZ TARCÍSIO DAYRELL	não	sim	sim
		POR ENTRE ÁGUAS, CAMPO E FLORESTA – A CONTRIBUIÇÃO DO PRONERA PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DA AMAZÔNIA PARAENSE	SALOMÃO ANTÔNIO MUFARREJ HAGE	Educação do Campo; Políticas Educacionais; Educação na Amazônia; Educação Superior; Movimentos Sociais	sim	sim
		Desempenho e atividade extraescolar: novas desigualdades?	SIMONE GRACE DE PAULA	Ensino Médio; jovens estudantes; tarefas extraescolares; desigualdades escolares.	sim	sim
		Investigando a relação jovens, família e trabalho: aspectos que permeiam a exclusão escolar juvenil no Ensino Médio	LICINIA MARIA CORREA	jovens – exclusão escolar - família - trabalho	sim	sim
	Educação Popular	Educação Popular e o Centro de Formação em Economia Solidária – CFES/sul	TELMO ADAMS	educação popular; economia solidária; pedagogia da autogestão, CFES/Sul.	sim	sim
		PARTICIPAÇÃO POPULAR E ENGAJAMENTO DE PROSTITUTAS NA LUTA POR DIREITOS	FABIANA RODRIGUES DE SOUSA	participação popular – prostitutas – direitos humanos	sim	sim
		PAULO FREIRE EM SISTEMAS PÚBLICOS DE EDUCAÇÃO NO BRASIL PESQUISANDO POLÍTICAS E PRÁTICAS	ANA MARIA SAULPAULO FREIRE	educação popular; Paulo Freire; políticas de currículo	sim	sim
		A Educação Popular e a construção de políticas públicas em educação: entre o personalismo político e a participação cidadã	CARLOS EDUARDO MOREIRA DA SILVA	Educação Popular. Políticas Públicas. Autonomia.	sim	sim

		CURRÍCULO EM CICLOS DE APRENDIZAGEM: UMA PROPOSTA DE ESCOLA PÚBLICA, POPULAR E DEMOCRÁTICA	DENISE REGINA DA COSTA AGUIARO	Escola Pública Popular. Currículo. Paulo Freire.	sim	sim
		Podem os povos do campo constituírem-se produtores coletivos de conhecimento?	RUI GOMES DE MATTOS DE MESQUITA	MST, experiência, alternância, produção de conhecimento	sim	sim
		DA INDIGNAÇÃO AO ENCANTAMENTO: ALGUNS PORQUÊS DA ESCRAVIDÃO E A EDUCAÇÃO POPULAR	TIAGO ZANQUÊTA DE SOUZA/VALERIA OLIVEIRA DE VASCONCELOS	Colonização latino- americana. Escravidão. Educação Popular	sim	sim
		Método e metodologia entre pedagogia popular e feminismo	MARIATERESA MURACA	método, metodologia, contradição entre pesquisador(a) e sujeitos da pesquisa, dialogicidade, convivência itinerante.	sim	sim
		EDUCAÇÃO POPULAR E POLÍTICA CULTURAL: DESAFIOS DO "OUTRO" COMO SUJEITO DA POLÍTICA	ELAINE MONTEIRO	Estado, Sociedade Civil, Educação Popular, Patrimônio Cultural Imaterial.	sim	sim
		VIDA DAS ESCOLAS RURAIS ISOLADAS A UMA ESCOLA ISOLADA DA VIDA RURAL: APRENDIZAGENS DO PROCESSO DE NUCLEAÇÃO EM SANTA ROSA DE LIMA	SIUZETE VANDRESEN BAUMANNDA	Nucleação. Educação do campo. Políticas Públicas	sim	sim
		A história de Brenda - de visitante a usuária do Museu da Maré	HELENA MARIA MARQUES ARAÚJO	espaços educativos não formais - Museu da Maré - memória	sim	sim
		A mulher e a docência: histórias de militância	DILCELENE QUINTANILHA DE RESENDE	Mulher, docência, militância	sim	sim
	Sociologia da Educação	Escritores da Liberdade: O cinema como expressão da violência simbólica	VERALÚCIA PINHEIRO	Cinema. Ideologia. Violência Simbólica.	sim	sim
		Migração rural-urbana, juventude e ensino superior	NADIR ZAGO	juventude rural – migração rural- urbana – ensino superior	sim	sim
		A ATIVIDADE DISCENTE NA UNIVERSIDADE: CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDANTES E IMPACTOS DA PRODUTIVIDADE ACADÊMICA	MAÍSA APARECIDA DE OLIVEIRA/MARIA CRISTINA DA SILVEIRA GALAN FERNANDES	Ensino Superior. Produtividade Acadêmica. Discente.	sim	sim
		ENTRE FALTAS E ESTRELAS: CONTROLE E DISCIPLINA NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORAS	ADRIANE KNOBLAUCH	socialização profissional; professoras iniciantes; habitus; cultura escolar.	sim	sim
		Origem social, escolha do estabelecimento de ensino e desempenho escolar: um estudo com famílias de alunos das redes estadual e municipal de Belo Horizonte	TANIA DE FREITAS RESENDE/MARIA JOSÉ BRAGA VIANA/CLÁUDIO MARQUES MARTINS NOGUEIRA	origem social, desempenho escolar, escola pública, mobilização escolar parental	sim	sim
		"A sorte sorriu para mim": o ensino fundamental em uma escola pública diferenciada	MARIA AMÁLIA DE ALMEIDA CUNHA/MARIA TERESA GONZAGA ALVES	escolha do estabelecimento escolar- relação família-escola	sim	sim
		OS EFEITOS DA POLÍTICA DE AVALIAÇÃO E RESPONSABILIZAÇÃO EDUCACIONAL NA REDE PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO	DIANA GOMES DA SILVA CERDEIRA/ANDREA BAPTISTA DE ALMEIDA	Políticas de Avaliação; Responsabilização Educativa; Gestão Escolar; Corpo Docente.	sim	sim

		Medos e incertezas nas práticas espaciais de crianças na cidade de Curitiba e seus processos de socialização	VALERIA MILENA ROHRICH FERREIRA	cidade, socialização, criança, Curitiba.	sim	sim
		FRACASSO ESCOLAR: EVOLUÇÃO DAS OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS DE ESTUDANTES DE DIFERENTES GRUPOS ÉTNICO-RACIAIS	PAULA LOUZANO/FEUSP	educação básica, fracasso escolar, desigualdades raciais.	sim	sim
		Que princípio de justiça para a educação básica? Uma discussão à luz de abordagens que relacionam justiça e escola	VANDA MENDES RIBEIRO	JUSTIÇA NA ESCOLA; EQUIDADE; EDUCAÇÃO BÁSICA; PRINCÍPIOS DE JUSTIÇA.	sim	sim
		Usos de avaliações em larga escala em âmbito escolar	VANDRÉ GOMES DA SILVA	avaliação de larga escala; avaliação externa; uso de resultados	sim	sim
		RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E DESEMPENHO ESCOLAR: ESTUDO EM DUAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO	ANDREIA MARTINS DE OLIVEIRA SANTO	família-escola, qualidade de ensino, desempenho escolar	sim	sim
		Você está proibida de ler fotonovela: Relações entre as práticas literárias dos estudantes e a escola	PATRÍCIA APARECIDA DO AMPARO	Práticas de leitura; formação de leitores; Cultura.	sim	sim
		Desigualdades socioespaciais e concorrência entre professores por escolas	FREDERICA PADILHA/ HAMILTON HARLEY DE CARVALHO-SILVA/ANTÔNIO AUGUSTO GOMES BATISTA/LUCIANA ALVES/MAURICIO ERNICA	DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS. INTERDEPENDÊNCIA COMPETITIVA.DO CENTES	sim	sim
		As avaliações externas de aprendizagem e o mundo ordinário da escola	RODRIGO PEREIRA DA ROCHA ROSISTOLATO/ ANA PIRES DO PRADO	avaliação educacional, sistemas educacionais, responsabilização, bonificação, cotidiano escolar.	sim	sim
		Da Reificação ao Reconhecimento das Pesquisas Qualitativas em Educação: Uma Compreensão no Giro Hermenêutico da Teoria Crítica	AMARILDO LUIZ TREVISAN	Reificação; intersubjetividade; reconhecimento do outro; pesquisas qualitativas; educação.	sim	sim
		SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL NA SALA DE PROFESSORES: UM RETRATO DO TRABALHO DOCENTE NUM COLÉGIO DE REDE PRIVADA DO SUBÚRBIO CARIOCA	ANGELA CRISTINA FORTES IÓRIO	Trabalho Docente; Socialização Profissional; Sala de Professores.	sim	sim
Educação e Relações Étnico-Raciais		A RELAÇÃO ESCOLA-TERREIRO NA PERSPECTIVA DE FAMÍLIAS CANDOMBLECISTAS	EDUARDO QUINTANA	Candomblé; Relação terreiro-escola; Escolarização; Religião.	sim	sim
		O QUE JÁ DISSERAM A RESPEITO DA DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NO PROGRAMA NACIONAL DE BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE)? UM ESTUDO EM ANDAMENTO	DÉBORA CRISTINA DE ARAUJO	PNBE; literatura infanto-juvenil; diversidade étnico-racial; valorização; pesquisas acadêmicas.	sim	sim
		A CRUZ, O OGÓ E O OXÊ: RELIGIOSIDADES E RACISMO EPISTÊMICO NA EDUCAÇÃO CARIOCA.	LUIZ FERNANDES DE OLIVEIRA/MARCELINO EUZEBIO RODRIGUES	racismo epistêmico, religiosidades, currículo, lei 10.639/03	sim	sim
		A CONSTRUÇÃO DE UM DIÁLOGO INTERCULTURAL COM INDÍGENAS POR MEIO DA PESQUISA-AÇÃO NÃO-CONVENCIONAL	RUTH PAVAN/MARIA CRISTINA LIMA PANIAGO LOPES	Interculturalidade, indígenas, pesquisa-ação	sim	sim

		A (in)visibilidade da juventude negra na EJA percepções do sentimento fora do lugar	NATALINO NEVES DA SILVA	Juventude Negra, EJA e o Sentimento Fora do Lugar	sim	sim
		DO QUILOMBO AO CANAVIAL desafios e perspectivas: para a implementação da Educação Escolar Quilombola numa comunidade do Médio Jequitinhonha	JOSÉ EUSTÁQUIO DE BRITO	Educação Escolar Quilombola; Trabalho; Educação; Relações Raciais.	sim	sim
		EPISTEMOLOGIA DA RESISTÊNCIA QUILOMBOLA EM DIÁLOGO COM CURRÍCULO ESCOLAR	JEANES MARTINS LARCHERT	Quilombo; Resistência; Processos educativos.	sim	sim
		Educação escolar quilombola: diálogos e interfaces entre experiências locais e a institucionalização de uma nova modalidade de educação no Brasil	KALYLA MAROUN/EDILEIA DE CARVALHO SOUZA ALVES/SUELY NORONHA DE OLIVEIRA	educação escolar quilombola; escola quilombola; políticas educacionais	sim	sim
		Educação e Cultura Negra: fortalecimento de identidades e de direitos	LEUNICE MARTINS DE OLIVEIRA	educação, culturas, identidades, educação	sim	sim
		Relações Étnico-raciais e Educação Infantil: ouvindo crianças e adultos	LUCINEIDE NUNES SOARES/SANTUZA AMORIM DA SILVA	Relações étnico- raciais. Educação infantil. Identidade	sim	sim
		OS CIRCUITOS DE TRABALHO INDÍGENA: OS PROFISSIONAIS INDÍGENAS COMO NOVOS SUJEITOS DA GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS	WAGNER ROBERTO DO AMARAL	Educação Superior Indígena; Políticas Afirmativas; Povos Indígenas; Profissionais Indígenas	sim	sim
		RACIALISMO, EUGENIA E EDUCAÇÃO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX	GUSTAVO DA SILVA KERN	Racialismo. Eugenia. Educação	sim	sim
		A didática da dupla consciência e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana	THIAGO DOS SANTOS MOLINA	cosmovisão afro- brasileira; relações étnico-raciais; didática; dupla consciência	sim	sim
		NEGRITUDE E BRANQUIDADE EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA, LÍNGUA PORTUGUESA E EDUCAÇÃO FÍSICA	TANIA MARA PACIFICO/ ROZANA TEIXEIRA	Negritude, branquidade, livro didático, relações raciais.	sim	sim
		A “Constituição” da nação brasileira em disputa: o debate em torno da (in) constitucionalidade das Ações Afirmativas	RODRIGO EDNILSON DE JESUS	não	sim	sim
		DIALOGAR COM A DIFERENÇA: ESCUTA DAS VOZES FAVORÁVEIS E CONTRÁRIAS AS QUOTAS ÉTNICAS	MARCOS ANDRÉ FERREIRA ESTÁCIO	Ensino Superior; Quotas; Indígenas; Favoráveis; Contrários.	sim	sim
		FORMAÇÃO, PESQUISA E PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS/AS PROFESSORES/AS INDÍGENAS EM PERNAMBUCO: ações e desafios no contexto do Pibid Diversidade	JAQUELINE BARBOSA SILVA/FÁTIMA APARECIDA SILVA	Diferença. Educação Escolar Indígena. Prática Pedagógica	sim	sim
		Cotas na Pós-Graduação e a perspectiva de conquistar outros espaços para a produção de conhecimento	KATIA CRISTINA NOROES	Cotas – Ações Afirmativas – Pós Graduação – Grupos de Pesquisa	sim	sim
	Gênero, Sexualidade e Educação	OLHAR DE GÊNERO SOBRE A 'INCLUSÃO SOCIAL'	DAGMAR ELISABETH ESTERMANN MEYER/CARIN KLEINUM	Vulnerabilidade. Gênero. Políticas sociais	sim	sim
		AS IMAGENS e A EDUCAÇÃO GENERIFICADA DOS CORPOS	MARIA SIMONE VIONE SCHWENGBER	mídia, corpos, gênero, escola	sim	sim

		“Todo dia eu penso: Meu Deus, onde foi que eu errei?”: Os desafios de ser mãe na periferia	ROSALINDA CARNEIRO DE OLIVEIRA RITTI	Mães de periferia. Discursos e representações. Subjetivação.	sim	sim
		TRAJETÓRIAS NA DOCÊNCIA: PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	MARIANA KUBILIUS MONTEIRO/ HELENA ALTMANN	trajetória profissional; relações de gênero; professor homem; educação infantil.	sim	sim
		Escritas-narrativas de estudantes problematizando relações de gênero e sexualidades	RONEY POLATO DE CASTRO	formação docente – subjetivação – experiência – relações de gênero e sexualidades – educação.	sim	sim
		Homossexualidade, medicina e educação: a construção de uma pedagogia dos manuais médicos.	JACKSON RONIE SÁ DA SILVA/ EDLA EGGERT	Homossexualidade – medicina – educação – metodologia.	sim	sim
		DOCÊNCIA, TRANSEXUALIDADES E TRAVESTITILIDADES: A EMERGÊNCIA DA REDE TRANS EDUC BRASIL	MARCO ANTONIO TORRES	Professoras, Travestis, Transsexuais, Escola, Transfobia	sim	sim
		SEXUALIDADES JUVENIS E DIAGNÓSTICO SOROPOSITIVO: A AIDS COMO PROCESSO DE (DES)APRENDIZAGENS	JEANE FÉLIX DA SILVA	Juventudes; Soropositividades; Sexualidades; (Des)aprendizagens; Revelação de Diagnóstico.	sim	sim
		"APOIOS OU AGACHAMENTOS?": A NORMALIZAÇÃO DO GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	PRISCILA GOMES DORNELLES	Educação Física escolar; gênero; norma; heteronormatividade.	sim	sim
		JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS E ALGUNS DE SEUS MARCADORES IDENTITÁRIOS: HISTÓRIAS NARRADAS	SANDRA DOS SANTOS ANDRADE	Juventude. Estudos Culturais e de Gênero. Marcadores identitários. Experiência de si. Moratória social.	sim	sim
		FEMINILIDADE EM DISCURSO:MÍDIAS MUSICAIS CONTEMPORÂNEAS PRODUZINDO MODOS DE SER JOVEM E MULHER	JULIANA RIBEIRO DE VARGAS/ MARIA LUISA MERINO DE FREITAS XAVIERA	Gênero - Estudos Culturais -Discurso	sim	sim
		GILDA E A VIDA QUEERIZADA	JAMIL CABRAL SIERRA	Estética da Existência. Atitude Queer. Atitude Clínica. Vida Vivível.	sim	sim
		A ESCOLA COMO EMPREENDIMENTO BIOPOLÍTICO DE GOVERNO DOS CORPOS E SUBJETIVIDADES TRANSEXUAIS	DAYANA BRUNETTO CARLIN DOS SANTOS	sexualidade; transexualidade; escola; governo; controle; normalidade/patologização.	sim	sim
		PROFESSORAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS BRASILEIRAS E SEU PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: CAMINHOS PERCORRIDOS E OBSTÁCULOS ENFRENTADOS	NEIL FRANCO PEREIRA DE ALMEIDA/ GRAÇA APARECIDA CICILLINI	Professoras trans, escola, teoria queer.	sim	sim
		Jovens gay na zona rural: a dobra como processos de subjetivação	EMERSON MARTINS/ROGÉRIO MACHADO ROSA	Dobra; Juventude; Homossexualidade; Processos de subjetivação; Zona rural.	sim	sim
		Análise de Livros Didáticos de Língua Portuguesa na perspectiva da ideologia de gênero	NEIDE CARDOSO DE MOURA	gênero; escola; ideologia; livro didático	sim	sim
		Modos de ver, sentir, e questionar: a presença do gênero e da sexualidade no curso de Pedagogia	TAISA DE SOUSA FERREIRA	Gênero; Sexualidade; Currículo; Pedagogia.	sim	sim

2015	Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos	O jovem educando e o jovem voluntário, segundo gestores de práticas socioeducativas em dois municípios da Região Metropolitana de Campinas-SP	LUÍS ANTONIO GROPPPO	juventude, práticas socioeducativas, voluntariado, protagonismo juvenil.	sim	sim
		CURSO PEDAGOGIA DA TERRA: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO CAMPO NA BAHIA	FÁBIO DANTAS DE SOUZA SILVA	Movimentos Sociais – Educadores do Campo – Formação – Pedagogia da Terra.	sim	sim
		IDENTIDADES E INDIVIDUAÇÃO NA PRÁTICA DO BREAK: NARRATIVA SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE JOVENS DO RESTINGA CREW	LEANDRO ROGÉRIO PINHEIRO	Identities; Indivuação; Juventudes; Break; Hip Hop.	sim	sim
		SABENÇAS NA COMUNIDADE TRADICIONAL DE FECHO DE PASTO MUCAMBO, ANTÔNIO GONÇALVES (BA)	IZABEL DANTAS DE MENEZES	Educação; Sabenças; Comunidade Tradicional de Fecho de Pasto.	sim	sim
		Trajetórias de mulheres da Educação de Jovens e Adultos em um assentamento de reforma agrária: entre a luta pela terra e pela leitura da palavra	JOSE EUSTÁQUIO DE BRITO/VÂNIA APARECIDA COSTA/EVELY CRISTINE PEREIRA DE AQUINO	MST; EJA do Campo; Mulheres	sim	sim
		A EDUCAÇÃO NA PAUTA DE LUTAS DA FETRAF-SUL/CUT	CELSO FRANCISCO TONDIN	Movimentos sociais. Educação do Campo. Processos educativos	sim	sim
		TRANSVERSALIDADE NOS MODOS DE SOCIALIZAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO: UMA JOVEM NEGRA EM MOVIMENTO	JULIANA BATISTA DOS REIS/JUAREZ TARCÍSIO DAYRELL	socialização, individuação, juventude	sim	sim
		Movimento de Educação do Campo na Amazônia Paraense: Ações e reflexões que articulam protagonismo, precarização e regulação	SALOMÃO ANTÔNIO MUFARREJ HAGE/CARLOS RENILTON FREITAS CRUZ	Educação do Campo, Escola Pública, Movimentos Sociais, Políticas Educacionais, Educação na Amazônia.	sim	sim
		O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) no contexto do Estado democrático de direito: movimentos sociais e gestão participativa	DAISE FERREIRA DINIZ	PRONERA, Educação do Campo, Gestão Participativa, Movimentos Sociais	sim	sim
		ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, EDUCAÇÃO DO CAMPO E ESCOLA PÚBLICA: A REALIDADE DA REGIÃO SUL DO BRASIL	MARIA ANTÔNIA DE SOUZA/SONIA APARECIDA BRANCO BELTRAME/CONCEIÇÃO PALUDO	IDEB. Escola pública. Educação do Campo. Movimentos Sociais	sim	sim
		INICIATIVAS POPULARES: O MOVIMENTO COMUNITÁRIO E A EDUCAÇÃO INFANTIL NA BAIXADA FLUMINENSE	EDSON CORDEIRO DOS SANTOS	Movimento Comunitário, Educação Infantil Comunitária, Baixada Fluminense.	sim	sim
		EDUCAÇÃO INTEGRAL, JOVENS- ADOLESCENTES E A DIMENSÃO DO ENCONTRO: O ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS SIGNIFICATIVAS NO AMBIENTE ESCOLAR	BÁRBARA BRUNA MOREIRA RAMALHO	Educação Integral; Jovens- Adolescentes; Escola; Juventude	sim	sim
		Possibilidades de compreensão da transição para a vida adulta na atualidade	NÁDIA MACIEL FALCÃO	Transição; Família; Autonomia; Independência.	sim	sim
		Jovens mobilizadores culturais na cidade de Feira de Santana-BA: uma micropolítica das margens	DENISE HELENA PEREIRA LARANJEIRA/MIRELA FIGUEIREDO SANTOS IRIART	Culturas juvenis; fronteiras urbanas, sociabilidades; educação via arte.	sim	sim
		TRAJETÓRIAS JUVENIS DE MULHERES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE E EXPERIÊNCIAS ESCOLARES: OS SENTIDOS PRODUZIDOS NOS ENCONTROS E DESENCONTROS COM A	POLLYANA DOS SANTOS	Trajetórias de vida; Juventudes; Sentidos de Experiências Escolares.	sim	sim

		ESCOLA				
		EXPERIÊNCIAS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE JOVENS E SENTIDOS ATRIBUÍDOS ÀS SUAS VIDAS	MAURÍCIO PERONDI	Juventudes. Culturas juvenis. Participação social. Narrativas de jovens.	sim	sim
		AS MULHERES DA VIA CAMPESINA: PROCESSOS EDUCATIVOS E ORGANIZATIVOS NO BRASIL E CHILE	SONIA FATIMA SCHWENDLER	Via Campesina, movimento social, mulheres, educação, gênero.	sim	sim
		NO ESPELHO DO RIO O QUE REFLETE E O QUE "SOME"? O SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO MODULAR DE ENSINO – "SOME" – SOB O OLHAR DE JOVENS EGRESSOS NO MUNICÍPIO DE BREVES – PARÁ	JOÃO MARCELINO PANTOJA RODRIGUES	Sistema de Organização Modular de Ensino; Juventude do Campo; Educação do Campo; Ensino Médio.	sim	sim
		EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA: DIÁLOGOS EM CONSTRUÇÃO	LOURDES HELENA SILVA/ÉLIDA LOPES MIRANDA	Educação do Campo; Agroecologia; Intercâmbios Agroecológicos.	sim	sim
		O DITO E O NÃO DITO DA FORMAÇÃO INICIAL DOS MONITORES DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS: DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO AOS PROTAGONISTAS	SANDRA REGINA MAGALHÃES DE ARAÚJO	Formação Inicial – Escolas Famílias Agrícolas – Educação do Campo.	sim	sim
		VIVÊNCIAS DA PEDAGOGIA DO MOVIMENTO EM ESCOLAS DE ASSENTAMENTOS – MST/ES	DALVA MENDES DE FRANÇA	Educação do Campo; Pedagogia do MST/Escola; Transformação Social	sim	sim
Educação popular		Educação como política pública: análise crítica	PAULO ALFREDO SCHÖNARDE	Educação popular; Política pública; Riscos; Possibilidades.	sim	sim
		PERCEPÇÕES E PROCESSOS EDUCATIVOS DECORRENTES DA PRÁTICA DA EXTENSÃO POPULAR	TIAGO ZANQUÊTA DE SOUZA	Práticas Sociais. Processos Educativos. Extensão Universitária.	sim	sim
		Metodologias participativas de pesquisa e educação popular: reflexões sobre critérios de qualidade	DANILO ROMEU STRECK	educação popular; pesquisa em educação; qualidade da pesquisa; metodologias participativas; relevância social.	sim	sim
		A PERIFERIA DAS PERIFERIAS E O NÃO-LUGAR ESCOLAR: UM ESTUDO DO TIPO ETNOGRÁFICO	GELSA KNIJNIK/MARIA CRISTINA SCHEFER	Educação Popular. Cotidiano escolar. Periferia das periferias. Não-lugar escolar.	sim	sim
		ENSINAR E APRENDER SOB O OLHAR DE ALUNOS DA EJA: MEDIAÇÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR	VALERIA OLIVEIRA DE VASCONCELOS/KEILA MOURANA MARQUES SILVA	processos Educativos. EJA I. Educação Popular.	sim	sim
		HORIZONTES DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR: PROBLEMATIZANDO O CONCEITO DE CIDADÃO	SANDRO DE CASTRO PITANO	educação popular; cidadão; educação escolar; democracia; formação	sim	sim
		Educação e Envelhecimento: Viver- Morar em Abrigo	REJANE SALAZAR COSTA	Processos Educativos. Envelhecimento. Instituição de Longa Permanência para	sim	sim

				Idosos.		
		Educação popular e cuidado à saúde no campo: situações limites e a construção de inéditos viáveis por mulheres camponesas	IRAÍ MARIA DE CAMPOS TEIXEIRA	Processos educativos. Cuidado. Mulheres camponesas	sim	sim
		A SORORIDADE COMO EXPERIÊNCIA PRODUZIDA NA PESQUISA PARTICIPANTE	MÁRCIA REGINA BECKER	Artesãs; Grupos de Discussão; Método Documentário; Pesquisa Participante; Sororidade.	sim	sim
		MOVIMENTOS SOCIAIS E A LUTA POR CRECHES NO RIO DE JANEIRO: A EXPERIÊNCIA DAS CRECHES COMUNITÁRIAS EM SÃO GONÇALO	MARIA TEREZA GOUDARD TAVARES	Movimentos sociais urbanos; Creches comunitárias; Direito à educação Infantil; Poder local.	sim	sim
		CÍRCULOS DE CULTURA E ASSOCIAÇÕES DE PROSTITUTAS: APRENDENDO A DIZER SUA PALAVRA	FABIANA RODRIGUES DE SOUSA	Prostitutas. Círculo de cultura. Confiança. Autonomia.	sim	sim
		Educação Popular na Pedagogia Hospitalar Práticas e Saberes em Construção	ERCÍLIA MARIA ANGELI TEIXEIRA DE PAULA	Educação Popular, Pedagogia Hospitalar, Práticas Educativas.	sim	sim
		“A FAVOR DE QUEM, CONTRA QUEM?”: O REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO DA EDUCAÇÃO POPULAR COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA E LUTA DA POPULAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO CARLOS/SP	SARA FERREIRA DE ALMEIDA	Educação Popular, Processos Educativos, Viver na Rua, População de Rua	sim	sim
		EDUCAÇÃO POPULAR E PATRIMÔNIO CULTURAL – A COMPLEXIDADE ENTRE MUSEU, ESCOLA E COMUNIDADE	ELIZABETE TAMANINI	Educação Popular – Patrimônio Cultural – Museu - Comunidade	sim	sim
		ATUALIDADE DO CONCEITO DE CONSCIENTIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO POPULAR COM BASE EM PAULO FREIRE E JOÃO BOSCO PINTO	TELMO ADAMS	Conscientização; Paulo Freire; João Bosco Pinto; Pesquisa Participante; Pesquisa-Ação; Formação em Economia Solidária.	sim	sim
		A FORMAÇÃO DOCENTE NO COTIDIANO DA CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER	FERNANDA MAYARA SALES DE AQUINO	Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler. Formação docente. Memória. Narrativa.	sim	sim
		HÁ PERSPECTIVAS POTENCIALIZADORAS DE UMA EDUCAÇÃO POPULAR MERLEAUFREIREANA?	MARIA APARECIDA REZENDE/LUIZ AUGUSTO PASSOS	Educação popular. Ecologia de saberes. Fenomenologia merleaufreireana.	sim	sim
		LOS ESCENARIOS DE LA EDUCACIÓN POPULAR EN CONTEXTOS RURALES: UN CONCEPTO EMERGENTE	CARMEM ELISA CANTILLO GARCIA	Escenario en Educación. Saber en Contexto, Intervención Socioeducativa, Totalidad Dinámica, Discursivo- Crítico.	sim	sim
	Sociologia da Educação	Lavar a louça ou brincar na rua? Gênero, família e escola em camadas populares de São Paulo	ADRIANO SOUZA SENKEVICS	Desempenho escolar, masculinidades, socialização familiar.	sim	sim

		PERFIS SOCIAIS: A GÊNESE DA DISPOSIÇÃO LEITORA DE AGRICULTORES	LISIANE SIAS MANKE	Práticas de leitura – leitores rurais - sociologia à escala individual.	sim	sim
		SOBRE O “PRIVILÉGIO DOS PRIMOGÊNITOS” E AS DIFERENÇAS NAS TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS DE IRMÃOS	EDUARDO VILAR BONALDI	socialização, família, trajetórias educacionais, juventude, camadas populares.	sim	sim
		DE QUE GERAÇÃO ESTAMOS FALANDO? NARRATIVAS ACADÊMICAS PRODUZINDO CRIANÇAS E JOVENS DIGITAIS	SANDRO FACCIN BORTOLAZZO	geração – tecnologias digitais – crianças – jovens.	sim	sim
		PRÁTICA DOCENTE SOB PRESSÃO? Ações e percepções de professores sobre a política de responsabilização na rede municipal do Rio de Janeiro	CAROLINA PORTELA DA CUNHA	política de responsabilização; práticas docentes.	sim	sim
		EDUCAÇÃO (EM TEMPO) INTEGRAL E INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INFÂNCIA	LEVINDO DINIZ CARVALHO	Educação Integral, Crianças, Infâncias.	sim	sim
		Expectativas e projetos de continuidade dos estudos de alunos do ensino médio de uma escola pública estadual	MARIA JOSÉ BRAGA VIANA/ FLAVIA PEREIRA XAVIER	projetos de continuidade dos estudos, ensino médio, escola pública.	sim	sim
		EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR: PROBLEMATIZANDO O ACESSO E A PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES EM UMA NOVA UNIVERSIDADE FEDERAL	NADIR ZAGO/LEA PINHEIRO PAIXÃO/THIAGO INGRASSIA PEREIRA	ensino superior, expansão e interiorização, evasão.	sim	sim
		A religiosidade na prática docente	GABRIELA ABUHAB VALENTE	religiosidade, escola pública, Brasil, laicidade.	sim	sim
		CONFIGURAÇÃO DO OFÍCIO DE ALUNO: MENINOS E MENINAS NA ESCOLA	FÁBIO HOFFMANN PEREIRA	Gênero; Sociologia da infância; Configuração; Desempenho escolar; Fracasso Escolar.	sim	sim
		Rebelia Juvenil como cultura escolar: a ideologia subjacente à novela Rebelde	MARIA ZÉLIA BORBA ROCHA/THAIS ANTONOFF DOS SANTOS	não	sim	sim
		JUVENTUDE E REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DE PERCURSOS ESCOLARES INTERROMPIDOS	VANESSA PETRÓ	juventude, redes sociais, descontinuidade escolar	sim	sim
		TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NO BRASIL (1997-2011): UM ESTADO DO CONHECIMENTO	MARIA ALICE DE LIMA GOMES NOGUEIRA	relação família-escola; estado do conhecimento	sim	sim
		RELIGIÃO E FORMAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS TOLERANTE	ADRIANE KNOBLAUCH	Habitus; formação docente; religião; gênero.	sim	sim
		GESTÃO ESCOLAR, LIDERANÇA DO DIRETOR E RESULTADOS EDUCACIONAIS NO BRASIL	CYNTHIA PAES DE CARVALHO/ANA CRISTINA PRADO DE OLIVEIRA	Gestão Escolar – Liderança - Direção - Prova Brasil	sim	sim
		“AQUI EM CASA A EDUCAÇÃO É MUITO BEM-VINDA”: OS SENTIDOS DO ENSINO SUPERIOR PARA UNIVERSITÁRIOS BOLSISTAS	ANA KARINA BROCCO	Ensino superior. Bolsa de estudo. Democratização. Universidade Comunitária.	sim	sim
		RELAÇÕES ENTRE SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL, PERCEPÇÕES DOCENTES E PRÁTICAS INTRAESCOLARES.	MARIANE CAMPELO KOSLINSKI/REGINA LUCIA FERNANDES DE ALBUQUERQUE	segregação residencial, percepções e expectativas docentes, práticas intraescolares.	sim	sim

		ESCOLHA DA ESCOLA PELA FAMÍLIA E ESTRUTURA DE OPORTUNIDADES NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO RIO DE JANEIRO: uma análise das características das escolas	ANA LORENA DE OLIVEIRA BRUEL	educação; distribuição de oportunidades educacionais; segmentação escolar; escolha da escola pela família.	sim	sim
		O que aprende o aluno que repete? Uma análise sobre o efeito da repetência nos anos iniciais do Ensino Fundamental	TUFI MACHADO SOARES/ALICIA BONAMINO/ ERISSON VIANA CORREA	Repetência; Desempenho em Leitura e Matemática; Pesquisa Longitudinal; Efeito Repetência	sim	sim
		DEVER DE CASA E RELAÇÃO COM AS FAMÍLIAS EM PROJETOS DE AMPLIAÇÃO DA JORNADA ESCOLAR	TANIA DE FREITAS RESENDE/ROBERTA ALVES DE OLIVEIRA/ LAÍS DA SILVA REIS/ TEREZA CRISTINA STARLING DE SOUZA	dever de casa, tempo integral, família, escola.	sim	sim
		REDE PÚBLICA OU PRIVADA? MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DE ESCOLA POR FAMÍLIAS DE CAMADAS POPULARES E NOVA CLASSE MÉDIA	MARLUCE SOUZA DE ANDRADE	escolha de escola; escolarização da camada popular e da nova classe média; escola pública e privada.	sim	sim
Educação e Relações Étnico-Raciais		IDENTIFICAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE PESQUEIRA/PE	MARIA DA PENHA DA SILVA	identificação étnico-racial; professoras; estudantes	sim	sim
		OS FILHOS DO DIA E DA NOITE: INTERAÇÕES E EMBATES ESTÉTICOS E IDEOLÓGICOS NA OBRA POÉTICA DE OSWALDO DE CAMARGO	ÉRICA LUCIANA DE SOUZA SILVA	literatura afro-brasileira, engajamento, cânone, poesia, estranho.	sim	sim
		A PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE IMAGEM DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO-ESTADO DO CONHECIMENTO (2003 – 2013)	TÂNIA MARA PEDROSO MÜLLER	Livro Didático – Imagem – Negro – Estado do Conhecimento – Teses e Dissertações.	sim	sim
		Tensionando os números: o Ensino Fundamental está mesmo universalizado para crianças e adolescentes negros?	HUSTANA MARIA VARGAS/ ELIANA DE OLIVEIRA TEIXEIRA	Universalização, Ensino fundamental, relações étnico-raciais, infância.	sim	sim
		O ENRAIZAMENTO INSTITUCIONAL DA LEI Nº. 10.639/2003 NA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA	LAURA FERNANDA RODRIGUES DA ROCHA	Lei nº. 10.639/2003. Educação profissional e tecnológica. PDI.	sim	sim
		A POLÍTICA CURRICULAR PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AS AÇÕES AFIRMATIVAS NO ENSINO SUPERIOR	JOANA CÉLIA DOS PASSOS/ TATIANE COSENTINO RODRIGUES	ações afirmativas, ensino superior, currículo, relações étnico-raciais.	sim	sim
		POLÍTICA AFIRMATIVA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA: AS COTAS RACIAIS COMO INTERFERÊNCIA NO ESPAÇO DE PODER UNIVERSITÁRIO NA PERSPECTIVA DE DOCENTES DA MEDICINA	MARÍLIA MOROSINI/FERNANDA NOGUEIRA	Educação Superior. Políticas Afirmativas. Cotas Raciais. Medicina. Universidade Federal	sim	sim
		RELAÇÕES RACIAIS ENTRE CRIANÇAS NA CIDADE DE SÃO PAULO: AS PESQUISAS DO PROJETO UNESCO	ANA CRISTINA JUVENAL DA CRUZ	Relações étnico-raciais, Projeto UNESCO, infância, criança	sim	sim
		COMBATE À DESIGUALDADE? ANÁLISE SOCIOECONÔMICA E ÉTNICO-RACIAL DE UM PROGRAMA DE AÇÃO AFIRMATIVA NO ENSINO SUPERIOR	DÉBORA CRISTINA PIOTTO/MARCIO MUCEDULA AGUIAR	ações afirmativas; cotas; estudantes negros.	sim	sim

		O NOVO PNE E A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: URGÊNCIAS PARA O CURRÍCULO DE FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE	LUIZ FERNANDEZ DE OLIVEIRA/FABIANA FERREIRA DE LIMA	currículo; Lei 10.639/03; formação inicial docente.	sim	sim
		A EMERGÊNCIA DO DISCURSO DAS COTAS RACIAIS DO ENSINO SUPERIOR: UMA VERSÃO HISTORIOGRÁFICA NÃO-CONVENCIONAL A PARTIR DAS EPISTEMES DE FOUCAULT	MARITZA MACIEL CASTRILLON MALDONADO/ERICA SILVA ROCHA	cotas raciais, educação superior, episteme, arqueologia, genealogia.	sim	sim
		CONSTRUÇÃO DE CONCEPÇÕES ÉTNICO-RACIAIS AFRICANAS EM SALA DE AULA	ELIANE GIACHETTO SARAVALI/ELIZÂNGELA ÁREAS FERREIRA DE ALMEIDA	Construções Étnicas; Intervenção Pedagógica, Literatura	sim	sim
		EDUCOMUNICAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	LEUNICE MARTINS DE OLIVEIRA	educação, comunicação, educocomunicação, afrodescendentes.	sim	sim
		Cenas do preconceito racial: aproximações do cotidiano com a educação	MÔNICA ANDRÉA OLIVEIRA ALMEIDA/MÔNICA ROMITELLI DE QUEIROZ	preconceito racial, cotidiano, mídia, educação intercultural.	sim	sim
		O Que "Dizem" as Crianças no Contexto das Políticas de Ações Afirmativas?	SIMONE VANZUITA	educação infantil, relações étnico-raciais, lei 10639/03	sim	sim
		A (IN)VISIBILIDADE E A (DES)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO	LEIVA DE FIGUEIREDO VIANA LEAL/MARILZA DE OLIVEIRA SANTOS	não	sim	sim
		OS DISCURSOS SOBRE AÇÃO AFIRMATIVA DAS REVISTAS VEJA E ISTO É: O QUE MUDOU ENTRE 1995 E 2013?	SANDRA REGINA SALES/GUSTAVO E. FISCHMAN	Mídia impressa – Revista Veja – Revista Isto É – Ensino Superior – Ação Afirmativa – cotas	sim	sim
		O Imaginário do Leitor: Exercício de Leitura com Alunas/os de Escola Pública	ANDRÉIA LISBOA DE SOUSA	Imaginário do leitor, Livros infantojuvenis, Etnocentrismo, Padrões de beleza	sim	sim
		OS "INTRUSOS" E OS "OUTROS" OXIGENANDO A UNIVERSIDADE: POR UMA RELAÇÃO ARTICULADA ENTRE RAÇA E CLASSE NAS AÇÕES AFIRMATIVAS	SÉRGIO PEREIRA DOS SANTOS	Racismo. Ação Afirmativa. Ensino Superior.	sim	sim
		O ensino médio como um filtro para o acesso ao ensino superior: as desigualdades por região e cor/raça	FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS – AMELIA CRISTINA ABREU ARTES	ensino superior, ensino médio, relações raciais, distribuição regional, indicadores educacionais.	sim	sim
		UM ENSAIO TEÓRICO SOBRE IGUALDADE E DIFERENÇA NO ENSINO SUPERIOR: Contribuições ao debate sobre as políticas de ação afirmativa no Brasil (2002-2012)	PAULO ALBERTO DOS SANTOS VIEIRA	ação afirmativa, igualdade, diferença, ensino superior, Brasil.	sim	sim
		OS CANDIDATOS APROVADOS PELO REGIME DE COTAS RACIAIS E OS CONFLITOS SOBRE A IDENTIDADE NEGRA NA BANCA AVALIADORA DE FENÓTIPO	EUGENIA PORTELA DE SIQUEIRA MARQUES/IRENÉ APARECIDA MOREIRA BRITO	Educação Superior. Banca avaliadora de fenótipo. Identidade Negra.	sim	sim
		COTIDIANO ESCOLAR/(RE)TRATO SOCIAL: CURRICULANDO AS RELAÇÕES RACIAIS	SANDRA MARIA MACHADO	Formação de Professores. Diversidade étnicorracial. Diferença. Racismo.	sim	sim
	Excedente: 1	A LEI Nº 10.639/2003 NAS ESCOLAS PERNAMBUCANAS: POLÍTICAS E PRÁTICAS CURRICULARES PARA SUA IMPLEMENTAÇÃO	AUXILIADORA MARIA MARTINS DA SILVA/MARIA DA CONCEIÇÃO DOS REIS	Lei nº 10.639/2003; Políticas e Práticas Curriculares; Educação das Relações Étnico-Raciais.	sim	sim

	Excedente: 2	O DEBATE SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NO GT21 DA ANPED (2004-2013)	CLAUDIA VALENTINA ASSUMPÇÃO GALIAN/VERÔNICA MORAES FERREIRA	Relações étnico-raciais; Formação inicial de professores; Anped	sim	sim
	Excedente: 3	O OLHAR DOCENTE SOBRE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: FIOS E TRAMAS DO IMAGINÁRIO SOCIAL DE PROFESSORES EM BELÉM DO PARÁ.	ILKA JOSEANE PINHEIRO OLIVEIRA/GISELE NASCIMENTO BARROSO	imaginário docente, relações étnico raciais, Lei 10.639/03.	sim	sim
	Excedente: 4	Professores Sateré-Mawé e materiais pedagógicos na luta por uma educação específica e diferenciada	VALERIA AUGUSTA CERQUEIRA DE MEDEIROS WEIGEL/MÁRCIA JOSANNE DE OLIVEIRA LIRA/ THELMA L. C. MARREIRO	Materiais pedagógicos. Mediação do conhecimento. Sateré-Mawé.	sim	sim
	Excedente: 5	a- A Educação Física e os limites para o trabalho com a questão étnico racial na rede municipal de ensino de Porto Alegre	GABRIELA NOBRE BINS	Educação física, relações étnico raciais, escola.	sim	sim
	Excedente: 6	A QUESTÃO MULTICULTURAL E O PARADIGMA DA PÓS-MODERNIDADE: UMA DISCUSSÃO EDUCACIONAL PELA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA	PÂMELA PAULA SOUZA NERI	Alteridade; filosofia da linguagem; o paradigma da pós-modernidade; variação Linguística	sim	sim
Gênero, Sexualidade e Educação		O campo do gênero na ANPED. Hipóteses em construção	Márcia Ondina Ferreira	gêneor; sexualidades; produção científica; ANPED; grupos de pesquisas	sim	sim
		Formação docente, experiência religiosa e sexualidades: problematizações	RONEY POLATO DE CASTRO	formação docente – sexualidades – experiência religiosa.	sim	sim
		OS MEUS FILHOS E OS DELES: OS FILHOS DA ESPERANÇA	MARIA SIMONE VIONE SCHWENGBER	Meninas-mulheres. Pobreza. Maternidade	sim	sim
		Praticando a prostituição: aprendizagens e mudanças	MARINA VEIGA FRANCA	aprendizagem – prostituição – práticas sociais – habilidades relacionais.	sim	sim
		Gênero e Educação: a formação em Economia Doméstica	NILCE VIEIRA CAMPOS FERREIRA	Educação das mulheres. Instituições escolares. Ensino profissionalizante.	sim	sim
		O PIBID COMO ESPAÇO FORMATIVO DE DESARRANJOS, REINVENÇÕES E PLURALIZAÇÕES DOS GÊNEROS E DAS SEXUALIDADES	MARCOS LOPES DE SOUZA	formação docente, gêneros, sexualidades, educação infantil	sim	sim
		Origens e desafios dos núcleos de estudos de gênero na educação superior no Norte e Nordeste do Brasil	MARIA EULINA PESSOA DE CARVALHO/MAYANNE JÚLIA TOMAZ FREITAS/KARINA INGREDY LEITE DA SILVA	núcleos de estudos de gênero, educação superior, acadêmicas feministas, REDOR.	sim	sim
		Gênero e educação superior: um estudo sobre as mulheres na Física	ÉRICA JAQUELINE SOARES PINTO/VALQUIRIA GILA DE AMORIM	Gênero. Mulheres. Física. Educação Superior	sim	sim
		SEXTING: UMA PRÁTICA DE VISIBILIDADE	PAULA REGINA COSTA RIBEIRO/SUZANA DA CONCEIÇÃO DE BARROS	Sexting. Sexualidade. Tecnologias digitais.	sim	sim
		A gentrificação do queer e as intensificações do biopoder	DENISE PORTINARI	Queer, gentrificação, biopoder	sim	sim
		CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE DE GÊNERO NA PRIMEIRA INFÂNCIA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E DO RCNEI	FRANCISCA JOCINEIDE DA COSTA E SILVA	Gênero. Identidade. Educação Infantil. RCNEI. ANPED	sim	sim

		GÊNERO E PODER NO CARÁTER PEDAGÓGICO DAS VIDAS PARALELAS: O EXEMPLO DE CLEÓPATRA E OTÁVIO	GREGORY DA SILVA BALTHAZAR	Plutarco; Gênero; Poder; Educação; Moral.	sim	sim
		Gênero e Currículo: Uma análise desta (des)articulação na Formação Inicial de Docentes	MARIA CLÁUDIA DAL'IGNA/ÉDERSON DA CRUZ	Currículo. Gênero. Teoria. Prática	sim	sim
		LGBTFobia NA ESCOLA: RELATOS DE GAROTAS LÉSBICAS, HOMOSSEXUAIS OU BISSEXUAIS	MARIA CRISTINA CAVALEIRO/CLÁUDIA PEREIRA VIANNA	educação; gênero; LGBTFobia; escola	sim	sim
		CORPOS E SUBJETIVIDADES TRANS* NA ESCOLA E NOS MOVIMENTOS SOCIAIS: A REINVENÇÃO DAS TENTATIVAS DE CAPTURA POR MEIO DAS NORMATIVAS OFICIAIS	DAYANA BRUNETTO CARLIN DOS SANTOS	corpos e subjetividades trans*; escola; governamentalidade; biopolítica; resistência	sim	sim
		PESQUISAS SOBRE GÊNERO E SINDICALISMO DOCENTE: O QUE DIZEM A RESPEITO DA PARTICIPAÇÃO SINDICAL DAS MULHERES?	MÁRCIA CRISTIANE VOLZ KLUMB CORONEL	Mulheres. Gênero. Sindicalismo Docente	sim	sim
		TÁ DOIDONA: A JUVENTUDE COMO ESPAÇO DE PERMISSIVIDADES E EXPERIMENTAÇÕES	JULIANA RIBEIRO DE VARGAS/MARIA LUISA MERINO DE FREITAS XAVIER	Gênero - Estudos Culturais - Discurso - Subjetividades.	sim	sim
		DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE E PSIQUIATRIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: NOTAS FARMACOBIOPOLÍTICAS SOBRE O CORPO	JUSLAINE DE FÁTIMA ABREU NOGUEIRA	discurso pedagógico; psiquiatrização; dispositivo da sexualidade; biopolítica neoliberal	sim	sim
		PEDAGOGIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM ARTEFATOS CULTURAIS: REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIMENTAÇÃO	GABRIELA GARCIA SEVILLA	Pedagogias de gênero e sexualidade. Pós-estruturalismo. Estudos queer. Transgeneridade.	sim	sim
		RELAÇÕES DE GÊNERO, TECNOLOGIA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE MULHERES NO SEGMENTO DE MINERAÇÃO	RAQUEL QUIRINO GONÇALVES	Relações de gênero; Educação Profissional; Divisão sexual do trabalho.	sim	sim
		DISCURSOS DE BOLSISTAS DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA SOBRE SEXUALIDADE	ELENITA PINHEIRO DE QUEIROZ SILVA/FÁTIMA LUCIA DEZOPA PARREIRA	Sexualidade, PIBID, Ciências.	sim	sim
		IGUALDADE OU HETERONORMATIVIDADE? jovens mulheres comunicando sentidos, formando significados	LUCÉLIA DE MORAES BRAGA BASSALO	não	sim	sim
		DIÁLOGOS SOBRE HOMOFobia COM JOVENS DE ENSINO MÉDIO: UMA PESQUISA COM GRUPO FOCAL	RAQUEL ALEXANDRE PINHO DOS SANTOS	Sexualidade; Homofobia; Grupo Focal; Dilema moral; Alteridade	sim	sim
	Excedente: 1	UNIVERSO TRANS E EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO UMA ÁREA DE CONHECIMENTO	GRAÇA APARECIDA CICILLINI/NEIL FRANCO PEREIRA DE ALMEIDA	Travestis. Transexuais. Transgêneros. Educação.	sim	sim
	Excedente: 2	Biopolítica dos corpos saudáveis: práticas disciplinares de prevenção da AIDS em livros didáticos de Ciências do Ensino Fundamental (Florianópolis, 2000 a 2011)	GLADYS MARY GHIZONI TEIVE/CRISTIANE DE CASTRO RAMOS ABUD	Gênero; Livro didático; AIDS.	sim	sim
	Excedente: 3	Avanços e retrocessos em políticas públicas contemporâneas relacionadas a gênero e sexualidade: entrelaces com a educação	JANE FELIPE DE SOUZA/BIANCA SALAZAR GUIZZO	políticas públicas, gênero, sexualidade, educação	sim	sim